

POR TODA
A NOSSA
HISTÓRIA

OS MAFIOSOS - LIVRO 6

MANUELE CRUZ



Por toda a nossa história
Série Os mafiosos (Livro 6)
A história de Alex e Karen

Manuele Cruz

Copyright © 2019 Manuele Cruz

1º Edição – 2019

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução no todo ou em parte, por quaisquer meios, sem a autorização da autora.

Capa: Hadassa M. Vaz

Revisão e diagramação: Manuele Cruz

Nota da autora:

É necessário ler todos os livros anteriores.

Livros anteriores:

Atraída por um mafioso – Série Os mafiosos (Livro 1) – **História de Sara e Fernando.**

Os filhos da máfia – Série Os mafiosos (Livro 2) – **História de Giulia e Leonardo.**

Só mais uma chance – Série Os mafiosos (Livro 3) – **História de Jasmine e Daniel.**

Por nosso passado – Série Os mafiosos (Livro 4) – **Historia de Isabella e Marco.**

Resgata-me – Série Os mafiosos (Livro 5) – **História de Katherine e Gabriel.**

A série "Os mafiosos" foi criada no intuito de ser mais mistério, ação do que o romance. Por isso, a partir do segundo livro, o livro acaba indo para o enredo que quero;

A partir do segundo livro, perguntas são criadas e personagens novos aparecem. Nesse livro aqui, não é diferente;

Apesar da série ser sobre máfia, ela engloba muitos outros assuntos, necessitando de mais personagens. Personagens que são muito importantes para o desenvolvimento do enredo, sem eles, muitas situações não existirão ou ficarão sem respostas;

Os bônus com os outros personagens são importantes para sabermos o que está acontecendo com eles em determinado momento, para que respostas sejam dadas;

As leis, alguns aparelhos tecnológicos e algumas drogas citadas, também não tem relação alguma com a realidade;

A série contém cenas de violência, uso de armas e venenos, e consumo de drogas.

***Anteriormente existiria o livro 8 da série intitulado: "Tira-me da escuridão", mas essa história foi cancelada, dando lugar ao livro "O**

encontro final", que será o último livro da série.

O livro é fruto da imaginação da autora.

Leiam com atenção!

Sinopse

Estar do lado errado não era o plano de vida de Alex Castillo. Sobreviver sempre esteve como lema diário, que acabou mudando após conhecer a pessoa que o salvou: Tom. Depois de anos, sua vida voltou ao início: Sobrevivência, com a diferença que ele está sozinho, sem poder salvar a sua vida, e o pior, sem poder salvar ninguém.

Karen Bertollini sempre foi vista como a filha mais quieta, aquela que só estudaria e, possivelmente, seria uma dona de casa, esposa, mãe e teria alguma profissão "normal". O que ninguém imaginaria, é a que a menina mais quieta da família Bertollini, seria a responsável por muitas estratégias e ataques. Mas, a sua principal missão, é retirar aquele que ela ama do complexo de Yoshida. Uma missão arriscada, que poderá revelar segredos, incluir mais perigo, mais resgate e mais questões sobre o que fazer com a vida de todos.

Personagens

*Essa série contém muitos personagens, mas nem todos aparecerão, sempre foco em alguns deles. O livro necessita de atenção em inúmeros momentos.

**Esse guia foi feito para quando esquecerem quem é um personagem.

Família Bertollini:

Victor Bertollini (antigo chefe da Nostra Ancoma, depois passou a liderança para o único filho), casado com **Alice Bertollini**.

Fernando Bertollini (ex-líder da Nostra Ancoma, perdeu a liderança no livro 3 da série), casado com **Sara Bertollini**. São pais de:

Daniel Bertollini (adotado por Sara e Fernando no primeiro livro da série), casado com **Jasmine Bertollini**;

Giulia Bertollini Vesentini — filha mais velha de Fernando, adotada por Sara no livro 1 da série. (Giulia é casada com **Leonardo Vesentini**), é mãe de **Felipe Vesentini**;

Gabriel Bertollini — filho mais novo de Fernando e Sara;

Karen Bertollini — filha mais nova de Fernando e Sara.

Família Vesentini

Benjamin Vesentini (antigo braço direito de Victor Bertollini na Nostra Ancoma, depois passou a função para seu único filho), casado com **Verônica Vesentini**.

Marco Vesentini (ex braço direito de Fernando Bertollini, perdeu a função no livro 3 da série), casado com **Isabella Vesentini**. São pais de:

Leonardo Vesentini (filho biológico de Marco e **Olívia**, foi adotado por Isabella quando ele ainda era uma criança, nunca teve contato com a mãe biológica), casado com Giulia, com quem tem um filho, Felipe Vesentini;

Katherine Vesentini — única filha biológica de Isabella e Marco.

Sangre Latino

Uma gangue que era aliada a Nostra Ancoma, atualmente só são aliados da família Bertollini e Vesentini.

Liderada por **Yankee (Sergio Rubio)**, que é casado com **Ísis Rubio** e são pais de Sara Bertollini e **Heitor**.

O segundo homem no comando é **Javier Vergara**, casado com **Nubia Vergara** e pais de Isabella Vesentini.

M-Unit

Uma gangue que era aliada a Nostra Ancoma, atualmente está ajudando a família Bertollini e Vesentini.

Liderada por **Tyler**, casado com **Sara Santos**, eles são pais de **Jasmine Bertollini** (casada com Daniel Bertollini). Antes de conhecer a esposa, Tyler se envolveu com outra mulher, é pai de **Allan Castillo** e **Alex Castillo**, ele desconhecia os filhos (mencionado no livro 3).

Outros personagens

Milla, filha adotiva de **Raul** e **Nancy**;

Yoshida, apareceu no primeiro livro, levando Milla para outro continente, ninguém sabe quem ele é de verdade;

Dianna, apareceu no primeiro livro, trabalhava para Fernando, na casa com as prostitutas, atualmente está casada com **Arthur**, que era da Nostra Ancoma e saiu por amizade a Fernando e Marco;

Ciara Silvera, conheceu Yoshida, mas não conhece o rosto verdadeiro. Mãe de **Rachel** e **Valentina**. Vive com **Hugo**, que salvou a vida de Nicole no livro 3 da série, é amigo de **Tom**, que está ajudando os Bertollini's e os Vesentini's;

Jean e **Jesse**, amigos de Gabriel Bertollini, estão ajudando.

Martín, chefe do serviço secreto, que "ajudou" Fernando a sair da prisão no livro 4;

Amanda, apareceu no livro 5 da série Os mafiosos, é filha de Brittany e Alejandro, personagens da minha outra série, intitulada: Estúpidos;

Marisa, **Guerrero**, **Orlando West** e **Lucio**, são de outra gangue, que estão estabelecendo seu local na cidade. Apareceram no livro 5.

Prólogo

Alex

Passado

— Porque vocês devem ir, meus amores. — minha mãe beija a minha testa, depois, a de Allan. — Aqui tem dinheiro. — ela nos entrega à pequena sacola com o dinheiro. — Vão para onde falei.

— Para onde? — Allan pergunta. — Vem com a gente.

— Eu vou, mais tarde eu vou ao encontro de vocês. Me esperem a frente do museu. O dinheiro é para que comprem um lanche e me esperem, eu aparecerei por volta das cinco da tarde.

— Por que não podemos esperar aqui? — pergunto. — Vai demorar muito e não temos nada para fazer.

— Visita o museu, é de graça. — beija a nossa testa mais uma vez. — Até daqui a pouco. Amo vocês.

— Também te amamos. — dizemos.

Atualmente

Relembro minhas últimas palavras para a minha mãe. Ela não apareceu naquele dia, nem em qualquer dia após aquele. Na verdade, ela apareceu morta, enterrada...

— Minha vez! — um deles grita.

Desvio meu olhar. É sempre dolorido ver algo assim.

A garota tem uma mordaça e um capuz na cabeça, escuto seu choro, suas intenções de gritar.

Dois homens a seguram, enquanto outro a estupra. Seis armas contra meu punho, apenas.

Aqui tem seis seguranças armados de Yoshida, quem estupra não tem a arma. Eu não tenho arma porque tenho que supervisionar, sim, tem supervisão de estupro. Ao que tudo indica, alguns estupradores pegavam

tão pesado — como se o estupro já não fosse pesado — que a vítima tinha vários ferimentos, anais e vaginais, também tinham na garganta, então, eu e mais outro cara temos que conter a ferocidade desses... *Demônios, não tenho como chama-los de outro modo.*

Já tentei impedir o estupro, o que me levou a uma reunião com Benjamin, só que, aparentemente, ele entendeu que eu era novo no assunto. Algumas meninas precisam ser testadas, moldadas conforme o gosto do cliente. Aprender a satisfazê-lo.

Aprender a satisfazê-los...

Prostitutas e prostitutos existem, alguns, porque gostam. Eles aprendem porque querem, essas meninas e meninos aqui do complexo? Eles são forçados, não dá para aprender algo que eles não querem.

Isso não é entendido aqui dentro e nem será.

Eu poderia morrer para salvar essa pobre garota, mas, e aí? Eu morro e mais estupros ocorrerão. Eu preciso de mais informações, quem compra as meninas, quem é o chefe, onde vivem...

— Já chega! — o cara ao meu lado diz, olhando no relógio. — Tempo esgotado.

Sobre reclamações, soltam a garota e o outro retira o seu... Sangue. A menina era virgem.

Fecho os olhos mais uma vez.

— Cara, você está bem? — o garoto ao meu lado pergunta. — O calor está demais, pode ser desidratação.

Olho para o garoto ao meu lado, encarando seus olhos que realmente, parecem preocupados. Seu nome é Gregory...

O conheci quando cheguei aqui e, devo dizer, ele é irmão de Jesse, pois são idênticos um ao outro. Quando vi Jesse pela primeira vez, fiquei impressionado com a semelhança, agora, posso entender que ambos foram treinados para isso. E, possivelmente, Gregory é como Jesse.

Gregory não parece gostar do que faz, ele é sempre o que para imediatamente o estupro, já trabalhei com um que mesmo quando as coisas pioravam, ele mandava continuar. *Foi morto porque a vítima teve ferimentos graves...*

Gregory não parece gostar nada desse lugar, mas ele também não fala nada sobre a própria vida.

— É, acho que deve ser isso. — respondo, sem dar muita importância ao assunto.

— Vá dormir, levarei a menina para se limpar. — ele aperta o meu ombro, saindo de perto de mim, indo até a garota e a ajudando a levantar.

Saio do local e subo as escadas, passando pela cozinha e indo até o quarto onde durmo.

Entro no quarto e deito na cama, fechando os olhos e apenas pensando que minha mãe morreu e sofreu tudo isso, agora, eu trabalho quase praticando o crime que a assassinou... *Com o criminoso que a assassinou?* Já pensei muito nessa hipótese. Yoshida é o cara que pratica os crimes iguais ao que minha mãe foi assassinada. Ela não era envolvida em coisas boas, pode ter conhecido o Yoshida nesse meio.

Fecho os olhos e penso em Karen.

É isso que querem fazer com ela. Estupra-la, vendê-la... Pensam que Karen é uma garotinha indefesa, eles não sabem do que ela é capaz.

Eu preciso sair daqui.

Mas, antes disso, eu tenho que fazer nesse lugar. Tenho que matar, pelo menos, todos que estão aqui dentro, para que, assim, eu tenha a certeza que meus tempos nesse complexo serviram para algo.

Capítulo 1

Alex

— Vocês são gays? — um dos seguranças pergunta, olhando para mim e para Gregory. — Nunca ficam com uma garota.

— A vida não é resumida em mulher. — Gregory responde, ainda fumando o cigarro.

— Gregory tem razão. — também não dou atenção ao assunto.

— Vocês quem sabem. — dando de ombros, os outros entram no clube, enquanto eu e Gregory ficamos do lado de fora.

Eu queria entender o Gregory, mas ele não fala muito sobre a vida. Temos alguns horários de "descanso", no qual podemos frequentar um clube financiado por Yoshida, nesse clube, a prostituição não é forçada, então os outros podem se divertir sem ver uma garota chorando... Não que eles não se divirtam com as vítimas.

Tento apagar as imagens da minha mente.

Eu não entro nos clubes porque tenho Karen, mas Gregory? O que ele tem? Ele parece uma alma enigmática, alguém com um passado bem escuro. Sendo filho de Yoshida, eu o entendo, mas não tanto. Gregory é o filho odiado? Pela minha rápida conversa com Karen, Jesse é amado, Gregory é a ovelha negra? Ou Gregory não sabe de onde veio? Pelo menos Jesse não sabe que tem um gêmeo, porque Gregory é gêmeo de Jesse, essa semelhança só pode ter essa explicação.

— Eles acham que sexo com prostitutas acabará com a sensação dos estupros cometidos. — olho para Gregory, que solta a fumaça do cigarro e me entrega um cigarro. — Toma.

Aceito o cigarro e o isqueiro.

— Acha que muitos deles são como nós dois? — tento puxar assunto.

— Eu vejo você, Alex. Vejo seu olhar de raiva e perdido, odeia o que faz, mas tem que fazer. — olha para mim. — Pela menina de cabelo cacheado.

Tento não parecer surpreso com suas palavras, mas não posso negar o tremor que sinto por essas palavras.

— Eu fui treinado, Alex, você não. Eu fui treinado para ver, ouvir, perseguir e obter respostas. Eu fui o único que te segui e descobri da morena de cabelo cacheado. É por ela que está aqui? Yoshida fará algo contra ela?

Penso um pouco nessas palavras. Gregory não sabe quem é Karen? Não sabe que ela é um dos principais alvos? Ele acha que estou na mão de Yoshida por causa de Karen? Que Yoshida me ameaçou?

— Não precisa responder, seu olhar diz tudo. Eu, Alex, eu fico porque não sei sair. Tentei algumas vezes, mas não sei sair. Eles sempre me encontram, não importa para onde eu vá.

— Foi ameaçado?

Rindo com amargura, Gregory encosta a cabeça na parede.

— Não. Eu cresci naquele lugar. Não sei a minha idade exata, nem sei se meu nome verdadeiro é Gregory. Não sei nada sobre minha vida.

— É mais um que foi sequestrado?

— Talvez. Cresci com algumas crianças, todas aprenderam a matar, a ouvir, escutar, perseguir... Algumas morreram, outras são esses caras que estão no clube. Eu cresci aqui, não conheço nada diferente dos assassinatos.

— Seus pais?

— Mortos, não sei.

Gregory volta a fazer silêncio e eu o encaro. Yoshida o enganou, assim como engana muitas pessoas.

— Por que me seguiu? — pergunto, acendendo o cigarro.

— Para saber quem é. — olha para mim. — Porque conseguiu a confiança do chefe rapidamente. Você olha para as vítimas com compaixão, mas subiu no conceito de Yoshida, coisa estranha, precisava saber quem é você.

— E o que descobriu?

— Um cara normal. Que se mantém fiel à morena cacheada, que nunca estupra, que nunca sorri para estupro, que sorri quando o estuprador morre, que nega entrar em um clube de sexo, que está fumando um cigarro comigo, mas nega fumar com os outros; que está achando que eu sou um cara enigmático que não pertence a esse lugar. Eu estudo pessoas, Alex. Sei que é isso o que pensa.

— E será que estou certo sobre o que penso de você?

Gregory coloca o cigarro na boca e levanta do chão, me dá a mão e me ajuda a levantar.

— Um dia a resposta poderá aparecer. — sorri. — Vamos para dentro antes que comecem as fofocas. Não que a sexualidade influencie em algo, mas Yoshida odiará saber que nem eu e nem você entramos nesse lugar.

Adentramos no clube e já encontro todos os "funcionários" de Yoshida com alguma mulher. Algumas parecem relutantes, outras não se incomodam com as mãos agressivas dos homens.

— É melhor sentar ali. — Gregory aponta para uma mesa no canto do clube. — Não seremos incomodados.

Aproximamos da mesa e sentamos nas cadeiras. Olho ao redor, tentando não parecer com nojo nem com raiva. Os homens agarram as mulheres, enfiam as mãos por baixo da saia, posso contar duas garotas que quase estão gritando de medo, porque os semblantes delas não são de prazer ou algo assim. Os outros homens estão mais calmos, tanto que as mulheres têm semblantes mais calmo que as outras.

Olho para Gregory, que está encarando o teto.

— É melhor que olhar estupro pago. — olha para mim. — Não pense que por elas ganharem dinheiro, isso é melhor que no complexo. Elas ganham um estupro em troca de algum dinheiro.

— Você sabe de muita coisa.

— Você também saberá, só sobe no conceito de Yoshida. — Gregory cospe as palavras, com raiva.

— Só sai morrendo, não é?

— Ou se fizer algo bem grandioso.

— O que é esse grandioso?

— Matar um inimigo importante. Matar um inimigo é como sua carta só de ida para a sua vida normal novamente, ou para ter uma vida normal pela primeira vez. Se a caçada tiver início, prepare-se, vai ter muita gente matando uns aos outros aqui dentro, porque eles vão trapacear para matar os inimigos. E Yoshida estará rindo da desgraça alheia.

— Isso já aconteceu alguma vez?

— Já, mas não conseguiram. A caçada teve seu fim com nenhum vencedor.

— E eles entraram. — o homem que perguntou se somos gays, aparece a nossa frente. — Mas não tem nem uma mulher com vocês. Apenas os dois, somente os dois em um clube...

— Por que se importa tanto com isso? — Gregory pergunta. — É coragem que quer? É para mostrar que sou homem? Matei mais que você com meus vinte e poucos anos de vida.

— É apenas uma curiosidade. Nunca vi os dois com uma mulher.

— Quer dizer que nunca estupramos? — cruzo meus braços, encarando o homem a minha frente. — Estupro não entra nas nossas fichas criminais.

— Deveria, se trabalham para Yoshida.

— Será que temos alguém pensando que é o chefe? — Gregory apaga o

cigarro em cima da mesa. — Acha que vai mandar no que eu e Alex fazemos ou deixamos de fazer? Yoshida e Benjamin ficarão felizes em saber do mais novo membro da hierarquia.

O homem engole em seco, depois, bebe a cerveja em um único gole.

— Ou ficará feliz porque eu observo os dois mais fracos desse lugar. Yoshida vai ver que os novos queridinhos são fracos, que desaprovam o que fazemos.

— Se Yoshida quiser, ele nos tira do lugar. Você não é nada para ele, ninguém é algo para Yoshida. — Gregory aponta para a frente. — Volta para seu lugar e esquecerei essa conversa.

— Esquecer a nossa conversa? — o homem ri. — Ou o que? O que fará? Vai falar com o Yoshida?

Gregory olha para mim e sorri, depois, levanta da cadeira.

— Eu não sou você que resolve os problemas falando com o chefe. Eu fui treinado por ele, treinado para esse tipo de situação. — Gregory vai falando essas palavras, enquanto sua mão vai para as suas costas. Suspendendo a camisa, eu vejo o cabo de uma faca no cós da sua calça. — Yoshida disse o que devo fazer nesses momentos, e falar com ele, não é o que ele mandou fazer. Eu devo fazer isso aqui.

Gregory tira a faca da sua calça e, rapidamente, atinge o estômago do outro homem, que cai para frente.

Vejo que todos do clube pararam para olhar, no mesmo momento, levanto-me da cadeira e pego minha arma da cintura, ficando ao lado de Gregory, levanto a arma e peço para que os outros fiquem no lugar, e eu sou obedecido. *Na hierarquia, eu e Gregory somos mais "importantes" que os outros.*

— Yoshida disse que devo fazer isso. — escuto a voz de Gregory. — E depois isso.

Olho para Gregory, que retira a faca do estômago do outro homem e, depois, enfia na garganta.

— Por esse motivo, mando mais do que você. — Gregory retira a faca da garganta e acerta mais uma vez, dessa vez, na nuca. — Por esse motivo! — volta a gritar, olhando para todos os outros do clube. — Eu mando mais do que vocês!

(...)

— O que é isso? — olho para a mesa, onde dois sacos pretos são colocados.

— Para você e Gregory. Um agrado por ontem. — o homem responde. — Dinheiro. Vocês ganharam mais respeito de Yoshida. Contaram para ele o que o outro fez. Que Gregory o matou e que você logo puxou a arma, impedindo que alguém fizesse algo, protegeu seu colega e isso é importante para Yoshida.

Por que eu protegi o filho de Yoshida? É isso?

— Guarde o dinheiro, não nos responsabilizamos por roubos.

Abro os dois sacos e encontro o dinheiro. Pego o dinheiro, ignorando os olhares dos outros homens e vou para o quarto. Abro o cofre e tranco, com a senha. Depois, saio do quarto e volto para o pequeno refeitório.

Um dos homens me entrega um prato com comida, enquanto os outros pratos já foram entregues enquanto eu estava no quarto.

— Recebeu a gratificação pela morte de ontem? — Gregory senta ao meu lado.

— Sim, recebi. Será que matamos um inimigo?

— Não. Também não entendi o presente vindo do nada. Pensei em apenas receber um "parabéns", não o dinheiro.

— Quando matou aquele homem você sabia que não seria punido, certo? — confirma.

— Aquele homem estava irritando. Se matei aquele cara, os outros presentes entenderiam que faria algo com eles, então eles comprovaram a minha versão, que me defendi. Então, ganhamos dinheiro.

— Então obrigado por me fazer ganhar dinheiro. — pego um pouco de comida com o garfo.

— Então, como foi à noite?

— Bem. — paro o garfo no ar. — E você, como foi?

— Bem, também. Dormi bem após matar uma pessoa.

Assinto, balançando a cabeça. Volto à atenção para a comida.

— Será que ganharemos um dia de folga? Dinheiro e folga, melhor impossível.

Olho para Gregory, que está muito falador.

— Não sei.

— Espero que sim. Quero um descanso.

— Ok.

Volto para a minha comida.

— Espera! — Gregory segura o meu braço e aponta para frente, onde vejo um homem tossindo, depois, o outro começa a tossir.

A sequência começa. Alguns homens começam a tossir e caem no chão, apertando o pescoço, sufocando. Os outros homens, que estão normais, correm até os que estão morrendo, para ajudar a salva-los.

— Chamem alguém! — eles começam gritam.

— É veneno! — alguém grita. — A comida está envenenada.

Olho para Gregory, que levanta da cadeira e me chama para ir até os outros.

A conversa de Gregory foi para impedir que eu comesse a comida. Ele envenenou a todos.

Olhando para trás, Gregory dá alguns passos na minha direção.

— Eu tenho meus segredos, Alex. — Gregory puxa o meu braço. — Assim como você.

Capítulo 2

Karen

Anteriormente

— Você acha mesmo que eu vou com você? — olho para o tal Alex, que apenas carrega tio Marco. — Não vamos com você.

— Solta o meu pai! — Kat grita.

— Olha, não podemos pedir ajuda, estamos no hospital, mas não podemos ir até lá. Matamos uma pessoa, se alguém vir aqui, seremos presos.

— Você estava com ele...

— Eu salvei vocês, eu vou ajudar.

— Quem me garante que fala a verdade? — pergunto.

Alex coloca a mão atrás, para as costas.

— O que fará? — Kat grita.

Alex coloca a mão para frente, depois, mostra a arma.

— Tomem minha arma, se eu fizer algo, atirem e me matem! — ele grita.

— Quem garante...

— Karen, apenas pegue essa merda! — ele grita.

Kat olha para mim, depois, eu pego a arma da mão de Alex.

— Pronto. Isso mostra que confio em vocês. Agora confiem em mim, estou ao lado das duas.

Atualmente

No casamento de Kat e Gabriel, eu olho para cada uma dessas pessoas que estão aqui. Olho para cada uma delas tentando encontrar algo em seus semblantes, talvez raiva, um olhar de inveja, não sei, qualquer coisa diferente de "felicidade".

Mas ninguém parece indiferente ao casal. Ninguém! Todos felizes, sorrindo, brincando e dançando. Claro, cada um na sua, nenhuma gangue se aproximando da outra.

— Tia *caquinha*, quando vai casar?

Olho para Felipe, que está comendo um pedaço de bolo, com o garfo na mão e o prato na outra.

— *Caquinha*? — arqueio a sobancelha.

— Sim, *caquinha*. — Junior fica ao lado de Felipe.

— Karen. — corrijo. — Meu nome é Karen.

— *Caquinha*. — os dois repetem.

— Eu ensinei. — não me surpreendo ao saber que esse apelido foi uma invenção de Leonardo. — Nunca achei nada legal para seu nome, Karen. "Ka" é chato, "Ren" piorou. Valentina falou "o passarinho fez *caquinha*", então pensei, "*Caquinha* é um ótimo apelido para Karen".

— Por que eu sou uma merda? — finjo raiv.

— Não, *caquinha*, porque é o diminutivo para "Ka", faz sentido.

— Você tinha que procurar um apelido para mim. — bufo, olhando novamente para a festa de casamento.

— Claro. Kat casou com Gabriel, você saiu do castigo. Como meu filho e o amigo dele vão te irritar? Chamando de "*caquinha*".

— Tia, quando vai casar? Saiu do castigo, mas não vai casar?

Olho para Felipe. *Obrigada por me lembrar sobre o fato de Alex estar do outro lado, sei lá onde, mas está distante de mim.*

Por que eu me tornei uma romântica que fica pensando em um cara? Passei tanto tempo focada em livros, sem pensar em alguém, agora quero Alex, o que é estranho, porque ele foi idiota quando o conheci, e olha que odeio idiotas.

De pensar que me interessei por Allan primeiro... Alex que não saiba disso, se bem que ele já deve ter se interessado por inúmeras mulheres. Mulheres, eu sou uma garotinha magrela, chata, sem graça, que não sabe beijar — mesmo que Alex diga que gosta de me beijar — que sempre foi a *nerd* sem muitos amigos, invisível, chata, chata, chata, chata, chata, eu já falei chata? Pois é, chata!

Como Alex me enxergou? Mistério. Nem meu próprio pai me via no escritório dele, nem meu pai me enxergava! Na escola piorou, chamavam de tudo, menos de "Karen", porque não sabiam meu nome.

Nunca esquecerei o olhar de surpresa quando souberam tudo o que fiz para salvar tio Marco. Foi algo do tipo "Você? Eu nem sabia que você existia, quanto mais para fazer tanta coisa".

Acho que todos esperam algo das outras meninas, até de Giulia, que

sempre foi mais na dela, assim como eu. Mas esperam algo dela, nunca algo vindo da minha parte.

Todos esperam algo da minha mãe e tia Isa, elas fizeram, foram atrás de tio Marco junto com tia Dianna e sempre recebem "parabéns"; Jasmine fez e hoje sabe dos negócios da Nostra. Todos parabenizam Kat e dizem o quanto ela é boa. E eu? Ninguém lembra da minha existência! NINGUÉM!

Ok, que eu não cortei pernas, garganta, cabeça ou sei lá o que. Mas, fala sério, eu fiz todos os planos, eu e Jesse sempre ajudando. Eu fiz toda aquela merda de envenenamento; eu quase matei Alex para salvar tio Marco. Eu sou a parte que arma planos e ninguém lembra de mim. O que é horrível, eu nunca sou valorizada em nada.

Kat matou Javier, ok. Mas quem armou tudo para pegar Javier? Quem recebeu parabéns? Todos, menos eu! *Tirando a parte da gratificação de Marisa.*

Tem uma reunião com nossos pais, Yankee ou West, ninguém olha para mim, NINGUÉM!

Mostrar meu valor meses atrás não serviu. Eu jurei que meu pai me trataria de maneira diferente. Quando ele me ensinou a usar uma arma, foi o melhor momento da minha vida. Eu me senti valorizada, eu estava sendo como os meninos, como Giulia... Estava tendo um momento com meu pai e com tio Marco, um momento só nosso. Então tudo mudou. Meu pai falava pouco dos assuntos e esqueceu a aula de tiro.

Até Kat me esqueceu... Ela se mandou com Cassie e foi viver o plano dela, falando pouca coisa comigo, ela foi como meu pai. A diferença que Kat ainda falava um pouco mais, mas ela não me deixava chegar tão perto. Entendo que ela entrou na gangue de West sem querer, mas custava ela ligar para mim uma vez na vida? Meu irmão que tinha que falar comigo. E eu na casa dos meus pais, vivendo uma fantasia que a vida estava perfeita.

É uma desvalorização por tudo o que fiz.

Eu saí de casa e fui viver com Jesse e Jean. Eles são diferentes, apesar de serem idiotas. É engraçado, porque eles perguntam minha opinião para muita coisa: "Karen, o que acha se eu esconder as armas aqui? Karen, o que acha de colocarmos veneno em tal lugar? Karen, você sabe brigar com faca? Quer que eu ensine?". Assim como Alex, que me ensinou a mexer em uma arma quando percebeu que eu nem sabia destrava-la. *Eles confiam em mim.*

Gabriel é bem cético, também. Não importa o que eu fale ou o que eu faça, Gabriel sempre acha que eu sou a menininha que se ferrará primeiro.

Parece inveja? Não, não é inveja. Talvez ressentimento. Ressentimento

por fazer tanto pela família e eles não acreditarem em mim. Por meu pai ter dado uma arma para Gabriel e não ter dado nada para mim. Por Yankee ter dado armas a Kat e Gabriel, mas não ter me colocado no agradecimento. Por salvar tio Marco e ele ter esquecido essa parte da história. Por ajudar a pegar o principal inimigo de Marisa e Lucio, mas eles nunca me convocarem diretamente para uma reunião.

Marisa até fala comigo, diz que coloca todas as fichas em mim. Que aposta que conseguirei muito... Pelo menos ela me apoia. Ela e minha mãe, se não fosse minha mãe, eu não roubaria uma arma do arsenal do meu pai.

Mordo o lábio, tentando não chorar.

Enquanto todos ganharam uma arma, eu tive que roubar uma arma. Isso é o preço por ajudar.

— *Caquinha*, você vai chorar? — Leo me abraça. — Ei, eu mudo o apelido se ele ofende tanto.

— Não é isso.

— Então o que é?

— Nada, esquece.

— Tia, a gente te ama. — Felipe agarra minha perna, assim como Junior.
— Não chora.

— A gente não chama mais de "*caquinha*". — Junior fala.

— Não é isso, apenas... Esquece. — abraço os dois e levanto da cadeira.

— Ei, o que aconteceu? — Leonardo pergunta. — Você ficou pensativa e triste de uma hora para outra.

— Nada. Esquece.

— Por que você age assim? Sério, ninguém sabe o que passa por sua cabeça, o que sente, o que pensa. Você é um enigma para todos dessa família. Eu disse que você seria uma psicopata, porque é muito quieta, e acertei, você matou muita gente, garota. — ele ri. — Eu amei porque sua cara mudou de tristeza para raiva.

— Você é um idiota.

— Esse pensamento não serve, todos falam algo assim. Então, *caquinha*, o que passa nessa sua cabecinha? Ela não serve apenas para fixar os cachos nem para tramar mortes.

— É engraçado falar algo assim. Você acaba de confirmar que ninguém sabe o que penso, mas devo dizer que minha mãe é a única pessoa que pergunta o que penso. — minha mãe, Alex, Jesse, Jean e Rachel, eles são os únicos que tentam me entender, porque são como eu, ninguém acredita neles. — O resto de

vocês só pensam e tentam descobrir, nunca perguntam diretamente.

— Isso foi profundo.

— Deixe pra lá, Leo. Volte para o casamento.

Afasto-me da festa de casamento, indo até a casa dos meus pais.

Vou caminhando, tentando não pensar e tudo novamente. Tentando esquecer que saí do casamento e Leo só notou porque estava ao meu lado, ninguém mais.

Eu sei que todos pensam que sou estranha. Kat é estranha e sempre mostrou, eu sou a estranha calada. Leo admitiu que todos tentam descobrir quem sou ou o que penso.

Ser calada não é escolha, eu sou assim, mas o problema é que muitas pessoas não perguntam nada, então eu não falo. Quando falei, quando mostrei minha inteligência, quando pensei que fossem me valorizar, me deram as costas logo após. A minha importância na vida deles durou pouco tempo.

Quando eu era menor, Kat disse que faria uma gangue. Entrei na sua gangue junto com Cassie, meu pensamento sempre foi: "Nostra, vocês verão o que perderam". Eles já viram que me perderam e nada aconteceu.

Nas reuniões de família sou lembrada apenas quando querem mudar de assunto e jogam alguma história para o meu lado. Tem horas que nem lembram que estou perto. Quando o pedido de casamento de Kat aconteceu, eu estava com as crianças, porque mandaram olhar Yasmin e Valentina. Depois que elas foram para casa e Heitor chegou, entrei na casa de tia Isa e vi que todos estavam reunidos e rindo da raiva de tio Marco. Se eu não tivesse entrado para ver o motivo da demora de Felipe, eu nem teria visto Gabriel pedindo a mão de Kat em casamento para Marco.

Isso é o quanto a minha presença importa.

— Ei, por que saiu? — Rachel coloca a mão em meu ombro.

— Porque ninguém se importa se fico ou se saio.

— Eu em importo. — Rachel fica a minha frente, impedindo minha saída. — Eu só estava comendo bolo escondido com Felipe e Junior, eu chamei e você não quis comer.

— Não tenho fome.

— Eles não viram você saindo. — Rachel entende porque estou desse jeito.

— Eles nunca enxergam a minha saída. Não falo de Kat e Gabriel, eles não precisam me notar, é o casamento deles. Mas meu pai? Meus irmãos? Ah, eles nunca notam nada do que faço!

— Eles acham que somos novas demais, Karen. Ciara acha que tenho que ser muito protegida, Hugo é menos paranoico, mas tem a mesma opinião. É coisa deles.

— Kat só é um ano mais velha. Rachel, você salvou Daniel ao lado de Ciara e Hugo, isso foi o suficiente para entenderem que você é forte? Não! Eu fiz inúmeros planos, eu fui a responsável pelo envenenamento, o que ganho? Nada! Tem algo importante acontecendo? Eles ligam para Gabriel.

Doeu saber que eles ligaram várias vezes para Gabriel e para Kat, para contar da morte de Amélia e da mãe, mas não tentaram ligar para mim... Porque sou uma criança.

— Entendo, você faz de tudo por eles e nunca é lembrada, os créditos vão para todos, menos para você.

— Menos para mim e para o Jesse. — lembro. — Jean também não. Jean tenta defender a irmã e leva reclamações do tio, para de falar com ele, leva um tiro na coxa de raspão e ganha uma parte do dinheiro que era de Javier, apenas, não participa de qualquer reunião importante e não sabe nada do que se passa, sem ser por meio de Gabriel; Jesse invade sistemas, me ajuda nos planos e ele nunca é lembrado para nada! Eu faço os planos, vários planos, para que algum dê certo, e eu não ganho nada! Nunca sei nada. Essa é a vida, Rachel, e eu cansei.

— Esse casamento mexeu muito com você, o que houve?

Lembro algumas horas atrás, quando uma trégua estava sendo imposta.

— Mexeu comigo, Jean e Jesse. — olho para Rachel. — Quando a trégua estava sendo discutida em uma casa vazia que tem aqui no condomínio, eu entrei na sala com os meninos, fomos chamados. Pela primeira vez em muito tempo. Pensei que fosse ficar feliz. Era apenas um aviso que as armas só poderiam ser levantadas, se alguém de fora atacasse, então falaram que nada aconteceria entre eles, que tudo seria na paz porque Kat e Gabriel ajudaram muito, salvaram e acabaram com Javier. Poderia ser tudo normal, afinal, é o casamento de Kat e Gabriel, mas abriram a boca e colocaram Cassie no agradecimento, ok também, colocaram Guerrero no agradecimento, ok; colocaram a gangue do Juan e até a galera de West no agradecimento, mas acabou por aí. Eles não agradeceram apenas aos noivos, eles agradeceram as pessoas que foram importantes na captura e morte de um traidor. Mas esqueceram do meu nome e dos meninos. Eles agradeceram, brindaram e até cumprimentaram Guerrero e Juan com a gangue dele, mas nós três? Ninguém fez nada. Apenas Marisa que falou nossos nomes quando tudo terminou, mas nós não ficamos para ser lembrados e cumprimentados, saímos de lá.

— Eu não sabia dessa parte. Sinto muito por isso ter acontecido.

Na hora doeu bastante. Se fosse agradecer somente a Kat e Gabriel, seria normal, eles são os noivos, mas os agradecimentos aumentaram, fomos lembrados por Marisa, apenas...

Não queria ser uma idiota egoísta, odeio ser esse tipo de pessoa. Sei que só temos Alex do outro lado, que só ele pode usar a tal arma biológica, mas dói pensar que ninguém perguntou minha opinião, que o plano sempre foi: "Alex usará a arma e ele que se vire para sair de lá vivo". Ele concordou quando contei, mas... Mas sempre perguntaram a Gabriel e aos outros se eles queriam ou não participar de algum plano "É perigoso, tome cuidado, se quiser, pensamos em outro plano ou mandamos outra pessoa". Para Alex sempre foi "Ele vai usar e arranjará um jeito de sair sem ser contaminado ou capturado", apenas. Na fuga de West, Guerrero poupou todos nós, mas eu fiz o plano e passei para ele. Participou quem quis... *Alex não tem querer.*

É isso, não pensam no que sinto por Alex. Eu não falo sobre essas coisas, mas todos sabem do meu sentimento por ele, mesmo assim, o colocam na linha de frente do perigo. Linha dupla de perigo. Primeiro porque Alex pode se contaminar, segundo porque ele pode ser pego. *Mas dane-se se Alex morrer por todos nós e eu ficar sem ele, dane-se!*

Eles não querem luta armada, querem atacar em silêncio e matar muitos... *Danem-se meus planos de guerra armada, vamos usar um cara que sempre ajuda, mas não é digno de confiança para ficar comigo.* OK!

Ainda não confiam em Alex e sei disso. Não é sobre nossas idades, é sobre "Um dia ele foi um traidor", não lembram quando contei dele ter ajudado tio Marco... *Essa é a minha vida, nunca lembrada...*

— Ei, Karen! — acordo dos meus pensamentos quando Jesse fica ao lado de Rachel, segurando a minha mão. — Está tudo certo para o que vamos fazer?

Olho para trás, encontrando Jean, sorrindo para mim.

— Sim. — confirmo, olhando para Jesse. — Meu pai dará o transporte, nos viramos com o resto.

Capítulo 3

Karen

A festa de casamento de Kat e Gabriel chegou ao fim e só minha mãe, Rachel, Jean, Jesse, as crianças (Felipe, Junior, Yasmin, Line e Valentina) e vó Alice notaram que não participei da comemoração. Agora, no fim da noite, estou tendo uma "reunião" com meu pai.

— Não sei se isso é uma boa ideia. — reviro os olhos para meu pai, que está falando sobre meu plano. Se não precisasse do seu avião particular, eu não falaria nada. — Não revire os olhos para mim.

— Se fosse um dos seus outros filhos pedindo, o senhor não estaria com essa conversa. — retruco, olhando em seus olhos.

— Você quer meu avião, quer que ele pouse em um aeroporto clandestino e quer sair por aí investigando com seus amigos? Amigos novos?

— Eu poderia listar tudo o que fiz nesses últimos tempos, mas não vou. Porque o senhor sabe tudo o que fiz e não perderei tempo falando, sendo que posso agir ao invés de falar. — cruzo os braços, encarando meu pai, quase em desafio, mas meu tom acusador sempre estará presente na minha voz. — Amigos novos? Se fala em termo de idade, digo que não existe idade para lutar e eles estão dispostos a isso; se fala em termo de mal nos conhecermos, digo que eles me dão mais valor do que vocês, que me conhecem há quase dezesseis anos. A galera que conheço há meses confia em mim, dizem que sou boa no que faço.

Percebo meu pai fechando a mão. Apertando a mão com força, contendo a raiva.

Pois é, Fernando Bertollini, sinto o mesmo.

— Karen...

— Por que Katherine recebeu seu sorriso quando contou que matou Javier? Por que Gabriel recebeu uma arma por ter "crescido"? Por que Daniel está ao seu lado desde os quinze anos de idade, ou será que foi menos? Por que Leo sempre participou dos negócios? Por que tudo o que recebo são os olhares curiosos de vocês? Palavras que mandam ter cuidado? A sua raiva contida? Por que vocês sempre citam Kat e Gabriel e esquecem de mim, de Jean e de Jesse? — começo a fazer todas as perguntas que ficam em minha cabeça, mas que nunca tive coragem de fazer. — Por que eu sou muito nova e ninguém sabe o que penso e nem o que sou? Por que Jean era um drogado e vivia preso? Por que ninguém sabe da família de Jesse e o motivo dele ajudar tanto? Porque não

focam apenas no fato de ajudarmos? De tentarmos?

— Karen...

— Desculpa, pai. Desculpa, Kat. Desculpa, Gabriel. Desculpa, Marisa e sua gangue. Mas se não fosse eu e Jesse, Javier seria um inimigo vivo agora. E ninguém pediu para eu armar um plano, eu me meti no assunto. Eu e Jesse ficamos sem comer, não paramos, apenas armando planos. Se não fosse por nós dois, vocês poderiam estar chorando mortes agora, talvez Gabriel nem tivesse saído vivo. Porque eles pensavam em invadir e começar a atirar, mas eu e Jesse não, nós pensamos em atacar em silêncio. Ah, espera um pouco, quem envenenou o povo de Yoshida?

Ele não responde.

— Ah, é, eu que tive o plano. Kat ajudou, mas o plano foi feito por mim e esqueceram que o maior ataque ao inimigo foi causado por mim. Os maiores ataques foram por minha causa! Eu fui avisada daquele carregamento com pessoas e avisei para vocês, mesmo que indiretamente; eu passei um bom tempo ajudando tio Marco enquanto Alex cuidava dele, eu que tinha que ficar no meio daquela comunicação; eu tive que avisar indiretamente ao Hugo sobre enterrar e desenterrar Jasmine, eu armei com Alex para ele dar outro sedativo para que Jasmine vivesse; armei o envenenamento da carga; eu planejei a captura de Javier. Isso é pouco? Eu planejei a fuga de West. Eu! E poucas pessoas acreditam em mim.

Respiro fundo, sentindo minhas lágrimas molhando todo meu rosto.

— Eu só queria ser aceita, como todos são. Kat e Gabriel foram aceitos, até Cassie foi aceita, porque livrou Kat da prisão. Mas eu? Eu não. Não me aceitam, não acreditam, esquecem tudo o que fiz. Katherine saiu para lutar, recebeu umas reclamações e depois vocês falaram que foi tudo um teste, ganhou respeito e a valorização de todos da família. Eu fiz tudo isso e. — dou risada, mesmo com as lágrimas.

Mas é riso de raiva, pura raiva.

— Eu enganei vocês! — grito. — Fiz tudo isso e vocês nem sabiam que era eu por trás, eu enganei a todos e nem assim tenho algum reconhecimento. Eu peço apenas uma viagem, para eu poder investigar um pouco e sou negada. Negam uma ajuda, quando eu ajudei tanto. Dane-se se posso morrer! Eu posso morrer nessa casa, pode ter uma bomba aqui. Eu posso morrer a qualquer momento, mas não importa! Porque eu não posso lutar. Giulia recebeu parabéns por salvar Leonardo. Eu? Eu tinha que cuidar de crianças, tinha que ser a babá, subir e descer com crianças, distraí-los de toda a confusão. — olho para meu pai, que parece surpreso com o meu desabafo. — Quer saber? Eu não preciso disso.

Engulo todas as minhas lágrimas e saio do escritório do meu pai, correndo para a porta de saída. *Para sair desse lugar.*

Eu nunca imaginei que um dia correria para longe do meu pai. Mas é o que precisa ser feito, certo? Não queria que fosse desse jeito, porém, é assim.

Nos meus maiores sonhos, eu seria a parceira do meu pai. Meu pai que é minha maior inspiração. Eu era invisível em seu escritório. Ele armava os planos e lá estava eu, olhando-o com admiração, vendo sua inteligência. Depois eu subia para meu quarto, pegava meu caderninho e começava a replicar seus planos, mas eu colocava outros nomes, para não ficar evidente que era algo da Nostra. Eu replicava tudo ou modificava, fazendo minhas melhores teorias e táticas.

Pegava os carrinhos de Gabriel, os bonecos, os aviões... Pegava tudo e replicava os planos do meu pai.

Pensei que, no futuro, trabalharíamos juntos, eu e meu pai. Que ele me convidaria para sentar ao seu lado e perguntaria minha opinião, eu aceitaria ser apenas uma conselheira. Mas não é isso o que acontece, acontece o contrário. Ele me joga de lado, me coloca de fora de tudo. Não confia em mim...

Ele confia em Katherine, não em mim. Katherine é sua afilhada e nora, mas e eu? Eu sou a filha, deveria contar mais.

Eu me sinto uma merda por parecer uma ciumenta invejosa, mas custava meu pai me olhar com orgulho? Da mesma maneira que ele me olhou quando contei a verdade sobre quem sou? Ele não me dá mais esse olhar...

— Ei, Karen! — minha mãe corre na minha direção, me abraçando. — Fernando foi um idiota de novo?

— Eu quero ir embora, mãe, deixe-me ir. — tento empurra-la para longe, não querendo ter essa conversa. — Eu quero sair daqui.

— Não! — ela grita, tentando me abraçar. Eu paro de empurra-la, lembrando os bebês em sua barriga. — Não vai sair sem falar comigo.

— Karen! — escuto a voz do meu pai atrás de mim.

— Mãe, eu quero ir! — grito, entre soluços e lágrimas.

Meu choro piora. Eu soluço e começo a tossir. *Eu odeio chorar tanto.*

— Fernando, saia! — minha mãe grita. — Saia ou eu saio. E se eu sair, eu não volto mais.

— Eu não acredito...

— Saia! — minha mãe grita tão alto que me assusta, mas, pelo jeito, meu pai acatou essa ordem e se distanciou. — Seu pai desacreditou de você, de novo?

— Sim. — enxugo minhas lágrimas grosseiramente, esfregando meu

rosto.

— Não faz assim. — minha mãe segura as minhas mãos, impedindo que eu fique esfregando meu rosto dessa maneira, depois, me abraça, enquanto continuo soluçando e chorando. — Não precisa dele, Karen. Não precisa da Nostra, da Sangre ou algo assim. Só precisa de você mesmo e de quem confia verdadeiramente em você.

— Mãe. — soluço. — Meu pai. — soluço. — Confia mais em. — soluço. — Jasmine e Kat. — soluço. — Do que em mim. — soluço. — Que sou a filha dele.

Choro com mais força. Soluço com mais força. Abraço minha mãe com mais força.

Eu jurei que não desabaria quando meu pai negasse me ajudar. Eu jurei que não falaria que não pensaria que ele confia mais nos outros do que em mim, mas não deu... Eu já desabei.

— Não, ele é o idiota, como todos aqueles que não creditam em você. Em todos aqueles babacas que te enxergam como uma criancinha indefesa, que não lembram os seus méritos. Não pensa neles, Karen. Pensa em seus ideais, na sua força de vontade, em tudo o que já fez.

Minha mãe segura meu rosto, fazendo com que olhe para ela, que está como eu, chorando.

— Eu deposito toda a minha confiança em você, Karen. Que Gabriel e os outros não me escutem, mas eu sempre acreditei que você é a diferença da família. Que sua inteligência seria para o bem maior. Que você é forte o suficiente para lutar pelo que quer, sem precisar mendigar ajuda. Mostra para esses idiotas a menina maravilhosa que você é. Mostre a você mesma que você é capaz, que sua inteligência é tão grande que pode mover o mundo e conseguir seu objetivo. Eu sinto, Karen, eu sinto que você fará toda a diferença. Você já fez a diferença, sem você, nada disso teria acontecido. Você libertou pessoa que estavam sequestradas, hoje eles têm a família novamente. Você conseguirá conquistas maiores. — ela pega minha mão e coloca em seu coração. — É coisa de mãe, e coisa de mãe não pode ser deixado de lado.

— Você acredita muito em mim. — soluço.

— Você sempre foi diferente, não sou burra, Karen. Eu vi seu caderninho, eu via suas brigas com Gabriel, você sempre foi forte e inteligente. Eu sei que escutava as conversas do seu pai. Eu sei que nossa conversa na Itália foi para me despistar, dizer que não gosta tanto de Alex. Sei que tem medo de dizer o que sente e o que pensa. Não tenha medo. Não gosto dessa história, mas estamos envolvidas nela. Eu fugi com Isa atrás de Marco, não serei a hipócrita

que dirá que você deve obedecer seu pai e ficar quieta. Você deve trilhar seu próprio caminho, mas trilhe com cuidado e com inteligência. Dê orgulho a você mesma. Quando conseguir, eu e seus irmãos. — aponta para a barriga. — Que são gêmeos, estaremos aqui, para que eu grite na cara de cada idiota que duvidou de você "Toma, otários, eu sempre acreditei em Karen! E agora? Quem é indefesa? Pois é, babacas. Vocês são! Karen é a melhor!".

Em meio às lágrimas, eu sorrio para a minha mãe.

— O idiota do seu pai ama você, por isso não quer que você lute e nem envolva você na história. Ele acha que você é muito nova e vai se machucar, que perderemos você. Só que ele não sabe mostrar esse medo com palavras sentimentais, ele tem que ser um idiota, coisa de gente sensível que não quer mostrar sensibilidade e age com estupidez. Mas seu pai te ama muito.

— É tudo isso o que Sara falou. — eu não olho para meu pai, fico de costas para ele.

— Obrigada, mãe. — beijo seu rosto. — Obrigada por acreditar em mim.

— Nunca seria diferente.

— Eu acredito em você. — meu pai fala.

— Tchau. — beijo o rosto da minha mãe, mais uma vez.

Mesmo de costas, eu decido contar a ele um pequeno segredo:

— Uma vez, eu te segui, pai. Eu e Alex. O senhor estava matando e enterrando um cara da Nostra. Outro homem mataria o senhor, eu e Alex fomos mais rápidos e salvamos a sua vida, a de Daniel e a de Marco. — engulo o nó que formou em minha garganta, tento não chorar. — Então, Alex, que não é digno de ser da família, salvou sua vida, ao meu lado. Ao lado da garota que não é digna de respeito e orgulho. Não precisa agradecer, eu nem contaria, não sou o tipo que jogaria na sua cara. Ter o senhor vivo, sendo meu pai, já é o melhor presente.

Deixo as lágrimas caírem em silêncio e saio da casa, sem olhar para o meu pai. Não quero ver qual foi a sua reação, quero apenas sair desse lugar.

Preciso de força, não de lágrimas. Preciso de outro plano, preciso pensar.

Infelizmente, meu plano foi atrapalhado... Atrapalhado pelo meu pai, justo a pessoa que sempre sonhei em ser meu parceiro.

Foco, Karen, não chora. Não agora.

Apesar de tudo, eu farei o possível e o impossível por todos eles. Porque é assim que sou, é assim que é e não mudarei porque negaram ajuda. Mesmo tentando salvar a todos, eu darei orgulho para mim mesma.

Capítulo 4

Karen

— Karen! — meu avô Victor grita meu nome. Olho para o lado, encontrando-o na porta de sua casa. — Venha aqui!

Não queria interromper a minha saída, ainda mais depois de tanto choro...

Suspiro alto e decido ver o que meu avô quer.

— Oi, vô. — cumprimento-o, com um beijo no rosto.

— Não falou comigo durante o casamento. — ele me dá um beijo na bochecha.

— O senhor estava muito ocupado conversando com os outros convidados. — explico.

— Seu pai me ligou e falou o que aconteceu.

— Ele é rápido. — ironizo.

Rindo, meu avô coloca a mão no meu ombro, e me leva até sua casa, onde encontro minha avó costurando. Falo rapidamente com ela e volto para a sala, para falar com meu avô.

— Não espero que entenda seu pai, tem horas que nem eu o entendo, mas quero falar algumas coisas. — bate no sofá, para que eu sente ao seu lado. — Eu fui criado de uma maneira bem estranha. Violência sempre foi a solução para tudo. Mas onde nasci, no meio onde vivi, mulheres só serviam para divertimento, as mulheres de "família" só serviam para serem donas de casa e mãe, nada mais. Fernando não foi criado dessa forma, porque Alice sempre detestou esse pensamento, mas na Nostra, tem regras, mulheres não entram e nem nasceram para fazer parte de algo relacionado à organização, em alguns casos, só servem para a prostituição. Fernando cresceu acreditando nessa regra sobre mulheres não entrarem na Nostra, mas ele cresceu jurando proteger as mulheres de sua família. E é isso o que acontece, Karen. Seu pai tenta proteger a todos, tanto que ele e Marco esconderam a verdade sobre o inimigo, na esperança de vencerem sem preocupar a todos.

— Não deu certo.

— Não, nem um pouco. — sorri. — Mas Fernando não esperava ver a filha tramando e lutando para ajudar. Ele não está sabendo lidar com a filha caçula dele na frente do perigo, enfrentando. Fernando tem medo de que algo aconteça a você, tem medo de te perder.

— Mas e os filhos...

— Filhos homens, na Nostra, eles nasceram com o destino traçado para lutar, para se defenderem e salvarem a família. Então Fernando cresceu com esse pensamento. Mas as meninas devem ser princesinhas. Aposto que Giulia seria como você, ela descobriu de Leila e ainda foi presa junto a Sara e Isabella. Mas Giulia tem Felipe, ela não pode lutar tanto porque tem uma criança que precisa dela. Mas você? Você pode e quer lutar. Fernando não pode proibir Giulia e nem ser chato com ela porque não tem motivos, ele sabe que Giulia pensará em Felipe. Mas você? Você não tem um filho ou marido para pensar. Você tem a vontade de lutar. — segura a minha mão. — O problema não é você, é Fernando tentando defender a menina pequena que cresceu. É o medo de dar errado e ele não poder ajudar. Não poderá salvar você.

— Não importa, um pouco de confiança seria bom. Ele nunca falou algo bom para mim, não após nossa volta da Itália.

Abaixo a cabeça, tentando não chorar. Meu avô segura o meu queixo, e faz com que eu olhe para ele.

— Não posso nem defenderei meu filho. Ele é crescido para fazer isso sozinho. — meu avô sorri. — Mas eu sou diferente. Então, Karen, pode sorrir por alguma coisa. O avião e o aeroporto são seus. Também darei dinheiro para você e seus amigos.

— Vai me ajudar?

Meu coração acelera com suas palavras. Meu avô me ajudará, eu já não sabia muito e nem estava com inspiração para pensar em um novo plano.

Meu avô vai me ajudar! Meu plano não está perdido.

Meu avô sorri e levanta do sofá. Depois de alguns minutos, ele volta com uma arma.

— Sim. Assim como Sara, sua avó Alice e os seus novos amigos, eu deposito toda a minha confiança em você. Eu pensei em dar uma arma para um segundo filho, mas não tive. Uma *Glock G28*. Daniel e Gabriel ganharam a arma deles, mas essa aqui, eu dou a você. Mostre que é uma Bertollini. — dessa vez eu choro, mas choro de alegria. Levanto do sofá e me jogo em seus braços, o abraçando. — Mostre que é a melhor Bertollini.

(...)

Olho para Rachel, Jean e Jesse.

— Olá, chefe. — os três fazem uma saudação, me reverenciando como uma rainha. — Somos seus súditos a partir de agora.

— Não creio que ensaiaram essa saudação. — sorrio para eles.

— Claro, você é nossa chefe. — Jean pega a minha mochila.

— Sempre foi. — Jesse pisca um olho.

— Espero que fique feliz por mostrarmos respeito. — Rachel sussurra.
— Por mostrar quanto é importante em nossas vidas.

— Obrigada. — agradeço. — Me fizeram sorrir depois de ontem.

— Ontem deveria ser um dia feliz, um casamento.

— Sim, mas foi dramático no final do dia. — dou de ombros. — Pelo menos minha mãe e vô Victor fizeram com que eu me sentisse melhor, agora tudo melhorou com vocês.

— Falta mais alguém? — Jean pergunta, apontando para frente. — Ela vai?

Olho para trás, encontrando Amanda com inúmeras mochilas nas mãos e nos ombros.

— Sim, ela vai. — concordo.

— Olá! — Amanda grita, sorrindo. — Sou a mais nova colega de vocês.

— Quais as qualificações dela? — Jesse pergunta. — Rachel é o amor de Jean...

— Eu sou mais que isso! — Rachel grita.

— Ser meu amor é muita coisa, Rachel.

— Que seja! — Rachel dá de ombros, mas vejo um pequeno sorriso querendo se formar.

— Minha família é doida, já contei isso a Karen. — Amanda sorri. — Eu decidi ajudar porque sou como minha mãe, vejo o perigo e corro para ele, não contra ele. E minha mãe me ensinou a atirar, a brigar, a usar um taco de basebol...

— Um taco?

— Jesse, eu posso fazer muito com um taco. Se eu colocar arames, eu posso chama-la de "Lucille" e fazer o que Negan fez com o Glenn, mas será com os inimigos.

— É, ela é boa para o nosso bando desajustado. — Jean concorda. — Podemos começar a viagem? — olha para mim, esperando a confirmação.

Ok, isso é estranho. Nunca perguntam se eu concordo, o que acho...

Nunca pedem aprovação para o início nem finalização de um plano.

— Sim. — sorriso. — Podemos ir.

(...)

Depois que o avião pousou, os seguranças nos trouxeram até um enorme restaurante, fica um pouco longe do aeroporto particular/clandestino. Os seguranças nos acompanharam em todos os momentos, foram cedidos por meu pai, mas nem agradei, tampouco falei com ele.

— Podemos começar? — Amanda pergunta, quando entramos no restaurante, que está bem movimentado.

— Sim, podemos. — confirmo.

Passamos em alguns restaurantes, mas todos tinham pouco movimento, esse aqui não, esse tem fila para colocar a comida no prato, para pesar e para pagar, as mesas estão cheias e os garçons precisam fazer manobras com as bandejas, por causas de tantas mesas e cadeiras.

Jean disse aos seguranças que esse restaurante é perfeito, porque se está cheio, a comida deve ser boa.

Olho para os seguranças, que estão na fila, esperando para colocar as comidas no prato. Como eu e os outros estamos no fim da fila, faço sinal para sairmos. Olho para ver se algum dos quatro seguranças nos observam, quando percebo que não, saímos apressadamente da fila, deixando os pratos de lado e indo em direção ao banheiro.

— Aqui! — Amanda entrega a mochila para Jean. — Andem rápido.

— Certo, *subchefe*. — Jesse balança a cabeça, em concordância.

Eu, Amanda e Rachel entramos em outro banheiro, que tem duas mulheres saindo das cabines. Entramos nas cabines que estão vazias.

Escuto o zíper da mochila sendo aberta e, depois, as roupas e perucas começam a ser distribuídas. Troco rapidamente de roupa e saio, para me olhar no espelho. Ontem à noite eu alisei o cabelo, exatamente para facilitar esse processo. Coloco uma touca no cabelo, deixando bem "prensada" para não dar volume, depois, ajeito minha peruca loira. Após tudo ajeitado, coloco meu óculos escuros.

— Meu Deus! — Rachel, que está com cabelo preto, exclama. — Você está muito diferente.

— As duas estão. — olho para Amanda e para Rachel.

Olho para as meninas. Rachel está morena e Amanda loira. Talvez se olharem bem, descubram quem somos, talvez. Não encontramos ninguém que pudesse fazer máscaras. As máscaras, usadas no dia do envenenamento, foram descartadas, nem poderíamos voltar para quem fez, poderia gerar suspeitas da parte dele e tudo mais, fora que ele mora muito longe.

— Depois fazemos uma maquiagem. Maquiagens que servirão como máscaras. — Amanda explica. — É só saber fazer e ficamos irreconhecíveis.

Rachel começa a guardar nossas roupas.

— Agora vamos sair daqui. — aviso.

Saímos do banheiro e encontro os seguranças na fila para esperar a comida ser pesada. Esse lugar está tão cheio que eles devem pensar que estamos comendo. Não sei se alguém pensaria que fugiríamos. *Mas é esse o plano.*

— Quase não reconheci. — Jean olha para mim, agora, ele tem um boné, barba e bigode. Jesse está com um cabelo cumprindo, bigode e cavanhaque.

— Perfeito, então. — murmuro e sorrio ainda mais quando vejo a chave do carro. — Conseguiu pegar?

— Sabe como é, passei anos preso e roubava meu pai, sei das coisas. — Jean pisca um olho. — Podemos ir?

— Sim.

Saímos do restaurante, sem sermos percebidos.

Enquanto Jean, Rachel e Amanda vão para o carro pegar as nossas mochilas, eu chamo Jesse para um canto, atrás de uma árvore.

— Aconteceu algo? — Jesse pergunta, desconfiado por minha saída repentina.

— Sim, Aconteceu isso aqui. — puxo a manga da sua camisa para cima, mostrando o seu antebraço.

— O que foi?

— Está vendo essas duas marcas? — aponto para a cicatriz, duas bolinhas vermelhas, algo bem mínimo. — Rastreador.

— Quê?

— Verônica tinha uma marca igual. Jesse, como acha que comecei a desconfiar de você? A marca no braço. Isso é um rastreador.

— E você avisa agora? — ele arregala os olhos.

— Sim, agora. Antes Yoshida só saberia o de sempre. Ok, estávamos com West. Mas agora estamos em outro território, ele não pode continuar nos seguindo. Se eu soubesse de você na época do serviço secreto, eu teria retirado essa coisa, mas eu não me aproximava de você naquela época. Agora não, agora seremos alvo se essa coisa continuar em você.

— E como vai tirar?

Abro minha bolsa, retirando minha caixa com giletes.

— Vai cortar meu braço? — Jesse respira fundo. — Vá em frente.

— Tem algo que preciso avisar. — respiro fundo. — Verônica morreu, o rastreador dela tinha um veneno que foi acionado e entrou na veia. Ela estava sendo monitorada, por isso morreu. Você...

— Pode ser veneno? Pode, mas Yoshida não me matará.

— Tem certeza do amor doentio de Yoshida pelos filhos?

— É o que precisa ser feito, certo? — confirmo. — Continue.

Jesse coloca o braço para frente.

— Eles pegaram as mochilas. — Jesse informa. — É melhor andar rápido.

Pego um algodão e álcool em gel, passo na área onde cortarei e, depois, coloco a gilete. A carne do antebraço vai abrindo, o sangue vai escorrendo. Vou cortando mais fundo e vejo o dispositivo escuro na carne de Jesse.

— Pronto, agora preciso puxar.

Pego uma pinça de sobrancelha, ainda na embalagem. Abro e passo álcool.

— Veio preparada. — Jesse faz a observação.

— Sim, sempre. Eu só tenho álcool.

— Vai fundo! — Jesse manda.

— Pode ter...

— Não tem, Yoshida não faria isso com um filho. Se for veneno, tudo bem, pelo menos não atrapalharei mais ninguém.

— Jesse...

— Não, vá em frente. Eu sei que deve ser apenas um rastreador, manter os filhos por perto. — ri amargamente. — Por favor, continue.

Com cuidado, para não ferir mais, pego a pinça e pego o pequeno rastreador. Tiro o rastreador e coloco na caixinha das giletes.

— Pronto. — informo, entregando os materiais de primeiros socorros a Jesse. — Espere um pouco que já votarei, preciso fazer algo.

Ando apressadamente, ao mesmo tempo, disfarçadamente, até o carro que nos trouxe até aqui. Faço o sinal para Jean, Rachel e Amanda, que estão atrás de uma árvore. Aviso que é para ir ao lugar onde eu estava com Jesse.

Depois que eles se distanciam, eu pego o rastreador que tirei de Jesse e coloco dentro do pneu do carro. Afasto-me do carro e volto para Jesse.

— O que aconteceu? — Jean pergunta a Jesse.

— Eu tinha um rastreador em mim, Karen retirou. — Jesse responde.

— Quê? — todos perguntam.

— Longa história. — Jesse termina o curativo e me entrega os materiais de primeiros socorros, que guardo em minha bolsa. — Obrigado. — coloca a mochila no ombro. — Vamos andando com armas durante todo o trajeto?

— Não. — sorrio, lembrando a ajuda de Alex. — Tem um carro e um lugar nos esperando.

Pego algumas mochilas e carrego. Começamos a andar pelas árvores, para o lugar que Alex falou.

— Você pensa em tudo. — Jean sorri. — Orgulho da *demônia de cachos*.

— Vá se ferrar, garoto. — dou um leve tapa em seu ombro. — Vamos ao plano. Eu retirei o rastreador de Jesse e coloquei no carro. Porque quando tiverem rastreando o Jesse, eles estarão rastreando aquele carro. Coloquei escutas e rastreadores, também. Monitoraremos todos os passos que esses seguranças darão. Eu não confio neles, eles não são os seguranças que estavam presentes na morte dos pais de Amélia, esses estavam ocupados. Os que vieram conosco, são conhecidos como fies, mas não posso acreditar. Escutarei as conversas deles enquanto estiverem no carro, vamos ver se eles se preocuparão com o lado da nossa família, ou com o lado de Yoshida. Se a resposta for positiva, encontrarei o carro e tirarei o rastreador do pneu, para que eles não se ferrem, se a resposta for negativa, espero que morram.

— A menina é um Gênio! — Jean aplaude.

— Obrigada. Agora precisamos pegar o carro e chegar ao lugar onde ficaremos. Depois, começamos nossas pesquisas. Kat e Gabriel ficaram para trás, para que possam trabalhar por lá, principalmente por causa de Cassie e a arma biológica. Eu deixei celulares clandestinos com eles, aqui na mochila temos alguns, que só serão usados em caso de emergência ou para passar informações importantes.

— Por onde começaremos? — Rachel pergunta.

— Descobri que um dos locais aonde Heitor foi treinado, fica próximo ao local onde a doutora Eliana estudou, a mesma doutora que parece saber muito

sobre essa história de Yoshida. Tem algo aí e precisamos descobrir o que é. — explico. — A começar pelo tal cara doido que Yankee encontrou por aqui, possivelmente, um antigo aliado de Yoshida. Está tudo interligado, e tudo pode ter começado aqui.

Capítulo 5

Karen

Andamos mais alguns quilômetros e encontro o local indicado por Alex, e ali está o carro, coberto por matagal.

Jesse e Jean começam a descobrir o carro, enquanto eu e as meninas ficamos olhando ao redor.

— O que acha que acontecerá quando souberem que sumimos? — Amanda pergunta, olhando para os lados. — Ou a máfia vem atrás ou vem Yoshida. Muito bom.

— É até preferível que seja a máfia, assim, menos inimigos ao nosso lado. — murmuro.

— Pronto! — Jesse grita. — Agora onde estão as chaves da casa e do carro?

Vou até um tronco de árvore caído, que foi o lugar indicado por Alex, onde ele colocou as chaves dentro.

Abaixo-me e encontro as chaves.

— Aqui! — mostro as chaves. — Podemos ir.

— Eu dirijo! — Jean pega a chave do carro da minha mão, depois, abre o porta-malas e coloca as mochilas dentro.

Entramos no carro e eu ligo o GPS do celular, que foi programado para nos levar a casa que Alex arrumou.

Alex se certificou que não foi seguido e que ninguém sabe sobre nada do que acontecerá. Em uma das "folgas", ele viajou para cá, colocou alguns disfarces, identidade falsa e arrumou tudo. A casa, ao que tudo indica, foi o lugar onde ele e Allan ficaram por um tempo antes de irem atrás de Tyler. A casa é abandonada, mas não está caindo aos pedaços, segundo Alex. Era nesse lugar que ele e o irmão ficavam antes de irem atrás de Milla...

— Espero que isso esteja certo. — Jean olha para o GPS. — Que nos leve para o lugar correto, não para o meio nada. Não falo do Alex, falo do GPS ser algo confuso em alguns momentos.

— Espero que nos leve para o lugar certo, se não levar, vamos para um hotel barato e viveremos aqui e ali. — Jean olha para mim, como se eu fosse louca. — Relaxe e dirija.

Olho para Jesse, que está apertando o braço.

— Alguém sabe costurar um braço? — pergunto.

— Você não está falando sério? — Jesse carrega a voz de dor. — Me costurar?

— Eu posso tentar! — Rachel informa. — Eu cuidei de Hugo em alguns momentos.

— Sério que vão me costurar? — viro-me para trás, olhando para Jesse. Seu olhar de desapontamento é fofo. — Tudo bem, já passei por coisa pior.

— Jesse, eu me sinto mal. — olho para Jean, que fala ela palavras. — Vivemos tanto tempo juntos e nunca soube do rastreador em seu corpo.

— Nem eu sabia, pontos para a nossa chefe.

— Gente, eu não quero ser a chefe. — encosto minha cabeça no vidro do carro.

— Quer sim, quem vai chefiar essa coisa? — Amanda pergunta, parecendo estar apavorada. — Jean parece ser estranho, Jesse vai pelo mesmo caminho; Rachel é tímida, eu sou burra, sobra você, Karen. Alguém tem que liderar esse troço aqui.

— Ela está certa, apesar de todas as ofensas. — Jesse concorda. — Você é uma gênio, Karen. Sei que pensa que Kat manda aqui, mas acorda! Somos uma nova gangue.

— Pare de se colocar em segundo plano. — Rachel inclina para frente e aperta meu ombro. — Você é a mais importante aqui e ninguém está incomodado, pelo contrário, é o que queremos, queremos que você lidere porque é a melhor.

— Somos uma gangue de desajustados. — Jean volta a falar. — Precisa de uma pessoa inteligente para ficar a frente e você é a escolhida. Estudei pouco, mas acho que isso é chamado de democracia.

Olho para todos no carro, que me encaram com sorrisos de esperança.

— Certo. — assinto, balançando a cabeça. — Sou a líder ajustada da nossa gangue de desajustados. Aceito essa liderança.

(...)

— Isso vai doer, se eu tomasse bebida alcóolica beberia agora. — Jesse fecha os olhos. — Vai, Rachel, pode costurar.

— Você sabe que eu já tirei e enfiei a agulha duas vezes, não é? — Rachel ri.

— Sério? — Jesse olha para baixo. — Não doeu como eu pensei.

— Não. Agora, deixe-me terminar.

— O melhor quarto será meu. — Jean olha para mim. — Desculpa, líder, mas o pai de família sou eu. E agora a nossa família tem uma mãe.

— Rachel. — Amanda cantarola. — Eu acho que alguém da gangue é apaixonado.

— Não, ele gosta de irritar. — Rachel terminar o seu trabalho com Jesse. — Como um idiota.

— Já pedi perdão, eu pensei que fosse a vadia que eu chamei.

— Isso não melhorou nada. — sussurro para Jean, tentando fazer com que ele cale a boca.

— Melhorou muito. — ele discorda. — Eu liguei para uma vadia e Rachel apareceu na porta, pensei que fosse ela que *coitaria* comigo. Então eu perguntei se ela tinha levado maconha...

— Eu perguntei "O quê?", e você "Você não é a vadia para quem eu liguei?". — Rachel cruza os braços. — Ótimo início de conversa, Jean.

— Agora temos uma gangue, começaremos do zero. — Jesse encara o próprio braço. — Vou contar minha história de vida?

Aproximamo-nos, sentando no colchão da sala. Tem sete ao total, tudo arranjado por Alex. A casa tem apenas um andar, com três quartos, cozinha e dois banheiros. É uma casa como se fosse uma cabana abandonada. Tem algumas rachaduras, mas nada de tão anormal. Tem mofo, muito mofo, mas abrimos as janelas e o cheiro está melhorando.

— Você é o filho de Yoshida. — Jean fala, de uma única vez.

— Como sabe? — Jesse olha para Jean.

— Ah, sabe como é, não sou burro como todos acham.

— Ei! — grito. — Somos uma gangue desajustada, ninguém acha defeito no outro.

— Você me acha um idiota.

— Com você e Jesse isso não é defeito, não mais.

— Ai, que fofo! Quando imaginei entrar nessa viagem, não imaginei que seríamos tão bem tratados. — Amanda abraça o próprio corpo. — Essa gangue está mais para família, gosto assim.

— Eu nunca tive família. — Jesse sussurra.

— Nem eu. — Jean também sussurra.

— Eu tive uma infância estranha. — Rachel ri, mas é de tristeza.

— Vamos contar as nossas histórias. — sugiro.

— Falta uma fogueira para ser um acampamento de amigos. — Jean ri.
— Cara, eu nunca imaginei isso. Viajar com um nerd, uma menina mandona e nerd, uma garota estranha que acha divertido se meter em tretas alheias e uma ruiva que me odeia.

— Eu não te odeio. — Rachel olha para Jean, depois desvia o olhar. — Eu já esqueci aquele dia.

— Então gosta de mim?

— Abusado, não acha?

— Tenho que tentar. — Jean dá de ombros. — Vamos contar nossas vidas. Primeiro Rachel.

— Novidade. — Jesse e Amanda murmuram.

— Vamos à história. — Rachel sorri, completamente ruborizada. — Eu nasci de alguém que nunca conheci.

— Ciara e Hugo não são seus pais? — Jean está surpreso.

— Não, Hugo me adotou há quatro anos, Ciara eu conheço há anos, agora ela vive conosco.

— Eu sempre achei estranho. Ficava me perguntando com quantos anos Hugo e Ciara tiveram você, eles parecem novos.

— Não, eles não são meus pais biológicos. A história é que eu vivia com uma família horrível, eles tinham um bar e eu ficava lá. Conheci Ciara, ela sempre ia e ficava conversando comigo. — Rachel sorri, noto a felicidade em seu olhar e nas suas palavras, mas isso logo muda para tristeza. — Um dia Ciara me deu um urso, eu deveria cuidar bem dele. Aconteceu uma invasão no bar e levei um tiro na cabeça, fiquei em coma por um tempo. Quando acordei, Hugo estava sendo meu novo "pai". Depois soube que quem atirou em mim, fazia parte da gangue de Yoshida. Era a irmã de Ciara. Assim eu fui introduzida nessa confusão de Yoshida.

— Um tiro na cabeça? — Jesse arregala os olhos.

— Sim. Eu tinha doze anos de idade. Depois teve toda a história de Milla ficar comigo e com Hugo.

— Você chegou bem perto da inimiga, como Milla é? — pergunto.

— Confusa. — ri. — Ela parecia gostar de mim, ao mesmo tempo parecia carente de afeto. Hugo sempre foi mais grosseiro com ela, eu não, não tinha motivos para trata-la mal. Parecia que Milla se importava comigo, a cada

briga dela com Hugo, onde Hugo dizia que me levaria embora, Milla parecia arrasada. Ela me fazia prometer que ficaria ao seu lado, mas não fiquei. Apesar de Milla nunca ter me feito mal, Hugo é a pessoa que mais cuida de mim, sempre foi.

— Então podemos dizer que Milla é uma pessoa carente? Que se juntou com Yoshida pela vingança contra Fernando e por ter recebido apoio? — Jean murmura, pensativo.

— Talvez. — respondo. — Teve a história de Allan e Alex, ambos separados. Alex não sabe das intenções de Allan, então pensamos que Allan tem algo pessoal, algo envolvendo Tyler, que é parceiro do meu pai. Milla ficou com Allan e mandou Alex para Yoshida. Aparentemente, Milla falava mais com Allan e poderia ajuda-la mais na vingança.

— Milla não parecia ser ruim, não comigo. — Rachel volta a falar. — Então ela começou a fazer ligações estranhas e a briga com Hugo foi piorando. Aí apareceu Nicole e vocês sabem a história.

Foi uma grande surpresa para mim quando Alex entrou em contato comigo para falar de Jasmine, eu nem sabia que ele tinha meu número. Alex avisou sobre tudo o que aconteceria e disse que não queria matar a irmã, que algo precisava ser feito. A minha ideia brilhante foi fingir que Jasmine havia morrido, mas como parar os batimentos dela? Alex falou que poderia conseguir alguma substância, que injetaria aquilo no lugar do sonífero. Mas eu precisava avisar a alguém, a alguém de fora, porque ninguém que poderia lutar estava por perto naquele dia. Fui atrás das coisas do meu pai e vi o número de Hugo, já tinha escutado as conversas sobre ele e Daniel. Então fiz aquilo que deveria ser feito. Liguei para Hugo e expliquei, de início ele achou muito estranho, mas Ciara concordou comigo e disse que eu tinha razão.

Eles foram com a cara e a coragem, porque eu não me identifiquei. Deu certo em partes, porque pegaram Jasmine, mas Nicole se foi... Eu nunca a conheci, mas foi doloroso ver o sofrimento de Daniel. Eu apenas o abracei, não sabia muito o que falar. A irmã dele morreu, eu não saberia como agir se eu fosse ele, então, apenas o abracei.

Daniel é a melhor pessoa que eu conheço, ele é bem na dele, assim como eu. Esconde todas as suas emoções e é sempre incompreendido. Acho que ele tem o mesmo pensamento que eu tenho: "Por que falar? Ninguém vai se importar com o que sinto".

De todos os irmãos que tenho, Daniel é o que eu mais me identifico. Amo Gabriel e Giulia, mas Daniel? Daniel sabe meus limites e não tenta invadir meu espaço, diferente dos outros dois, que viviam me fazendo de "irmã caçula

obedece o que mando".

E eu jurei que conseguiria acabar com todos, por causa de Daniel. Que ele teria a sua vingança, pela morte de Nicole.

— Eu era visto como um playboy. — olho para Jean, que conta a sua história. — Ninguém se aproximava, quer dizer, só as filhas da Nostra, tudo atrás de casamento. Todos me julgavam como imprestável e ninguém sabia minha vida, não poderia contar. Meu pai me queria em reuniões chatas, eu não queria nada daquilo. A cada recusa, um soco era dado. Foi piorando com o tempo. As reuniões começaram a ser com Giovani e o pai dele, o falso, no caso. Eu odiava aquilo, eles queriam vender Cassie a Giovani. Eu tentava fugir de casa, tentava levar Cassie e eu sempre me ferrava. Fui preso por roubo e meu próprio pai forjou o flagrante. Comecei a usar drogas para tentar esquecer a merda da minha vida. Eu era menor de idade, então eu não poderia sair de casa e quando saía, eu era encontrado e castigado. Quando fiquei de maior, eu estava preso por tráfico. E lá dentro eu sofria mais ainda, meu pai nunca pagou um advogado, tio Arthur que pagou. E agora descubro que meus pais estavam do lado do inimigo e minha irmã está presa por causa deles. Essa é a minha vida bem resumida. Agora é a vez da Amanda.

— Uau! Eu não sei o que dizer depois de tantas palavras. — Amanda morde o lábio. — Os piores inimigos da minha família foram antes que eu nascesse. Foram Henry, Charlie e Salazar. Henry não agiu tanto na época. Salazar pode ser comparado ao Yoshida, só que Salazar caçava vítimas, pegava pessoas, levava para a floresta e os caçavam. Charlie era um psicopata apaixonado por minha tia Jennifer. Quando as tretas acabaram, a paz voltou a reinar. Tem tretas de gangues, mas nada de grandioso. Eu cresci entre gangues, a maioria dos meus primos sabem o que fazer da vida menos eu. Eu insisti para aprender a me defender e minha mãe me deu um taco de basebol e uma arma.

— Sua mãe é maravilhosa! — Jesse ri.

— Muito! Ela nem pestanejou quando eu disse que viria para uma treta de gangue, que é West, no caso. Ela quis vir atrás, porque diz que vai defender a todos, tio Matt veio porque gosta de confusão, Vicent veio porque... Porque ele é o Vicent, sempre está por perto quando há briga. E eu? Eu sou como eles. Sei nem o que está acontecendo, mas quero isso. Algo em mim dizia que eu deveria participar dessa história. Vocês me acharão louca, porque nem nos conhecemos há mais de um mês e eu já entrei para a briga, mas é o que sou. Sou idiota o suficiente para ir atrás do perigo. Fora que Karen foi à única pessoa que encontrei para conversar comigo aqui.

Sorrio para Amanda. Enquanto Katherine estava com Gabriel, Jean e

Jesse estavam fazendo sei lá o que, eu ficava sozinha no parque, às vezes com Line, que me entende, mesmo que ela só saiba dizer "Tia Karen, eu não sei o que está falando, mas ficará tudo bem". E ali ao lado estava Amanda, reclamando com a pedra que a fez tropeçar. Eu só sabia rir, porque ela estava tendo uma discussão séria com a pedra, muito séria mesmo. Tão séria que ela pegou a pedra no chão e jogou longe, para descontar sua raiva. Então Line gritou "Tia Amanda é doida", Amanda apenas sorriu e disse: "Querida, se não for para uma criança me chamar de doida, eu nem viria nessa viagem". Assim começamos a conversar.

Uma maneira estranha de conhecer pessoas.

— Sei usar armas e um taco, tenho ideias maravilhosas de tortura. — Amanda comemora.

— Ela é perfeita para a gangue! — Jean exclama.

— E minha avó é cafetina, por isso eu consegui todas essas perucas. Teria uma noite de sei lá o que, onde as meninas usariam algumas fantasias, roubei tudo da minha avó. Depois vô Oliver me levou a loja e compramos coisas para vocês, meninos.

— Oliver é uma pessoa bem louca. — sorrio, ao lembrar dele.

— Melhor professor de autoajuda, sério. Ele é ótimo para te ensinar a se defender, mas para você ter uma autoestima elevada? Oliver é o cara! A autoestima dele é contagiosa.

— Tomarei aula com ele.

— Ah, Karen! — Amanda grita. — Você é a melhor, sério! Você é linda, esse cabelo perfeito, cheio e cacheado. Seu corpo é maravilhoso, o que falar da inteligência? Da força?

— O que falar de Alex que te ama? — Rachel sorri. — Viu só, ela sorriu.

— Obrigada por tentarem me fazer sorrir.

— Não, Karen. — Jean coloca o braço em volta do meu ombro. — Continue sorrindo, estamos ferrados e sorrindo. Somos um bando de desajustados e sorrimos. Somos excluídos e sorrimos. Não esperam nada vindo de nós cinco, mas mostraremos o contrário. — olha para Jesse. — Até você, filho do inimigo.

— Eu...

— Eu descobri quando pintou o cabelo, ou descoloriu, não sei o que fez. — Jean interrompe Jesse. — Fez isso logo após pegarmos Giovani, achei bem esquisito a mudança no visual. Depois eu percebi que você entrou com facilidade no sistema de vigilância da casa do inimigo, você nunca fala da

família e é um gênio na tecnologia, como Yoshida. Eu só pensei "É filho do inimigo".

— E não me achou um traidor?

— Cara, você dormia no mesmo quarto que eu, fumamos maconha juntos, pegávamos vadias. — Jean olha para Rachel. — Rachel, meu amor, estou puro a sua espera.

— Volta para o assunto, por favor? — Rachel vira o rosto.

— Então, fizemos tudo e nunca me atacou. Porém, era apenas desconfiança, o rastreador confirmou minhas suspeitas.

Jesse conta a sua história e depois eu conto a minha. É, realmente, é uma gangue estranha. Cada um com seus motivos para serem desacreditados. Eu sou muito nova e pareço que quebrarei no primeiro tapa; Jean foi preso tantas vezes e era um grande viciado em drogas, Rachel ficou um bom tempo traumatizada e tem a voz bem calma, parece ser uma pessoa meiga, que não briga; e Amanda se envolveu no assunto porque quer aventura e acha que conseguirá algo nessa viagem... Uma gangue estranha, mas com o mesmo objetivo de pegar os inimigos.

— Bem, reconhecimento feito. — Jean esfrega as mãos. — Já colocamos todo o sistema de segurança ao redor, escondemos as armas, deixamos algumas em fácil acesso caso precisarmos, o carro está em um local estratégico para caso ocorra algo, Jesse já teve o braço costurado e passa bem. Agora, precisamos saber o primeiro passo da nossa viagem.

Pego o papel na minha bolsa, apenas uma das muitas cópias que fiz. Desdobro o papel e mostro o retrato falado, que Heitor explicou detalhadamente e Jesse fez o desenho, que mais parece uma fotografia real.

— Precisamos encontrar esse homem aqui. Yankee voltou para casa e parece que desistiu de falar com o homem, parece que esse cara ficou meio doido das ideias. — explico. — Ele era o professor de Heitor, ele trabalhava para Yoshida. Perto de onde ele treinava, a doutora Eliana terminou o ensino médio, depois ela viajou e foi para a faculdade. Próximo dali, Heitor participava de algumas lutas ilegais. Então, tudo está ligado nesse local, precisamos ver quem frequenta e ver se conseguimos algo.

— Espera descobrir o rosto de Elijah aqui? — Jesse pergunta.

— Não acho que será fácil, mas pretendo descobrir um dos negócios de Yoshida e descobrir porque esse lugar nos leva para duas pessoas. Afinal, Heitor é o filho do inimigo que foi sequestrado e Eliana? — sorrio. — Eliana é uma doutora que ajudou Kat e estava saindo da delegacia. Ela é importante, assim

como Heitor. E vamos descobrir como esse lugar é.

Bônus 1

Fernando

"Oi, mafioso de merda. Aqui é a sua esposa, bem, no momento, estou pensando em ser a EX-ESPOSA. Está sofrendo agora? SOFRA MAIS, IDIOTA! PORQUE A MINHA FILHA ESTÁ SOFRENDO POR SUA CAUSA E DOS IMBECIS QUE TE ACOMPANHAM! Então, meu querido, SOFRA!

**Se parar de ser um babaca eu volto.*

Da sua, talvez, ex-esposa, Sara RUBIO, OLHA O SOBRENOME, RUBIO!

BABACA, IMBECIL DE MERDA!"

Amasso o papel e coloco minha mão na parede, inclino o corpo para frente e conto até dez.

Ela é minha esposa e está grávida, posso culpar os hormônios.

Não, serei homem e culparei a mim mesmo.

Mas o que eu poderia fazer? Apoiar Karen e quatro amigos, sendo uma desconhecida por mim? Talvez devesse, mas... Mas Karen só tem quinze anos. Ela é a melhor de todas, mas ela deveria...

— Ela deveria mostrar seu valor e fez, assim como os outros. — murmuro para mim mesmo. — E eu não faço nada mostrando que ela tem valor.

Karen me surpreendeu muito quando fez todo aquele plano de envenenamento, mostrou ser melhor do que qualquer filho Bertollini ou Vesentini, porém, a idade dela...

A idade não deveria importar, mas ainda enxergo como Karen sendo uma menininha, que brincava de boneca, que sorria para desenhos animados... Não vi Karen crescendo desse jeito, ela cresceu escondido.

Karen foi à filha que nunca deu trabalho. Giulia engravidou cedo, Daniel saía escondido para cuidar de Nicole, Gabriel sempre foi retardado para aulas, e Karen? Karen sempre foi obediente, tirando as melhores notas, nunca saía de casa para festas, nunca me preocupei com suas amigas porque conheço Katherine...

No entanto, Karen cresceu.

Depois de respirar fundo, vou até o closet e ainda encontro as roupas de Sara no lugar. Mas em cima da penteadeira, encontro a ultrassonografia dos gêmeos com um bilhete de Sara:

"Oi, babaca! Estou pensando seriamente se meus bebês devem ter você como pai.

'Você é infantil, Sara'. Melhor que ser babaca como você!

SARA RUBIO!

NOTA A MERDA DO SOBRENOME, OU A FALTA DELE!

RETARDADO!

EU QUERIA SABER XINGAR, SÉRIO, MAS NÃO CONSIGO! MAS ACHO QUE SEU PEITO DÓI COM A MINHA PERDA, SEU IMBECIL. CONSEGUI MEU OBJETIVO".

Sara quer me irritar e está conseguindo.

Reunindo todo meu autocontrole, desço as escadas, saio de casa e atravesso a rua, para a casa da pessoa que mais apoia Sara: a mãe dela!

Bato na porta da casa com toda a minha força e Ísis abre.

— O que é? — ela grita, com uma faca na mão.

— Uma faca?

— Estou cortando um frango, não é para você. — cruza os braços. — Soube o que fez com minha filha e neta, e eu posso usar a faca em você, não me preocupo em sujar as mãos.

— Me ameaçando?

— Sim, estou! Não gostou? Atravessa a rua e esquece que existimos.

Por que Sara tem que ser como a mãe?

— Quero falar com Sara.

— Não!

— O que é que você quer? — Sara aparece atrás da mãe.

— Vamos, sem paciência para isso. — tento pegar a mão de Sara, mas Ísis bate no meu braço e aponta a faca para mim. — Você só pode estar brincando.

— Não! — Sara cruza os braços, me encarando em desafio. — Eu disse que se não parasse de fazer merda, eu iria embora.

— Você atravessou a rua, apenas.

— Querido, atravessar a rua significa que você não terá mais tudo isso. — aponta para próprio corpo. — Então, querido, não tem mais meu corpo na sua vida, e, claro, nem na sua cama.

— Sara, volta para casa, agora! — grito.

— Você sabe que não tenho medo de você, certo? Que se encostar em mim, eu meto a mão na sua cara...

— Eu nunca encostaria minha mão em você de maneira errada. — rosno.

— Eu sei, querido, por isso mesmo eu vou tripudiar de você. Não volto para casa até que entenda que você é um idiota de merda...

— Não fala...

— Você é e aceite! Você fez minha filha chorar de soluçar, Karen nunca chorou daquele jeito na vida! — passa a frente da mãe e me encara, sussurrando. — Sabe qual é uma das maiores tristezas de um filho? Ver o pai ou mãe vangloriando o filho dos outros, mas não ligando para a bem feitoria do filho próprio. Você faz isso, Fernando. — começa a bater em meu peito. — Você bate palmas para todos os seus outros filhos, pior! Bate palmas para Katherine e para Jasmine, mas não para sua própria filha. E eu falei para minha filha. Minha filha! — grita. — Que não é para ela mostrar o valor nenhum de vocês, que ela tem que mostrar o valor para ela mesma. Vocês são uns idiotas que não enxergam o valor da minha filha. Se não fosse ela, você não estaria aqui na minha frente.

Engulo em seco, tentando processar essas palavras.

— Dói, não é? Karen sentiu muito mais dor que a sua. Eu falo a verdade, você negou mostrar a verdade para ela, mostrar que ela é a melhor. Então, Fernando, pega a sua insignificância, ignorância, machismo e burrice, e volta para a sua casa, processa tudo o que eu te disse e pensa se deve mudar ou não. Se a resposta for um "não", se a sua consciência de merda mostrar que a resposta é negativa, esqueça que eu existo. Sim, eu me separo de você por causa de uma discussão sua com uma filha. Porque quando mexem com um filho meu, você mexe comigo.

— Karen também é a minha filha.

— Não parece. Agora, só volte quando mudar. E nem adianta mudar apenas para tentar voltar para mim, porque se voltar a ser babaca, eu vou embora de vez, e não será apenas atravessar a rua, será atravessar o continente e ir para longe da sua burrice de merda. — aperta meu rosto com força, e eu não tenho

forças para tirar sua mão de mim, porque eu sei que ela fala a verdade. — Eu amo ver sua cara, porque minha filha está pior que você!

Sara solta meu rosto, empurrando a minha cabeça para trás, depois a porta é batida em minha cara.

Fecho os olhos, tentando processar as verdades ditas.

Eu ajudei e comemorei mais a vitória dos filhos de outras pessoas do que a da minha própria filha, tudo porque eu penso que ela não conseguirá... Que é uma fase pela qual ela está passando.

Distancio-me um pouco da casa e pego meu celular, disposto a falar com Karen. Como sei que ela não atenderá a minha ligação, ligo para um dos seguranças que acompanham a minha filha nessa viagem.

— Passe o celular para Karen! — falo, assim que sou atendido.

— Oi, pai. — voz calma...

A voz é de Karen, mas...

— Como está a viagem?

— *Tudo tranquilo, estamos indo para um hotel.* — acho que posso ter escutado um pequeno riso. — *Todos estão bem.*

— Certo, só liguei para saber. Eu te amo, ok?

— *Também te amo, pai.*

— Sinto sua falta.

— *Também sinto a sua falta.*

— Vai voltar para a minha casa?

— *Sim, muito em breve. Agora preciso ir. Tchau.*

— Tchau.

Termino a ligação e vou para a casa do meu pai. Bato na porta incansavelmente até que ele me atende.

— Viu Sara na casa de Ísis? — meu pai pergunta, ajeitando o óculos de grau, depois, me encarando com raiva.

— Você sabia?

— Eu vi e ajudei na mudança, você estava na reunião e não viu...

— Ignorarei essa parte. — corto o assunto. — Karen não está com os seguranças.

— Como? — agora ele está preocupado.

— Eu liguei para o segurança e a ligação foi passada, a voz é da Karen, mas ela disse que me ama, mandou beijo, diz que sente minha falta e que voltará para a minha casa.

Odeio pensar que essas palavras são fundamentais para entender que ali não era Karen... Que Karen não falaria essas palavras, não mais. Antes ela falaria tudo isso.

— Não é a Karen.

— Não, ela jamais falaria algo assim. — confirmo.

— Deve estar tudo bem, Fernando. — meu pai tenta me acalmar. — Isso aconteceria, estava óbvio. Ela pediu o transporte, porém, ela seguiria o caminho por conta própria.

— Pai, entenda. — seguro seus braços, tentando fazer com que ela pare de falar. — Se Karen está investigando sozinha, os seguranças deveriam ter me avisado, não colocar uma voz como Karen dizendo que está tudo bem sendo que não está. Karen e os amigos estão em outro território com quatro pessoas que são traidores, entende?

— O carro deles tem rastreador, eu me certifiquei que o carro teria.

— Se ainda tiverem com o carro.

— Não, foi bem escondido. Se olharmos agora, pegaremos alguma localização a tempo, antes deles procurarem minuciosamente ou de trocarem de carro.

— Eu vou até lá. — falo minha decisão, que foi tomada no mesmo instante que percebi que não era Karen no telefone. — Eu vou atrás dos seguranças, são quatro pessoas contra cinco.

— Não acredita...

— Acredito, mas é bom ter mais gente, certo?

— Vai lutar com eles? Ao lado da sua filha.

— Sim.

— Eu vou junto. — olho com surpresa para meu pai.

— O senhor?

— Eu serei aquele que impedirá suas idiotices com sua filha, nem venha me dizer que vai ajudar, porque eu te conheço, você tentará fazer com que...

— Ok. — falo, antes que ele tente jogar mais verdades em minha cara. — Venha comigo.

— Também vamos, pai. — olho para Daniel e Jasmine, que aparecem atrás do meu pai, ambos estavam na casa dele. — São os Bertollini's na ativa novamente.

— Vocês só podem...

— Se é para brigar, você nem sairá desse condomínio. — olho para meu

pai. — Não me importo com sua idade, eu coloquei esse negócio nos trilhos para que você comandasse, não deixarei que faça besteira. Karen quer lutar? Ela lutará e você não atrapalhará em nada. É o jeito que deve ser, Fernando. Avô, filho e neto, nesse caso, uma neta e uma nora. Então, ou aceita ou eu prendo você por tempo indeterminado.

— O senhor o que?

— Uma ligação e eu prendo você em casa. — pega o celular. — Não estou mentindo, Fernando. E se duvidar que posso lutar, será pior.

Respiro fundo.

— Ok. — concordo. — Vamos atrás dos traidores.

— E de Karen? — Daniel arqueia a sobrancelha.

— Dela também, mas não vou atrapalhar. — suspiro. — Não mais.

— Faz de conta que acredito. — Daniel bufa.

— Eu serei um bom pai. Minha consciência de merda diz para eu ajudar minha filha, eu farei, vocês verão.

— Aceitou muito rápido, mas vamos ver se é real mesmo, pai. — Daniel bate em meu ombro. — Mas eu digo, Karen é a melhor de todas, melhor que todos aqueles que receberam seus parabéns.

Capítulo 6

Karen

Ligo o notebook e escuto as vozes dizendo:

— *Ligará para Fernando? Vai falar que a filha dele sumiu?*

— *Sim, é o certo a ser feito. Ele vai ficar irritado, seremos punidos, mas...* — *suspira.* — *Precisamos falar.*

— *Você fala com ele, não quero escutar reclamações.*

— *Você fala.* — *outra voz murmura.* — *Você que comanda essa segurança, nada melhor que você para falar.*

Longa pausa.

— *Senhor, eu nem sei como começar... Sim, senhor. A sua filha, Karen, ela... Ela sumiu com os amigos... Desculpa, senhor. Estávamos no restaurante... Sim, a culpa é nossa. Mas estávamos no restaurante, pensamos que eles estavam atrás... Erramos, deveríamos verificar... Sim, senhor. Procuraremos por eles, desculpa... Senhor? Ele desligou.*

— *Claro, perdemos a filha do Bertollini. Fernando vai nos matar.*

— *Calma, nós encontraremos. Fernando disse para procurar e devolver a filha a ele, não importa se ela vai relutar ou não, Karen deve voltar para Fernando.*

— *Vamos procurar por ela, tem alguma foto?*

— *Fernando disse que enviará a foto, começaremos as buscas.*

A porta do que deve ser o carro abre e depois fecha.

Retiro os fones do ouvido.

— *Então?* — *Jesse arqueia uma sobrancelha, a espera de uma resposta.*

— *Eles falaram com meu pai e meu pai mandou irem atrás de mim, e para me levarem a força. Típico do Fernando Bertollini.*

— *Então não precisamos nos preocupar que os seguranças são do outro lado? Que eles nos matarão ou nos levarão para Yoshida?*

— *Ao que tudo indica, não. Mas esperarei um pouco, só para ter certeza. Agora, preciso sair com a Amanda, para procurar o homem doido.* — *informo.*

— *Tem certeza que não precisará de mais ninguém?*

— *Sim, alguém precisa ficar em casa e mais alguém precisa pesquisar*

mais sobre lutas e sobre quem comandava o lugar onde Heitor lutava.

— Yoshida, claro.

— Javier ou Benjamin. — dou de ombros. — É muita coisa para uma pessoa fazer. Javier era o traidor da Sangre e do Yoshida, já que estava com Giovani. Benjamin? Ele estava muito tempo distante da Nostra, poderia estar fazendo os negócios junto a Yoshida, mas somente duas pessoas? Javier estava na Sangre, então...

— Yoshida nunca colocaria gente desconhecida para comandar, nunca! Tanto que ele queria que eu ficasse em seu lugar, mas eu tenho que ser da sua confiança. Quem trabalha com Yoshida, é alguém de muita confiança dele. Benjamin não é, eu fui falar com ele e Benjamin não tem noção de onde Yoshida está. Ele estava brincando de família. Benjamin não sabe nada, quando falei que estava passando informações para Yoshida, Benjamin nem desconfiou que eu estava mentindo, porque, obviamente, eu não falei nada ao... Ao meu pai.

— E que família é essa que Yoshida tem?

— Talvez as crianças? Yoshida é doentio, não sei. — encolhe os ombros e começa a pensar. — Sabe a tal Poliana que Marco vê nos sonhos? — confirmo. — Ela pode ser alguém importante, mas nunca escutei falar dela. Yoshida sempre foi recluso com informações.

— Poderia falar com Luna, mas Allan sabe de algo e esconde. Luna tem algo muito importante, talvez seja por isso que Allan precisa protegê-la tanto.

— Por falar em Luna, temos informações sobre ela. Quando saímos daquele serviço secreto, pegamos as informações que conseguimos e armazenamos. Eu trouxe, se quiser ver.

— Veja e procure algo importante, não sei. — lembro uma informação. — A tia de Luna é a Poliana?

— Sim.

— E Poliana é importante para seu pai?

— Sim... Espera, eu nunca pensei nisso.

Eu e Jesse trocamos olhares.

— Mas Poliana é a tia...

— Não, Karen, Yoshida é doentio. Ele me fez pintar o cabelo e me afastou de Giovani, tudo para que ele não me reconhecesse e me matasse, mas ele não faria nada para impedir, entende? Ele nos deixou livres, para nos matarmos, para mostrar quem é mais forte e inteligente. Yoshida matou minha mãe, Yoshida pode ser pai da Luna, não sei. Ou ele odeia a Luna, pelo que Gabriel contou, ela fugiu de Yoshida.

— Alex precisa voltar. Ele será a nossa ligação com Allan, sem Alex, o irmão não ajudará em nada.

— E quando Alex voltará?

— Sinceramente, eu só espero que ele volte.

— Eu sinto muito, Karen. — Jesse segura a minha mão. — Imagino como deve se sentir nesse momento. Katherine não fez por mal, tem horas que ela não pensa tão bem.

— Do que está falando?

— Do óbvio. — dá um meio sorriso. — Sobre ela ter feito um plano e os outros concordarem, mas não falarem nada sobre o risco de vida de Alex, nem terem pensado em outra alternativa para ajudar, sem colocar Alex em perigo duplo.

— Guerrero sempre fala dos perigos...

— Mas ninguém pensa muito em como Alex pode se dar mal, eles nunca conversaram com você dos perigos, eles nunca agradeceram nem conversaram francamente com você, perguntando sua opinião. Foi apenas "Alex usará a arma e tentará sair vivo".

Sorriso, ao escutar e ver que alguém me entende.

— Exatamente, entendo que Alex é o único lá dentro que poderá usar, no entanto. — dou um longo suspiro. — Parece que ninguém pensou pelo meu lado, que Alex é importante para mim e ele pode morrer. Morrer nos ajudando. Alex aceitou, porém...

— Você continua chateada porque não pensaram em você. Muito menos em Alex...

— Pior, Jesse! Gabriel é um insuportável por causa de Alex, meu pai é pior ainda. Mas eles esquecem tudo o que ele Alex fez, faz e tudo o que fará. Gabriel implica com o Alex, mas é o "idiota que não é digno da minha irmã", que estará dando a vida por todos eles. Alex confiou em você, em Jean e no Gabriel. Alex disse que poderia contar do envenenamento para vocês, mas o Gabriel parece que esqueceu, assim como meu pai. O que Gabriel fez? Ele colocou os venenos? Ele entrou na Sangre e saiu? Ele pegou Javier? Ele pegou uns traidores da Sangre? Ok, mas o que Alex fez? Pois é, Alex é o traidor do lado do inimigo, o que mais pode se ferrar por nos ajudar, e Alex não está do outro lado porque quer, e sim por todos nós. Eu sempre sou a esquecida, até o cara que eu gosto é colocado em segundo plano e é visto como um inútil, mas quando precisam, todos sabem ir atrás de Alex.

— Ei, calma. — Jesse me abraça, enquanto eu tento segurar minhas

lágrimas. — Sei como se sente. Todos que estão aqui sabem como se sente, Karen. Sei que seu caso é delicado, por causa de Alex. Se tivesse falado algo antes, eualaria com...

— Tentar impedir? — olho para Jesse.

— Eu soube da tal arma um dia desses, eu nem sabia o plano todo. Pensei apenas que seria uma gangue, algo para ajudar todos os outros, desconhecia a arma biológica, assim como o Jean.

— Pois então, ela existe e será usada.

— Alex aceitou?

— Sim, porque ele sabe o que acontece naquele lugar e morrerá tentando acabar com aquilo. Mas a questão não é Alex aceitar ou não.

— A questão é você ser importante nessa história e não se importarem com você e ainda julgarem Alex como errado, sendo que ele é a pessoa disposta a matar e morrer pelo bem maior. Sei o que fala, Karen.

— Sabemos o que fala. — olho para cima, encontrando Jean, Rachel e Amanda. — E é por isso que estamos aqui, para ser diferente. Para fazer do nosso jeito.

(...)

— *Eu não entendo, Karen. Como Yoshida confia tanto em mim? — escuto a duvida na voz de Alex. — Estou de folga e recebi dinheiro pela morte de um homem.*

— Tem certeza que não é seguido, grampeado ou rastreado?

— *Sim, o único que me seguia é o Gregory. Ele matou o homem e envenenou tantos outros.*

— Qual o objetivo dele?

— *Não sei, mas ele me salvou. Impediu que eu comesse a comida.*

— E não investigaram?

— *Sim, mas não descobriram nada. Gregory foi treinado para matar, agir em silêncio, ele fez de uma maneira imperceptível.*

— Será que temos mais um novo aliado? Ou será que Gregory quer enganar e fingir ser amigo?

— *Não sei, no momento eu penso mais em Yoshida. Entendi que o*

dinheiro não foi por eu matar um homem, e sim por salvar seu filho. Ao meu ver, Yoshida ama os filhos, certo? Então pode ser algo assim. Porém, não justifica a sua confiança em mim. Ele confia muito, estou de folga, no meio do nada, eu verifiquei o sistema ontem e esse lugar não tem rastreamento, nem aqui e nem onde está. Karen, eu posso entrar naquela área para ver os rastreamentos sem ser barrado, a confiança de Yoshida aumentou, até Gregory desconfia, por isso ele me seguiu.

Quando Alex foi contando da confiança de Yoshida, algo em mim acendeu, algo como: Talvez Alex seja parente de Yoshida. E se Yoshida for Tyler? Mas não é Tyler, não depois que ele matou traidores sem dó e vi de perto o amor dele por Jasmine, porque se Daniel morrer — o que quase aconteceu — Jasmine nunca perdoará o pai, e Tyler não perderia esse amor por nada.

Após conhecer Jesse, uma outra questão surgiu, quando ele contou que Yoshida gosta dos filhos — no plural, porque Jesse não conhece, mas sabe que tem mais irmãos —, comecei a pensar que Yoshida pode ser o pai de Alex e Allan, não Tyler, mas o pai verdadeiro. Yoshida pode ter engravidado a mãe de Alex, depois, ela falou que era de Tyler, não sei, na minha cabeça faz muito sentido.

Porque Jesse subiria de "cargo" na hierarquia, mostrando o seu valor. E Alex? De um certo modo, ele sobe de cargo, certo? Em uma hierarquia que deveria ser apenas dos filhos, algo típico de Yoshida. E se tudo o que acontece com Alex for mais um teste? Se Yoshida for o pai de Alex?

— Como a sua mãe era? — pergunto.

— *Que tipo de assunto é esse?*

— Pensando em coisas, pode responder?

— *Você pode tudo.*

— Você é um fofo.

— *Alguém nessa relação tem que ser. Então, minha mãe era uma pessoa errada, que andava com gente errada, que foi morta por gangue, possivelmente.*

— Foi encontrada com marcas de torturas e enterrada?

— *Exatamente.*

— Culpados?

— *Qualquer gangue que minha mãe conhecia. Eu era pequeno, não poderia lutar naquela época. Quando cresci, a morte já tinha acontecido há anos. Não tinha mais o que fazer.*

— E você e seu irmão foram liberados?

— *Minha mãe disse que voltaria, mandou que fôssemos para o museu*

para espera-la, ela nunca apareceu.

— Nem outra pessoa para a vingança apareceu? Vocês estavam vulneráveis e os assassinos da sua mãe poderiam encontrar você e Allan.

— *Não, nunca apareceram.*

Yoshida preza pelos filhos de uma maneira doentia...

Tio Marco falou sobre Allan mencionar a morte da mãe e colocar a culpa em todos da família Bertollini e Vesentini...

Yoshida matou a mãe dos seus filhos, assim como fez com a mãe de Jesse, assim como fizeram com a mãe de Yoshida no passado e jogaram a culpa no meu avô... Para a vingança, Yoshida usou os filhos, sendo que Allan ficou mais irritado, então ele foi usado para a vingança pessoal, como Alex não se importou, ele foi para o lado do complexo, para os negócios.

Isso faz sentido? Sim, faz! Na mente doentia de Yoshida, faz sentido!

— Alex, por que nunca culpou meu pai pela morte da sua mãe?

— *Por que culparia?*

Por que Allan pensa que meu pai matou sua mãe?

— Qual a história de Allan?

— *Manipulado por Milla. Ela inventou que Tyler estava preso, o que foi verdade, depois, Allan disse que tínhamos que salva-lo e que Yoshida estava com Tom, trabalhando juntos. Vi que era verdade e fui atrás, só depois descobri a realidade, que era tudo mentira, que eu deveria ir para o lado de Yoshida, mas Allan não sabe essa parte, tentei abrir seus olhos para que ele fuja, espero ter conseguido.*

— Por que foi para o lado de Yoshida?

— *No teste feito por Milla, eu mostrei ser o pior. Mostrei frieza, parece que Allan foi emotivo, não sei muito o que aconteceu.*

Porque Allan foi movido por vingança, você não sabe de nada... Allan escondeu essa parte da história.

Salvar Tyler foi um teste e ambos passaram, depois, Alex subiu mais no conceito ao "matar" Jasmine. Que não é a irmã dele, mas Yoshida pensa que é... Mas Yoshida gostaria de ver o filho matando a irmã? Ou será que ele focou mais em "Alex não é irmão de Jasmine?".

Talvez minha teoria esteja errada...

— Alex, fique atento a tudo ao seu redor e conte-me tudo logo após.

— *Sim, senhora. Mais alguma ordem?*

— Não por enquanto. — sorrio.

— *Sinto sua falta, menina bruta.*

— *Sinto sua falta, garoto fofo. Queria que estivesse aqui.*

— *Estarei aí em breve para você ser a bruta comigo.*

— *Eu não sou bruta!*

— *"Eu te amo, Karen", "Eu também". Fala que me ama!*

— *Eu amo você, Alex. Amo muito você, ok? Falar dos sentimentos é estranho. — estou envergonhada, devo estar vermelha agora.*

— *Concordo, você é a primeira, em vinte e cinco anos.*

Você tem vinte e cinco anos mesmo? Você não parece nada com Allan, nem um pouquinho...

— *Tem vinte e cinco anos mesmo? Parece que tem menos.*

— *É o que dizem.*

— *Como assim?*

— *Fui registrado tarde, na esperança do meu pai aparecer, não sei. Bem, é isso o que sei, quase nada.*

Pesquisar a vida de Alex Castillo e Allan Castillo.

Eu penso muito rápido, chega a ser estranho.

— *Quando virá para cá? — mudo de assunto.*

— *Quando a tal arma biológica for entregue.*

— *Tem certeza do que fará? É perigoso.*

— *Karen, sei que está chateada por não perguntarem o que quero e o que você sente. Sei que não está feliz com nada disso, mas eu não me importo, se essa arma salvar vidas, eu o farei.*

— *E pode perder a sua vida?*

— *Karen, temos que namorar, casar e ter filhos. Eu sairei vivo dessa para fazermos tudo isso. Você verá.*

Eu espero que sim...

E se eu for nora de Yoshida?

Quem é Yoshida? Com qual filho ele parece? Algum filho parece com ele? Eu posso estar totalmente errada?

Questões, muitas questões!

Capítulo 7

Alex

— Pode sair daí, Gregory.

Pigarreando e depois rindo, Gregory sai de trás da árvore.

— Alguém está bom em rastrear? — Gregory vem se aproximando. — Está ficando especialista.

— Eu vi você me seguindo, Gregory. — sento no degrau da escada. — E tem câmeras ao redor. — faço um gesto com o dedo, girando no ar. — Peguei você!

— Pontos para o Alex. — Gregory cruza os braços, enquanto permanece em pé. — Então, é aqui que se esconde, no meio da mata, não é muito perigoso?

— Sistema de segurança, eu vi você, o mais treinado de todos. — zombo, lembrando quando ele disse ser o melhor e imperceptível.

— Não perdi o sarcasmo em sua voz, Alex.

— O que faz nas suas folgas?

Gregory apenas torce a boca, depois, respira fundo:

— Fico me martirizando. É isso que faço nas folgas, vou para qualquer hotel, apenas os hotéis que tem muito movimento de pessoas, vou para a janela e fico olhando a vida alheia. Observando a vida de cada um e imaginando o que elas fazem fora dali, imagino o motivo dos sorrisos, o motivo das tristezas, essas merdas todas que humanos sentem.

— Porque você é um alienígena, aposto.

Sorri, mesmo que a contra gosto.

— Não. Sou um humano moldado por gente estranha. Não sei muito desses sentimentos humanos compartilhados.

— Sentimentos humanos compartilhados? — franzo a testa, tentando entender o motivo da melancolia, posso saber o que é, mas quero saber mais.

— Sim, alegria em conjunto, tristeza por outro alguém próximo, amor, bondade, gentileza, sorrisos. É interessante ver o conjunto humano e suas emoções.

— Você fala de maneira difícil, poético.

— Tento ser. — começa a estalar os dedos. — Quando cresce onde eu vivi, você não tem noção de nada, a única noção é que você mata ou morre. Mas, por que matamos, Alex? Por que estupramos? Não que eu e você cometa o

estupro, mas porque fazem algo assim? Eu fui criado para achar o estupro algo fascinante, algo como uma...

— Uma premiação por seu trabalho cruel. — complemento, porque sei que é isso.

Benjamin havia dado umas meninas para mim e para os outros após o envenenamento planejado por Karen. O prêmio seria por termos sobrevivido, algo para "aliviar" e fazer esquecer a dor. Eu neguei, além de saber que era um estupro — e não uma prostituta sendo paga —, eu tenho Karen em minha mente na maioria das vezes, a outra parte dos meus pensamentos ficam no complexo...

Eu neguei aquela garota dizendo estar abalado demais para o sexo, já o outro homem que estava ao meu lado... Ele brigou com Benjamin, porque o irmão dele morreu envenenado e sexo não apagaria nada do que ele passou. A briga foi séria, Benjamin olhou para mim e falou "Acabe com ele". Eu acabei com aquele homem, para ser exato, uma briga, quase um vale tudo, onde venci estrangulando o outro cara, matei uma pessoa com as minhas mãos em seu pescoço. Subi dois níveis na escala doentia de Yoshida.

— Exatamente. Uma vez, o tal Yoshida me mandou estuprar uma menina de doze anos. — Gregory volta a falar. — Doze anos, mas parecia ter sete, muito pequena e frágil. Óbvio que não fiz nada. Matei o cara que me segurava, quando fui para cima de Yoshida, os seguranças conseguiram me conter. Yoshida sorriu e disse que eu era melhor, porque eu poderia matar, não estuprar, e a morte é mais importante para Yoshida. Foi a primeira e única vez que mandaram que eu estuprasse, foi um teste estúpido.

Eu passei pelo mesmo teste, neguei o estupro e matei sem pensar duas vezes...

Um teste estupidamente doentio.

— E passou para qual nível? — pergunto.

— O nível de ser segurança dos reféns, não segurança, mas de vigiar os reféns e droga-los para o transporte.

Eu também...

— Então, mais alguém de onde você veio subiu de nível? — questiono.

— Não que eu conheça. Quer dizer, tem aqueles que estupram, mas eles estão abaixo de nós dois. E alguns morreram.

— Morreram por negarem fazer o que...

— Sim e não. Alguns negaram estuprar e acabaram morrendo, não conseguiram se defender como eu consegui, ou então não conseguiram matar o oponente, algo do gênero: "Não estupre, mas mostre que sabe matar com as

próprias mãos". Outros morreram por ter cometido um erro.

— Que erro?

— Matar a pessoa errada, matar a pessoa antes da hora, matar uma mercadoria valiosa, estuprar uma mercadoria valiosa ao extremo, gastar munição à toa, pegar uma pessoa doente, coisas demoníacas desse gênero. As meninas que cresceram ao meu lado, elas passam por algo diferente, enquanto os homens estupram, as meninas precisam se livrar do estupro, matar o estuprador. Se conseguirem, sobem de nível, mas nem pense que serão respeitadas, se algum homem quiser, eles podem tentar agarrá-las, aí tudo se repete, ou são estupradas e morrem, ou matam o estuprador. Elas precisam mostrar o dobro da força para o chefe, mulheres só servem para o sexo.

Eu nunca vi mulheres nesses negócios, apenas as reféns... As reféns que podem se tornar esse tipo de mulher que vão para esses testes? Talvez seja por isso que são estupradas, para ver o quanto aguentam?

Como eu odeio não poder fazer muita coisa...

— Eu não sei o que dizer.

— Nem eu sabia, via o teste de perto, eu era pequeno. — seu olhar é de tristeza. — Muitas vezes, eles fazem isso na frente das crianças, para ver como é. A criança que mais fica apavorada, é castigada, morta ou vendida.

— Crianças... — nem sei o que dizer.

— Acho que onde você atuava no passado, não tinha crianças nem mulheres. Eu cresci com essas crianças, fui treinado para isso. As crianças mais bonitas são vendidas, as mais "guerreiras" sobem de nível, as mais frágeis são mortas ou poupadas, para ver se mudam com o tempo.

— É um nível absurdo de crueldade.

— Um nível extremo de crueldade. Eu tento sair, mas nunca consigo, sempre me encontram. Já que tem câmeras aqui, acho que não fui seguido, certo?

— Sim, a única movimentação captada foi a sua.

— Cara, algo bizarro acontece envolvendo eu e você.

Eu sei disso, Gregory.

— E é por isso que sempre me segue, para saber porque subo de nível tão rápido. — concluo o que já sei.

— Eu contei minha vida, conte a sua. Não posso falar dos meus pais porque nunca conheci, talvez tenham sido mortos, talvez ele seja algum segurança dessa loucura, talvez eu tenha sido achado na rua, não sei nada da minha vida.

Gregory, você é filho de Yoshida, ele matou sua mãe a sangue frio e você tem um gêmeo. Como seu gêmeo é inteligente, ele foi destinado a ficar no lugar de Yoshida, como você é mais "guerreiro", você fica na parte mais cruel da história.

— Eu conheci uma pessoa próxima a Yoshida, essa pessoa me levou para um lugar e eu o conheci, a partir daí, minha vida ficou nas mãos dele. — resumo, não contando tanta coisa. — Ou eu fazia o que Yoshida queria, ou eu morreria. Então, fui sendo o capanga de Yoshida ou de qualquer homem que aparecesse dizendo que manda nos negócios. Ocorreu um envenenamento e eu sobrevivi, deveria estuprar uma menina como prêmio, o sexo não consentido seria o meu prêmio, eu neguei. Um homem que havia perdido o irmão no envenenamento, ficou transtornado pela perda e Benjamin mandou que eu o matasse, a briga começou e eu o matei com minhas próprias mãos.

— O mesmo que ocorreu comigo, mas que envenenamento foi esse? Eu não soube.

— Acho que o que acontece em um complexo não é informado ao outro, porque eu não sabia das crianças.

Eu sei das crianças treinadas, mas nunca as vi. Não sabia desses "testes" nem das divisões das crianças.

— Então nós dois subimos por matar e não estuprar. — Gregory parece estar pensativo. — Por que nós dois, Alex? — olha para mim. — Entende porque eu sigo você? Na hierarquia doida do complexo, eu e você mandamos mais, depois vem Benjamin e Yoshida. Mas porque nós dois? Eu mudei para aquele lugar há uns meses, nem sei quantos, você a mesma coisa, e fui destinado a ficar ao seu lado, essa é a ordem. Por que eu e você?

— Eu adoraria saber, já fiz várias teorias e nada combina. Eu não sei o motivo para isso, Gregory. Eu não sei por que eu venho para cá e ninguém me segue ou vigia, eles parecem confiar em mim, o que é incomum.

— Você não tenta fugir, sempre volta ao complexo. Eu tento fugir, Alex. Eu sempre sou capturado, mas eu nunca sofro. Alex, eu não sofro qualquer punição, por quê?

Porque você é filho de Yoshida.

Não posso falar nada a ele, é muito mais que uma simples resposta, pode causar uma revolta por parte de Gregory e Yoshida pode entender que sei demais, que Jesse está do nosso lado... E eu nem sei qual é a do Gregory, ele pode ser um traidor, manipulador como o pai.

— Eu matei um cara e nós dois ganhamos dinheiro e um dia de folga,

ninguém nos vigia. Alex, algo bizarro acontece entre nós dois. — indica eu e ele com um dedo. — Algo que nos liga.

— O que isso quer dizer?

— Alguém deve achar que somos parecidos, eles vão nos fazer parceiros. Parceiros para algo importante.

— Já somos parceiros.

— Não, é algo mais. Eles nos juntaram muito, por isso te segui, porque se seremos parceiros, tenho que saber como é.

— E como sou?

— Um cara que sabe que envenenei nossos companheiros, mas que não contou nada.

— Quando disse que tem muitos segredos, o que quis dizer?

— Não sei se devo confiar em você, Alex. — fecha um pouco os olhos, como se tentasse ler até a minha alma. — Mas eu preciso de muita ajuda para algo. Sabe o que fiz e não contou a ninguém, você parece ser legal e eles confiam em você. Preciso saber por que eles sempre me encontram, mas eles não estão aqui, vigiando você.

— Eu nunca tentei fugir.

— E por que eles me encontram?

Olho para o antebraço de Gregory... Rastreador, como Karen avisou. Se eu falar agora, posso estragar tudo. Falarei depois de saber qual a verdade de Gregory. Sei que os filhos de Yoshida tem algo assim, pelo que parece, é para Yoshida monitorar todos de perto.

Giovani tem uma cicatriz de corte, no mesmo lugar onde os rastreadores são colocados, pelo que Karen falou. Porém, Guerrero cortou mais o local e nada foi encontrado. Já analisaram Giovani e viram que não tem nada o rastreando, mesmo assim, na casa onde ele está tem bloqueador de qualquer sinal, então Jesse não foi rastreado pelas redondezas quando estava por lá.

E Giovani... Ele já sabia do rastreador e retirou.

— Por que precisa de mim, Gregory? — pergunto. — Quer ajuda em que?

— A ajuda que preciso é de extrema importância, e a pessoa precisa ser extremamente boa para isso. Não que eu seja bom, fui criado para ser a pior pessoa da terra, mas não sei ser assim com... — para de falar. — Eu precisarei de uma pessoa extremamente boa nessa ajuda, e você é o único que não olha um estupro com admiração, você sorri quando o estuprador morre e não falou nada sobre o envenenamento, você pode ser minha ajuda, eu espero que seja.

— E eu espero que essa conversa seja séria, se não for, eu mato você com minhas próprias mãos.

— E é por isso que acredito que a pessoa certa seja você, você odiaria a minha traição. Traidor odeia traidor? Sim, claro, mas do jeito que fala, você quer que eu seja bom, assim como eu quero que seja bom. Até amanhã, Alex.

— Vai para onde?

— Sabe como é, preciso ver o comportamento humano e seus conjuntos pessoais. — dá um sorriso triste. — Eu preciso ver como a civilização é.

— Nunca se divertiu? — faço a minha pergunta, notando a melancolia com que Gregory fala das pessoas. — Nunca fez nada de diferente do que ficar em hotéis?

— Não. — encolhe os ombros. — Com quem eu me divertiria? Com que eu sairia?

— Conhecer pessoas?

— Conhecer pessoas fará com que um alvo seja direcionado a elas, prefiro ser sozinho. Até amanhã, Alex.

Depois de uma briga interna em meu ser, eu pergunto:

— Quer ficar aqui? Podemos conversar. — sugiro.

— Não, não quero atrapalhar você. Não tenha pena, cara, sou o que sou. Preciso ir mesmo.

— Se for tudo uma mentira...

— Alex, se for uma mentira da minha parte, você conta que eu envenenei a comida e nada acontecerá, aposto que o mesmo para você. Somos importantes para alguma merda estúpida, tenha certeza disso.

(...)

Um homem negro senta a nossa frente.

Mal chegamos ao complexo, depois da folga de um dia, e Yoshida já nos chama para a reunião. Porque o homem negro, obviamente, é mais um dos seus disfarces.

— Gregory e Alex. — Yoshida cruza as pernas e encosta na cadeira. — Estou feliz vendo a parceria dos dois.

— Qual a merda que passa em sua cabeça? — para a minha surpresa,

Gregory desafia Yoshida, e ele sorri. — O que quer comigo e com Alex?

Yoshida deve ter orgulho do filho não ter medo dele, só pode ser isso para explicar o sorriso.

— Alex, o que acha do pensamento de Gregory? — Yoshida olha para mim, com o mesmo sorriso.

Sério, se ele não fosse um grande psicopata demoníaco, eu diria que ele é o pai mais orgulhoso da face da terra, que ama o filho, mas... É o Yoshida!

— Acho a mesma coisa. Quero saber o intuito de me juntar a ele, porque nós dois? Qual o plano. — pergunto, para ver se o sorriso desse homem mudará, mas não muda, ele aumenta... O que é bizarro. É orgulho demais para um sádico demoníaco.

— Por isso. — inclina o corpo para frente. — São perfeitos juntos. O modo como Gregory matou aquele homem e Alex defendeu, não deixando que ninguém interferisse, como os dois estão se dando bem juntos. Isso é perfeito.

— Perfeito para seu negócio. Por que nós dois, Yoshida? — pergunto, sabendo que não terei respostas.

— Sabem até que sou eu, isso é muito bom. — sorri com mais orgulho. — Quem sabe não descobrirão quem sou de verdade? Subir mais um pouco nos níveis dos negócios.

— Do que está falando? — pergunto, tentando entender como descobriríamos quem é Yoshida. Se eu descobrisse... Os problemas seriam resolvidos mais facilmente, mas sei que a resposta para a pergunta não será nada boa.

— Uma nova caçada aos inimigos começará. — responde, esfregando as mãos uma na outra. — Dessa vez, com menos pessoas indo atrás deles. E os dois serão uma dupla, uma dupla para me trazer os inimigos e uma pessoa importante para mim. Se conseguirem, subirão muito em meu conceito e terão um lugar ao meu lado. Em breve, falarei mais sobre a busca. Agora, podem ir. Antes de saírem, saibam de uma coisa: Eu acredito que são os melhores, por isso estão aqui, não me decepcionem, tem tudo para crescer aqui dentro e ao meu lado.

Bônus 2

Gregory

— Não se preocupe, Samantha, ninguém encontrará vocês aqui. Bloqueador de sinal, caso aja um chip rastreador na minha cabeça. — dou um beijo na testa de Samantha, enquanto ela ainda me encara com preocupação.

— Gregory, se eles nos acharem? O que faremos? — ela pergunta, com os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar.

— Você aprendeu a se defender, Samantha, assim como eu. Defenda-se, apenas. Defenda a todos, ou vai preferir voltar para onde veio?

Sei o quanto é difícil para Samantha, assim como para o seu irmão, o Rafael. Ambos estavam no complexo, Samantha foi poupada por causa da pneumonia, como só chorava muito, Yoshida liberou que Rafael ficasse por perto. Samantha é linda e sei que esse é o motivo para não ter sido morta.

Ela e o irmão podem ter de nove a doze anos, eles não sabem ao certo. Passou de complexo em complexo até chegar ao meu antigo local de atuação.

Rafael treinou bem, já Samantha... Ela não foi treinada por tanto tempo, ela seria treinada para outra coisa.

— Eu sei, não deveria falar, me desculpa por isso, ok? — tento amenizar a situação. — É a verdade, no entanto. Precisarão defender a todos, precisarão se esconder e sair a para alimentar você e os outros.

Olho para as outras crianças, sem saber ao certo a idade delas, mas sei os nomes e tenho a certeza que são pequenos demais para estarem nessa situação... Não que alguém mereça estar assim, só Yoshida que merece isso e muito mais.

Christine, a ruiva pequena e brincalhona, deve ter de três anos a cinco, assim como a loira chamada de Celeste e o menino loiro chamado Diego. Diego eu diria que é mais velho, talvez cinco a sete anos.

Olho para Rafael, que está preparando a mamadeira, ele é o maior de todos, mesmo que eu não saiba se é gêmeo de Samantha. Ele é o mais forte e não parece ter muito medo, foi treinado para não temer.

— Eu não sei se fiz corretamente. — Rafael agita a mamadeira. — Vi um tutorial na internet.

— Já esfriou? — pergunto.

— Sim. — coloca um pouco do leite na mão. — Acho que já.

Vamos ao pequeno berço improvisado e tiro o bebê de lá.

— Tio, deixa eu pegar! — Christine estica as pequenas mãozinhas, tentando pegar o bebê.

— Deixa só ela tomar a mamadeira e eu deixo que você carregue, mas você ficará sentada e ela no seu colo.

— Eu sou forte, não derrubo!

— Acredito que é muito forte, Tine, mas a pequena Bianca precisa de muito mais que força, precisa de muito cuidado. Quem me deu Bianca, disse que devemos cuidar muito bem dela, para que ela cresça feliz e saudável, como vocês.

— Eu sou feliz, Greg. — Celeste grita, enquanto mostra o ursinho em sua mão... Era o único "brinquedo" na minha infância de merda, agora é de Celeste, espero que ela tenha uma vida diferente da minha. — Eu vi no desenho a felicidade, e eu sou feliz com vocês.

— E nós somos uma família, certo? — Samantha se aproxima.

Eu não queria ter essa designação, mas Samantha insiste nisso. Família é... *O que é família?*

Por isso não quero, não sei o que é, não sei como fazer. A família deles será com outras pessoas, não comigo.

— Vamos dar a mamadeira da Bianca. — mudo de assunto.

— Greg, você é a nossa família. — Samantha diz. — Talvez não um pai, sei que não quer, mas um tio, quem sabe? Um tio que nos ama e nos salva.

— Eu não quero...

— Essa designação, sabemos dessa informação. — Rafael tira Bianca dos meus braços. — Porém, você nos salvou e isso conta muito. Aceite nossos sentimentos.

Apenas concordo, balançando a cabeça.

Afasto-me das crianças e vou até Diego, que está sentado no colchão, olhando para a parede.

— Ei, garoto, o que houve?

— Quando vou ver meu irmão? — ele pergunta, em um sussurro. — A moça disse que eu veria logo.

Poliana e suas promessas que eu devo cumprir... Primeiro eu tenho que dar um lar a essas crianças e depois tenho que encontrar o irmão desconhecido do Diego.

— Eu só preciso de uma ajuda, então, vamos atrás do seu irmão. — aperto o ombro de Diego. — Vamos encontra-lo.

— Sabe quem é o pai da Bianca? Ou a mãe? — Samantha pergunta.

— Poliana achou melhor esquecê-lo, tem algo sobre a mãe da criança ser ruim e o pai pode ser pior ainda. Então, preciso encontrar um lar para vocês.

— Podemos ficar juntos. — os olhos de Samantha brilham em expectativa e esperança.

— Eu não sei ser um pai, Sam. Adoraria, mas não sei. — acaricio seu cabelo. — Não sei nem meu nome verdadeiro.

— Eu escolhi meu nome, Rafael o dele. Podemos nos virar juntos.

— Vamos combinar algo, se eu não encontrar uma família para vocês eu...

— Você é a família perfeita, Greg. Você nos salvou. Somos um bando de crianças morando em um porão e usando disfarces para comprar comida, fralda e essas coisas. — por que Samantha tem que gostar tanto de mim? Ela poderia gostar sem querer que eu fosse seu pai... *Ah, eu sou tão babaca, destruindo um sonho de uma criança.* — Você trouxe Bianca ontem e cuidamos bem dela, somos bons, como você é.

— Eu posso ter encontrado outra pessoa boa, se ele nos ajudar, vamos parar de viver como prisioneiros. Sairemos desse porão e conheceremos pessoas diferentes de todos nós. — olho para as crianças, que me encaram. — Nós seremos felizes, verdadeiramente felizes.

— Como nos desenhos? — Celeste pergunta, pulando.

— Sim, como nos desenhos. Mas como em alguns desenhos que tem as pessoas más, na nossa vida também tem, e é dele que estamos correndo, mas eu e essa pessoa nova vamos detê-lo.

— Confia nessa pessoa?

— Eu vejo que ele é bom, Rafael. Ele poderá nos ajudar. Se ele não ajudar, como vou fugir com tanta criança? Um bebê e duas pequenas garotas que não entendem nada do que acontece. Você, Sam e Diego entendem, Celeste e Christine não, Bianca muito menos, ela nem pode correr. Eu preciso de mais alguém para nos ajudar. E Alex pode ser ajuda, ele tem que ser. — rezo para que seja. Meu treinamento para conhecer pessoas precisa ser útil alguma vez na vida. — Não posso ser o único contra Yoshida, tem que ter mais pessoas nessa luta.

Capítulo 8

Karen

Amanda dirige enquanto vou processando as minhas teorias sobre Alex.

Primeiramente, sempre achei que Alex e Allan são gêmeos muito diferentes. Sei que isso existe, mas a diferença entre Alex e Allan é bem gritante. Cor de pele completamente diferente, tipo de cabelo, cor dos olhos, altura, formato do rosto... Por um tempo eu apenas pensei: Tem gêmeos que um é branco, loiro dos olhos azuis e o outro é negro, cabelo preto e olhos escuros. Então Allan e Alex não tem nada de mais.

Mas tem algo nos dois, também. Allan parece ser mais velho, não tão velho, mas em relação a Alex, ele parece ter a idade a mais. Talvez Alex tenha vinte e cinco anos mesmo e Allan tenha vinte e oito, quase trinta? Não sei.

Alex também falou que foi registrado tarde, essa não seria uma forma encontrada para despistar Yoshida? Mentindo as idades? Colocando Alex como gêmeo de Allan para que a mentira não fosse descoberta? Porque Allan não é filho de Yoshida e isso é certeza! Yoshida deixou Allan ficar com Milla, mas levou Alex para os negócios.

A mãe de Alex pode ter sido morta por ter escondido Alex? Por isso ela mandou que eles saíssem de casa, no entanto, Alex e Allan estavam em um museu e ficaram um tempo morando ali...

Yoshida só foi para a cidade de Alex, quatro anos atrás... E assim que chegou, Milla apareceu na vida de Allan para chama-lo, dizendo que precisaria salvar Tyler... *Um teste para saber se Alex salvaria um pai desconhecido?* Só que Milla falou o contrário, se bem me lembro, disse que Yoshida é o inimigo... Milla pode ter tentado jogar os dois irmãos contra Yoshida, para serem aliados dela.

— Chegou a uma conclusão? — Amanda pergunta, olhando para a estrada a nossa frente.

— Uma conclusão louca, bem louca.

— A história em si é louca. — sorri, depois, olha para o GPS, que manda virar à esquerda, Amanda vira e nos deparamos com um congestionamento de carros.

— Sim, mas nessa pode envolver gêmeos que não são gêmeos.

— Meu Deus! — grita. — Estou quase vivendo a história que minha mãe e minhas tias viveram.

— Também teve algo com gêmeos?

— Sim. Minha tia Jessica, cresceu com minha mãe e com as mães delas, longa história e cortarei essa parte. Tia Jessica cresceu pensando que fosse única, depois, descobriram que o psicopata, havia levado à gêmea de Jessica, e a Jennifer, nome a gêmea, deveria se vingar de Jessica, porque, ao que tudo indica, Jess roubou a vida de Jenny.

— Eu acho que isso pode ter acontecido, mas não dessa forma. Ao invés de separar, eles foram colocados como gêmeos.

— Tipo, dois garotos como gêmeos? — confirmo. — Mas eles têm a mesma idade.

— Eu acho que não, não sei. Sei que pessoas aparentam ser mais velhas ou mais novas do que a idade real, mas não acho que eles tenham a idade certa.

— Minha tia Camille viveu uma vida falsa. O nome dela e do irmão era "Samira" e "Robert". Ela não sabia a idade, não sabia nada. Nos únicos registros que poderiam ter a idade, eles eram colocados com anos a mais. Só que a mãe dela está viva, então sabe o ano de nascimento. Mas eles viveram nessa farsa por anos. Não é tão difícil fazer, ainda mais se tiver dinheiro envolvido. E era engraçado, pelo o que contam, Camille é negra e Christian é branco, havia uma certa desconfiança das pessoas quanto o parentesco deles, no fim, eles são irmãos mesmo, a diferença foram as idades dadas.

— Alex e Allan são diferentes um do outro.

— É seu namorado?

— Sim.

— Uau! Uma treta envolvendo seu namorado, agora sua mente ficará pior, aposto.

— Já está. Como disse, se são gêmeos, a idade precisa ser igual. Ou Alex e Allan são gêmeos e o pai odeia Allan por algum motivo, ou Allan tem a idade de Alex e foram criados como gêmeos. Se minha teoria, que diz que não são gêmeos, for real, pode ter ocorrido uma separação das crianças, porque Alex e Allan podem ser irmãos de verdade, só que Alex é mais novo. Eles foram separados, depois, ambos foram colocados juntos novamente, talvez depois de Alex aprender a andar e a falar, como ambos eram pequenos, não entendiam nada e podem ter esquecido essa parte por causa da pouca idade.

— Você pensou em tudo isso agora ou as teorias já tinham sido formadas em sua mente?

— Pensei nessas últimas partes agora.

— Por isso você tem que liderar essa coisa aqui, nem em uma semana eu

pensaria nessas teorias, ainda mais envolvendo um cara que amo.

— Acontece, eu não forço. Sei lá, parece que algo estala em minha mente e eu começo a juntar peças, a criar teoria, táticas, eu apenas faço.

— Gênios fazem isso, a coisa mínima vira uma grande questão que precisa de solução, seu caso é esse.

E ainda falta algo...

Eu ainda preciso pensar em como tirar Cassie da prisão...

Eu acho que Cassie estará se sentindo pior do que eu, certeza disso... Ela saiu de casa para se vingar, conseguir os objetivos e foi presa antes mesmo de pegarmos Javier. Ela pode se sentir feliz por tudo, por ter ajudado Kat, Marisa e Line, mas sei que ela se sentirá mal por não estar em todas as conquistas e nem saber dos planos.

Eu amo Cassie, sempre amei. Ela nunca está em minhas crises existenciais ou nas minhas reclamações de "ninguém nota minha importância". Quando Cassie viu Rachel pela primeira vez, ela veio me perguntar sobre a ruiva e saber se ela tinha qualificações para entrar na NOSSA GANGUE.

Claro, eu disse a Kat que a ideia foi minha. Kat pegou raiva de Rachel do nada, durou pouco tempo, mesmo assim, ela não estava muito feliz em ver uma pessoa estranha sabendo dos nossos planos.

Cassie e Rachel se deram muito bem, mas, por respeito à Kat, Cassie preferiu esconder essa informação.

Eu acho Cassie maravilhosa, só penso que ela deveria fazer as coisas para ela mesma... Porque ela tem umas questões entaladas na garganta que continuarão entaladas, pelo que conheço dela.

Cassie entendeu tudo o que aconteceu, no entanto... *Ela é como eu.*

— O carro caiu desse precipício. — Amanda aponta para o motivo do congestionamento. As barras de ferro que "protegem" o precipício, está quebrada, os paramédicos, bombeiros e policiais estão olhando para baixo e preparando o resgate. O outro guarda de trânsito está mandando os carros passarem. — A pessoa tem que estar dormindo ou embriagada para cair naquilo.

— Sim, realmente. É uma curva mínima, não dá para perder a direção.

Só se... *Por que tudo precisa de uma teoria?*

— Mais meia hora e chegaremos ao local. — Amanda avisa. — Sabe onde encontra-lo?

— Sim, consegui algumas informações. Além de Heitor saber algumas coisas, Yankee foi à procura do homem e descobriu onde ele anda. É um morador de rua que ficou meio louco das ideias, talvez por ter visto tanta

crueldade?

— Drogas, bebidas. Muita coisa pode ter causado isso no homem. Mas treinar crianças para matar é tenso.

— Ele demoraria tanto tempo para ficar nesse estado? — questiono. — Ele treinou Heitor por anos e treinou mais crianças... Tem algo a mais nessa história.

Quarenta minutos depois, Amanda para no estacionamento de um mercado.

— Vamos parar aqui e encontraremos o homem. — Amanda pega o retratado falado. — Ok, ele só parece com muitos mendigos existentes nesse mundão de meu Deus.

— É, mas ele é um mendigo diferente, um mendigo que finge lutar nas ruas.

— Conheço muitos assim.

— Sério?

Amanda sorri e confirma.

— Você mora em um lugar perfeito, Karen. contei de dedo os mendigos que vi ao redor. Já morei em um lugar com minha irmã onde os mendigos jogavam pedras, gritavam, cantavam, corria atrás de você por dinheiro. Se você desse uma moeda eles viciavam e te seguiam até em casa, juro por Deus! Então, um mendigo que finge lutar não tem nada de anormal, vai por mim.

— Pensei que morasse em uma cidade pequena...

— Dulce Maria, minha irmã mais velha. A idiota pensou que fosse genial irritar o amorzinho dela fugindo de casa, fui junto porque amo tretas e quero estar perto. Estávamos com pouco de dinheiro e moramos no gueto, sério, muita coisa acontece nos guetos, mesmo assim, nós fomos com nosso taco, Dulce também tem um taco, spray de pimenta, dois revólveres e facas.

— Sua irmã parece ser ótima. — sorrio para Amanda.

— Sim, ela é. — sorri. — Ela quis vir para essa viagem doida.

— E por que não trouxe?

— Sério? — seus olhos brilham.

Sim, muito sério. Quanto mais pessoas ao nosso lado, melhor.

— Precisamos de ajuda. Jesse está sozinho vigiando a casa onde estamos porque Jean e Rachel foram procurar o tal lugar da luta, precisamos pesquisar em computadores, lugares e pessoas, quanto mais ajuda, melhor. E fica mais fácil quando alguém de dentro conhece a pessoa nova.

— Eu posso ligar para Dulce e ela aparecerá aqui.

— Demora muito?

— Minutos. — sorri. — Dulce já está aqui, só não sabe onde estamos. Ela pode não ser filha da minha mãe, mas é obstinada igualmente. Tinha certeza que você aceitaria a ajuda dela.

— Vocês são iguais.

— Muito. Ela é boa em luta, juro. Ela quebrou o nariz do amorzinho dela e o braço, além de quebrar outras pessoas, ela tentou fazer uma replica da "Lucille" e bateu na perna de um garoto, deu caso de polícia e ela ficou uma semana detida. Ah, ela bateu no garoto porque ele ficava falando da bunda dela e tocando, não adiantou falar na diretoria. Dulce fez o cosplay de *Negan* de *The Walking Dead* * e foi com tudo. Não terminou o serviço com o garoto porque Drew impediu.

— Eu amo a família de vocês. — falo sério. — São doidos e se apoiam.

— Ah, minha querida, Alejandro é como Fernando. Ele odeia ver as menininhas dele crescidas. Só Lauren o mantém tranquilo, a menina vive em um colégio para gente inteligente, eu e Dulce somos mais aventureiras.

— Mal de homem não acreditar em garotas?

— Mal de homem bandido, porque meu pai é como Fernando, sabe dos perigos e me protege.

Sorrio para Amanda, por sua explicação dos nossos pais.

— Vamos sair do carro, não quero pensar muito no fato do meu pai não me apoiar. — tento não me entristecer.

Amanda pega o celular da minha mão e liga para a irmã, que avisa que chegará em poucos minutos.

A tal Dulce está preparada mesmo, espero que ela seja como Amanda.

— Então, perguntamos primeiro ou procuramos primeiro? — Amanda pergunta, me entregando o celular.

— Procuramos primeiro, assim não chamamos atenção.

Sigo o caminho feito por Yankee e procuro alguém parecido com o homem que treinou Heitor. Após não encontrar nada, resolvemos perguntar as pessoas. Um homem, da banca de revista, reconhece o retrato falado e diz que o homem está morando na outra rua, que fica atrás do lugar onde estamos.

Seguimos o caminho e encontramos uma rua. As casas estão em ruínas ou em estado precário, os bares tocam uma música alta e alguns bêbados dançam ou conversam sozinhos; vejo algumas pessoas fumando aquilo que deve ser crack; algumas pessoa reviram o lixo que tem por perto...

Do outro lado da rua, a situação não era diferente, mas esse lado é pior.

— Ainda bem que não estamos parecendo pessoas ricas. — Amanda sussurra, enquanto andamos mais para dentro do lugar.

Lá, perto de algo que parece ser um prédio em ruínas, está a "cabana" que o senhor da banca de jornais mencionou.

É uma cabana grande, onde um lençol, que deve ter sido branco um dia e está marrom, cobre o lugar. Tem um sofá velho na frente.

— Deve ser ali. — aviso a Amanda.

Andamos na direção na cabana, escutando algumas piadinhas estranhas do homem que estava cheirando cola até poucos segundos atrás.

Chegamos à cabana e o homem sai de dentro. Ele tem uma enorme faca nas mãos. — Olá, garotas. — olho para o rosto do senhor. Acho que é ele, a diferença é que sua barba está bem maior e mais branca. — No que posso ajudar?

Bônus 3

Passado

— O destino é uma piada de merda! — Elijah começa a praguejar em italiano, enquanto prepara-se para seu trabalho do dia.

Seu tio, Luigi, mandou que ele matasse a filha chamada de Milla Baptista. Uma garota fruto de uma noite regada a álcool e drogas, por parte da mãe de Milla. Ao que parece, a mãe de Milla está atrás de Luigi, à procura de dinheiro.

Luigi poderia sumir, mas a família Baptista foi bom com ele em alguns momentos, então, resolveu mostrar gratidão, matando a pior filha da família: Francesca e a filha dela, a menina, chamada Milla, que tem onze anos de idade.

Porém, Elijah não esperava encontrar a morena com Milla, não aquela morena... Poliana Alvarez, Elijah sabe o nome da mulher e sabe que ela perfeita. Ela não tem família, não tem amigos, vive para trabalhar como garçõete, sempre é de casa para o trabalho.

A mulher perfeita, Elijah pensa.

Não tão perfeita, Poliana tem Milla ao seu lado e eu devo matar Milla. Elijah bate a testa no volante, imaginando como fará. Ele deve dar Milla a Luigi, mas Poliana é como se fosse à mãe da menina... Ela pode ama-la... Elijah não pode destruir algo assim, não com Poliana. São seis meses estudando-a, foi sem querer que a conheceu, mas ficou encantado com a mulher solteira que deixa a comida na porta da menina...

Eu quero uma Poliana na minha vida. Elijah pensa e sorri. Calma, paciente, ela pode ser perfeita. Pelo menos, farei com que seja.

Fazendo o retorno com o carro, Elijah se distancia, dessa vez, a procura da mãe de Milla. Com a criança, ele se resolverá depois.

Tempos depois

— Quanto mais grita, fica melhor, querida. — Elijah enfia a faca mais uma vez, na vagina da mãe de Milla, a Francesca.

— Por favor, não! — berrando com a dor, Francesca tenta fechar as

pernas, mas é impossível. Duas correntes prendem os seus tornozelos ao teto, fazendo com que elas fiquem abertas e para o alto. As correntes estão bem esticadas, impedindo qualquer movimento. Os braços estão na mesma situação.

— Querida, eu avisei. — Francesco, o único irmão de Francesca, fica ao lado de Elijah. — Eu avisei que deveria ser legal conosco.

— Eu jamais participaria disso. — mesmo jorrando sangue, Francesca ainda tenta gritar.

— Participou quando chantageou Luigi com a bastarda da Milla! — Elijah enfia a faca e retira mais uma vez, deliciando-se ao escutar o grito da mulher.

— Eu nunca chantagearia Luigi, nunca! — tossindo e cuspiendo sangue, Francesca desiste de gritar. — Foi o Giuseppe! Milla não é filha de Luigi, eu nunca falei que é, Luigi inventou essa mentira.

— Ele nunca inventaria nada assim! — Francesco pega um fraco com álcool e joga no corte na bochecha da irmã. — Ele nunca seria esse tipo de pessoa.

— Pode ser. — Elijah dá de ombros. — Mas você engravidou e teve a menina.

— Milla poderia ser de Luigi, é ruim como ele, manipula. — Francesca fala, entre soluços. — Mas não é, nunca foi! Eu nunca disse nada afirmando, nem pedi dinheiro, nunca o incomodei.

Francesco, que está ao lado de Elijah, pega uma faca e enfia no abdômen de Francesca.

— Pena que a melhor pessoa da família morrerá. — Elijah cantarola, rindo da situação a sua frente. Trabalho cumprido. — Pena que Milla morrerá também. Foi por isso que deixou sua filha para trás? Por que ela não vale nada? O quanto vale, por abandonar uma filha?

— O mesmo que a sua mãe vale por não ter te abortado, nada!

Reunindo toda a sua ira, Elijah grita, ordenando que o estupro coletivo recomece.

— Até que ela engasgue e morra ou morra por falta de ar! — Elijah grita, olhando os homens ao seu redor. — Todos os orifícios, todos! Entrem em todos ao mesmo tempo! — puxando o cabelo de Francesca, ele sussurra em seu ouvido. — Você assinou sua sentença de morte e eu aviso que Milla sofrerá o dobro.

— Ou você sofrerá com essa gente. Eles te enganam, Milla não veio para roubar nenhuma herança, ela não é filha de Luigi e eu nunca disse que é.

— O único sofrimento que veremos, será o seu. — Elijah se distancia, voltando a abaixar a calça e a cueca. — Vamos ver quanto tempo você aguenta sem morrer engasgada ou sem respirar.

Uma semana depois

Poliana Alvarez cuida de Milla como se fosse sua filha, coisa que Elijah não gosta nem um pouco. A menina é manipuladora e pode estar fazendo isso com Poliana, ou Francesca mentiu sobre ela ser má, ele não sabe.

Algo idiota gritava que Poliana deveria ser poupada, mas Milla? Como Elijah pegaria Milla desprevenida? Como matar Milla sendo que Poliana a ama?

Mantenha seu inimigo perto.

Elijah cobre a sua arma, que está na cintura, com a camisa. Decidindo não continuar com o plano, ele dá as costas, deixando para trás a invasão na casa de Poliana.

Pegando a carteira no bolso, ele procura o dinheiro para comprar algo para comer.

Virando a curva, Elijah esbarra com ela, Poliana Alvarez.

O tombo dos dois corpos foi tão forte que faz Poliana ir para trás, perdendo o equilíbrio. Ao mesmo tempo que Elijah segura a mão de Poliana, ajudando-a a manter-se em pé, ele olha de lado, vendo o riso silencioso de Milla, para a mulher que cuida dela como se fosse mãe.

— Não deveria rir, menina. — Elijah repreende Milla, que apenas dá de ombros.

— Não se preocupe, é apenas uma criança. — a voz calma de Poliana chama a atenção de Elijah. Ela se recompõe e volta o olhar para Elijah.

— É assim que começa. — volta a olha para Milla, que tem um ar de superioridade. — Repreenda logo ou piora, uma dica.

A antipatia dos dois foi logo de cara. Milla mostrou o dedo do meio e saiu correndo, Elijah gritou que "menina desobedientes tendem a se envolver em problemas logo cedo". E essa deve ser a verdade, Milla deve morrer logo.

— É uma menina rebelde, a mãe foi embora e q deixou para trás. — Poliana explica. — Deve estar em choque, processando as informações.

Obrigada por me ajudar, Raul.

— Como sabe meu nome? — Elijah toma um susto, por ela saber o nome falso do tio.

Estou vestido de Raul. Elijah lembra. Mas Poliana não me conhece.

— Cartão. — ela aponta para o cartão de segurança, que está no chão, ao lado da carteira que também caiu. O cartão é uma coisa que não serve para nada, mas que Luigi usa. — Não é o seu nome?

— Sim, é. — Elijah sorri. — Seu nome?

— Poliana.

— Chamarei de Nancy. — ele fala sem pensar.

— Por quê?

Porque o nome da minha namorada era esse, até que ela morreu... Elijah tenta não se abalar com a lembrança.

— Se não me engano, significa "cheia de graça", "graciosa", assim como você. — Elijah omite a verdade, sorrindo ao ver Poliana corar. — Até breve, Nancy, tenho certeza que nos veremos mais, pelo menos, eu espero por isso.

Dias atuais

Elijah entra em sua casa correndo, encontrando Poliana sentada, assistindo a TV, em um canal de novelas estúpidas, como ele sempre disse.

Desligando a TV, Elijah encara Poliana, que apenas inclina a cabeça para o lado.

— Quem te ajudou? — Elijah grita, recebendo apenas a cara entediada de Poliana como resposta. — Responda!

— Ajudou em que?

A fala preguiçosa de Poliana eleva a ira de Elijah a um grau que ele nunca imaginou.

Andando com pressa, ele segura o braço de Poliana chacoalha, fazendo com que o óculos de grau caia do rosto da mulher.

— Quem levou Bianca e Diego dessa casa?

— Oh, já soube? — Poliana finge surpresa. — Nem eram para estar aqui.

— Quem ajudou?

— Ninguém!

— Um moleque de seis anos ou sete, pegou um bebê e fugiu?

— Exatamente.

— Poliana, não me faça quebrar o jejum, não faça que eu te agrida aqui e agora.

— Agride! Não me importo!

Pegando todo o autocontrole, Elijah se distancia.

Elijah, daqui a pouco, terá sessenta anos, ele não será como Luigi e Benjamin, sempre fugindo, sempre mudando de casa. Elijah quer uma família e Poliana é a mulher escolhida.

Pelo menos, hoje, ele não quebraria o jejum.

Elijah precisa descobrir quem leva as crianças.

Samantha, Rafael, Christine e Celeste. Dois pré-adolescentes e duas crianças foram levados do seu cativeiro. *Como?* Elijah não sabe. As câmeras não mostram nada, uma hora as crianças estão e depois há um corte na imagem, a imagem volta para um quarto vazio. A repetição ocorreu quatro vezes em quatro dias diferentes, com pausa de três dias para cada captura. Primeiro Rafael, depois Samantha, Celeste e Christine.

Quatro vezes onde os seguranças são mortos. Quem quer que seja é uma pessoa inteligente e forte. Essa pessoa é boa, muito boa e Elijah admite essa realidade.

Mas saber que a própria mulher entregou as duas crianças... É demais para Elijah, ainda mais por ela receber ajuda.

Elijah já acessou as câmeras de segurança e nada, pior, nem os seguranças viram, se viram, são traidores, também.

— Venha comigo! — Elijah segura o braço de Poliana com força e a arrasta para fora da casa, encontrando uma van com dez homens, mais ou menos. — Sabe o que é isso, Poliana? São seguranças novos. Dane-se se tiver um inocente aqui. Dane-se, Poliana!

Poliana olha para os antigos seguranças, que tem os olhos arregalados. Em cinco segundos, ou menos, todos os antigos seguranças são alvejados pelos novos seguranças. Metralhadoras são disparadas e uma grande queda acontece. Todos os seguranças caem de uma vez com inúmeros buracos de tiros em seus corpos.

Poliana olha para Elijah, que sorri por tudo o que acontece. Por essas mortes.

— Isso é sua culpa, Poliana. — ele rosna, apertando mais o braço de Poliana. — Venha!

Arrastando Poliana para casa novamente, Elijah começa a andar de um

lado para o outro, largando Poliana no sofá.

— Quer Bianca somente para irritar Milla ainda mais? É isso? Ela não merece, é um bebê, ela terá uma vida melhor, sem você ou Milla. — Poliana começa a falar, atrapalhando os pensamentos de Elijah. — São duas crianças, poupe as duas, Elijah. Eu não quero filhos, não quero Bianca como filha ou neta, Milla não é minha filha!

— Bianca é minha neta! — Elijah grita, não aguentando mais a voz de Poliana atrapalhando seu raciocínio. — Minha neta! Ela é da minha família!

— Você é o pai de Milla? — Poliana parece que terá um desmaio a qualquer momento.

— Não, sou o pai do pai de Bianca. Eu não sabia até ontem, hoje eu sei, Poliana. Sei que fui enganado, não só por você.

— Como?

Elijah senta no sofá.

— Eu desconfiava disso, fiz exames e todos deram negativo. Algo em Alex chama a minha atenção, além de ser o filho daquela mulher. Algo em Alex me atrai, como se ele fosse um filho. Como um elo entre nós dois. — Elijah sorri. — Fiz exames e nada, então percebi algo estranho em Luigi. Peguei Bianca e fiz o exame nela e em Alex, sem ele saber, deu positivo. Percebi que pode ter sido aquilo. — pensa um pouco. — Então, fiz o meu exame e do Alex, duas vezes, positivo. Ele é meu filho.

— E o irmão dele que está com Luna?

— Allan não é nada meu, não que eu saiba. Mas Alex é meu filho, mais um filho. — Elijah sorri tão amplamente que o seu rosto pode rasgar. — Ele é tão bom, como o Gregory. Os meus dois herdeiros. Eu os uni antes mesmo da confirmação, porque vejo os dois melhores, e os dois são meus filhos. — volta a sua raiva para a mulher. — Mas você deu minha neta, Poliana!

— Mas Milla é filha de...

— Aí que está, Poliana. Outro exame errado. Fiz um exame de Milla em Luigi. Porque se Alex fosse meu filho e tiver transado com Milla, a menina poderia nascer *defeituosa* ou ter algum *defeito* depois. Mas Milla não é filha de Luigi, não tem qualquer relação com ela. Então eu matei aquela mulher, a Francesca, por nada, ela dizia a verdade. Milla não é filha de Luigi, ela não tem direito a nada.

— Quem mentiu sobre o exame? — Poliana pergunta, sabendo a resposta.

— Luigi, ele mentiu para que eu matasse Alex e esquecesse que ele

poderia ser meu filho. Ele inventou sobre Milla, dizendo que seria uma herdeira, para que eu matasse um problema dele, a Francesca e a Milla, porque a família de Milla é ruim, mas você gostava da menina e eu protegi as duas. Essa é a verdade, Luigi me enganou.

— O que fará?

— Farei o correto, Poliana. Aguarde novidades e espere por mim, porque Bianca voltará para essa casa e seremos uma família feliz. Apenas aguarde, Poliana.

Capítulo 9

Karen

— Precisamos conversar. — informo.

— Oh, é o que todos precisam, certo? — ele sorri.

Ele não parece ser doido como Yankee mencionou...

A enorme faca que ele tinha nas mãos é guardada, dentro de uma mochila, que está dentro da cabana.

Uma enorme faca, que parece ser boa, guardada em uma mochila em uma rua repleta de drogados... Autodefesa? Mas ninguém tentou rouba-lo, ou tentaram e é por isso que ele tem a faca?

— Sim, é o que precisamos. — Amanda concorda, com um sorriso. — Mora aqui por muito tempo? Somos do controle de moradia da cidade, estamos pesquisando sobre as vidas dos sem teto, saber como chegaram nessa situação, como é a família, se tem família, o que pretendem para o futuro, o lugar para morar, essas coisas. — Amanda retira um caderninho da bolsa e uma caneta. — Nome?

Ela disse que é burra?

— Sinto-me lisonjeado pela pesquisa ser comigo. — ele sorri, ajeitando o colarinho da sua camisa, que está bem limpa. — Entrem, por favor.

Olho para dentro da sua cabana e me impressiono. A cabana por fora pode ser suja, mas, por dentro, ela é limpa.

Limpa e impressionante...

Entramos na cabana e sentamos nas cadeiras de madeira, aqui tem quatro. Todas limpas e com cara de nova... Assim como esse homem, que a única coisa que tem de diferente e mal cuidada, é a barba e o cabelo cumprido e branco... Olha esses dentes mais brancos que os meus, a roupa limpinha, só não está passada, claro; a sandália parece ser nova, ele fala bem...

Ele não parece doido...

Olho para o canto da cabana, onde encontro um pedaço de carne crua cortada, a faca pode ter sido para isso. Olho para a mão dele, que, agora, está sendo limpa com uma toalha limpa!

A faca poderia ser para nos atacar, mas, se for para nos atacar, eu vim preparada. Eu e Amanda.

— Meu nome é Betino Oliveira. — ele responde.

— Idade? — Amanda pergunta.

— Trinta e oito anos.

Trinta e oitos com tanto pelos brancos pelo corpo? Totalmente branco? Só se a genética dele favorecer para envelhecer cedo... Ou ele pintou.

Pensando melhor, a idade...

Se Heitor começou a ser treinado desde criança e hoje ele tem vinte e cinco anos... Vinte e cinco menos trinta e oito anos, são treze anos de diferença. Se não me engano, Heitor parou de treinar antes dos dezesseis anos, ou seja, esse homem a minha frente tinha vinte e nove anos, mais ou menos? Mas Heitor disse que o homem sempre foi um homem adulto com mais de quarenta anos. Como Heitor começou cedo, ele deve ter o conhecido esse homem quando ele tinha menos de vinte anos?

Esse homem a minha frente está mentindo ou a sua memória está se misturando a outras coisas, como Yankee falou.

— Por que mora nas ruas? — Amanda pergunta.

— Perdi tudo. — responde, meio cabisbaixo.

— Como perdeu tudo? — indago.

— Aposto.

— Apostas em corrida, cavalo, jogos? — tento indagar. — Os vícios são uma pauta da pesquisa.

— Aposto. — repete.

— Qual tipo? — Amanda pergunta.

— Aposto ilegal. — olha para nós duas. — Perdi muita coisa.

— E a sua família? — tento mudar de assunto.

— Perdi junto com a aposta.

— Eles odiaram seu vício? — pergunto.

— Não era um vício.

— O senhor falou que perdeu muito com a "aposta", não com "as apostas", foi apenas uma aposta que fez o perder tudo? Também disse que não era um vício. — faço minhas constatações. *Foi apenas uma aposta...*

Ele apenas sacode os ombros, como se não se importasse.

— Quando perdeu a aposta, sua família abandonou o senhor por raiva ou o senhor os abandonou?

Ele olha para Amanda.

— Não perdi a aposta, eu não fui abandonado. Só os perdi.

— Eles morreram por causa da aposta? — pergunto e olho atentamente

para o rosto desse homem. Vejo que quando ele pisca o olho, seu semblante de tristeza muda para duvida.

— Eu morri por causa da aposta, não eles.

— Uma metáfora? — *ele pode estar tento devaneios?* — Como perdeu tudo, você morreu por dentro? É isso o que quer dizer.

— Não quero mais responder nada. Não quero, não quero, não quero... — ele coloca as duas mãos no ouvido e balança o corpo de um lado para o outro.

— O que faremos? — Amanda pergunta, sem que o som saia de sua boca.

— Encerramos por aqui, senhor. — sorrio para ele, que continua balançando o corpo de um lado para o outro. — Vamos.

Saímos da cabana e andamos de volta para o local onde está o nosso carro. Mas, quando eu olho para trás, antes de virar a esquina, vejo "Betino" nos observando, ao lado do lixão. Quando ele vê que o peguei nos espionando, ele começa a revirar o lixo.

Acho que alguém está fingindo para mudar o assunto...

— Eu não o achei doido, pelo contrário, é esperto. — Amanda sussurra, depois de ver Betino e sua mudança ao revirar o lixo. — Começou a se balançar quando o apertamos demais. Pode ter sido uma crise e ele pode ter algum transtorno mental? Pode, mas...

— Ele pode ter seus momentos de crises, ou pode ter esses momentos para que ninguém pergunte muito sobre sua vida. Você viu, Amanda? Panelas, muitas panelas, alimentos, talheres, tudo dentro de uma cabana sem porta, sem grade, sem proteção. Estávamos cercadas por drogados que matariam para ter uma faca para vender e comprar mais crack, mas aquele homem tem panelas, muitas panelas do que parece ser um aço bom e estão todas ali. Ninguém pegou e se ninguém pegou, talvez seja porque Betino saiba lutar, sabe matar. Ele não é o homem doido que Yankee conheceu, porque Betino deve conhecer Yankee e inventou a loucura para sair da situação, mas ele não conhece nós duas, ainda mais com os disfarces. No entanto, Betino mentiu para o governo, já que dissemos que é uma pesquisa para eles. Ele mentiu para não ser descoberto, deve ter feito muita coisa errada por aqui.

— Você é maravilhosa, eu pensei nas panelas. Gente, eu já vi drogados roubando colchão para vender, imagina panelas? Karen, eu acho que tinha um botijão de gás de cozinha ali do lado das panelas. Sabe quanto isso vale no mundo das drogas? Vale muito e ninguém pegou. Aquele homem de louco não tem nada. Ele nos seguiu, agora não mais, ele disfarçou remexendo o lixo. Eu vi

o semblante quando falou da família. Talvez por isso viva nas ruas? Por que foi obrigado? Por que não pode voltar para a família?

— Por que perdeu Heitor de vista? — dou de ombros. — Pelo menos essa procura serviu para vermos que uma das nossas respostas pode não ser tão perdida quanto pensamos. Que ele pode ajudar, mesmo que forçado.

— Certo, mas como forçaremos esse homem? Ele sabe matar e por isso não deve ser roubado, ok? Para pegarmos, precisaremos de um plano. — começa a sorrir, olhando para frente. — E esse plano pode contar com aquele cara ali. — ela aponta para um cara, que está ao lado do mercado. — Andrew Dalglish.

— Ele poderá nos ajudar com? — pergunto, sem entender a felicidade.

— Com muita coisa, ele é bom em lutar. Eu não imaginei que ele estaria aqui.

Amanda se aproxima da mulher morena e do garoto de boné. Eles se abraçam, depois, entramos no carro.

— Essa é a Dulce Maria e ele é Andrew. — Amanda nos apresenta. — Essa é a Karen.

— A chefe de tudo? — Andrew sorri.

— Não...

— Quem lidera isso aqui? — Dulce pergunta.

— Karen. — Amanda responde, começando a dirigir.

— Mas ela disse que não lidera. — Andrew franze o cenho.

— É que eu não...

— Ela não está acostumada, é uma menina bem modesta, devo dizer. — Amanda pisca um olho. — Então, Drew, já que veio atrás da minha irmã, faça algo de útil. Precisamos de um cara e você tem que pega-lo.

— Pega-lo em qual sentido?

— Transar com ele, seu idiota! — Dulce vira o rosto, como se fosse mata-lo.

— Pode ser pegar de matar, pegar de dar um susto. Tenha calma, menina.

— São como Rachel e Jean. — Amanda sussurra. — Pegar para obter respostas. Mas o cara ensinava a matar.

— Também me ensinaram a fazer essas coisas. — olho para Andrew. — Meu avô comanda um cartel de drogas, meu pai não é tão bom, assim como todos da família. — dá de ombros.

— Mas esse cara sabe matar, literalmente. E precisamos pega-lo. — Amanda repete.

— Tortura? — Dulce pergunta. — Meu sonho é torturar alguém.

— Você tem sonhos estúpidos. — Andrew olha para Dulce.

— É para não torturar você, Andrew. — Amanda sorri.

— Ela está irritadinha porque me convocaram para uma luta e eu pensei em ir. — Andrew explica. — Vale muito dinheiro, mas ela me odeia por isso.

— Que luta? — interesse-me pelo assunto.

— Luta ilegal. O cara que organiza me chamou para participar, ele me viu no outro mercado que tem aqui e perguntou se eu não queria ir. Eu neguei, mas recebi a entrada gratuita só para ver como é.

— E por que não vai? — pergunto.

— Por que é luta ilegal, mesmo que Andrew participe dessas coisas, é um vale tudo. — Dulce responde. — Literalmente, é uma luta até a morte.

Olho para Amanda e Amanda olha para mim.

— Nós vamos a essa luta. — Amanda fala, imediatamente. — Estávamos pensando como entrar, mas Andrew é a nossa solução. Nós entraremos na luta.

— Espera, não diga que os organizadores da luta são os inimigos. — Andrew arregala os olhos.

— Se não existir outra luta ilegal... — meneio a cabeça. — Sim, eles são os inimigos. Por que tanto espanto?

Vejo Andrew bem preocupado.

— Porque eu saí de casa por não aturar as merdas de Drew e para não dedura-lo a família. — Dulce rosna. — Eu estava certa, no entanto. Eu avisei que aquela gente não valia nada. Pessoas, esse garoto idiota aqui. — aponta para Andrew. — Trabalha para o inimigos de vocês. Sim, essa criatura aqui, está nas mãos dessa gente que vocês lutam contra.

— Você está do lado do inimigo? — pergunto, um tanto espantada... Afinal, é mais uma pessoa do outro lado aqui, conosco.

— Mais ou menos. — encolhe os ombros. — Eu não sabia quem eles eram, nem sabiam que eram seus inimigos, não sabia nem que Amanda estava aqui, só segui Dulce. Eu entrei nessa coisa sem querer.

— Você luta? — Amanda pergunta.

— Até a morte. — responde. — Até a morte dos outros. Eu devo mata-los com minhas mãos, essa é a história do meu sumiço de casa. — encolhe os ombros. — Eu me envolvi nessa história e não sei como sair disso.

Bônus 4

Cassie

— Será estranho se eu falar que é melhor ficar presa do que ter minha antiga vida? — olho para Naara, que sorri enquanto lê um livro. — Pelo menos eu como e durmo sem pensar que alguém vai me estuprar ou me matar.

— Talvez eu pensasse assim na minha adolescência. — rio. — Quer dizer, na minha pré-adolescência. Agora, não mais. Tenho amigos verdadeiros e Luiz.

— Você fica tão radiante quando fala dele. — Naara deixa o livro de lado, dessa vez, ela me encara. — Eu acho tão lindo quando isso acontece. Sabe a minha colega de cela que agora é lésbica? — confirmo. — Ela tinha um namorado, mas esse namorado abandonou quando ela foi presa. — sussurra. — Boatos que ele é tão culpado quanto ela, mesmo assim, ele a abandonou aqui, nunca nem mandou carta. Eu vi de perto o sofrimento dela, não é tão diferente do que se vê por aqui. É engraçado, essa garota sempre falava "As mulheres, quase nunca abandonam seus homens quando eles vão presos, mas os homens? Noventa e nove por cento abandonam suas mulheres". O que é verdade, você nunca foi lá na área de visita, os homens são irmãos ou pais, você vê uns dois maridos e namorados, apenas. Pelo que Jesse me falou na visita, Luiz gosta muito de você.

Sorrio ainda mais com isso. Jesse veio aqui na semana passada, depois disso, ele não veio. No seu código enviado, eu entendi como se ele fosse para longe investigar, por isso, outra pessoa viria com os códigos.

Guerrero sempre deixa claro que não me abandonará nem nada do tipo, o que é bem... *Ah, como eu pude ter repulsa por ele no início?*

— Alguém está mais vermelha que o próprio cabelo.

— Alguém fica com os olhos bem fechadinhos quando sorri por Jesse.

— Ele é muito fofo, Cassie! E traz bolo, da última vez ele trouxe bolo de baunilha com doce de leite, além de fazer sanduíches e torta de carne! — ela abraça o próprio corpo. — Eu nunca comi essas coisas. Aquele homem sempre controlava os gastos, esse tipo de "comida" era considerado luxo e frescura. Minhas merendas sempre eram aqueles biscoitos que deixam a boca gordurosa, porque é mais barato. Suco em pó, daqueles que parecem ter adoçante. Mas ele poderia gastar tudo em bebidas e drogas. Uma vez eu usei cocaína.

Olho para Naara, surpresa com sua confissão.

— Eu tinha dez anos. Não entendia a maldade do meu pai na época, ele falou "Cheira aqui", eu cheirei. Fiquei bem tonta, como se tivessem vários pesos em minha cabeça. No fim, minha mãe reclamou comigo. Bem, a coisa foi tão tensa que não cogitei cheirar aquela coisa novamente.

— Eu sinto muito.

— Ah, não precisa. — sorri. — Estou melhor agora.

— Você encara a pena de morte muito bem.

— Ainda não tem data para a execução.

— Não tem como reverter?

— Quem? Eu não tenho advogados, é tudo por conta do Estado, eles pouco se importam, fazem o trabalho deles, mas...

— Tem como reverter? — repito a pergunta.

— Possivelmente, eu soube de alguns casos que foram revertidos à perpétua, grandes merdas. — zomba. — Outros que conseguiram a redução, da morte para uns vinte e cinco anos de prisão.

— Será melhor, certo?

— Não. Cassie, o que farei lá fora? Não tenho casa, dinheiro, conhecidos.

— Eu e meus amigos... — *cara, falei demais!*

— Você?

— Eu tenho fé que sairei daqui, Naara. — respiro fundo. — Você também deveria tentar ter fé e lutar para sair. Eu posso conseguir advogados para você. Não será legítima defesa, sabemos disso. Mas você era agredida.

— Eles sabem, mas foi vingança, Cassie.

— Eles darão um jeito, estudaram para essas coisas.

— Você está bem disposta a me fazer mudar de ideia.

— Morrer, Naara? Morrer por livrar o mundo dessa gente escrota? Não pode! Temos que lutar, lutar sempre.

Sorrindo, Naara volta a olhar para o livro.

— Você tem influências com pessoas importantes? Alguém do governo? Um juiz? Eu devo dizer, para livrar nós duas desse lugar aqui, só sendo uma dessas coisas, caso contrário, nem adianta. Meu crime não tem pessoas para pedir justiça, o seu eu creio que sim. Essa influência tem que camuflar tudo, mas que influência? Pensa nisso.

(...)

A porta da sala é aberta e encontro meu tio, Arthur, a minha espera. Ele levanta da cadeira e vem ao meu encontro, me abraçando.

— Como conseguiu a visita? — pergunto, abraçando-o de volta.

— Por que acha que está com a melhor colega de cela? — nos afastamos e ele me leva até a cadeira, onde sentamos de frente para o outro. — Eu tenho meus contatos.

— Então o senhor tem influência aqui dentro?

Ele ri.

— Cassie, só não temos tanta influência com Oswald, ele não é fácil para ser corrompido. Fora isso, temos influências.

— No governo?

Meu tio ajeita o terno, desabotoando-o.

— Vejo que minha sobrinha está ficando inteligente. Será que pensou em se livrar da prisão por causa dos meus contatos?

— Talvez. — dou de ombros.

— Eu já estou me mexendo para conseguir, primeiramente, precisamos tirar Oswald do caminho, mostrar para ele como seu parceiro era um corrupto e que morreu por ajudar aqueles homens, que foi tudo por legítima defesa.

— E será que está conseguindo?

— Com certeza. Não é tão fácil, Cassandra, estamos falando da morte de um agente federal. Mas, se tudo der certo, você sai daqui, talvez com algum acordo comunitário, um pagamento bem alto, um acordo dizendo que você ficará longe de confusão por anos, uma condicional, prisão domiciliar. Não sei, vamos tentar.

— Acha que vai demorar?

— Espero que não.

— Posso te pedir um grande favor?

— Guerrero? — arqueia a sobrancelha. — No momento não posso fazer nada para ele vir te visitar. Como disse, ainda tentamos mostrar a verdade para Oswald. Ele deve estar de olho em tudo o que acontece com você, eu vir te visitar é uma coisa, Oswald pode desconfiar, mas sou seu tio. Eu nem ao menos chamei Dianna para vir comigo, é melhor que só eu venha. Chamar Guerrero trará mais uma série de questões. Ah, e só uma coisa, esse lugar onde estamos

não tem câmeras e nem escutas, eu verifiquei.

— Entendo, mas não é isso o que pediria, eu já sabia a resposta. O senhor me colocou com Naara exatamente por ela ser boa, certo? — confirma. — Então, use seus meios para tira-la daqui também.

— Já são amigas?

— Ela é a única que me mantém sã aqui dentro.

— Cassie, eu...

— Por favor? Apenas tente. Naara mesmo disse que não tem ninguém pedindo justiça pelas vítimas, se ela for liberta, não terá nada de mais, ninguém nem vai notar, não terá uma pessoa gritando por "Soltaram uma assassina".

— Cassandra...

— O senhor disse que tem como fazer essas coisas. Tio, o senhor junto com os outros atuam há anos nesse país, especificamente, nessa cidade, nada acontece contra vocês, contra seus negócios e dos outros aliados. Chama isso de sorte? Chamo de vocês mandarem nesse lugar. Vocês mandam em tudo, certo? Por isso saem e voltam do Estado, do país quando querem, por isso nunca são parados nas fronteiras, por isso a polícia nunca investiga, por isso eu estou na melhor cela, por isso Fernando foi para outra penitenciária, para ele não ter tanto poder, porém, saiu de lá sem qualquer empecilho, Kat me contou. Vocês mandam em tudo, menos em Oswald, e, claro, Yoshida. E é isso que eles querem, o controle absoluto de tudo o que vocês tem. Não é?

— Você começou a ser bem inteligente.

— Estou presa, sem nada para fazer, as coisas apenas surgem em minha cabeça.

O que também surge é a coisa dos bairros serem de gangues. É algo muito maior que uma simples guerra do tráfico, é algo muito, muito maior.

Agora percebo que estamos falando de um lugar que nunca tem uma operação policial, mas também não tem tiroteios acontecendo. Todos sabem dos territórios, mas eles nunca são invadidos. Oswald entende que algo acontece aqui, e ele veio justamente para quebrar todo o comando, para desestabilizar algo que acontece há décadas.

— Vocês são maiores que a Nostra, mesmo que a Nostra esteja em outras mãos, vocês são maiores. São maiores porque continuam morando no mesmo lugar, mas não temos tanta gente. Tem mais coisa por trás, estou certa?

Meu tio meneia a cabeça, não respondendo minha pergunta.

— A Nostra é grande, quem comanda agora? — a minha duvida desses últimos dias.

— Alguém em quem confiamos.
— Então a Nostra é de vocês novamente?
— Ainda não, essa pessoa tem que saber quem sai e quem fica. Depois, Fernando volta e tudo retorna ao que era antes.
— A Nostra continua não protegendo vocês...
— Cassandra, não pense tanto. Vamos te tirar daqui, você e Naara. Podem ficar tranquilas.

(...)

— Está vendo toda essa divisão? — Naara sussurra, enquanto estamos sentadas em um banco do pátio. — Cada uma pertencendo a um grupo, ou pertencendo a nenhum grupo, como é o nosso caso.

— Gangues de prisão. — concluo.

— Exatamente. Algumas por pertencerem a uma gangue fora daqui, algumas por serem parentes de alguém que é de uma gangue.

No mesmo momento, Naara fica calada, observando a garota que está se aproximando da quadra.

— Eu não acredito. — Naara sussurra.

— No que?

— É a Kenya. Ela voltou. — Naara olha para mim, depois, fecha os olhos. — Ela vai... — para de falar, como se procurasse as palavras. — Ela está pior.

Olho novamente para Kenya, a ex-colega de cela de Naara. Kenya está indo até um banco, que fica perto da quadra. Uma mulher está sentada no banco, sozinha. Ela está de costas, para Kenya.

Kenya está com a mão no bolso e eu já posso imaginar o que acontecerá. Todas as mulheres olham para Kenya, menos as guardas, elas parecem alheias à situação.

Aproximando-se da mulher, Kenya cutuca o ombro da outra, que apenas vira, olhando diretamente para uma Kenya sorridente.

Naara aperta a minha mão, sinto que a sua está gelada. Ela também sabe o que acontecerá.

A mulher diz algo, Kenya parece que ri. Logo em seguida, Kenya retira

algo do bolso, eu não vejo o que é porque é bem rápido. Só sei que a mulher é atingida no pescoço e Kenya dá alguns passos para o lado, provavelmente, para que o sangue não a suje e para que a mulher não caia em cima dela.

A mulher cai no chão, agonizando, apertando o pescoço e tentando gritar, em meio ao sangue jorrando.

Todas as mulheres olham a cena, ninguém grita, ninguém vai até a mulher... Olho para as guardas, todas alheias a situação.

Eu apenas fico estática, como todas.

— Ninguém escuta, ninguém vê. — olho para o lado, encontrando uma senhora sussurrando. — Nada de novo, a assassina em série voltou e mostra para que veio.

— O inferno começará novamente. — a outra detenta sussurra. — Será pior.

Kenya olha para a minha direção e sorri, provavelmente, é para Naara. Kenya vem se aproximando, como se nada tivesse acontecido. E, realmente, parece que nada aconteceu.

As mulheres que antes olhavam a situação, não olham mais. A mulher já deve estar morta e só agora as guardas fazem algo, que é correr para a mulher.

— Naara, quanto tempo. — Kenya sorri, parecendo ser bem sincero.

Eu não diria que ela é uma assassina em série. Ela deve ter minha altura, é magra e tem um rosto angelical. Sua pele é negra, um tom mais claro, como Jasmine. Kenya tem tranças no cabelo. Seu sorriso é... É de alguém que está feliz em ver outra pessoa.

— Você só pode ter voltado pior que antes. — Naara grunhe. — Matar no pátio? Para todos presenciarem?

— Para mostrar que voltei sem medo algum. Para mostrar que não vou mais atacar em banheiro ou em lugares reservados. O que pode acontecer comigo, Naara? Ser presa? Espera, eu já estou presa. — ri. — Fora que eu não tenho digitais. — mostra as mãos. — Ela se foram há anos. Se alguém contar o que aconteceu, eu saberei e irei atrás, simples.

— Câmeras...

— Naara, alguém quer que eu continue matando. Olha a demora que as guardas entraram, olhe ao seu redor, ninguém se importa. Ao mesmo tempo que querem que eu morra, alguém quer que eu mate. É uma guerra onde eu sou a peça chave. — Kenya olha para mim. — Quem é a de cabelo vermelho?

— Cassandra. — falo meu nome.

— Colega de cela? — Kenya olha para Naara, que confirma. — Sinto

muito, garotas, mas vocês viraram alvos a partir de agora. Porque continuo sendo colega de vocês, então, se forem me matar, eles tentarão atingir vocês, a culpa não é minha. — dá de ombros. — Mas fiquem felizes porque eu estou bem disposta a matar, e devo dizer, Cassandra, que a culpa não é minha mesmo. — ela toca o meu cabelo, depois solta. — Ouvi falar da ruiva, o novo alvo daqui, só não esperava vê-la tão rápida.

— De quem sou o alvo? — pergunto. — De quem, especificadamente?

— Já matei uma que queria te matar e tentou me matar antes, falta o resto. Elas não estão aqui, deve pegar o outro horário de banho de sol. Mas eu escutei falar que elas também vão matar você.

— Quem falou?

— Alguém que quer nos ver vivas.

— Por quê?

— Não sei, não falou. Ele apenas entrou no quarto do hospital e me avisou, ele me deu aquela faca que eu matei a mulher e avisou que você também está contra todos, mas não disse o nome nem nada. Não vi o rosto dele, fui vendada. Mas é alguém bem importante, devo admitir, ele tirou toda a polícia do quarto, me deu uma faca e fez com que ficassem cegos por esse assassinato. Então, tem alguém importante nos protegendo, ou melhor, tampando os olhos daqueles que podem nos culpar por nos defendermos.

Meu tio e todos os outros?

Se bem que a maior dúvida ainda está instalada em minha cabeça, ninguém fala do assunto e meu tio nem entrou em detalhes: Quem está no comando da Nostra agora? Por que continuamos no mesmo lugar e nunca sofremos nada? Quer dizer, não sofremos nada de tão grave.

Pela primeira vez na vida, eu sinto que pensei em algo sozinha e posso estar indo para o outro lado de toda essa história. Tem mais gente envolvida em toda a história, e ninguém nunca percebeu.

Capítulo 10

Alex

— Então, estaremos em uma caçada mortal. — Gregory anda ao meu lado. — Legal, agora entendo o motivo de estarmos juntos. Para sermos uma dupla mortal.

— Qual deve ser o tipo de caçada? Quem é a vítima?

— Um inimigo de Yoshida, provavelmente. — Gregory sacode os ombros, mostrando que não está muito interessado no assunto.

Subimos as escadas, voltando para a área onde ficam as armas, guardamos as nossas e voltamos para a área onde todos os homens estão reunidos.

Os homens que estão aqui, conversam em sussurros, muitas vezes, encarando Gregory, que apenas revira os olhos para tudo.

— Às vezes é um saco ser tão temido. — Gregory me encara. — Eles temem você, mas não deixam de sussurrar, certamente falam "O que esse louco pensa?". Como se o louco fosse eu, não o chefe deles, ou melhor, eles mesmos.

— Cara, por que nós dois? — sussurro, o mais baixo possível. — Nós nunca fazemos nada de cruel, só se a tal caçada for para mostrar o que somos e o que podemos fazer.

— Um motivo para nos matar, quem sabe? — Gregory retira a sujeira que está debaixo das suas unhas, não se importando muito com a nossa conversa. — Para não acharmos a tal vítima e Yoshida poder acabar com nós dois. — olha para mim, sorrindo. — Você é uma pessoa normal, tem medo, eu não tenho medo.

— Não acredito, cara. Você tem medo, você é mais humano do que parece.

Gregory quer passar a impressão de pessoa fria, mas na nossa conversa naquela casa, ele é mais sentimental do que parece, e tem segredos. Muitos segredos.

— Adoro nossos diálogos, são poéticos de um nível absurdo. — ironiza.

— Você sorri para não chorar. Seu semblante mostra algo diferente de felicidade e da áurea de "pouco me importo". — encaro-o ainda mais, vendo seu olhar suavizando um pouco, perdendo aquele "humor" anterior. — Você se importa com algo, talvez com alguma pessoa que esteja presa.

— Aprendendo a estudar pessoas? — piscando os olhos, ele volta a ter o

olhar "humorado".

— O que te faz pensar que não sou bom em conhecer pessoas e entendê-las?

— Sinceramente? Nada. Apenas testo você, na verdade, acho que você é a melhor pessoa daqui. — rindo, ele volta a encarar os outros homens, que mudam a direção dos olhares. — Sendo bem sincero? — respira fundo. — Vamos parar com essa conversa, está ficando meio gay e as pessoas daqui já pensam muito sobre minha sexualidade.

— Isso incomoda?

— Se ser gay me incomoda? — nega, balançando a cabeça. — Me incomoda mais viver aqui. Não sou gay, apenas acho bizarro transar com aquelas prostitutas que todos pegam, já fiquei com elas e é incômodo. São falsas, são pagas para dizer que você é o melhor e que te ama, elas se esforçam ao máximo para gostarem, mas sabemos que não é verdade, e sendo mais sincero, não me esforço em nada, é algo vazio, sexo sem sentimento, não que eu tenha sentimentos.

— Esqueço que você não é humano.

— *Touché*, meu caro parceiro. — ri. — Tem momentos que tem toda aquela pressão dos caras, mas eu pego uma mulher e pago para ela ficar calada e me deixar em paz durante uma hora, dá certo.

Sorrio, lembrando que já fiz isso. Masculinidade nesse lugar inclui sexo, consentido ou não. Então, duas vezes, tive que pagar pelo silêncio das mulheres, porque nem toquei nelas.

Depois de Karen, eu não fiz mais sexo, quer dizer, depois que descobri gostar dela. Depois que descobri que a amo, aí que não fiz nada mesmo.

Não sou o cara que pegava várias, nunca fui, sempre estava ocupado ajudando Tom e depois teve a grande confusão com Milla... *Céus, eu transei com Milla! Como pude esquecer esse momento obscuro da minha vida? Primeiramente, onde estava com a cabeça quando transei com aquela mulher?*

Karen deve saber o que fiz, ela já falou algo como "Milla é uma vadia, mas você estava com ela, então, por que eu?", contornei a situação dizendo que Milla nunca será um parâmetro para comparações, entretanto, Karen continuou com aquela pontinha de duvida chata chamada de "Por que eu?", coisa que odeio, porém, tenho que recordar que Karen, apesar de ser um pequeno gênio, continua sendo uma adolescente e novata nessa coisa de amor e namorado... *Mas, olha só, eu também sou novato nessa coisa, no entanto, sou mais velho...*

Não, idade, não vamos pensar nisso! Karen planejou mortes e ataques, ela não é nenhuma criancinha, eu acho que ela tem mais maturidade do que eu, acho não, tenho certeza.

— Alex e Gregory. — olho para cima, encontrando Yoshida nos encarando. — Venham comigo.

Olho para Gregory, sem virar minha cabeça, noto que ele também faz o mesmo. Ainda não temos certeza do motivo de nós dois termos tanto a atenção de Yoshida, quer dizer, eu sei o motivo de Gregory, agora o meu? Isso ainda é um mistério em minha vida, e não sei se gostarei da resposta.

Levantamos da cadeira e seguimos Yoshida, passamos por um túnel, depois, por uma escada, subimos e encontramos a fábrica abandonada, por onde tem a passagem secreta, nos levando até um campo de treinamento, que está vazio. O campo é uma área limpa, sem mato, apenas ao redor tem um vasto matagal, certamente aqui não será encontrado por qualquer radar. *Yoshida e suas tecnologias*. Ali, logo a minha frente, temos um helicóptero, por onde, certamente, Yoshida chegou. Poderia colocar uma bomba ali, mas como chegar ao helicóptero sem chamar a atenção? Só para ter ideia, mais de dez homens estão em volta do helicóptero, não preciso citar os armamentos que eles têm.

E tem algo sobre o plano de morte de Yoshida, matar Yoshida pode não parecer tão difícil, não se você estiver disposto a morrer por isso. Agora mesmo, eu poderia ter roubado uma arma no arsenal e atirar em Yoshida nesse exato momento, eu morreria, certeza que sim, no entanto, levaria Yoshida comigo, mas, e depois? Yoshida pode ser o chefe, mas tem gente com ele, matando Yoshida, os outros tomarão a frente e dará no mesmo, eu terei morrido e levado apenas um, o objetivo é matar todos.

Yoshida para e paramos logo atrás, no mesmo instante, um homem se aproxima, com duas armas nas mãos.

— Aqui. — Yoshida vira, nos encarando e indicando as armas para pegarmos. — Duas AR-15* (**O ArmaLite AR-15 é um rifle de assalto de fogo seletivo, 5.56×45mm desenvolvida pela Armalite, refrigerada a ar, alimentada a gás, com um parafuso giratório e um projeto de recuo em linha reta**), vamos ver como vocês se saem com essas armas. — aponta para os alvos, que estão a metros de distancia. Os alvos são como pessoas, acho que deve ser madeira. — Vamos ver como se saem na mira.

Yoshida nos indica os lugares. Eu do lado direito e Gregory do esquerdo.

— Atirem! — Yoshida ordena, nem dando tempo de processarmos o que acontece aqui.

Miramos e atiramos. A madeira se estilhaça, perdendo o alvo que

tínhamos, no mesmo instante, outro alvo aparece, em um lado diferente do anterior, entendemos o teste, não é apenas a rapidez, é a agilidade em mudar de alvo e ainda assim acertar o local para ser fatal.

Trocar a munição parece um teste com mais precisão, Yoshida jogou a munição, rindo e dizendo para ser rápido.

Foi isso, acabamos com todos os alvos e escutamos os aplausos de Yoshida.

— Cara, agradeça, meu último teste envolvia pessoas reais como alvos. Era um contra o outro, só dois poderiam viver, óbvio que eu consegui. — Gregory murmura. — Agradeça por Yoshida ter feito isso, porque, se não, poderia ser nós dois, só que seríamos inimigos.

— Ele não quer isso, Gregory, ele quer a nossa aproximação. Por algum motivo secreto.

— Venham! — Yoshida grita. Olhamos para ele, onde, agora, vemos uma mesa sendo colocada, uma garrafa de tequila está na mão de Yoshida, mas precisamente, da marca *Don Julio*. — Não é uma das mais caras, mas é o que temos. — indica a bebida. — E acho que vocês sempre tomaram bebidas desses bares pobres, com bêbados pendurados no balcão, infestados de moscas...

— Sabemos que somos pobres, é que não temos dinheiro para comprar essas bebidas de gente rica, é a hierarquia. — Gregory zomba e recebe o riso de Yoshida em resposta. — Não precisa falar da nossa pobreza como se fosse nojento.

— É nojento, nem adianta argumentar. — coloca a bebida nos copos. — Isso aqui é vida! Como digo, essa não é a melhor, mas foi o que encontramos.

— Por que a bebida? — pergunto. — Por que a mesa?

Yoshida vira a tequila de uma só vez.

— Nem limão temos, sal, nada! Esse lugar não é para vocês. — nos entrega os copos. — Eu bebi da mesma garrafa, sem veneno. Isso aqui. — aponta para o lugar. — É o que chamamos de "boa vida", onde vocês também podem participar. Sair da pobreza que é a vida de vocês.

— Bom humor? — arqueio a sobrancelha.

— Sempre é bom ter bom humor. — sorri, dessa vez, outro homem aparece, em uma badeja, vejo três cigarros de maconha. — Algo para nos relaxar ainda mais.

— O que está acontecendo? — Gregory pergunta. — Por que tanta gentileza?

— Gostei de chamar a maconha de gentileza.

— Sério, o que está acontecendo? — pergunto.

— Sentem-se. — aponta para as duas cadeiras, onde eu e Gregory sentamos, entregando as armas ao outro homem. — Eu gosto muito do trabalho de vocês, ainda mais vendo como se dão bem, como são companheiros. Isso é difícil aqui dentro, a maioria desses homens se odeiam.

— E quem garante que não nos odiamos? — Gregory questiona. — Que não fingimos?

— Conheço as pessoas, eu as estudo, Gregory. Vejo parceiros, ótimos parceiros. — olha para mim, depois para Gregory. — Alex, como era seu relacionamento com Tyler?

— Não tinha relacionamento, quando nos encontramos, conversamos pouco.

E eu o odiava...

— Queria que tivessem um relacionamento de pai e filho?

— Não.

Sim!

— E Jasmine? — Yoshida insiste nessa família.

— Não sei, sempre foi chata, nunca deixou que eu me aproximasse, sempre muito desconfiada. Não convivemos muito.

— E ela morreu, você a enterrou. — relembra.

— Sim.

Não.

— Ela não morreu. — fala de uma só vez e volta a tomar sua tequila.

Vamos lá, vamos fazer um teatro e fazer a cara de surpreso.

— Como? — arregalo os olhos. — Eu a enterrei.

— Sim, mas aquele traidor que matei daquela vez, certeza que ele avisou ao Fernando e a salvaram, certeza que ele injetou outra coisa para parecer que Jasmine havia morrido. Resumindo, ela está viva e bem, você gosta disso?

— Não sei. Eu... Eu não convivi com ela, eu não gosto de Tyler. Jasmine? Ela não faz diferença em minha vida.

E não fazia mesmo!

— Daniel? — pergunta, me estudando ainda mais.

— Não me importo.

Ele só é meu cunhado, apenas... Cunhado, palavra interessante... Que Yoshida não cite Karen, não sei se meu teatro de "não me importo", servirá para ela.

— Tem uma garotinha bem inteligente, o nome dela é Karen...

Deus, que não seja o que estou pensando.

— Ela é uma pequena *geniazinha*, o que me faz pensar qual o QI dela, para tão pouca idade. — ele toma mais da sua tequila e manda que eu e Gregory façamos o mesmo. Bebemos o líquido e eu nem faço cara feia, estou mais em choque com Yoshida falando de Karen. — Eu quero a garota, não para essas coisas que faço.

— Então, você a quer pela inteligência? — questiono, tentando não parecer interessado, ignorando a minha boca seca, o meu coração disparado... *É medo o nome? É, é esse o nome.*

— Exatamente, ela é estrategista, penso em como ela não me ajudaria. Sendo sincero, meninos, eu nunca sei quem está e quem não está ao meu lado. A minha grande dificuldade é que quem está aqui, eles pouco se importam com a família ou não tem família, então, não tenho como ameaçar. Agora, essa menina ama a família, se eu pega-la, posso usar esse amor ao meu favor.

— Usará a inimiga ao seu favor? Muito audacioso, não acha? — Gregory pega o isqueiro e acende o cigarro. — Se ela é tão inteligente, ela dará um jeito de sair dessa.

— Vocês não entendem, a menina é inteligente, tem táticas, ela pode me ajudar com a ampliação dos negócios.

— Você precisa da inimiga para isso? Não faz sentido. — tenho que dizer.

— Faz sentido, usarei a família dela para meu objetivo, ela terá que arrumar táticas.

— E o que aconteceu com quem fazia as táticas? — atrevo-me a perguntar.

— Ainda nada, ainda. — murmura. — Em breve, eu não garanto. Mas eu preciso de Karen, dela viva. Preciso da Rachel, também. Das duas vivas.

— Elas são as nossas caças?

— Quem sabe, Gregory? Não fuma? — olha para mim.

— Fumo. — afirmo.

Pego o cigarro de maconha da mão de Gregory e acendo, dando o primeiro trago e soltando toda a fumaça.

É como a primeira vez, sendo que a última foi há uma semana... Isso é meio forte...

— Boa, não é? Guerrero é bom em muitas coisas, e maconha é uma delas. — Yoshida também está fumando.

Guerrero... Agora é o momento que Yoshida me colocará para ficar perto deles?

— Guerrero é um traficante, filho de traficantes, não sei ao certo o que aquele moleque é. Moleque não, deve ter uns vinte e seis anos ou mais, não sei. — dá de ombros. — Mas ele está por trás de muitas das merdas que acontecem e quero acabar com ele, não agora, em breve.

— Resume essa conversa.

Com humor nos olhos, Yoshida encara Gregory.

— Eu gosto da sua audácia, sem medo de morrer.

— Tenho medo de viver.

— Profundo. — Yoshida arregala os olhos, em aprovação.

— Poético. — murmuro e Gregory sorri.

— Gosto da cumplicidade dos dois. — olhamos para Yoshida. — Karen e Rachel não são a caça, eu quero algo dos dois. Alex, você está voltando para Tyler. Ele pode desconfiar do que você faz da vida, mas se faça de coitadinho e entre na família novamente, quero você perto dele e de Allan.

— Allan está com Tyler?

Não imagino algo assim... Não vindo de Allan.

— Talvez, não sei. Quero que vá até Tyler, pegue a confiança e tome tudo o que você tem direito. Você e Allan são os filhos homens, herdeiros de uma gangue, Alex. Pegue tudo o que tem direito, lembre-se do abandono. — olha para Gregory. — E, Gregory, você é o segurança de Alex, não é para aparecer, é só para ajuda-lo quando precisar.

— Mas...

Yoshida levanta o dedo, impedindo que eu fale.

— Antes disso, tem uma missão para os dois. Tem uma luta muito em breve, preciso que matem uma pessoa. Na covardia mesmo, dane-se. — dá de ombros. — Depois dessa morte, vocês completarão a missão. Agora, estão liberados.

Bônus 5

Atual chefe da Nostra Ancoma

— Ser o novo chefe da máfia e ainda trabalhar... — Joaquin balança a cabeça, um tanto incerto.

— Estou nessa há meses e nada aconteceu, e nem acontecerá. — o filho de Joaquin ajeita a gravata, enquanto o pai continua olhando para o celular. — Victor avisou que foram atrás de Karen. Se algo acontecer a eles, a culpa será nossa. Nós indicamos aqueles homens para fazer a segurança da filha de Fernando e dos seus amigos.

— E eu ainda não acredito que todos me traíram. — o atual chefe da Nostra, olha para o pai. — Um até pode ser, mas todos? Isso não. Fernando confiou em mim, confiou que ser o outro homem no comando não me deixaria ser mais poderoso que sua família. Espero que ele não pense em alguma traição. Votaram em mim por pensarem que eu seria melhor, ninguém do outro lado apareceu para tomar o poder e eu fiquei a frente, acabar com os Bertollini's não está nos meus planos.

— Fernando deve saber disso, se não souber, você sabe que pode se dar mal. Fernando pode acabar com você.

— Eu sairia do outro negócio, mas tive que ficar. Corro riscos pelo bem de todos. Algum segurança traidor não poderá acabar com tudo.

— Algum segurança traidor? Todos...

— Pode ser tudo uma jogada. Nos meses que estou à frente da Nostra, nenhum deles mostrou ser do lado inimigo. Eu não posso ter errado na minha avaliação de caráter.

— Por falar em avaliação de caráter, será que sabem o que fazer com o possível traidor?

— Falei pouco com Fernando, mas veremos o que fazer. Basta o traidor reaparecer.

(...)

— Se um cai, todos caem. — o diretor, que comanda o presídio onde Cassie está presa, cruza as pernas, encarando o homem a sua frente. — Mas eu não sou o culpado de Cassandra estar aqui. Arthur veio mais cedo e liberei a

visita. Cassandra está com a melhor garota daqui, aquela que nunca arranja confusão. No entanto, o que quer? O julgamento dela não é comigo e vocês sabem.

— Sim, sei e já estamos nos mexendo para tira-la dessa situação. Eu só preciso da precariedade do Estado.

— Precariedade? — o diretor balança a cabeça, um tanto incerto.

— Até um dia desses vocês sofriam pela falta de guardas, por greves, paredes ocas, sem infraestrutura, câmeras quebradas...

— Quer começar uma rebelião, é isso? Quer uma fuga?

— Você está mais sujo que todos nós, sem falso moralismo. Não apenas você, todos. Não sei se tem alguém inocente nessa história, porque quem não recebe um pagamento nosso, está calado sobre tudo, então, eles ajudam indiretamente. Esse lugar era nosso até a federal chegar.

— Assassínatos, vocês mataram muitos. — o diretor faz a observação, carregando a voz de acusação.

— Não imaginamos que a federal viria, que Oswald estaria tão ligado nessa cidade.

— A cidade não pertence mais a vocês, a Nostra não manda mais.

— Quem disse?

— Se eu me calar, se eu for conivente, Oswald desconfiará. Então ele alertará a todos, ele não alertará alguém daqui, será de fora.

— Esquece o Oswald e faz o que eu mando! Essa penitenciária voltou a estar em crise, você pede a verba, a verba acabou na última reforma, entrem com um processo que demorará meses...

— Essa desculpa não cola...

— Cola e dará certo. Vocês sempre fazem dar certo. Esquece Oswald e a federal, eles são os menores problemas. Sabe o que acontecerá se a Nostra perder essa guerra? Quem comandará será alguém bem pior. Nós fazemos o serviço de vocês. Aqui está na paz? Não tem tiros e nem nada assim, agradeça a todos nós. Ladrão não entra, traficante de fora nem pensar, sem estupros...

— Eu entendi. — o diretor interrompe. — Só garanta que isso não sobrar para o meu lado.

— Só garanto que tem muito jovem da Nostra querendo mostrar poder, e quando falo que são jovens, quero dizer, da idade do seu filho. — ele se aproxima mais do outro homem. — Que podem entrar na escola do seu filho e ser bem próximo a ele, assim como qualquer pessoa da sua família. Pensa bem no que falei.

(...)

— Olá, Kenya. — aproximando-se de Kenya, o homem observa que os seus olhos estão, realmente, vendados.

— Veio me matar? — Kenya pergunta. — Me curaram para me matar depois? — bufa. — Que merda.

— Não, vim para que mate alguém.

Kenya vira a cabeça para o lado, parecendo que isso fará algum efeito para ver o homem que está por perto.

— Onde estão os guardas? — ela pergunta.

— Descansando.

— Quem é você? Por que os guardas saíram? — Kenya tenta mexer as mãos, mas é em vão, elas estão algemadas a cama.

— Para você ver que sou tão importante ao ponto deles saírem. Eu sei quem você é e o que faz e fez da vida. Treinada para matar. — o homem sorri. — E daí? Também fui, mas não por alguém psicótico como Yoshida.

— Do que está falando?

— Sem enrolação. Os homens que você matou, todos ligados de alguma maneira a Yoshida. E você tem um corte no braço, você mesma tirou o rastreador, estou certo? — Kenya não responde. — Você não tem impressão digital, como perdeu? Ou você mesma que tirou? Porque pelo seu "trabalho", é importante não tê-las.

— Quem é você?

— Alguém que precisa da sua colaboração. Ajudando-me, eu darei a você muitas coisas.

— Liberdade inclusa? A chance da minha vingança? Dinheiro? — pergunta, tentando entender que nível de poder esse homem tem.

— Tudo.

Kenya ri, com deboche.

— Será que você é o juiz que está trabalhando no meu caso? O presidente do país?

— Alguém que conhece todos eles. Agora seu sorrisinho sumiu. — o homem coloca a mão no rosto de Kenya. — Você é muito jovem, jovem demais

para ter feito tanta coisa. E bonita.

— Quer que eu seja uma vadia por acaso?

O homem sorri.

— Talvez.

— Eu arranco seu pênis e enfio uma faca em todos os buracos do seu corpo.

— Por isso eu quero você ao meu lado, mostro todo o meu poder e você me ameaça.

— Não ameacei, prometi, tem diferença.

— Melhor ainda.

— Qual o seu problema?

— Todos os problemas, incluindo algo em comum. — ele retira a mão do rosto de Kenya, surpreso por ela não ter virado o rosto, já que não pode mexer a mão. — O problema chamado Yoshida.

— Você sabe que estou presa, certo? Você vê isso?

— Quem tentou te matar, está no presídio. São comparsas de Yoshida. Lá tem uma menina que é muito importante e ela precisa de proteção, a sua proteção.

— Não serei guarda costas de ninguém.

— E se eu falar que essa garota ferrou com a vida de alguém importante para Yoshida? Que essa menina faz muita coisa para acabar com ele? E se ela está presa, é por culpa dele? Ela precisa de proteção, ou mais uma pessoa morrerá por culpa do nosso inimigo. Se você quer acabar com Yoshida, precisará salva-la. Salve Cassandra, a ruiva que é colega de Naara, salve-a e eu dou um jeito de tirar as três dessa situação, livres.

— Como vou acreditar em alguém que nem vejo o rosto? É quase igual a Yoshida.

— Não, não sou. Não uso máscaras, não tráfico pessoas, eu apenas escondo o rosto porque se um dia você me ver, você não saberá que fui eu que estive aqui.

— Então a sua única diferença para Yoshida são essas coisas, o que faz da vida?

— Ser tão ruim quanto Yoshida, no entanto, eu quero acabar com ele.

— Eu não sei se...

O homem coloca algo no bolso de Kenya, fazendo com que ela se cale.

— Ninguém vai te revistar. Quando você ver o que coloquei em seu

bolso, você verá que falo a verdade, que quero ajudar. Quando chegar ao presídio, uma de suas inimigas estará sozinha, sem a gangue de Yoshida por perto. Use o que te dei. Você não terá medo de usar, eu sei, e quando usar, garanto que nada acontecerá por conta do seu ato. Isso mostrará que falo a verdade e que tenho poder em ajudar você, Cassandra e Naara.

— Por que Naara? O que quer dela?

— Eu, assim como o líder, ajudamos quem nos ajuda. Naara ajuda Cassie, então ajudamos Naara.

— Então você não é o líder.

— Sou o líder porque o líder confia em mim, então, eu tenho poder. Pensa no que eu te disse.

— Você pertence ao que?

Ele se afasta, não respondendo a pergunta de Kenya.

Ele não falará que é o novo no comando da Nostra Ancoma, nem mostrará o rosto para a garota. Porque ele não garante que não verá Kenya sem que ela esteja vendada, ou que ela não contará a Cassie como ele é...

Não que seja como Yoshida, mas não podem saber quem está no comando da Nostra. Não antes dele se livrar da sua vida paralela, aquela que só foi usada para ajudar Fernando nos negócios.

No momento, ele precisa trabalhar na vida antiga e na atual. Ele ainda pode ter sido o culpado pelos seguranças traidores. Mas ainda acha que Karen é inteligente o suficiente para se livrar de qualquer coisa que esteja atrás dela, pelo menos, ele reza para que sim.

Capítulo 11

Karen

A viagem ocorreu em completo silêncio, causado pela conversa de Andrew.

Saímos do carro e entramos na casa, encontrando Jean e Jesse conversando, sentados no chão, Rachel deve estar cozinhando.

— Ei? — os dois olham para mim e para os outros, com incerteza. — Quem são?

Depois das apresentações serem feitas e de Andrew repetir toda a história da luta, eu começo a perguntar:

— Como eles te encontraram se você disse que foi tudo sem querer? — olho para Andrew, que encolhe os ombros, claramente se sente culpado. — Ameaças?

— Vamos do começo. — ele senta no chão, ao lado oposto do nosso. — Meu pai sempre lutou e me ensinou algumas coisas. Uma vez eu estava com meu irmão mais novo, teve uma confusão e eu entrei na briga para ajuda-lo, separaram a briga e nos mandaram sair dali ou chamariam a polícia, saímos e na outra esquina, fomos parados por um homem. Esse homem falou que nos viu lutando e que somos bons, eu e meu irmão, no caso. Ofereceu ajuda, disse que seríamos ótimos, mas negamos. O nosso carro estava estacionado um pouco distante dali, pegamos o carro e fomos embora. Dois dias se passaram e encontramos o homem novamente, ele jurou que era coincidência, ou melhor, disse que o destino estava conspirando para nos encontrarmos e eu aceitar a sua oferta de trabalho.

— Ele seguiu vocês. — concluo.

— Sim, seguiu. Eu comecei a desconfiar a partir dali. Na época, meu irmão ainda estudava, estava fazendo um curso, então estávamos na cidade vizinha a que eu moro, precisávamos voltar para casa. Nessa volta para casa, percebi um carro nos seguindo. Fiz outro caminho, fui fazendo vários e notei que estavam nos seguindo mesmo. Foi então que eu parei o carro em uma lojinha e o carro parou alguns metros de distancia. Chegamos à conclusão que não dava para fugir, apenas voltar para a outra cidade onde estávamos, não queríamos levar problemas para nossos pais, e o caminho para casa estava mais longo do que a volta. Fora que a estrada tem pouco movimento, nem daria para despistar. Voltamos para a cidade e o carro parou de nos seguir, provavelmente, viram que

voltamos para o lugar onde eles nos encontrariam.

— Vocês devem lutar muito bem, para seguirem vocês tanto assim. — Jean faz a observação.

— Na luta, foram quatro pessoas contra eu e meu irmão, e vencemos, pode ter chamado a atenção. — torce a boca. — No dia seguinte, eu e meu irmão fugimos do apartamento e fomos para outro, nos certificamos que não estávamos sendo seguidos. Quando fui sair para trocar de carro, porque aquele já estava conhecido, o carro voltou, eles já tinham nos encontrado. Aconteceu, eu precisava saber o que era aquilo. Eu e meu irmão saímos em direção ao carro e o vidro desceu, nos mostrando outro homem diferente daquele que sempre estava por perto, ele disse que estava surpreso, que o outro cara tinha contado uma história dos irmãos, mas que ele tinha que ver de perto. Que achou inteligente eu não fazer o caminho completo naquela minha saída, que mudamos de casa e despistamos por algumas horas e que tivemos coragem de ir até eles.

Olhando para Dulce, Andrew continua:

— Ele não me deixou falar nada, apenas pegou o saco de dinheiro e jogou nos nossos pés, disse que deveríamos ir a tal lugar em tal hora, ou ele voltaria e nos mataria, que nem adiantaria chamar a nossa família, ou ele acabaria com todo o cartel, porque tem poder para tal coisa. E, cara, ele ameaçou o cartel, o homem sabe que eu tenho parentesco com pessoas do cartel colombiano.

— Eles sempre sabem. — cruzo os braços, pensando em como essa quadrilha é grande, com tantas pessoas operando em cada ramo distinto. — Certamente, devem saber que seu avô e tios, estão com Guerrero, quer dizer, talvez não, só se tivermos traidores em cada gangue da terra.

— Eu não sei, talvez eles saibam do parentesco porque foram até o apartamento onde morei e pediram meu nome, o sobrenome "Dalgliesh" é bem conhecido naquelas áreas, o "Montserrat" também, ligue uma coisa a outra e você chegará a Juan Herrera. Após esse "encontro", tentamos fugir, mas fomos interceptados e levados até a luta, fomos jogados na área VIP, onde algumas pessoas ficaram nos encarando e perguntando se eu e meu irmão eramos os novos lutadores que tanto falavam, que eles precisavam testar. Fomos jogados no ringue, outros dois homens estavam ali, preparados para a luta. E, como disse anteriormente, lutar até a morte. A morte dos outros dois homens aconteceu e eles filmaram, ou seja, existem provas de dois assassinatos cometidos por mim e por meu irmão.

— Essa é a chantagem? — Jesse pergunta.

— Não, se fosse, eu seria preso, seria mais fácil que aturar essas merdas.

A coisa toda é ter um monte de mulher na família, coisa que eles gostam.

— Você não contou essa parte. — Dulce tem um tom acusatório.

— Deve ser mal de homem que acha que resolverá os problemas do mundo sozinho. — falo com sarcasmo, vendo que isso deve ser mal de homem que acha que pode tudo, não é possível que eles achem que mulher é sinônimo de fraqueza e medo.

— Se eu falar, todas as mulheres, principalmente toda a prole de tia Britt, vai se reunir e vai atrás deles, então, acha mesmo que eu deixaria que isso acontecesse?

— Nosso avô, temos Juan e Oliver, fora Stephen, Matt, Chris, meu pai, Carlos... — Amanda relembra.

— Você, Amanda, agora você sabe quem é essa gente e tudo o que eles fazem. Aham mesmo que o grupo armado de Juan resolveria algo? Não, precisava de mais gente. Chama Stephen e sua gangue, continuaria sendo pouca ajuda, eu levaria mais sofrimento a todos da família, traria guerra. Eu preferi me ferrar sozinho, se eu morresse, acabaria tudo mesmo, então, dane-se. Também livreí meu irmão dessa, fizemos um acordo onde ele não precisaria lutar.

— E você acreditou nisso? — pergunto.

— Ele não lutou após esse acordo. As lutas se seguiram por alguns meses, até que fui liberado, tive um problema no pulso e não estava servindo mais. Como uma recompensa por ter ficado calado e não envolver o cartel no assunto, eu fui liberado das lutas. Agora, ao que tudo indica, tem lutas acontecendo aqui, eles me chamaram para assistir, eu desconfio que me querem ao lado deles.

— Mesmo com o problema no pulso? — Jean pergunta, olhando para a faixa enrolada no pulso de Andrew.

— Não, eu enrolei logo após de encontrar aquele homem, o que me deu o dinheiro. Fiz isso só para fazer de conta que ainda estou mal. Nos bastidores das lutas, escutei que muitos dos homens que venceram, hoje em dia são treinadores ou fazem parte dos negócios, aqueles que não fazem, já estão mortos por negarem.

— Então eles podem te querer como um treinador? — interessante, esse pode ser o caso daquele homem que encontramos hoje. Um homem que treinava crianças para matar, e que pode ter perdido tudo... Ou fingiu que perdeu e é tudo um plano, mas, para qual lado? Ele não poderia saber que eu estaria indo atrás dele, afinal, Yankee fez o mesmo e aquele homem estava morando nas ruas.

Ele perdeu tudo, como disse, mas foi tudo muito fantasioso, parecia tudo

uma metáfora. E se ele perdeu tudo pelas lutas? Se ele se afastou da família para não atrair a atenção? Andrew afastou o irmão, aquele homem pode ter afastado a família. Talvez ele não seja um psicótico, pode ter feito tudo por amar os filhos, a esposa, os pais, quem sabe?

Yoshida está em todo canto, mas sinto que aqui ele está muito mais. Encontraram Andrew no mercado, haverá uma luta aqui, Eliana estudou aqui perto, sumiços aconteceram... Acho que posso encontrar algumas informações nesse lugar, agora eu sei que a atenção precisa ser redobrada, talvez esse seja o lar do inimigo.

(...)

— *Uau! Você é muito gênio, sério, nem em mil anos eu chegaria a essa conclusão. Não se preocupa, Gabriel está com Guerrero.*

— Aconteceu algo? — pergunto a Katherine, que ainda não conseguiu qualquer progresso com Cassie.

— *Eu desconfio de algo, o que é uma merda, porque estou evitando sair de casa por causa do tal Oswald e evito fazer ligações, até porque, meu pai não falará nada. Mas Raul voltou hoje, nós não o conhecemos direito, mas ele tem o respeito dos nossos pais.*

— Raul é o pai adotivo de Milla? — relembro. — Aquele que ajudou na venda dela para Yoshida?

— *Sabe, eu nunca pensei nele, mas estava falando com minha mãe e ele chegou, no caso, eu estava em uma ligação com ela. Raul cumprimentou minha mãe e tudo mais, demorou um pouco para eu lembrar quem ele é. Pior que eu perdi os arquivos com todas as informações, você sabe, Giovani invadiu meu notebook e modificou muita coisa.*

— Eu tinha algumas informações, eu te entreguei para que ordenasse tudo.

— *E eu ordenei, fiz cópias e tudo mais, mas foi tudo modificado. Estou tentando ordenar tudo novamente, o que não dará certo porque continua não fazendo sentido.*

— Eu acho que posso ter uma cópia escondida em algum lugar, mas eu não lembro. — fecho os olhos com força, me insultando mentalmente por não lembrar onde guardei. — Tive que ficar guardando cada coisa em um lugar, para

não acharem.

— *Sim, sei que faz muita coisa e me odeio por isso. Quando tentei te ajudar, fiz merda e perdi tudo.*

— Não, não fez merda. Você fez cópias, mas não adiantou, Giovani invadiu os sistemas e roubou informações e as modificou, você também não poderia esconder tudo, ou teria que ficar entrando e saindo de casa, atrairia a atenção. Mas, continue sobre Raul.

— *Então, só se for algo bem secreto, o que pode ser, já que eu não acredito que nossos pais viraram defensores das mulheres que querem lutar. Talvez Raul continue sendo um amigo, mas conto nos dedos quantas vezes eu já o vi pessoalmente. Ele pode ser daqueles que pouco aparecem, mas continuam na luta, por outro lado, ele apareceu em um momento muito propício. Exatamente no momento exato que tio Fernando saiu com vô Victor e Daniel, deixando alguns seguranças com a família, junto com Tom, Hugo e Heitor. Meu pai não tem memória, Leonardo sempre está fora procurando algo, Yankee é a mesma coisa a procura de respostas, e Arthur está focado em tirar Cassie da prisão, então, sobra um cara importante comandando tudo? Raul deve ter algum nível de importância.*

— Não, meu pai jamais deixaria algo assim escapar.

— *Eu não sei para onde ele foi, só sei que ele largou tudo e saiu. Raul apareceu e está lá nesse momento. Obviamente, alguém importante deve estar comandando toda a segurança, mas Raul é visto como importante. Voltando a minha desconfiança, lembra de Nancy? Lembra que a víamos pouco também? Pois então, ela não está presente nessa reuniãozinha do amado da Nostra com a família que ele tanto ama, que ele e a esposa amam. Perguntei a minha mãe sobre Nancy e ela contou uma história sobre ela estar mal com a história de Milla e tudo mais. Mas, vamos lá, pequena gênio, que eu demorei horas para chegar nesse resultado, por que merda Nancy está sofrendo agora por Milla, sendo que a própria não sofreu tanto quando soube que a filha morreu? Por que Giulia me contou que quando foi visitar Nancy, encontrou uma casa vazia com um muro alto na frente e longe de tudo? Como uma fortaleza. Por que Nancy resolveu falar da doença de Milla do nada, parecendo sofrer, sendo que nunca mencionou isso antes?*

— Por que a mulher machucada ajudou o tio Marco e ele sente que a conhece? Que ela é importante? Por que ela vive presa?

Mais teorias surgindo.

— *Porque Raul pode ser um dos traidores e está aqui para pegar um por um.*

— E por que ele não fez quando trabalhava com meu pai? Por que depois de anos? E ele é velho, muito velho em relação ao tio Marco... Máscaras. — lembro.

— *Ou ele pode ser como Benjamin, apenas o traidor, não o chefe do Yoshida.*

— Precisamos pensar muito antes de agir, a desconfiança faz todo sentido, mas, como você falou, não sabemos o que rola por trás da Nostra. Nossos pais podem confiar no Raul e ele ter trabalhado secretamente ao favor deles.

— *Sim, pode ser. Mas eu não entendo por que o marido não trouxe a esposa para o lugar que é mais protegido, por que ele a deixou para trás, e o motivo de Nancy sofrer por Milla após quase duas décadas, sendo que quando tudo aconteceu, minha mãe contou que ela não sofreu tanto, que foi compreensiva, viu que Milla havia errado muito. Ah, e logo após Raul se aposentou e ele foi morar em outro lugar com Nancy.*

— Ela pode ter virado a prisioneira, se for o caso dela ser a mulher machucada, ou pode ter virado a cúmplice. Se tivermos uma foto dela, poderia ajudar, mostrariamos a tio Marco e elealaria se ela é a mulher machucada ou não.

— *E onde encontrarei foto da antiga empregada da casa? Nos arquivos que me deu, tinha Raul, não a esposa dele. Só se Nancy tiver participado de alguma festa e tiraram foto, daí eu tenho que procurar álbuns de fotos antigos e rezar para ter algo de Nancy, pode ter, já que ele estava perto de Giulia por anos, antes mesmo de tia Sara aparecer.*

— Minha mãe pode ter, se bem que mudamos de casa e ela pode não ter levado para a casa atual, aí teremos que voltar para nossa antiga moradia escondido. — começo a pensar em algum plano, até que uma dúvida aparece. — Quem é o chefe de segurança?

— *Não faço ideia, mas descobrirei. Eu vou atrás dele e tentarei descobrir se ele é traidor ou não, porque, se eu fosse matar alguém na sua própria casa segura, eu subornaria os seguranças.*

— Ei, preciso falar algo. — olho para cima, vendo Jean com alguns papéis nas mãos.

— É a Kat. — explico.

— Ah, oi, Kat!

— Oi, Jean!

— É bom que as duas escutem isso aqui. Drew falou as características de

quem sempre foi importante nas lutas. Temos Benjamin. — ele mostra o retrato falado, que foi feito por Jesse. — Ele ia algumas vezes e sempre falava com Drew, fazendo pressão para que ele vencesse a luta. Depois temos esse aqui.

Olho para o retrato falado, reconhecendo o antigo professor de química.

— Kat, é o Claudio, nosso professor de química.

— *O Claudio que me odeia?*

— Sim!

— Vocês o conhecem? — Jean pergunta.

— Ele foi nosso professor de química na escola, ele sempre teve muitos desvios de conduta, não me espanta tanto que ele esteja com Yoshida, visto o seu gosto por cercar crianças e paquera-las ao ponto de ficarem traumatizadas.

— Pois então, ele é o cara que aplica drogas nos lutadores. Drew não tomava, alguns outros também não tomavam, mas esse cara é o responsável por isso, quer dizer, Drew o viu três vezes, antes disso não, então ele pode ser um novato nesse meio. Como disse, são pessoas que ele via com frequência e que parecem ter importância nos negócios. O próximo é esse aqui. — mostra outro desenho. — Javier, problema eliminado, mas ele era quem ordenava as lutas, qual lutador lutaria e tudo mais. Próxima pessoa. — mostra outro desenho, que eu não conheço. — Não conhecemos, levando em conta sua cara de duvida. Esse homem aqui, pode ser o chefe de tudo, porque Drew via um ar de subordinação dos outros homens quando esse aqui aparecia.

Pego o papel, tentando lembrar se já o vi em algum lugar.

— Não o conheço, Jesse também não conhece?

— Não, mas Yoshida tem tantos rostos que fica difícil saber.

— *Eu adoraria ver a imagem.* — Kat murmura.

— Tentarei enviar sem que haja rastreio ou qualquer coisa do tipo. — informo. — Mas, de início, nem eu e Jesse conhecemos, então, pode ser mais uma máscara ou outro alguém importante.

— Agora algo de extrema importância e deixo claro que é meu! — Jean fala mais alto. — Quem comanda as lutas, as apostas, quem é o responsável por pegar esses garotos, aquele que deu o dinheiro para Drew no início e que o encontrou no mercado e está bem aqui, perto de todos nós, é o meu pai. Meu pai faz parte dos negócios e está bem perto.

— Seu pai?

— Meu pai! — repete, dessa vez, com um sorriso vitorioso. — E ele é meu, porque jurei que o mataria, então, eu vou a essa luta, nem que eu morra lá dentro. Mas ele, eu mato.

Capítulo 12

Karen

Ver Jean transtornado é uma clara diferença. Gabriel já tinha mencionado sobre Jean se estressar e ficar fora de si, assim como quando usava drogas.

Jean é aquela pessoa que você nunca diria que tem problemas, porque, desde que eu o conheci, só o vejo rindo. Porém, Jean tem problemas, e muitos. Saber do seu pai, claramente, acendeu a chama do ódio novamente. E eu não vou julgá-lo, nem impedi-lo, mas, no momento, ele deve se acalmar, ou pode fazer tudo no impulso e perderemos muita coisa.

— Jean, ok, seu pai é todo seu. — falo calmamente. — Só lembre que agir impulsivamente nesse momento, não nos ajudará em nada.

— Eu sei. — encolhe os ombros. — Ele sempre disse que minhas atitudes deixariam as pessoas preocupadas.

— Ele quem?

— Meu pai. Ele sempre disse que eu não ajudaria, que eu falharia na primeira tentativa, provavelmente, por esse motivo, ele me deixou trabalhar com Fernando, para atrapalhar tudo. Vendo como você me olha, eu sei que ele poderia estar certo.

— Eu não olho como...

— Karen, você está com o olhar preocupado. Pensa que eu farei algo, que estragarei tudo. Eu não vou. Manter meu controle é uma das lições que tento aprender, eu só quero deixar claro que o pai, é meu. Que ele me fez sofrer, pior, fez Cassie sofrer. Então ele deve morrer nas minhas mãos.

— Ele é todo seu. — afirmo. — E eu não tenho medo que faça algo, só peço calma, ou tudo isso aqui será em vão. Tem tanta coisa para pensar, ao mesmo tempo temos um caminho a seguir, só precisamos pensar qual deles tomar.

— *Vocês sabem, se forem a luta e alguém for reconhecido, boa parte da sua viagem será em vão.* — Katherine volta a falar e eu coloco no viva voz. — *Tem o treinador, que nem sabemos se serve para algo, fora os sequestros que acontecem muito por aí, sendo mais sincera ainda, eu não sei se essa viagem deve durar tanto tempo assim. O acordo sempre foi que estaria todo mundo trabalhando junto, você me falou para não pedir ajuda da velha guarda, então, eu só tenho Gabriel e eu não sei muito bem o que duas pessoas farão. Tem Oswald que nem sei o que quer, a doutora que tem algum segredo, Luna e Allan,*

Cassie, Raul que não me desce, tem muita coisa por aqui.

— Eu sei, só preciso de mais um tempinho. — suspiro alto. — Eu acredito que aqui tem algo importante, como a luta, pelo menos isso. Sei que nosso principal foco é aí onde moramos e sei que duas pessoas não conseguirão fazer tanta coisa, ainda mais com Oswald por perto, mas eu só preciso de um tempinho, não sei, mas sinto que alguma coisa me dará respostas.

— *Entendo completamente. Eu senti que Guerrero me daria algo e fui atrás da sua gangue, inventei tanta coisa e fui atrás de uma intuição. No entanto, minha intuição grita que todos esses afastamentos não serão bons. Entende? Não acredito que eles saibam sobre você armar planos, devem achar que você é uma menina tímida ou algo assim, então eles podem não ligar para seu desaparecimento, mas Fernando? Fernando saiu, o caminho está livre. Ele deixou seguranças, mas, e aí? Como já disse, ainda tenho que saber quem é o chefe da segurança, aí eu poderei ver qual é a dele e posso intensificar a coisa toda.*

— E por que Fernando saiu? — Jean pergunta. — Ele deve confiar muito nos seguranças, ele jamais deixaria toda a família se não confiasse nos seguranças.

— *Não sei ao certo, mas também acredito que Fernando confia na segurança, no entanto, eu não confio e preciso saber quem é o chefe deles, assim, se eu confiar, poderei intensificar tudo em Raul. Eu não gosto nem um pouco dele.*

— Muito propício aparecer quando meu pai saiu.

— *Fernando, Victor, Daniel e Jasmine. Leonardo também sai e volta, o que eu parei para pensar e achei estranho.*

— O quê? — pergunto.

— *Tudo bem, nossos pais são ricos pra caramba, podem pagar muita gente, mas eles continuam tendo tanto poder assim? Vamos lá, nosso condomínio tem armas pra caramba, Oswald iria investigar no primeiro instante. Fora que nossos pais continuam entrando e saindo quando querem, morrem seguranças e eles têm mais para substituir, onde conseguiram tantos braços armados e treinados? Não é chegar e procurar por homens que usem armas, é mais que isso. Algo me diz que é tudo da Nostra.*

— Nossos pais saíram da Nostra, mas continuam na Nostra?

— *Eu passei alguns dias sem nada para fazer e pensei, junto ao meu caderninho. Se até aqui em West eles mataram pessoas, como nada acontece com nossos pais e mães? Como aqueles seguranças são tão impenetráveis?*

Como nossos pais mataram aqueles seguranças quando pegaram Heitor? Tio Fernando que fez, como escutamos a conversa, ele sabia que os seguranças eram traidores. Mas, pensa comigo, se nossa família, que era da Nostra, está acabando com toda a escoria da máfia, é porque eles vão tomar tudo de volta, mas quem fornece a informação de quem presta e quem não presta?

— Anteriormente era o pai de Amélia, mas ele já foi morto. — lembro.
— Meu pai queria informações e o dinheiro, que parece ter ido para a conta dessa família, como Gabriel saiu antes de recuperar algo, o plano deu errado.

— E meu pai. — Jean informa. — Ele também estava nesse meio, mas acho que não durou tanto tempo, ou durou, não sei, nunca contam nada.

— Sim, tinham essas duas pessoas, mas, sei lá. É muita informação, de qualquer maneira, tem alguém dando informações sobre a Nostra e nossos pais e irmãos fazem essa limpeza.

— Isso significa que enquanto tentamos acabar com Yoshida, nossos pais só querem recuperar a Nostra. — analiso as informações. — O que pode nos levar a pensar que existe um acordo nessa situação, onde nossos pais acabam com a Nostra e quem está na Nostra, trabalha contra Yoshida. Porque Yoshida não pensaria que a Nostra ajudaria Fernando e Marco, certo?

— Uma espécie de ocultação? Talvez, não sei. A verdade é que nossos pais não ficaram quietos durante esse tempo, pessoas morreram, pessoas da Nostra que estavam com Yoshida, enquanto isso, nada atingiu nossa família, porque tem muita proteção. Então, é isso, mais suposições.

— Eu só vou esperar mais três dias, se eu não achar nada interessante, voltarei.

— Só mais uma coisa, preciso da ficha sobre Luna. Gabriel não sabe mais o que fazer por essa aproximação, talvez com alguma informação ele consiga algo.

— Você já tentou se aproximar dela?

— Não, não sei se daria tão certo, é bem capaz de eu agredir Allan, porque seu cunhado é um merda! Ele não deixa nem a pessoa se aproximar da casa, expulsa mesmo, como se fossemos os grandes vilões.

— Alex mencionou sobre o irmão não ser receptivo.

— E por que tanta proteção? Não é apenas por Luna ter sido sequestrada no passado. — Jean fala, pensativo. — Acho que Allan protege Luna, por algum motivo.

— Jean, preciso das informações sobre Luna. — informo. — Vamos ver se tem algo interessante sobre ela.

(...)

— *Não vá para nenhuma luta, falo sério.* — Alex informa, na verdade, ele ordena. — *Yoshida quer matar alguém na luta.*

— Quem?

— *Sem informações. Na verdade, nem sei se a luta é aí onde você está, ele não contou nada, mas não quero que vá a uma luta tão cedo, não agora que Yoshida está destinado a matar alguém. Mas ele falou "na covardia mesmo".*

— Matar o lutador?

— *Pensei nisso, porque seria o único motivo para ele falar que deve ser na covardia.*

— Você e Gregory vão para o ringue?

— *Pensei em ser algo assim, eu ou Gregory levarmos uma arma e assassinarmos o lutador, mas não sei como será.*

— O que esse lutador fez para ter essa morte em uma luta? Se essa for a teoria.

— *Pode ser apenas mais um show de Yoshida, não sei. Também tem outra coisa, Yoshida quer você.*

— Eu sei.

— *Não, não é isso. Yoshida é alguém próximo a você, Karen. Pelo que me contou, algumas pessoas sabem sobre você armar planos e darem certo, Yoshida sabe disso. Ele quer você porque sabe que você é inteligente, se ele sabe disso, ele é alguém muito próximo ou está com alguém muito próximo.*

Começo a pensar e chego à conclusão que isso é verdade. Quando Marco voltou, somente meu pai, Gabriel, vô Victor, Jean e Jesse, souberam do que faço, Katherine sempre soube e tio Marco esqueceu, Alex já estava ao meu lado quando fiz o plano do envenenamento. Depois, isso continuou, até que contamos a Cassie e Rachel, mais tarde... Isso se espalhou um pouco mais. Teve até aquela vez que contei o plano para pegar Javier, e estavam Guerrero, os parentes de Amanda, Marisa...

Preciso fazer uma lista de possíveis pessoas que sabem o que faço, o que me dará uma reposta mínima, porque pode ser apenas alguém que trabalha para Yoshida, não o próprio. De qualquer maneira, é alguém próximo.

— Farei uma lista de quem pode ou não saber sobre quem eu sou. Mas e você? Folga mais uma vez?

— *Yoshida está muito estranho, muito estranho mesmo. Nos deu tequila, arrumou uma mesa, nos deu um belo almoço e nos mandou descansar. Karen, eu recebi cem mil dólares, do nada!*

— Cem mil?

— *Sim! Mas eu me sinto péssimo, estranho, eu sei. Karen, eu sou sincero, você me conheceu sendo um cara legal e tudo mais, porém, não tivemos uma convivência contínua.*

— Isso quer dizer que?

— *Você e Katherine, por exemplo, tiveram essa ideia de gangue, ou seja lá como chamam, mas já deixaram claro que não traficam ou algo assim. Se o dinheiro de Yoshida fosse de tráfico de drogas, eu aceitaria na boa, se fosse tráfico de armas, também aceitaria. Como é tráfico humano, estupro e tudo mais, eu não quero. O que me leva a ser hipócrita, porque os outros tráficos também matam e eu aceitaria o dinheiro.*

— Você é traficante? Se tenta me deixar surpresa ou apreensiva, isso falhou. Um segredo, só minha mãe, minhas avós, tia Isa e Felipe não traficam, fora isso, todos traficam ou fizeram isso uma vez na vida. Ah, nem eu fiz.

— *E eu pensando que você fosse correr para as colinas.* — ele ri. — *Sei lá, tem hora que eu paro e penso "por que Karen me aceita?", nem nos conhecemos tão bem, nunca convivemos por mais de dez horas seguidas no mesmo ambiente.*

— Uma pessoa que está disposta a morrer por outras pessoas, vale mais que cem mil dólares.

— *Eu não morrerei, tenha fé. Eu ainda tenho que comemorar um aniversário de dezesseis anos.*

— Maravilhoso que eu nem lembrava o meu próprio aniversário.

— *Eu lembro, vi sua identidade. E comprei um presente.*

— Qual?

— *Surpresa!*

— Ah, eu odeio surpresa! — rosno. — Odeio muito! Sabia que sofro de ansiedade? Eu já estou lutando por todos nós, adicionará ansiedade na minha vida?

— *Sim!*

— Ah! Por favor, só diz com que letra começa...

— *Não!*

— Por favor?

— *Não!*

— Por que não?

— *Surpresa.*

— Uma letra, apenas uma letra!

— *Eu não sabia que era tão insistente.*

— Eu arranquei o dente de Gabriel no soco, quebrei todos os brinquedos dele, arranhei o carro dele e, até hoje, ele não sabe que fui eu; roubei arma no arsenal do meu pai...

— *E eu achando que você fosse calma.*

— Isso é para ver o que faço, quando não fazem o que eu peço.

— *Ainda bem que não fará nada contra mim, porque esse presente necessita da minha presença.*

— Fala uma letra!

— *Diz que me ama e eu falo.*

— Você é tão idiota e fresco!

— *E você é um poço de brutalidade. Eu sou a mulher da história. Uma mulher com pênis, no caso.*

— E eu sou um homem com uma vagina?

— *Que bonitinho você falando "vagina" parecendo ser uma palavra proibida.*

— Vagina é uma palavra estranha e feia.

— Alguém dessa família tem diálogo *coital* normal? — olho para cima, encontrando Jean, me encarando com um cenho franzido.

— Vá se ferrar e não escuta minhas conversas! — grito.

— Eu só achei engraçado, sempre quis decifrar seus códigos, só não sabia que era tão bizarro assim.

— *Quem fala é o Jesse?*

— Jean. — respondo.

— *Ah, menos mal.*

— Eu não tenho nada com Jesse, nem queremos ter. — *ai que saco! Alex pegou raiva muito do nada. E eles podem ser irmãos...*

— Ele tem ciúmes do Jesse? — Jean ri. — O cara é inofensivo, nem eu tenho, e olhe que ele está com minha ruiva nesse exato momento.

— Escutou essa, Alex? Jesse é inofensivo!

— *Eu odeio que ele esteja mais próximo que eu. Que ele te abrace.*

— Uma única vez.

— *Dane-se, Karen! Mas ele abraçou.*

— E você me beijou!

— Ah, que lindo! — Jean faz uma voz infantil. — *Demônia* de cachos beijou uma boca, mas ela não parou de ser mandona, isso quebra o argumento que amor muda as pessoas para melhor.

— Eu ainda vou matar você, Jean!

— *Eu concordo plenamente com Jean, Karen. Você me ama e não sabe ser fofa.*

— Eu não sei ser fofa!

Nunca soube ser fofa, sou tímida, nem para demonstrar amor sirvo.

— Sou tímida. — argumento, mais uma vez.

— Ah, Alex, tem algo bom em pessoas tímidas. Se elas tem vergonha de demonstrar algo para quem ama, imagine para achar alguém para trair? Elas não terão coragem. Então, namorar tímidos tem essa vantagem, pensa nisso. — Jean pisca um olho e entra na casa.

— *Até que ele falou algo com sentido...*

— Eu não trairia nem se fosse à pessoa mais extrovertida do mundo.

— *Eu sei, mas agora eu tenho mais um motivo para te amar mais.*

Oh, ele é fofo! E eu? Demônia de cachos...

— *Deve estar sorrindo como uma boba, aposto que sim.*

— E você está com um sorriso convencido, aposto.

— *Não vejo a hora de estar com você, Karen. Você sabe que não faço nada porque penso em você.*

— Não faz o que?

— Sexo.

Agora eu sei como Katherine se sentiu... Mas ela amou essa coisa depois que fez.

— Ok. Nem eu fiz. — eu nem sei o que dizer.

— *Mas faremos.*

— Eu não sei se gosto dessa conversa.

— *Você é bem tímida, sério. Eu que sempre beijo.*

— Eu não sei esses lances de namorados, Alex. Nunca tive, nem pensei que fosse com um cara experiente.

— *É melhor ser com um cara experiente, assim fica melhor.*

— Nós... E... Nós... Eu e... Não teremos essa conversa.

Eu gaguejei! Ah, eu me odeio tanto!

— Certo, deixaremos essa conversa para quando estivermos perto um do outro.

Eu sou como minha mãe quando conheceu meu pai. A mulher que não fazia nada, só meu pai fazia... Mas isso mudou, claro que mudou, até está grávida novamente.

Mas, ok, é só timidez, nada demais.

Se bem que a timidez é para tudo... Quando Alex chegar para convivermos normalmente, como será? Como é namorar? Compartilhar sentimentos e uma vida com outro alguém?

— Seu presente começa com a letra "a". Olha essa foto que enviarei.

Paro meus pensamentos e vejo a mensagem que acabou de chegar. Abro a imagem e encontro... Letra "a" de "aliança". Duas alianças.

— Esse é meu presente. Sei que é cedo, mas nesses anos que vivo, nunca senti algo assim por alguém. Então, eu comprei. Como é ansiosa e acha que não posso amar você. Insegurança, entendo, por isso, comprei essas alianças, para provar que, realmente, quero viver minha vida ao seu lado. Adianto que não tenho muito dinheiro, que o cem mil que recebi hoje será doado porque minha consciência pesa em aceita-lo; que erre muito ao longo da vida e que nem nos conhecemos direito, mas, do fundo do meu coração, eu amo muito você. Amo mesmo. Desde que eu abri a porta do quarto para você, lá na época em que nos vimos pela primeira vez na casa de Tyler, desde então, eu comecei a me interessar por você, até quando Milla quis se vingar te usando, mas eu nunca aceitei. Acho que senti algo por você naquele momento. Então, é isso. Não é da maneira correta, tinha que ser pessoalmente, mas como sei o que passa nessa sua cabecinha, resolvi mostrar, para provar que eu amo você. Então, quer casar comigo?

Sinto as lágrimas descendo e tento não fazer um grande alarde sobre isso. Respiro fundo, tentando responder.

— Não precisa discurso, só "sim" ou "não".

— Eu aceito. — respondo, sem nem ao menos pensar. — Eu aceito casar com você. Aceito porque eu te amo, assim como você me ama.

Bônus 6

Fernando

"Se for um babaca, eu atravesso o oceano e fujo para longe de você, e levo MEUS FILHOS COMIGO! MEUS, APENAS MEUS!"

Sara...

"Ah, quando eles causam problemas são meus filhos, Sara?"

"Sim, porque a burrice foi herdada de você. BABACA, ESTÚPIDO, PEDAÇO DE MERDA!"

"Ah, esqueci, pedaço não, VOCÊ É A MERDA INTEIRA! BABACA!"

E essas são as minhas mensagens com minha esposa. Ela me chamando de babaca, de imbecil, de merda e ameaçando ir embora. Adiantou dizer que estou tentando mudar? Não, não adianta!

— Minha mãe só vai falar isso no momento. — Daniel murmura, enquanto lê uma revista sobre futebol. — É uma perda de tempo falar algo agora.

— Você nunca ajuda.

— Ajudar em?

Pego a revista da sua mão, fazendo com que ele olhe para mim.

— A comover Sara.

— Ah, o senhor faz a merda e eu tenho que entrar no fogo cruzado?

— Eu fiz muito por meus filhos.

— Não por Karen.

— Eu sou seu pai. — relembro-o.

— E de Karen também.

— Falou o homem que proíbe a mulher de lutar, você não tem nem a moral para me julgar.

— Reclamo duas vezes e me dou por vencido, o senhor não. O senhor reclama, reclama, reclama, reclama...

— Não fale mais nada!

— Minha revista? — entrego a ele. — Obrigado.

— Todo mundo contra você, Fernando. Nem adianta reclamar. — meu pai olha para mim, com um sorriso. — Você plantou isso.

— Ela tem quinze anos, até os garotos começaram mais tarde, e todos em uma função menor, nenhum tão próximo. É assim que deve ser feito, o senhor sabe. É minha filha, a mais nova, o que querem? Que eu apenas sorria e veja correndo perigo? Que ela está indo atrás do perigo? Nós sabemos o que eles fazem, pior, nem conhecemos o rosto do inimigo. Eu só não posso ficar calmo vendo tudo isso acontecendo. Entendo, devo apoiar...

— O senhor deveria orienta-la, como fez com todos nós. — Daniel fala. — Deveria treina-la, para aperfeiçoá-la, mas não, a afastou. Todo mundo se preocupa com Karen, por isso que estamos aqui. Mas todos nós concordamos que ela é maravilhosa e sabe como lutar, o senhor que é cego e não enxerga, e, se enxerga, fecha os olhos para a realidade.

Parece que eu sou a Karen da história. Um adolescente sendo repreendido pelo pai e pelo... Pelo próprio filho.

A que ponto eu cheguei? De chefe da Nostra, para... Para essa coisa aqui.

— Senhores, notícia. — Jasmine entra pela porta dos fundos, com uma cara não muito alegre. — Consegui as informações e aquele acidente na estrada, foi confirmado. El

es eram os seguranças que estavam com Karen, e morreram, nenhum dos homens sobreviveu.

Katherine

Olho para cada mulher a minha frente.

— Raul falou que Nancy está segura em outro lugar. — minha mãe informa.

— Claro que está. Por isso ela não veio para cá, justamente quando a maioria dos homens já se foram. — falo com ironia. — Isso está estranho, muito estranho. Nada me faz tirar da cabeça que a vinda e Raul para cá tem outros motivos.

— Conhecemos Raul há anos. — tia Sara diz. — Mas nos vimos pouco nos últimos anos.

— Eu fui até Nancy junto com Jasmine. Nancy pareceu um tanto depressiva. Mas ela desabafou sobre Milla, desabafou muito mesmo. — Giulia parece pensativa. — Ela parecia depressiva.

— Onde ela estava? — tia Sara pergunta.

— Na casa dela, onde íamos quando ela ficava.

— É que Nancy se mudou depois de saber sobre Raul ser da Nostra, como ele poderia mostrar que tem dinheiro, eles saíram do emprego e foram para outro lugar. — tia Sara explica. — Compraram uma casa.

— Meu pai não deu a casa?

— Deu, mas na nossa cidade.

Giulia franze o cenho.

— Mas aquela casa onde íamos antigamente, não foi o presente do meu pai?

— Não, aquela casa foi comprada por Raul, com o dinheiro que seu pai deu a ele.

— Por que a pergunta? — olho para Giulia.

— Eu confundi tudo, eu pensei que aquela casa fosse presente do meu pai, principalmente pela segurança. Lembro que antigamente era uma casa normal, quando fui visita-la... Agora tem muros enormes na frente, cerca elétrica e câmeras, as portas são muito reforçadas. É uma casa como uma fortaleza.

— Ou uma prisão. — tia Sara sussurra.

— Por que não visitaram mais Nancy, se ela era próxima à família? — pergunto.

— Porque ela havia se mudado há anos, estava depressiva por Milla. Eu não tinha muita coragem para olhar na cara dela, sabendo tudo o que aconteceu, mesmo que Milla fosse à culpada. — tia Sara responde. — Então nos afastamos, mas eu sabia onde ela morava, quer dizer, se não morasse em uma casa, moraria em outra.

— Então Raul é um dos grandes suspeitos? — tia Dianna olha para mim. — O que faremos?

— Por enquanto? Nada. — respondo. — Mas eu e Karen não sabemos tão bem o que fazer. Se for tudo verdadeiro, Raul pode desconfiar das nossas atitudes. Mas pensamos que seria melhor se cada pessoa daqui, fosse para casa de alguém que sabe lutar, digamos assim. No entanto, se houver um ataque, eles atacam todos, pois estarão juntos. Nem podemos fazer algo contra Raul,

porque, até agora, ele é apenas um amigo da família que veio ajudar.

— Ficaremos de olho nele. — Dianna informa. — E de olho em Isabella e Sara, as grávidas daqui. E é melhor parar de deixar as crianças brincando fora de casa, pode ter segurança aqui, mas sabemos que uma das preferências de Yoshida, são, justamente, as crianças.

— Exatamente. — concordo. — O inimigo pode estar bem perto, e o único lugar seguro, é aqui em baixo. — olho ao redor, para o túnel de fuga que tem na casa de tio Fernando, tem outro na casa do meu pai. — Se algo acontecer, é por aqui que devem sair. Só falem isso para as avós, mais ninguém!

Por que todas as outras pessoas que moram aqui, sabem sobre Karen armar planos.

(...)

— O que faço nesse lugar? — pergunto ao meu pai, olhando para o apartamento onde ele me trouxe.

— Você não quer saber a verdade sobre a Nostra? Darei a verdade.

— Ok. — concordo, pela primeira vez, meu pai concordou em dar a informação. — Aqui, olhe essa foto. — mostro a foto que Karen me enviou, o retrato falado de alguém da luta ilegal. No mesmo momento que mostro a imagem, meu pai arregala os olhos. — Conhece?

— É o homem dos meus sonhos, aquele que vejo o rosto, que à vezes parece que sou eu. — pega o celular na minha mão e olha ainda mais, aproximando mais cada detalhe. — A diferença é que o cabelo dele é comprido nos meus sonhos, aqui ele está com o cabelo curto, mas é ele!

Informo o que Karen me contou, e meu pai olha ainda mais para a imagem, tentando recordar o seu passado na época em que foi capturado.

Eu vi Raul, não o reconheci, ele não é o homem do retrato falado.

— Pronto, tenho a imagem, mas não sei quem é. — meu pai murmura, um tanto chateado.

— Ninguém conhece, falei com tio Fernando e ele nunca viu essa pessoa.

— O rosto verdadeiro de Yoshida, com certeza deve ser. — meu pai parece desapontado. — Agora deu no mesmo, porque é um rosto desconhecido por todos.

O som de alguém batendo na porta, me faz guardar o celular.

— Pode entrar! — meu pai grita.

Quando a porta abre, minha boca cai, em choque com a surpresa.

— Eu conheço você. — falo, olhando para o homem a minha frente. — Você estava na delegacia quando ia falar com Oswald.

E na clínica psiquiátrica, o homem que tentava convencer Oswald que eu não era Katherine Vesentini.

— Ele é o novo chefe da Nostra e o chefe de segurança. — meu pai diz, e eu estou mais chocada ainda. — Ele estava interrogando o homem que matou Amélia e a mãe.

— Uma pessoa do outro lado, está do nosso lado?

— Exatamente. — o homem sorri, apertando a minha mão e cumprimento. — Eu sou o novo chefe da Nostra Ancoma e estou do outro lado. Eu sou o Alberto, mas sou conhecido por meu sobrenome, Cortez.

Capítulo 13

Karen

Passado

— Ele parece ser uma boa pessoa, cuida dos meus ferimentos, me dá o que comer, não sei se ele é o mesmo homem cruel que tantos falam. — tio Marco balbucia, um tanto grogue pelos remédios dados, para que seu corte não infeccione. — Estou há dois dias aqui e estou bem, estou vivo.

— Não seria melhor leva-lo para nossa casa? — Kat pergunta, ajoelhando-se ao lado e pai.

— Não. — tio Marco responde. — Chamará atenção e Alex falou comigo.

Nesse mesmo instante, Alex aparece no pequeno quarto, encarando-me com estranheza.

— É o que? — pergunto, cansada de tanto ele me olhar.

— Você é um poço de brutalidade. — acusa, encostando na parede e cruzando os braços, depois, ele sorri. Um idiota completo, como sempre imaginei.

— Um poço de brutalidade que pode matar. — aproximo-me de Alex — Ajudar meu tio não poupará você de nada.

— Ok, morena...

— Não me chama assim!

— Tudo bem, morena. — um canto da sua boca sobe, em um sorriso convencido. — Mas sinto dizer que seu pai e seus irmãos falharam no processo, você nem sabe segurar uma arma. Eu vi, morena.

Engulo em seco, levando em consideração a verdade dita e até ignorando esse apelido.

Até um ser estranho percebeu isso... Meu pai falhou, meus irmãos igualmente. E tudo o que eu queria, era ajuda-los, ser como eles, mas é em vão. Nunca serei nada importante, não sirvo para nada.

Talvez sirva para me casar... Espera, eu nem gosto de alguém e nem tenho vontade.

Allan, o irmão desse imbecil a minha frente, foi algo passageiro. Aquela besteira adolescente de ver alguém bonito e pensar em algo mais, paixão de

ônibus, tipo isso. Passaram-se dias e nem lembro mais quem é Allan.

Tenho quinze anos e pouco me importo com casamento. Eu quero mesmo é ajudar, ser útil, formar uma gangue? Não sei, sonho de Kat e Cassie, eu ainda não entendi muito bem o que elas querem, porque não traficarão nada... Kat falou sobre sermos justiceiras. É eu seria boa com planos.

Não com armas, porque não sei usar.

Obrigada, pai!

— Deixei a morena calada?

— Para de chamar assim!

— Não, eu gosto de ver você irritada.

— Se me irritar mais...

— Vai atirar na minha cara, aposto, com sua ótima prática com armas.

Balanço a cabeça, de um lado para o outro, vendo que essa conversa não dará em nada. Viro-me para voltar a tio Marco, mas Alex segura meu braço, me impedindo de sair.

— O que é? — balanço meu braço, saindo do seu aperto.

— Por que me trata assim? O que fez a você?

— O que me fez? Você é o inimigo, está ao lado de Milla, certo? — não responde, apenas torce a boca, em reprovação. — Você é irmão de Jasmine, ela é mulher do meu irmão, e você está contra ela, contra todos nós.

— Eu salvei Marco.

— Isso é o que você diz, quem me garante que isso aqui não é uma armadilha? Um cativoiro?

— Você e Katherine saem e voltam sem problemas...

— Você ganhou um voto de confiança do meu tio, não o meu. E, na verdade, o que isso importa? O que importa ter meu voto de confiança?

— Por que fala assim? Tem algo mais profundo em suas palavras.

— Nada de profundo.

— Tem, você mudou o tom, seu olhar suavizou, sua voz é melancólica. — ele me estuda, encarando minhas feições. Eu desvio o olhar, seu estudo minucioso em mim é muito invasivo.

— Virou analista agora?

— Sempre fui, Karen. Eu observo. Sabe que o alvo está em você? E que eu tento tirar Yoshida disso? Mas eu ainda te observo, agora não tanto, você saiu da escola. Mesmo na escola, você parecia uma garota antissocial.

— O que quer, Alex? — pergunto de uma única vez.

— Que confie em mim.

— Por quê? Meu tio confia, isso já basta.

— Não, eu quero a sua confiança, que não olhe para mim como se eu fosse um babaca de merda. Sei que nosso primeiro encontro foi ridículo, lembro bem disso, fui idiota e tudo mais, mas não sou assim.

— E por que deseja tanto minha confiança? Katherine está ali e ela também não gosta de você.

— Você não gosta de mim?

O cara está ofendido? Sério mesmo?

— Você é carente? — pergunto logo de uma vez. — Você tem algum tipo de carência sentimental? Sei sobre sua mãe e tudo mais, mas essa história de "goste de mim, por favor", é bem estranha.

— Quando se nasce em um lar onde todos te amam, é fácil falar. — ele abaixa a cabeça. — Minha mãe era um amor de pessoa, mas tinha seus momentos ruins. Meu irmão e eu nos viramos para viver, depois veio Tom e eu acho que estraguei qualquer sentimento que ele poderia ter por mim. E Tyler, que deve me odiar, assim como Jasmine.

— Culpa sua, que se envolveu com esse tipo de gente.

Levanta a cabeça, e olha diretamente para mim.

— Eu não sabia, com o tempo descobri e agora quero sair disso. Yoshida me colocou ao lado dele por algum motivo...

— Espera, quem é Yoshida?

— Não sabe quem é?

— Como saberei? Ninguém me conta nada, não sou importante para tanto.

Nesse mesmo instante, olho para onde tio Marco está, ele conversa com Katherine, que está trocando o curativo dele.

— Yoshida é o problema, não Milla. — ele diz, para a minha surpresa. — Milla é um brinquedinho sexual dele, uma mulher que se finge de coitada, apenas.

— Eu não entendo, sempre foi Milla.

— Nem eu entendo, a começar do motivo de Milla ser tão próxima a alguém como Yoshida. Um traficante de seres humanos.

— Seres humanos? — espanto-me com suas palavras.

— Sim, eu nunca entendi ao certo como Milla tinha tanto dinheiro. Ela havia contado que Yoshida a fez de prostituta, ela conhecia Allan e ele a ajudou,

depois, ela me pagou para entrar nessa vingança, só que a minha coisa com Tyler era pessoal, mesmo que eu não tenha feito nada. Eu pensei que fosse uma vingança simples, tanto que eu nem estava mais me importando com o assunto, até que Yoshida me procurou. Me procurou e me levou para um lugar, dizendo que minha vida pertence a ele agora. Que se eu não fizer, eles matam o Allan.

— Então Milla está com esse cara e você não tem ideia do motivo?

— Não, recentemente eu descobri que ela fez um drama para a Nostra Ancoma, dizendo que ela foi vendida por Fernando, que ele quebrou uma regra, que ela sofreu, foi estuprada...

— Sério?

É tão interessante não saber sobre nada...

— Sério, isso é o que sei, tem mais coisa, certeza. Mas é isso. Pelo que vejo, você é tão enganada quanto eu. Achava que era apenas Milla, mas tem algo pior nessa história, e Yoshida é o nome dele. E eu devo avisar, não me peça para falar como ele é, pois eu nunca o vi verdadeiramente.

— Do que está falando?

— Ele usa disfarces, sempre o vejo de um jeito.

Então é por isso que saí da escola, que estou "de castigo", só podendo sair para "visitar" Felipe no hospital... É para me proteger.

— Está me falando tudo isso para que eu confie em você? — questiono.

— Eu não quero seu mal, jamais! Eu confio em você, mesmo sem te conhecer. Só peço um voto de confiança, nada mais.

— Por que isso importa tanto? Desculpa, mas não sei nem segurar uma arma, Alex, quanto mais te ajudar em algo.

— Eu quero apenas que confie em mim, seremos uma boa dupla juntos. — ele pega uma mecha do meu cabelo e enrola meu cacho em seu dedo. — Eu gosto de você, morena. Você parece uma boa garota e corre perigo, só quero ajudar, nada mais.

— Nada mais?

— Não, eu e você daremos certo como dupla, eu sinto isso.

— Acha mesmo que o que fala faz sentido?

— Sim, acho. — solta meu cacho. — E a primeira prova disso será que eu vou te ensinar a atirar. Porque se souber, você poderá me matar. Então, ensinando você a manejar uma arma, eu provo que confio em você. Apenas confie em mim, Karen. Eu não quero mais vingança, eu só quero sair dessa história. Confie em mim.

Atualmente

A ligação foi finalizada rapidamente, ao que tudo indica, um dos homens que trabalha para Yoshida, ligou para falar com Alex. Mas isso não faz com que meu sorriso saia, na verdade, eu estou sorrindo em meio às lágrimas.

Casar, é isso. Alex me pediu em casamento e eu aceitei.

É muito cedo? Provavelmente, como já havia analisado, quase não nos conhecemos bem, mas teremos tempo para isso, quer dizer, rezo para que tenhamos tempo para isso.

Eu vou casar! CA-SAR!

Adoraria ligar para minha mãe agora, mas lá já é muito tarde e não quero acordá-la, falarei com ela assim que possível. *Ela gosta de Alex, eu acho...*

Jasmine, Daniel, Tyler, Tom... Pessoas que, provavelmente, odeiam o Alex. Eu preciso ajudar Alex nesse processo, lembro das nossas conversas, ele sorrindo sobre Tom; ficando triste sobre Tyler, Daniel e Jasmine.

Alex mencionou sobre Jasmine conversar com ele, mas era como um interrogatório, mesmo assim ele gostou da conversa. Daniel ele não teve a chance de conhecer tão bem, mas gostaria de conhecer, e Tyler... Alex se odeia por ter pensado em se vingar do pai, pelo pouco de tempo que passaram juntos, ele gostou do que conheceu e tem certeza que o pai torcia para o filho não ser um inimigo.

E Alex não é o inimigo, longe disso.

Quando Alex foi acordando para a vida, Yoshida o levou. O levou para o seu lado e Alex já não tinha mais como sair, depois se juntou a Marco e, pronto, uma aliança para terminar com o inimigo.

Perguntei a Alex se ele queria que eu falasse com Tyler, mas ele negou, quer falar pessoalmente. Assim como Marco que tentou mudar a cabeça de Alex, mas também teve o pedido negado.

Tem tanta coisa acontecendo e para acontecer, e eu aqui, chorando por ser pedida em casamento.

E uma teoria que Alex não seja filho de Tyler...

— Achamos algo sobre Luna que faz todo o sentido! — Rachel corre para o meu lado, mas logo se espanta. — Por que está chorando?

— Fui pedida em casamento e aceitei. — respondo, sorrindo. — Casarei

com Alex.

— Parabéns! — ela bate palmas e me abraça. — Estou tão feliz por você.

— Eu nem acredito. — nos afastamos. — Eu vou casar!

— Quem vai casar? — Jean aparece na porta, junto a Jesse e Amanda.

— Eu! — respondo.

— Alex pediu em casamento? — Jesse sorri. — Essas crianças estão muito avançadas, gosto assim. — pisca um olho. — Parabéns!

— Obrigada. — agradeço.

— *Demônia de cachos* vai casar, nem acredito que alguém aceitou esse desafio. — Jean ri, quando eu pego alguma fruta do chão e jogo em sua direção. — Brincadeira, menina com pênis.

— Casal que tem diálogos estranhos merecem parabéns! — Jesse bate palmas.

— Você já contou? — encaro Jean.

— Não, Jesse estava escutando a conversa.

— Eu também estava. — Amanda complementa, com um sorriso. — Que casal fofinho, meu *deuso*. — faz voz fofinha. — Vontade de colocar no potinho e ficar olhando e pensando, "que coisa fofa, olha que lindinhos. Nunca terei nada assim". Aí eu os esmago com um abraço e volto a admirá-los.

— É uma menina bem esquisita. — Jesse faz uma carranca para Amanda. — Por isso está solteira.

— Oh, disse o garoto cercado por mulheres.

— Tem uma que me espera. E você, Amanda?

— O meu boy supremo está a minha espera. Aguardando o momento de me conhecer e vivenciar o amor. Tudo em seu tempo, meu querido. Você verá, daqui a pouco estarei esfregando meu boy na sua cara. E eu vou jogar bem na sua cara! — Amanda abre a mão e empurra o rosto de Jesse para trás. — Como atura esses meninos? Já basta Drew sendo um merda na minha vida, daí vem mais dois para me irritar?

— Se não irritarem, não serão Jean e Jesse. — relembro.

— E como será o vestido de casamento? — Rachel pergunta, com os olhos brilhando de animação. — Imagino algo bem meigo...

— Eu imagino um vestido vermelho, dois chifres na cabeça e um tridente. Bem a cara da *demônia de cachos*.

— Eu vou matar Jean! — rosno.

— Se me matar, como Rachel terá filhos?

— Ele é muito insistente! — Rachel cruza os braços. — Eu e você não rola, Jean. Somos opostos.

— Opostos se atraem. — Jesse cantarola.

— E você com Naara? — Rachel recorda.

— Então, realmente, existe alguém em sua vida, Jesse? — agora é a vez de Amanda cantarolar.

— Sim, e ela matou a família toda e os vizinhos. Nem pense em me irritar, ela será minha guarda costas.

— Eu amo a naturalidade como vocês falam de violência. — Dulce se aproxima. — É psicótico, eu amo isso, cara!

— Cala a boca, você é doente!

— Eu vou enfiar meu taco de basebol na sua bunda e será com a parte do arame! — ela grita para Drew.

— Essas meninas daqui são selvagens ao extremo, menos a minha Rachel.

— Não sou sua.

— É sim, você que não vê isso.

— Viu só, Amanda, só você está sozinha. — Jesse provoca.

— Meu boy virá, você vai ver.

— Eu amo o fato de falarmos muita coisa ao mesmo tempo e até esquecermos o assunto inicial. — sorrio. — Melhor gangue do mundo!

— Somos uma família! — Jesse grita.

— Eu não quero ser da família de Jesse.

— Nem eu da sua, Amanda.

— Nem eu da de Drew, que já é, mas não precisa ser duplamente. — Dulce joga o cabelo na cara de Drew, que apenas revira os olhos.

Melhor gangue que essa está para existir!

— Nem eu da de Jean. — Rachel encara Jean, que continua sorrindo.

— Toda família tem uma *tretinha* básica. Rachel, você é minha mulher. Eu estou limpo, já disse!

— Você estava fumando maconha há uma hora! — grita.

— Rachel, maconha é pura, vem da terra.

— E você irá para debaixo dela se continuar me chamando de "demônia de cachos". — aproveito o momento, achei propício.

— Ela é assassina. — Jean faz uma voz besta, como ele.

— E perigosa. — Jesse faz o mesmo.

— Eu odeio vocês. — olho para os dois idiotas. — Só para constar.

— Quem disse que o amor transforma, não conheceu Karen!

— Será que podemos falar do assunto que Rachel veio contar? — tento voltar ao início da conversa e ignorando Jean. — Então, Rachel, o que era?

— Ah, sim. Duas coisas. Primeiro, Jean é inteligente, não parece mais é.

— Minha ruiva me elogiou!

— Disse que não parece...

— E disse que sou!

— Tá, Jean! — Rachel pede para ele se calar. — Então, lendo a ficha de Luna, tinha escrito que ela faltou na escola por dois dias, então desconfiaram. Jean achou o nome conhecido, então, ele procurou por mais pastas até achar de onde conhece o nome. Sabe a doutora Eliana? A de Katherine? — confirmo. — Katherine pediu para que um cara de West colhesse algumas informações, então deram a Jesse e ele prosseguiu, ele encontrou uma escola na qual Eliana frequentou por um ano, na verdade, foi à única escola que encontramos em seu registro, a outra é apenas faculdade e uma espécie de "conclusão de curso", contando que ela terminou o ensino médio. Mas essa escola é a mesma que Luna frequentou. E ela fica próxima ao local onde você e Amanda foram atrás do tal professor de luta.

— Então a doutora que ajudou Kat e parece saber muito, estudou na mesma escola de Luna, uma menina que parece ser bem importante nessa história? — começo a pensar. — E não existe informações sobre a mãe e nem o pai de Eliana, certo?

— Exatamente. — confirma.

— Só sabemos dessa escolaridade porque pesquisamos a fundo na faculdade dela, mesmo assim, não encontramos nada mais que o histórico escolar dela, que se baseia em uma escola de ensino infantil, e em professores particulares e um supletivo a distancia, nada mais. — Jesse explica.

— Então ela não aparecia muito. Mas se ela estudou aqui e Luna também, algo de importante rodeia esse lugar. — começo a pensar. — E se Yoshida for daqui? Se ele nasceu aqui?

— Nasceu aqui e foi embora, obviamente. — Jean dá de ombros. — Mas o que uma doutora e Luna têm com isso? Qual a ligação delas nessa história?

— Ambas não possuem grandes informações sobre a família. — Rachel fala. — Somente o nome da tia de Luna, Poliana Alvarez.

— Elas não têm pais, assim como eu, que fui registrado sem pai e mãe. — olhamos para Jesse. — Que foi para a escola quando Yoshida quis, e isso foi

para eu me aproximar de Gabriel, antes disso, eu estudava em casa e tentaria o supletivo. Bem, a história delas, parece com a minha. A diferença é que eu nunca vim aqui antes, nasci e vivi no mesmo local que vocês.

— E Giovani? — pergunto.

— Itália. Mas ele foi criado por outras pessoas, para entrar na Nostra.

— Então, talvez, Eliana e Luna sejam filhas de Yoshida, certo? — suponho. — Será que existe algum registro dela nessa escola? Para sabermos quem ela é?

— Podemos tentar, mas isso deve ter mais de vinte anos, não? — Jean olha para Jesse. — Tentaremos amanhã cedo, espero obter respostas.

— Também esperamos o mesmo.

Dois dias depois...

— Encontramos uma informação! — Jean corre em minha direção. — Na verdade, não tem mais ficha, teve um incêndio na escola e muitos computadores e papéis foram perdidos, bem estranho, para falar a verdade. Mas uma moça da cantina falou conosco, ela lembra de Luna, só que nada tão relevante, mas sobre Eliana, ela lembra porque aconteceu um crime que marcou essa menina por aqui.

— Que crime? — pergunto.

— Uma moça sempre visitava Eliana na escola, e ela era uma criança, tinha de seis anos a oito, não sabe ao certo. A entrada dessa moça era liberada. A tia de Eliana ou algo assim, permitia essa visita. As duas passavam horas conversando, até que um dia Eliana foi embora e não voltou mais para a escola. Semanas depois, um assassinato aconteceu aqui. A mulher lembra porque foi um crime que chocou a população e uma onda de assassinatos ocorreu após isso. A mulher foi estuprada, morta e as partes do seu corpo foram distribuídos em sacolas de lixo. Depois disso, mais dez pessoas morreram do mesmo modo, os crimes nunca foram solucionados. — Jesse conta. — A moça que conversou comigo e com Jean, não sabe o sobrenome, até porque, nem a polícia sabia. Mas no que passou no jornal, ela foi identificada como Nancy, e ninguém apareceu para falar do assunto. Foi enterrada como indigente.

Nancy?

Capítulo 14

Alex

— Pergunto-me por onde anda quando não estamos nesse trabalho louco. — olho para o enigmático Gregory, que tem a mania de surgir do nada, sempre com um sorriso esquisito. — Já que não aceitou sair comigo.

Posso conversar aqui porque sei que não tem câmeras nem escutas, lugares novos, quase sempre, são desprovidos desse tipo de segurança.

— Amos nossos diálogos gays! — Gregory aperta o meu ombro. — Sentiu minha falta nesses dois dias?

— Um pouco, não tinha nenhum *emo* obscuro para falar coisas sombrias.

— Ah, fico feliz por isso, Alex. — coloca a mão no coração. — Saindo desse diálogo, eu estava por aí, como sempre.

Gregory coça a barba, depois, olha para o nada.

— Por que conversa comigo, Alex?

— Porque não tem ninguém para conversar.

— Oh, certo. Sou sua segunda opção? — se faz de ofendido.

— Eu nem tenho a primeira.

— Por que só temos diálogos gays?

Dou risada com sua cara de estranheza.

— Deve ser porque esse lugar nos tornam sentimentais, mais pensativos, questionadores. — olho as paredes ao redor, onde sei que as vítimas estão sedadas e dormindo. — Porque aqui nos dá compaixão, mas não temos saída, não temos salvação.

— Acredita em salvação?

— Como assim?

— Você, talvez. Mas eu, o Gregory? Não tive outra vida diferente de matar, acha que eu tenho salvação?

— Você foi obrigado a isso e vejo que odeia.

— Na verdade, odeio matar inocentes, mas os culpados? — sorri. — Divirto-me com isso. Eu tenho algo cruel em mim, por isso não acredito na minha salvação.

— Gregory, esse lugar trás o pior e o melhor de todos. Ao mesmo tempo que nos dá empatia, aqui nos trás a ira. Você não é uma pessoa ruim, acredito que não seja.

— Talvez, eu só me acho estranho. Um ser estranho nessa Terra, sem ninguém a espera. — torce a boca. — Eu nem sei quem são meus pais, adoraria saber. Queria saber se eles têm a esperança de me reencontrarem, ou se eles morreram e eu fui levado, quem sabe, se eles não são alguns desses sequestrados? — ri, sem humor. — Às vezes eu paro e olho para cada rosto e procuro alguém parecido comigo, na esperança de ter alguém nesse mundo.

Você tem, Gregory, mas não é nada bom. E tem Jesse...

— Eu até tenho família, mas...

— Mas não se importa. Eu estava na conversa com Yoshida, eu escutei, Alex.

Escutou uma mentira, pois, um dos meus maiores medos, é voltar a ver Tyler e Jasmine e eles, simplesmente, me odiarem. Não entenderem meu lado... *Que lado? O lado que eu queria me vingar pelo abandono do meu pai?*

No pouco tempo que passamos juntos, eu não consegui fazer nada contra eles, nem eu e nem Allan.

Espero que isso conte como pontos ao nosso favor.

De início eu tinha muita raiva da mãe de Jasmine, depois passou, eu entendi que ela sempre foi receosa comigo e com Allan, e ela tinha razão, já que estávamos ali para destruir aquela família.

É estranho pensar como mudei. Um dia queria mata-los, no outro queria sair daquela situação.

Não deu certo, porque, logo após, Yoshida me pegou. O cara parece até que tem um alerta, onde disse "Alex mudará de ideia, traga-o logo para o seu lado". E isso aconteceu.

A única coisa que me faz sorrir no momento, é o fato de estar noivo de Karen. *Tem pessoa mais apressada que eu?*

Quando saí daquele encontro estranho com Yoshida, eu fui para "casa", no meio do caminho, vi a joalheria. Entrei e comprei a aliança, pela primeira vez, usei o dinheiro de Yoshida em algo caro. Mas não quero pensar de onde veio esse dinheiro, só penso que, finalmente, Karen tirou a casca grossa e se emocionou.

— Ou será que não odeia sua família? — olho para Gregory. — Você está sorrindo.

— Nada, só lembrei uma coisa.

Olho ao meu redor novamente, tentando escapar do estudo minucioso de Gregory em mim.

Analiso o local e vejo que ele é fechado, o sistema de ventilação é

regulado, mesmo assim, não é bom para uma arma biológica. Aqui tem mais inocente que culpado.

Tem que haver outro lugar.

— Garotos! — um homem entra na sala. — Vamos ao trabalho, mas, antes disso, precisamos ir a um lugar.

— Você é o Yoshida? — pergunto, olhando para o homem ruivo a minha frente.

— Sim, claro.

— Como saberemos que não é? Por exemplo, se chegar aqui e ordenar algo, como...

— Gregory, todos sabem quem eu sou, tanto que vocês sabem que sou eu. Simples assim. — aponta para a porta. — Vamos, o avião está a nossa espera.

— Avião?

— Sim, Alex. — ele sorri. — Um avião, estamos indo para um lugar antes das grandes mortes na luta.

(...)

Duas horas depois, estamos em um campo, onde, bem distante, avisto uma casa enorme.

— Venham! — Yoshida grita, chamando a nossa atenção.

Eu e Gregory olhamos um para o outro, depois, seguimos Yoshida até um carro, que está com o motorista. Olhando ao redor, encontro diversos homens armados, todos da escolta de Yoshida.

— Bonito lugar, não é? — Yoshida está sentando no meio, entre eu e Gregory. — Lugar amplo, tranquilo, ar puro...

— Por que está tão legal, Yoshida? — Gregory questiona. — Nunca foi assim.

— Porque a vida é bela para perdermos tempo brigando, causando intrigas...

— Então por que continua com o tráfico humano?

Rindo, Yoshida acende um cigarro e nos oferece, mas recusamos.

— Gregory, eu gosto da sua audácia, já tinham me dito que você tem um espírito mais... Como poderia dizer? — procura as palavras certas. — Mais

sombrio, não se importa com nada, gosto desse tipo. E Alex, eu gosto por ser calado e só observar, os dois formam uma dupla muito boa. Tão boa que todos veem os dois como ameaças, ameaças ao poder.

— O que estamos fazendo aqui? — pergunto, enquanto observo Yoshida relaxar, encostando suas costas no banco do carro e soltando a fumaça do seu cigarro.

— Estamos fazendo uma visita. Sobre o tráfico humano, é muito dinheiro, vocês não são acostumados com as coisas boas da vida. Quando se acostuma, é difícil sair dessa coisa. Sabe quanto vale um coração? Um rim? Venda três desses em um mês e você vai querer mais e mais. Escravas sexuais? Europa, Ásia, América do Sul, vocês não entendem o número desse império, por isso acham pouco.

Entendemos o número, só não temos a crueldade suficiente para tanto.

— E seus soldados, Yoshida? — Gregory pergunta. — Como funciona? Se bem me lembro, fui obrigado a entrar nessa coisa.

— Gregory, eu dou dinheiro...

— O treinamento é grotesco.

— O mundo é dos fortes, Gregory. Se não lutar, morrerá, é assim que é. E, se os dois estão aqui, ao meu lado, dentro desse carro, é porque são bons. — o carro para, em frente a enorme casa que vi quando desci do avião. — É assim que é.

— E por que devemos fazer algo contra os tais "Bertollini". — pergunto, fazendo-me de desentendido. — Porque o senhor sabe, eu queria vingança e, do nada, fui levado e tenho que trabalhar nos complexos. E, pelo o que eu saiba, não tiveram ataques a essas pessoas, os Bertollini.

Yoshida balança a cabeça, depois, torce a boca.

— Porque mata-los faz com que eu pare meus negócios ou deixe nas mãos de outras pessoas. E eu prefiro meu dinheiro.

— Então não vai mata-los? — Gregory questiona.

— Vou, mas tenho coisa mais importante para fazer.

— Pensei que mata-los fosse importante, não foi para isso que fui chamado? — tento parecer com raiva.

— Sim, Alex. Mas tem muita gente ao meu lado que quer me ferrar, eles só esperam um momento de deslize, um afastamento e eles tomam o que é meu. Quem me colocou a frente dos negócios, está me traindo, ele deve odiar o que fez comigo no passado. Então, preciso me livrar de cada um deles primeiro, depois, eu continuo a minha vingança sem ninguém para esperar meu

distanciamento. E é por isso que estão aqui, garotos, eu confio nos dois.

Yoshida olha para mim e para Gregory, depois, ele dá um tapa em nossas coxas.

— Vamos! Eu preciso mostrar algo a vocês. — Yoshida pede para que Gregory desça, depois, eu desço atrás deles.

— Eu acho que ele pode ser gay e está afim de nós dois. — Gregory sussurra. — Ou ele quer nos fazer sorrir e matar depois, não sei.

— Acredito mais na segundo opção. — sussurro de volta.

Se bem que Yoshida é tão doido que incesto pode estar em sua mente... Não, o cara não estaria apaixonado. Não, não pode ser. Se bem que ele sorri demais, agrada demais, diz que confia... Isso me lembra quando eu estou com Karen.

Ah não, cara! Tem que ter outra explicação.

A porta é aberta e entramos na casa. Andamos alguns passos e encontro uma senhora sentada no sofá.

— Poliana, temos visita.

Poliana olha para Yoshida, depois para mim e para Gregory.

— Já conhece o Gregory, esse aqui é o Alex.

Poliana me encara, com a boca aberta.

— Uau! — ela murmura, olhando para mim e para Gregory. — Não parecem em nada...

— Calada! — Yoshida grita. — Eu vim para que eles vissem Milla. Para mostrar que o plano de sempre continua de pé. Eu imaginei que Alex continua querendo a vingança, então, trouxe-o até aqui para mostrar que uma pessoa sofre. Sofre muito.

— Você é...

— Calada! — Yoshida grita alto e segura o braço da mulher, chacoalhando com força. — Não me obrigue a fazer novamente.

— Por que eu falarei algo se ele está ao seu lado nessa vingança? — a tal Poliana olha para mim. — Por isso ele estava com Milla, são dois do mesmo.

Yoshida arrasta a mulher para algum lugar.

Poliana. Ela deve ser importante. Quem sabe, é a esposa de Yoshida. Uma esposa que pode odiar o marido e me odiar, já que ela disse que eu estava com Milla...

Eu e Gregory não falamos nada durante esse tempo, esse lugar deve ter escutas, câmeras. Se no complexo tem, imagine aqui.

— Pronto, voltei. — Yoshida retorna e pede para que eu e Gregory o acompanhe. — Eu sempre vou mudando de lugar, ficar no mesmo local é burrice, ainda mais um homem como eu, que deve ser bem procurado. Mas tem locais que amo por certos motivos.

Yoshida nos leva até o quarto, que fica nos fundos da casa. Ele pede a minha ajuda para arrastar a cama do lugar. Tiramos a cama e vejo uma porta no chão.

— Eu amo alguns lugares por terem esses esconderijos. — Yoshida começa a destrancar os cadeados. Agora eu vejo que na porta tem alguns buracos. — E aqui está a prova que eu continuo na luta, Alex. Que eu não esqueci a vingança, mas só preciso de um tempo.

Abrindo a porta, damos de cara com uma mulher sentada e de cabeça baixa. O espaço é bem pequeno, quase não dá para esticar as pernas.

Bem, eu acho que deve ser uma mulher. Está de vestido — imundo —, cabelo longo e bem emaranhados, esquelética e com a pele cheia de feridas.

— Milla, cheguei!

Milla?

Meus olhos se arregalam ao vê-la levantando a cabeça. Ela coloca a mão na frente dos olhos, certamente por conta da claridade.

Milla está em estado terminal, praticamente.

— Sorria, Milla. — Yoshida fala, com a voz baixa. — Mostre a eles como estão seus dentes, ou melhor, como não estão. Comeu sua banana amassada?

Olho para Yoshida.

— É, arrancamos os dentes. Um de cada vez, para ela não morrer ou algo assim. Estava gritando muito e falando besteira, então, cortamos a língua e tiramos os dentes, ela ainda faz muitos sons, porém, é mais difícil de entender. — explica. — Poderia mata-la? Sim, mas é chato. Essa vadia aqui fez muita merda, fez uma pessoa sofrer tanto, e isso me irrita. E Milla enganou você, Alex. Queria que se vingasse da sua família, mas, na verdade, ela te usaria contra mim. Ela usou você e Allan. Então, Milla está no buraco, sem luz, sem banheiro, sem água. Nós limpamos o buraco para não ficar tão imundo para quando chegassem, mas é assim que Milla vive agora.

Milla abaixa o olhar, não me encarando mais.

Eu não sinto pena de Milla, não sinto nada além de "justiça sendo feita". *Pior que foi feita por Yoshida.*

Milla queria pegar Karen, tentou vender Jasmine, tentou matar Daniel,

Giulia, Katherine, Felipe... Muita gente! Fora que Karen me contou que, no passado, Milla pagou para estuprarem Sara, não deu certo por causa de Isabella, se não fosse isso... E, logo após, Fernando entregou Milla a Yoshida para morrer nas mãos dele...

O que me faz pensar, quem é essa pessoa que Milla fez sofrer e irritou tanto Yoshida?

— Pronto. — Yoshida fecha a porta, com força. — Já mostrei como Milla está. Agora, vamos nos preparar para a grande luta. E os planos mudaram, agora, terão que matar duas pessoas.

(...)

O meu alvo já está na mira, assim como o de Gregory.

Estamos em um local fechado, uma espécie de boate, que, no andar de cima, tem janelas, onde estamos posicionados e preparados para atirar.

Gregory deve atirar no lutador e eu no homem ao lado do segurança. O homem que devo matar me parece um tanto deslumbrado. Desde que estou aqui o observando, ele parece admirado com tudo ao seu redor, ainda mais com as bebidas e charutos.

Ele parece um nerd, daqueles bem esquisitos. Não sei o que ele fez para ter essa felicidade e morrer em seguida.

Após o sinal de Gregory, no mesmo momento, nós dois puxamos o gatilho.

O caos começa. As pessoas correm e gritam desesperadas. Uma multidão sai correndo, algumas caem e outras são empurradas.

Poderíamos fazer uma chacina com as armas que Yoshida nos deu, no entanto, sabemos que não podemos fazer nada disso. Fora que, tem mais homens armados por perto, perderíamos fácil.

Deixando as armas de lado, olho para o ringue, onde o lutador está sem vida e o outro homem também. Ambos sozinhos. Ninguém perto lamentando por suas mortes, apenas pessoas correndo, tentando sair pela pequena porta.

Por que os dois morreram? Yoshida não nos informou.

Eu e Gregory levantamos e endireitamos nossa postura, já que estávamos ajoelhados, mirando por uma pequena janela.

— Tem uma confusão aí fora. — Gregory murmura, enquanto pede silêncio.

Nos aproximamos da porta, na sala reservada. Ela é aberta no mesmo instante em que nos aproximamos, Yoshida sorri para mim e para Gregory, agora, eu vejo um Benjamin furioso atrás de Yoshida.

— Por quê? — Benjamin grita. — O professor Claudio era importante e você o matou! Ele nos ajudaria!

— Ajudaria você, Benjamin, não pense que sou burro. Na verdade, sou mais inteligente. Acha mesmo que eu vou sair de tudo para me vingar dos Bertolini? Deixando você a frente? — Yoshida ri, encarando Benjamin. Eu e Gregory apenas observamos tudo calados. — Aquele professor não era para nos ajudar, era para ajudar você. Agora ele está morto. Era somente para o lutador morrer, mas soube que você trouxe o professor para se divertir, então, erro seu, Benjamin. Agradeça por eu não matar você nesse momento.

— Claro que não matará, eu tenho homens ao meu redor e você tem os seus. Você não quer chamar atenção para esse local.

— Temos um problema maior, Benjamin. Um problema bem maior no nosso meio.

Mais a frente, vejo um homem correndo em nossa direção.

— Eu não te fiz nada! — um homem grita, sendo contido pelos seguranças. — Eu não fiz nada! Por que matou meu filho?

— Você não fez, mas o seu filho, seu filho fez muita coisa! — Yoshida se aproxima mais do outro homem. — Betino, ou seria Jamal? Dane-se! Mas seu filho matou um garoto, um garoto que tinha tudo para ser o sucessor dele, sabe por quê? Inveja, Jamal, inveja. Assim como você, no passado, que teve inveja dos outros lutadores e acreditou fielmente em Michael, que o trouxe para esse mundo do "vale tudo até a morte". Você entrou nessa e só foi chorar, quando teve que matar o seu irmão, antes disso, nunca se arrependeu, nem mesmo quando te obriguei a treinar crianças para matar. Quando mandei você treinar Heitor e o perdeu.

— Deb morreu! — o homem grita, em meio às lágrimas.

Benjamin fica mais de lado, olhando toda a discussão. O tal Jamal está desesperado.

— Não me importo. Se seu filho morreu hoje, a culpa é toda sua, Jamal. Sua, apenas sua! — Yoshida pressiona o dedo indicador no peito de Jamal. — Saiu do lado de Fernando, que poderia dar apenas dinheiro, e foi para o lado de Michael, que deu tudo para você, desde casas, mulheres, drogas, deu tudo. Você

acostumou com isso porque é fácil, nunca chorou pelo sofrimento alheio. Seu filho era como você, mas ele matou o melhor lutador que tínhamos, que seria o sucessor dele. Seu filho matou e tentou esconder a culpa, mas eu vi, Jamal. Eu vi seu filho colocando veneno na comida do outro. Eu o matei na sua frente. Pensei em mata-lo na luta, mas poupei esse tempo e teatro. E nem pense em fazer uma vingança, eu sei onde sua família está. Se não quer presenciar mais mortes, fique quieto e continue com sua vida de merda, porque é isso o que você é. Você aceitou essa vida porque quis e trouxe seu filho por vontade própria, então, aceite essas consequências.

Bônus 7

Jean olha para o carro a sua frente e relembra o seu passado. O seu passado de merda com seus pais de merda.

Cassandra, sua irmã mais nova, não gostava tanto dele, e Jean não a culpava. Perdeu a conta de quantas vezes a sua irmã o viu drogado, desesperado, surtando... Ele até pensou que Cassie fosse odiá-lo por não salva-la a tempo, por ter deixado que Giovani a tocasse. Não foi culpa de Jean, mas se ele estivesse sóbrio, teria impedido logo no começo.

Tudo começou nas festas. Jean deveria ir às reuniões da Nostra, mas nunca ia. Seu pai dizia "Entre nos negócios, é importante que participe, para que, quando chegue o grande dia, você possa ser um dos mais importantes". Jean ria das palavras do seu pai e saía, indo diretamente para as festas que aconteciam do outro lado da cidade.

Mesmo menor de idade, Jean conseguia entrar naqueles lugares graças aos seus "amigos".

Começou com bebidas, depois veio um tal de *purple drank*, ou *lean**, como preferir chama-lo. Seus amigos deram a bebida e Jean aceitou, nem perguntou que líquido era aquele. O efeito daquela bebida o deixou eufórico, Jean se sentiu vivo. A partir daí, o apresentaram a cocaína, maconha e LSD.

A cada sermão do seu pai, Jean consumia mais, ia a essas festas para "descontrair". Até que seu vício ficou tão forte que seu pai o denunciou por porte de drogas, foi preso, ficou alguns meses e seu tio Arthur pagou a fiança, já que ele não sabia que o sobrinho estava preso. Deu inúmeros sermões, como o pai de Jean, o Francesco, só que os de Arthur sempre foram mais sábios, os de Francesco sempre foram mais... Mais sobre poder do que bem-estar.

A vida de Jean foi um constatar e sair de reformatórios e penitenciárias. A sua última prisão foi por salvar Cassie de Giovani.

Jean sempre estava drogado demais para pensar, nunca concluiu que aquelas conversas de Francesco sobre poder, não era sobre a família Ferrara permanecer no lugar — *que lugar? Apenas participando de reuniões e recebendo as fatias do contrabando?* — Jean nunca pensou em nada.

Após Giovani, Jean entendeu que algo maior estava acontecendo, mas preferiu se calar, se demonstrasse que sabia algo, seria pior. Era melhor parecer tolo que inteligente, e foi feito. Mas a necessidade em drogas ainda estava presente, mesmo na prisão. Era a sua válvula de escape contra a realidade.

Nas suas misturas de realidade e paranoia, Jean foi solto quase dois anos depois. Francesco o odiava, a sua mãe nem olhava mais em sua cara.

Outra questão havia surgido na cabeça de Jean: "Poder é o que eles querem, mas quem é Giovani na Nostra para ter tanto poder?"

Jean pensou em sair daquela história, até para proteger Cassie, mas seu pai tinha que mostrar que estava ajudando Fernando, por esse motivo, Jean foi "entregue" a família Bertollini para que ele ajudasse nas investigações.

Jean achou estranho, mas Cassie foi ameaçada. Pensou até que ele seria informante do pai, porém, nada aconteceu. Quer dizer, aconteceu, Jean tinha diminuído com as drogas, mas ainda as usava.

Um fato sobre Jean é a facilidade com que ele sai das drogas, ele usa, mas não depende delas. *Na cabeça de Jean, ele não depende.* Só usava para se esquecer da vida ou das dores, ainda mais na prisão, onde era espancado e ainda escutava as ameaças contra Cassie. No entanto, quando Jean fala: "Não usarei mais drogas", ele não usa e não sente os efeitos da crise de abstinência.

E isso foi feito quando foi para o lado de Gabriel e Jesse. Seu tio Arthur ajudou, mas fez Jean prometer que não usaria mais drogas. Depois dessa conversa, ele não usou mais. Ainda mais quando ele começou a ir com a cara de Gabriel e Jesse.

— Se eles entrarem aí, será mais fácil. — Drew fala, enquanto dirige o carro.

Jean apenas permanece focado no carro a sua frente, preparando-se para seu momento.

Ele sabe que não terá respostas, não do seu pai.

O carro da frente entra em uma rua mais apertada e Drew faz o mesmo. Nesse momento, percebendo a rua deserta, Drew acelera o carro, ultrapassando o da frente, fica um pouco mais a frente e faz um cavalo de pau** com o carro, fazendo com que o carro ultrapassado freie bruscamente.

Não dando tempo do outro carro dar a ré, o carro de trás, que está sendo dirigido por Dulce, para atrás, impedindo a saída.

Jean, Drew, Dulce, Amanda, Rachel, Daniel e Jasmine descem do carro, com suas armas apontadas para o carro que está no meio.

Daniel grita para o homem sair, muito relutante, o homem sai, desarmado.

Drew se aproxima e o revista, retirando uma arma da sua cintura.

Nesse momento, Jean olha para seu pai. Francesco está aqui, com o semblante assustado e de medo.

Jean não deixa de sorrir.

Pelo menos com o seu pai, Jean conseguirá a vingança.

(...)

Daniel e Jasmine estavam na casa onde acontecia o "vale tudo", conseguiram entrar porque mataram um homem que era da Nostra e ele estava com as "entradas" para a luta. Lá dentro, Daniel reconheceu Jean, mesmo com o disfarce, Daniel não deixou passar despercebido o olhar do filho ao seu pai...

Amarrando Francesco na cadeira e cravando suas mãos com pregos enormes, Jean apenas sorri para o trabalho feito.

Mesmo amarrado, Jean pegou alguns pregos que estão na parte de baixo da casa — onde está ficando junto aos outros —, e bateu nas mãos de Francesco, que chorou a cada batida dada. Além de ter o prego sendo perfurado em sua mão, Jean ainda errou na mira e bateu com o martelo na mão de Francesco.

Pegando outro prego, Jean posiciona na coxa de Francesco.

— Não dá para pregar na cadeira. — Jean sorri. — Mas vai doer tanto que vai me compensar.

— Eu sou seu pai...

— Sem essa conversa, você pode falar que me ama, que sou o seu filho, e a quantidade de pecados que serão cometidos nesses atos. Eu vou dar ouvidos? — Jean levanta o martelo e tira o prego, acertando na coxa do homem, que grita com a dor. — Não, não adiantará.

Xingando Jean, Francesco começa a se contorcer.

Jean olha para as mãos de Francesco na cadeira e vê que estão sendo rasgadas, porque a cada movimento que seu pai faz, o prego rasga ainda mais as suas mãos.

— Eu não me importo, Jean! — seu pai para de se contorcer. — Eu não me importo mesmo!

— E quem disse que para que se importe com algo? Assim como sei que não contará nada, morrerá calado, nunca vai entregar os seus parceiros ou Yoshida.

Nesse momento, o homem começa a rir.

— Você ficou inteligente, Jean. Entendeu que ninguém entrega o outro,

será verdade?

— Claro, fidelidade aos filhos não é nada, você deve fidelidade ao Yoshida.

— Você poderia ter tudo, Jean. — sorrindo, Francesco continua. — Você era o preferido de Yoshida.

Nesse instante, Karen e Daniel se aproximam mais, interessados no assunto.

— Interessados? — Francesco ri, sabendo que despertaria o interesse de todos com suas palavras. — Pois é, crianças, Jean era o preferido. Além dos filhos de Yoshida, claro. Jean seria treinado para ficar junto ao Marlon, ou seria Jesse? — inclina a cabeça para o lado. — E não é que Yoshida conseguiu? Agora meu filho é próximo do filho dele, pena que Jean escolheu o outro lado.

No mesmo instante, todos recordam que ninguém sabe sobre Jesse estar ajudando. Só parentes próximos e amigos próximos sabem, até para pegar Javier Karen levou todos os créditos, mantendo Jesse longe das suspeitas. De qualquer modo, Jesse trai o maior psicopata da história.

Todos sabem que Jesse e Jean estão próximos, até porque, Jesse foi colocado para se aproximar de Gabriel, depois, de qualquer pessoa que pudesse ajuda-lo.

Saber que o pai de Jean desconhece esse fato, prova que Yoshida não sabe sobre o filho e ninguém próximo é o traidor — *principalmente do lado de West, que sabem sobre Jesse* —, mas também pode ser que Yoshida saiba, mas não tenha contado isso ao seu parceiro.

— E Yoshida me aceitaria do nada? — Jean ri.

— Não, Jean. Você é meu filho, eu te treinaria desde sempre. Você seria como um informante, você deveria se aproximar de Daniel ou de Leonardo, nos dar informações. Não era para a reunião da Nostra que eu chamava, era para a reunião com Yoshida, mas você nunca aceitou. E Yoshida sempre disse que você deveria ir por conta própria, para crescer. Nunca cresceu, perdeu muitas chances.

— Quando eu fui preso não foi por castigo. — Jean começa a entender tudo. — Foi para eu sobreviver, para eu lutar, para eu mostrar que sou forte.

— Para ver até onde sua submissão ia. Para ver se a sua irmã era tão importante a ponto de você se ferrar por ela. Por esse motivo Cassie não foi mais incomodada, você a protegeu e Yoshida gostou disso. Mas quando você saiu da prisão, você estava fraco, um estúpido, um medroso. Então eu te levei para a Nostra, para que você ferrasse com eles, para que seu vício atrapalhasse, para que os planos não dessem certo. Mas seu tio Arthur o fez homem, não foi? Ele

ajudou você no processo de crescimento e terminou com meus planos.

Se aproximando mais, Karen pede para que Jean abaixe na sua direção. Sussurrando, Karen diz:

— Ele está falando muito e está me ajudando a pensar. — ela olha para o homem. — Sei que quer mata-lo, mas se ele falar um pouco mais, eu tenho mais teorias para pensar.

— Ele será como Giovanni? — Jean pergunta.

— Giovanni não falou nada até hoje, mas esse homem fala. Mesmo não sabendo se fala a verdade.

— E falarei mais. — o homem ri. — Eu acho que já contei histórias, certo? Então, posso contar mais.

— Por que contar se sabe que morrerá? — Daniel questiona. — Você pode nos enganar.

— Ou eu posso ter sido traído de ambas as partes, tanto de Yoshida quando de Benjamin e Luigi.

— Quem é Luigi? — Jean pergunta.

— Olha se eu não estou dando informações? — Francesco ri mais alto. — Se me torturar até a morte, eu morro calado, se me tratarem bem, eu ajudo vocês.

— Eu não acredito nisso. — todos falam.

— Eu dou a informação onde sua mãe está, Jean, ela morre e eu mostro que estou disposto a ajudar.

— Por quê?

— Porque ela é uma vadia interesseira. — Francesco cospe as palavras. — E Yoshida só piora. Ou pessoa quer vingança, ou ela quer os negócios. Yoshida não sabe o que quer, uma hora ele quer seu negócio, na outra ele quer vingança. Eu só sou o homem das lutas, nada de mais. Mas ele matou o meu melhor lutador, o que me rendia mais dinheiro e me dava mais créditos com os apostadores. Porém, Yoshida me traiu. Ele diz que aquele homem, que foi morto hoje, assassinou o melhor lutador, mas é mentira, Yoshida matou o lutador e jogou a culpa em outra pessoa. Para fazer Jamal sofrer e continuar em suas mãos.

— Jamal... — Daniel sussurra. — Eu já ouvi falar desse nome.

— Era lutador do seu pai, Michael queria que Fernando entrasse no mundo das lutas ilegais. Não deu certo. O plano era fazer com que Fernando comandasse um esquema de vale tudo até a morte, em algum momento, todas as mortes seriam atribuídas a Fernando.

Daniel e Jasmine lembram de Michael, o homem que eles mataram junto com Gabriel.

— Deixe-me contar um segredinho para vocês, assim, eu dou algo para a mini gênia pensar. — ele sorri, de modo zombador. — Nós odiamos Yoshida por muitos motivos e, um deles, é que Yoshida deveria tomar a Nostra, porque Luigi já tinha alguns aliados, depois, era matar cada amigo de Fernando. Mas Yoshida é sentimental, conheceu algumas pessoas e se apaixonou. Essas pessoas são boas. São muito boas. Então, Yoshida nunca atacou. Matou a mãe biológica de Giulia, mas, tanto faz, na vida de Fernando não fez diferença. Então, ele tentou colocar Fernando em vários negócios ilegais, para que sua morte fosse atribuída a outros motivos, ou para que fosse preso e fosse morto na prisão.

— Como ele e Tyler foram presos. — Karen sussurra.

— Sim, mas não deu certo. Fernando e Tyler sabem sobreviver até quando vários querem mata-los e quando não tem aliados no local. Por que Yoshida nunca atacou? Além dele conhecer tais pessoas e ama-las, ele nunca foi tão motivado na sua vingança, uma hora sim, outra não. Deve ter algo sobre bipolaridade. Curiosos para saber quem são essas pessoas? Deixe-me viver e eu conto.

— Por que quer ferrar com Yoshida? — Daniel pergunta.

— Ele não é mais meu parceiro. Yoshida foi meu parceiro até fazer várias coisas nas minhas costas. Tanto que eu me juntei a Giovani e Javier para ferrar com Yoshida. Benjamin está sozinho porque é muito egocêntrico e pode ferrar qualquer um sem pensar duas vezes; e Luigi, bem, esse é como Yoshida, tão louco quanto e todos sabem que é tão letal e traiçoeiro. Se vocês querem acabar com Yoshida, eu ajudo, mas será do meu jeito.

Sorrindo, Jean fala:

— Será do seu jeito, pai. — a ironia está presente em seu tom de voz. — Você está vivo, mas sabe quem também está? Fernando. — o sorriso de Francesco diminui um pouco. — Você sabe os métodos de tortura dele. Você fica vivo, eu e Fernando te torturamos e veremos o que fará.

***Purple Drank** (do inglês: bebida roxa), também conhecida como lean, sizzurp ou syrup (do inglês: xarope), é uma droga recreacional à base de xarope de codeína, refrigerante, bala de goma e muitas vezes misturado com remédios opioides. A droga popularizou-se na cena Hip-Hop do sul dos Estados Unidos e nos últimos anos tem-se tornado muito popular entre jovens norte americanos e

também se tem espalhado para outros países, como França, Reino Unido e Alemanha.

Quando consumido, o purple drank traz efeitos de euforia e adrenalina, levando o utilizador a ficar muito animado, além de deixar um gosto doce na boca que fica por muito tempo. Quando consumida em excesso a droga pode causar alucinações, desequilíbrio e por fim convulsões, os efeitos da droga pioram ainda mais quando ela é misturada com álcool e drogas opíoides ou benzodiazepínicos, como Xanax. Não há estimativas para o número de pessoas que morrem por ano em decorrência da droga, porém muitos especialistas acreditam que centenas de jovens morrem em decorrência de overdose por codeína.

****Cavalo-de-pau** é uma manobra executada com veículo automotor, que consiste numa freada brusca e giro ou guinada do volante, fazendo o veículo derrapar e dar meia volta até parar em posição invertida.

Capítulo 15

Karen

Olho para o homem preso a minha frente. Seu rosto, suas mãos e sua coxa estão ensanguentadas. Ele ainda derrama algumas lágrimas de dor, porém, não faz nenhum som.

O homem a minha frente deveria estar ao lado do meu pai, pelo menos, foi isso que ele aparentou fazer de início.

Quando a Nostra Ancoma perdeu a liderança da família Bertollini e Vesentini, algumas pessoas permaneceram ao lado do meu pai, a família de Cassie e Jean, foi uma delas. Arthur ajuda meu pai e Francesco, o seu irmão, ele...

Eu não sei se em algum momento Francesco mostrou fidelidade, ou se meu pai só o aceitou por causa de Arthur, que, também, trouxe Jean para o nosso lado...

Aceitar por causa de Arthur...

Se Francesco queria que Jean ficasse ao nosso lado para... Não, ele disse que Arthur levou Jean para a Nostra e o fez virar "homem", atrapalhando os planos de Francesco, fora que Arthur soltou Jean da prisão, sendo que Francesco e Yoshida olhavam a capacidade de Jean para sair das confusões.

Se for para acreditar em Francesco, uma teoria foi desfeita.

Suspiro alto, com raiva. Estava tudo tão claro, tudo tão na minha frente, mas a teoria será arquivada, pelo menos, até sabermos se Francesco fala a verdade ou não.

— Eu acho que podemos arrancar um dente hoje, outro daqui a dois dias. — olho para Daniel, que fala com uma frieza que nunca vi na vida. — Sete chicotadas por dia e impedi-lo de dormir.

Olho para Francesco, que fecha os olhos e pragueja em alemão.

Kat contou que tinha certeza que Giovanni falava a língua dos demônios, pois não entendeu nada do que ele dizia, mas era alemão.

Por que os dois praguejam no mesmo idioma sendo que ambos são italianos?

Claro que cada um fala do modo que quer, só é estranho que eles falem nesse idioma, que não é tão comum. Falam como se fosse seu idioma verdadeiro...

Talvez seja, pelo menos, sabemos que Giovanni não veio da família da Nostra, veio de Yoshida e ele pode ter crescido em outro lugar, já que Jesse perdeu o contato com o irmão mais velho. Mas o pai de Jean?

Jean se aproxima da cadeira onde o pai está preso e pega um alicate do chão, depois o obriga a abrir a boca. Como não é feito, Jean enfia o alicate na boca de Francesco, rasgando o lábio superior do homem, depois, ele puxa o dente.

— Quebrou! — Jean informa, rindo diabolicamente, assim como Daniel.
Daniel está estranho, ou ele sempre foi assim na vida e eu nunca percebi.
O grito de dor vindo de Francesco, me tira dos pensamentos.

Jean repete o processo com o alicate e, agora, ele arranca o dente da frente de Francesco.

O sangue jorra de sua boca e Jean se afasta. Indo até Daniel, que pega um pedaço de madeira e entrega a Jean.

A madeira é um pouco grossa, e um tanto grande. Parecendo segurar um taco de baseball, Jean levanta e abaixa, batendo diretamente na barriga de Francesco, que cospe o sangue da sua boca no mesmo instante e começa a tossir.

O pedaço da madeira é entregue a Daniel, e ele faz o mesmo, só que nas costas de Francesco, que levanta o corpo, deixando a barriga livre para Jean bater novamente.

Escuto passos de alguém se distanciando, quando olho para trás, vejo Jasmine colocando a mão na boca e saindo do porão.

Como sei que a tortura vai demorar, decido ir até Jasmine para ver o que acontece.

Saio do porão e a encontro no corredor, apoiada na parede com a cabeça baixa. Aproximo-me mais, e escuto fazendo sons de vomito.

— Eu ajudo. — seguro seu braço, porque ela parece que vai cair a qualquer momento. Ela continua fazendo alguns sons, depois para.

Ajudo a acalmar sua respiração, que está ofegante.

— Eu não sei o que me deu. — aperta a minha mão e percebo que está gelada. — Nunca me importei com essas coisas, mas quando aquele homem cuspiu sangue, eu senti muito enjoo. Saí correndo para vomitar, mas a vontade foi tão grande que abri a boca, mas nada saiu.

— Não comeu nada hoje?

— Não, não tenho fome. Acho que estava muito ansiosa para a luta.

— Venha comigo.

Levo Jasmine até a cozinha improvisada que temos aqui, onde Amanda e

Jesse estão discutindo sobre tempero.

— Esse molho é ruim, de onde vim tem essa marca é horrível! — Amanda pega o molho da mão de Jesse. — Eu disse para não comprar.

— É molho de tomate, tanto faz!

— Você que pensa, o tomate tem gosto de estragado!

— Vocês estão discutindo por molho de tomate? — olho para os dois, que agora perceberam que estamos aqui.

— Sim! — Amanda coloca o molho em cima da mesa. — Antes de irmos para a luta, fomos a um mercado, para comprar algo para comer. Eu pensei em fazer feijão e ensopado de carne com algumas verduras, porque comer besteira está por fora. Então, eu só pedi para esse garoto pegar um molho de tomate bom, ele me pega o pior, sendo que eu falei "não pegue de tal marca".

— Só tinha esse!

— Era só não pegar!

— Eles estão discutindo por molho de tomate? — olho para Jasmine.

— Pegaram raiva um do outro por nada. — respondo.

— Só que eu disse a Amanda que consigo transformar o molho de tomate horrível, no melhor molho de todos, mas ela não aceita.

— Não mesmo! Fui pedir para ele abrir a vasilha de milho e ele falou "Amanda não presta para nada, diz que me odeia, mas necessita da minha ajuda". Peguei a lata, forcei aquela tampa e não abri, mas ajuda dele eu não peço!

— Ela não vai admitir que cozinho melhor que ela.

— E quem disse isso?

— A cara de satisfação de Naara com meu bolo diz tudo!

— Claro, ela é seu amorzinho, deve estar cega...

— Come com a boca!

— Deve ter perdido o paladar e o bom gosto, isso explica porque ela gosta de você.

— Como pegaram raiva um do outro? — pergunto, não entendendo como isso aconteceu.

— Tudo o que faço esse idiota crítica.

— Você me crítica, Amanda!

— Ranço, Karen! — Amanda grita. — Ranço é um sentimento sem volta. E é isso o que sinto por Jesse, ranço!

— Estou tão triste, Amanda. — Jesse força uma voz de tristeza.

— Eu posso fazer um molho de tomate. — falo, impedindo que essa

discussão cresça ainda mais. — Mas precisa de molho de tomate?

— Não, era só para dar cor e não ficar um caldo marrom como diarreia.

Jasmine abre a boca no mesmo instante e faz som de vomito.

— Oh, desculpe! — Amanda vai até Jasmine. — Esqueci que temos uma grávida entre nós.

Olhamos para Jasmine, que encara Amanda sem entender nada.

— Ah, qual foi? Desde que vi essa menina ela está colocando a mão na boca parecendo que se falar, vai vomitar. Eu tive que segura-la quando saiu do carro, parecia que ia desmaiar, ofereci minha bala, ela pegou, colocou na boca e jogou fora no mesmo momento, pois ia vomitar. Pode ser infecção intestinal? Pode, mas eu aposto em gravidez.

— Nessa eu estou com a Amanda. — Jesse informa, um pouco... Preocupado? — Jasmine estava quase desmaiando quando saiu do carro.

— Não, não posso estar grávida. — ri de nervoso.

— Se você *coita*, você pode engravidar. — falo, segurando a sua mão, que está mais gelada ainda.

Ajudamos Jasmine a sentar na cadeira. Ela está com uma cara muito mal, até que ela abaixa a cabeça e fica batendo na mesa.

— Ela também é louca? — Amanda pergunta.

— Ela é meio louca para entrar na luta, mas não para bater a cabeça na mesa. — aperto o ombro de Jasmine, tentando fazer com que ela pare com isso.

— Como que eu fico grávida no meio desse caos? — ela levanta a cabeça. — Se Daniel souber, ele vai me prender e vai me impedir de sair de casa, ele vai ficar pirado com isso.

— Nem sabemos se está grávida mesmo.

— Karen, eu estou com isso há semanas, às vezes passa, outros momentos vem com tudo. Eu não falei nada para não preocupar Daniel, mas pode ser que eu esteja grávida mesmo. Não liguei antes porque tenho tanta coisa para pensar, que nem me importei.

— Meu irmão é meio louco com proteção, mas...

— Ainda mais depois de Nicole. — ela me interrompe. — Ele não superou, de maneira nenhuma. Piorou quando Hugo mencionou que Nicole falou que não sentia medo de Fernando e que estava feliz pela família que adotou Daniel. Aquilo o quebrou ainda mais, acho que ele idealizou a família perfeita, que não terá mais. Então Daniel ficará um tanto louco se souber que eu estou grávida, ainda mais com Yoshida sequestrando crianças.

Lembro exatamente de todo o sofrimento de Daniel, da violência na

infância, da irmã que tinha medo do nosso pai, não queria aproximação com outras pessoas e morreu por Jasmine, sendo que nunca forma próximas. Mesmo assim, ela morreu para salva-la, e para salvar Hugo.

Por isso eu achei Daniel estranho...

— Daniel nunca mais foi o mesmo. — Jasmine olha para frente. — Depois da morte de Nicole, ele colocou vinte e cinco seguranças ao meu redor. Vinte e cinco! Me ligava a cada meia hora para saber se eu estava bem, as janelas da casa onde estávamos, são todas fechadas e com grades, Daniel acha que eles entrarão de qualquer modo.

— Eu não sabia...

— Daniel não deixa que eu fale algo, sempre que vou para falar, ele me interrompe. Por isso eu ando com ele para um lado e para o outro, ele não aceita dizer que a morte de Nicole o afetou, porém, do jeito que ele está distante, focado em vingança, eu tenho medo que ele aja por impulso e perca a vida. Eu falei para Fernando que iria comprar comida, ao invés disso, fui procurar respostas, Daniel pirou quando descobriu que saí sozinha. Uma gravidez agora piora tudo.

Jasmine começa a chorar e eu abraço, assim como Amanda.

— Se estiver grávida, fala para Daniel que seremos suas seguranças particulares. — Amanda fala. — Daí nós te ajudamos.

— É, Jasmine. — concordo com Amanda. — Assim você fica segura e conosco.

— Vocês não entendem, não é apenas a segurança e sobre eu ficar presa, pois eu entendo, ele quer me proteger. Mas é algo muito maior... Esquece. — ela nos abraça novamente. — Querem ajuda com a comida?

— Jasmine...

— Não, Karen. Tudo bem. — enxuga o rosto depois olha para Jesse. — Eu te assustei?

Olho para Jesse, que está encarando Jasmine com os olhos arregalados.

— Não. — ele se recompõe. — Só é muita emoção, não sei lidar com isso.

Sorrindo, Jasmine pega a faca e começa a cortar as verduras. Amanda vai para o seu lado e começa a ajuda-la. Eu seguro o braço de Jesse e o arrasto para fora da casa.

— Por que está tão surpreso? — pergunto, e ele continua da mesma maneira.

— Ela não sabe de quem sou filho, certo? — confirmo. — Karen, você

sabe muito bem que eu participei de algumas reuniões com meu pai e que sei de algumas poucas coisas. Você sabe que eles querem sua família, mas Jasmine, ela tem algo, tanto que ela foi sequestrada e seria sedada, já Daniel seria morto.

— Sim, eles poupariam Jasmine para ser vendida.

— Não, tem algo mais. Eu não sei! Mas do jeito que Yoshida tem raiva, ele nunca pouparia Jasmine ou a venderia, ele pode ter dito isso para Alex, já que ele estava naquela época, mas ele nunca pouparia. Ele nunca cometeria o erro de Fernando. Milla escapou, Jasmine também poderia. Yoshida faria Jasmine sofrer nas mãos dele...

— Eu ainda não entendo porque tanta surpresa.

— Eu não estou sabendo explicar, espera. — ele respira fundo. — Quando eu ia aos encontros do meu pai, ele falava que pegaria a todos, mas Jasmine tinha uma atenção especial do meu pai, tanto que ele queria que eu me aproximasse de Daniel, mas não deu certo e eu me aproximei de Gabriel. Quando contei isso a Yoshida, ele questionou se Jasmine não teria uma amiga ou parente próxima, ele já sabia que Jasmine não tinha uma irmã. Eu falei de Leila, já que Giulia estava com Leonardo. Yoshida negou e disse que era para eu me aproximar de Jasmine de qualquer modo, só que como sabe, eu nunca traí vocês, então nunca me aproximei dela, e dava a desculpa que não estava conseguindo nenhum progresso.

— E ele nunca pediu para se aproximar de mim?

— Não, nunca! Nem de Giulia ou Katherine, era de Jasmine, que na época nem era da família Bertollini. Então, quando ele finalmente sequestra pessoas próximas, ele pega logo Jasmine e Daniel, sendo que Daniel seria morto e Jasmine...

— Continuará viva. — completo, começando a pensar no motivo para isso. — Tem alguma pista do motivo para isso acontecer?

— Não, eu nunca foquei tanto nesse assunto, mas como Jasmine pode estar grávida, Yoshida está próximo, ela será o alvo dele. Você sabe o que ele faz com crianças, então Jasmine será a caça dele.

— Força a sua mente, tem que lembrar algo.

Jesse para de falar e começa a pensar.

— Tyler ficou preso durante um tempo. — lembro. — Yoshida o prendeu.

— Como assim? — Jesse olha para mim. — Eu não sei sobre essa parte da história.

— Como não sabe? Tyler sumiu por um longo tempo, quando retornou,

estava com Alex e Allan, sendo que os dois estavam junto a Milla.

— E como Alex e Allan voltaram com Tyler e com Milla, sendo que meu pai odeia Milla?

— Você não sabe de Milla?

— Quando eu entrei nessa história de vez, foi por ser inteligente. Gabriel me chamou e fomos atrás de respostas sobre Alex e Allan, então conhecemos Tom e o tal serviço secreto. A partir daí, eu só tive informações dos sequestrados, depois que me falaram de Yoshida, e foi por você, Karen, por causa do envenenamento. Depois foi Luna, Benjamin... Nada de Milla.

— Nessa época já tínhamos até esquecido dela. — relembro. — Yoshida era a principal suspeita.

— Sim, eu sabia sobre Milla por Yoshida. Sei que ele a conhece, mas não que estão juntos. Yoshida sempre mencionava o ódio por Milla, sempre diz que ela é a pior vadia que já conheceu, que ele quer mata-la lentamente. Agora você me diz que meu pai, Yoshida, aquele louco, deixou que Tyler saísse com Alex e Allan, sendo que os dois estavam com Milla? Não tem sentido. Para falar a verdade, eu tinha certeza que Alex e Allan chegaram nessa história do nada, como filhos perdidos, não porque salvaram o pai. Yoshida nunca diminuiria a segurança.

— Ele pode ter liberado Alex e Allan e dado... Não, eles não conheciam Yoshida, e Allan até hoje nem deve saber da história. — lembro esse detalhe.

— Mas se formos pensar que Yoshida fez Alex enterrar a própria irmã e depois ele subiu de nível... É, eu não sei o que pensar.

Ficamos em silêncio no que parece ter sido horas, cada um pensando em uma coisa. O jantar ficou pronto e nem fomos comer, só sabemos pensar em uma resposta.

Até que, depois de um tempo, algo passa em minha cabeça. Parece até que algo estalou em mim: A minha teoria estranha de Alex ser filho de Yoshida.

Se Allan acha que meu pai e Marco foram responsáveis pela morte da mãe deles, então, Yoshida pode tê-la matado. E se Allan e Alex são filhos de Tyler — ou apenas um deles — é porque essa mulher se envolveu com Tyler e com Yoshida — será? Talvez.

E se Yoshida descobriu sobre esse envolvimento e a assassinou? E se esse for o motivo dele querer Jasmine, pois ela é a filha de Tyler, o homem que ficou com sua amada... *Não, não faz sentido.*

Se bem que a mãe de Jesse morreu cedo, assim como a de Giovani... Já a mãe de Alex e Allan morreu depois de uns nove anos...

Eu já me perdi no raciocínio, pela primeira vez, eu me perdi totalmente em uma teoria.

Mas como Jesse falou, Jasmine tem algo importante nessa história.

— Se não bastasse pensar em Nancy, agora tem Jasmine...

— Nancy? — Jesse olha imediatamente na minha direção, tão surpreso quanto antes.

— Sim, antes de irem para a luta, Jean e Rachel foram procurar respostas sobre Eliana e souberam que uma moça chamada "Nancy" sempre a visitava quando era uma criança, mas foi assassinada, e, logo após, uma série de assassinatos começou. Jean não deve ter contado porque estava focado em pegar o pai, depois, cada um foi fazer o plano e esquecemos de contar as informações.

Jesse pisca os olhos rapidamente, depois, balança a cabeça.

— O que foi? — pergunto.

— Minha mãe... Ela... — esfrega os olhos. — Essa mulher foi assassinada de que modo?

— Parece que foi estuprada e depois foi assassinada, algumas partes do seu corpo foram encontradas em sacos de lixo pela cidade. Mas ninguém procurou por ela.

— É que minha mãe era chamada de Nancy. — olho diretamente para Jesse. — Ela foi esfaqueada bem na minha frente, eu era pequeno, deveria ter uns cinco anos. Meu nome verdadeiro é Marlon, mas minha mãe queria Jesse. Assim como o nome verdadeiro da minha mãe, que era Nora, mas Yoshida insistia em chama-la de Nancy.

— Então temos três Nancy, a que trabalhou na minha casa, a que visitava Eliana e a que era a sua mãe. Ou temos apenas duas, porque se você viu sua mãe morrendo, ela... Não. — bato a minha mão na testa. — Uma Nancy morreu quando Eliana era uma criança, e ela é bem mais velha que você, então, não tem como essa Nancy ter te conhecido. Então são três Nancy, de qualquer maneira. Agora, por que tanta Nancy?

Capítulo 16

Karen

Dois faróis acesos fazem com que eu feche meus olhos.

Na escuridão da noite, o carro chega e pisca os faróis, avisando-me que eles estão aqui: meu pai e meu avô.

Depois de conversar com Jesse, entrei, comi três garfadas de comida e voltei para fora. Daniel veio e perguntou se poderia falar com nosso pai onde estávamos, pensei e disse que pode, afinal, Jean e Daniel acham melhor manter Francesco vivo do que mata-lo e perder qualquer possível resposta. E se Francesco continuará vivo, ele precisa de monitoramento redobrado, fora o transporte para um prisioneiro, e isso é algo que Fernando Bertollini e Victor Bertollini podem ajudar.

Quer dizer, meu avô sim, mas o meu pai? Ainda não sei...

Meu avô é o primeiro a descer do carro. Ele vem em minha direção e eu levanto do degrau que estava sentada. Ele abre os braços e eu o abraço.

— Que orgulho de você. — ele fala, me abraçando e fazendo um movimento de cima para baixo em minhas costas.

— Eu não fiz nada. — nos afastamos.

— Karen, quando aprenderá a levar os créditos? Ficou calada sobre Marco e tantas outras coisas. — acaricia meu rosto. — Você despistou os seguranças porque sabia que tinha algo errado.

— E tem algo errado?

— Não sabe?

— Não. Quer dizer, desconfiei, mas não obtive nenhuma resposta contra eles.

— Não sabemos ao certo se os seguranças eram traidores ou não, no entanto, Fernando ligou para você, para saber sobre a viagem e para pedir desculpas. — olho para o meu pai, que está encostado no carro, olhando em minha direção. — Na ligação, você falava que estava tudo bem e disse outras palavras que fizeram Fernando desconfiar que não era você ali.

— Quais palavras? — questiono.

— Que sentia a minha falta. — olho para meu pai novamente, depois, desvio o olhar.

— Então, não era você ali, no mesmo momento, viemos para cá, para

saber o que havia acontecido. Só que Jasmine saiu para procurar, no jornal passou o acidente e mostrou a foto do motorista, ele era um dos seguranças. Todos os seguranças morreram em um acidente de carro que teve aqui perto, um acidente bem estranho, porque não tinham tantas possibilidades daquilo acontecer, então foi planejado.

— Um acidente de carro. — relembro o acidente que vi quando saí com Amanda para procurar o tal "Benito", eu até tentei fazer teorias, mas deixei pra lá, achei muita doidice de minha parte. Mas não é que faria sentido?

— Sim, não sabemos se foi forjado porque eles falharam em perder você e os garotos, ou se foi forjado para que os nossos seguranças morressem. De qualquer modo, alguém ali atendeu a ligação e fingia que era você.

— Na minha gravação, eles falavam como se tivessem me perdido e tivessem preocupados. Na verdade, ele falava com meu pai, depois eles ficavam preocupados em me entregar. Eu coloquei uma escuta no carro e presenciei essa conversa

Meu pai se aproxima mais.

— Então, se você escutou uma conversa por uma escuta no carro, a sua conversa foi verdadeira. — ele diz. — Ou fingimento, mas eu aposto na primeira opção. Escutou algo após?

— Não, eu estava ocupada, depois, não tinha mais sinal.

— O acidente. — meu avô fala.

— Então, de alguma maneira eles sabem que estamos aqui, eles não forjaram a sua conversa, mas forjaram a minha, porque estavam perto. O que me leva a acreditar que estou certo, Raul está com eles, ou ele é o próprio Yoshida.

Olho diretamente para meu pai. *Ele pensou como eu e Kat?*

— Como? — pergunto. — Ele não apareceu depois que os senhores saíram? Desconfiaram antes ou depois?

— Você desconfiou dele?

— Claro! Bem propício ele aparecer depois do senhor e do vô saírem.

— Antes de vocês saírem, Raul deu uma rápida passada em casa, bem rápida, só para dizer que está conosco nessa luta e que pode nos ajudar. Então, ele pode ter colocado algum aparelho lá, desviando o sinal telefônico de qualquer celular ou, até mesmo, se aproximando dos seguranças e colocando um rastreador neles, assim, Raul sabem onde eles estavam. Até porque, os seguranças estavam reunidos, prontos para alguma ação.

Graças a Deus que eu falei com Kat e ela estava em outro lugar.

— Mas a minha desconfiança começou a partir daí. Raul passou muito

tempo longe, dizendo que investigava em silêncio. Mas seu silêncio nunca veio com respostas, eu achei normal, afinal, ele já é um senhor, não pediria tanta agilidade dele. Mas depois de tanto tempo ele aparecia do nada? Dizendo que vai ajudar? Pedindo proteção em nosso condomínio? E sem a Nancy?

— Raul nem ao menos ligava para falar algo, quando ligava, falava "Não achei nada". E isso durou um bom tempo. Por que ele apareceria agora? — meu avô pergunta.

— Porque os senhores saíram. — respondo. — Para ter livre acesso.

— Mas ele não terá. — meu pai volta a falar. — A segurança foi redobrada e tem pessoas de olho nele. Não o pegaremos agora, deixaremos Raul pensar que não desconfiamos, que ele é o velho amigo da família. Deixaremos Raul livre, assim, na primeira falha, nós conseguiremos algo.

— E pega-lo agora não é menos perigoso?

— Se bem me lembro, me contaram que Javier morreu sem falar nada. Sem dar resposta. Raul é importante, ele não é um traidor "meia boca" como o Francesco, assim como o Giovani e Javier, Raul sofrerá calado.

— E como acham que ele é importante? Ele pode ser um traidor como o pai de Amélia. Estava na Nostra e pulou para o outro lado.

— Quando eu juntei todas as peças, as coisas fizeram sentido. — meu pai responde. — No passado, Raul era meu motorista por causa de Nancy, ele dizia que a mulher era muito boa e poderia pirar se soubesse quem ele é de verdade, um homem que está na Nostra há anos, que começou sendo o segurança. Eu não liguei, foram anos de trabalho até ele pedir um favor, fora que eles moravam em uma boa casa, que eu dizia que era meu presente a eles, eles não viviam como pobres, tinham condições. Então nunca desconfiei sobre Raul querer ser o motorista e sua esposa uma empregada. Raul continuava na segurança e Nancy não trabalhava tanto, tinha uma moça que fazia o trabalho mais pesado. Só que agora eu posso pensar que ele fez isso para ficar próximo a minha família.

— E nunca atacou em todos esses anos?

— Essa parte não faz sentido, realmente. Mas algo que nunca pensei e me odeio por isso, foi a facilidade com que Raul vendeu Milla e recebeu o dinheiro sem um pinga de sentimentalismo. Ele nunca a amou, então, na época, não vi nada de mais, mas agora? — meneia a cabeça. — Primeiramente, Raul levou Milla para fora do país, depois ela voltou. Quando contei que daria Milla a Yoshida, para ela ser uma prostituta, Raul não negou, na verdade, ele concordou e ainda ganhou o dinheiro de Yoshida. Eu dei uma mercadoria, mas ainda ganhei dinheiro. Esse dinheiro serviu para que, anos depois, me tirassem da Nostra por eu ter quebrado a regra de tráfico humano.

— E por que fez isso? Por que deu Milla para ser prostitua? Se odeia os negócios de Yoshida...

— Ele era um cafetão de outro continente, Karen. — meu avô me interrompe. — Fernando não poderia matar Milla porque poderiam descobrir e ele sairia da Nostra, então ele a mandou para longe, para ficar presa por lá e morrer. Yoshida não era um traficante de seres humanos ao nosso ver. Ele aceitou porque nos devia favores. E antes que pergunte os favores, ele faz contrabando de bebidas, cigarros, produtos pirateados e coisas assim, nós facilitamos o acesso dele aqui dentro e nos países que fazem fronteira.

— Ah, agora entendi. — balanço a cabeça, confirmando. — Pensavam que Yoshida era aliado, como ele era de longe, deram Milla a ele. Por que não para Tyler e Yankee?

— A aliança ainda era muito recente para pedir a ajudar deles nesse caso. — meu pai responde. — E ainda seria próximo. Yoshida era muito distante para ser descoberto. Voltando sobre Raul. Na época, eu não desconfiei de nada, estava ocupado demais com tudo acontecendo e sua mãe estava completamente machucada pelo quase estupro, e ainda estava grávida, eu tive que redobrar a segurança dela e de Giulia e Daniel, que eram crianças. Agora eu vejo a facilidade que encontramos Milla. Liam, que era meu segurança, me ligou e falou onde Milla estava. Jack era um segurança, sua família está há anos na Nostra, hoje em dia o sobrinho dele está no comando. Quando falei sobre Liam, ele ficou surpreso e nos contou uma parte da história de Liam e sua aposentadoria.

— Liam estava do outro lado desde sempre. — concluo.

— Talvez. — meu avô responde. — Liam morreu, dizem que foi suicídio após a morte da esposa. Antes disso, Liam se afastou completamente e foi viver em uma cidadezinha. Jack contou que, na época, Liam começou a se sentir muito mal, ficava muito aéreo e contou sobre a esposa estar doente, que ele precisaria ajuda-la. Jack foi até o hospital e comprovou que a mulher estava mal, como eram amigos, Jack ficou quieto sobre a situação. Só que, naquela época, quem comandou a busca por Milla foi Raul, ele era o chefe de segurança e colocou Liam para procura-la, e justamente ele a encontrou. Depois, Liam se afastou e nem com Jack falava mais.

— Jack não desconfiou porque a esposa de Liam estava muito doente, e sabemos que muitas pessoas não gostam de compartilhar esse sofrimento. Quando estávamos na Itália, descobrimos que Liam já havia morrido, sozinho, sem ninguém por perto. Estávamos voltando ao passado, resgatando cada um que participou daquela "venda" de Milla.

— O que nos leva a pensar que Liam sabia de tudo e morreu para não ser mais um que estava por dentro da história.

— E que nos faz lembrar de Heitor, irmão de Sara. — meu pai complementa. — Que entrou nessa história porque a mulher precisava de um transplante de coração, em troca, Heitor morreria se passando por Benjamin.

— A mulher de Liam precisava de um fígado. — olho para meu avô. — Então, ele pode ter entrado por causa disso.

— Na época Milla, que era uma idiota, era o problema, então não liguei para nada disso. Agora que sei do problema maior, comecei a juntar peças e consegui entender algumas coisas do passado. Só não entendo porque nunca nos atacaram, já que Raul estava perto, dentro da minha casa. Mais uma coisa. A grande confiança que ganhei com meu pai, foi sobre um desvio de dinheiro que estava acontecendo. Na época, matamos o contador e mais cinco pessoas.

— Desviaram dinheiro da Nostra? — questiono.

— Tem anos. — meu pai responde. — Muito dinheiro foi desviado e alguns produtos vieram errados, eles roubavam mercadorias. Demorou algum tempo para que eu descobrisse tudo, mas o contador estava no meio daquilo, junto a outras pessoas. O contador é um velho conhecido de Benjamin, só que, na época, ele estava ao nosso lado. Assim como Raul, que era da segurança, tinha acesso a minha casa, mas não ficava dentro quando quisesse. Agora posso pensar que Raul estava no meio de tudo, pegando informações.

— E por isso ele usou Nancy, para ficar dentro da sua casa. — junto algumas peças.

— Sim. Aconteceu alguns desvios e roubos naquela época, mas nunca levei tão a sério. Querendo ou não, sempre terá algo assim. Sempre terá um número errado, uma carga interceptada, esse tipo de coisa. Então foi apenas o caso de trocar o contador, a partir daí, parou. Ainda aconteceram erros, traidores e tudo mais, mas nada de preocupante.

— E como Raul entrou na Nostra?

— Como segurança. — meu avô responde. — Como um homem que fazia a segurança de alguns estabelecimentos e depois mostrou que era bom, então foi subindo até se tornar o chefe de segurança.

Propício...

— Nancy? — pergunto pela esposa. — Se Nancy não está com Raul nesse momento, ou ela está presa ou ela foi morta, e se isso aconteceu, ela é contra Raul.

— Uma senhora impediu que Raul fizesse algo maior? — meu pai ri. —

Só se Raul ou Yoshida forem idiotas.

— Só se Yoshida a amar. Descobri coisas nos últimos tempos. Algumas mulheres de Yoshida levam o nome de "Nancy", e tinha uma Nancy na sua casa. Uma Nancy que não poderia saber que Raul era da máfia, certo? Ele, realmente, pode ter escondido tudo dela. E quando ela soube a verdade de Raul, o que aconteceu?

— Nancy soube na morte de Milla, ela sofreu e entrou em depressão, depois, foi levada para morar com Raul, assim, ela viveu uma vida normal.

— Será mesmo? — questiono ao meu pai. — Uma vida onde ela via de vez em quando as pessoas que ela dizia gostar?

— Raul dizia que Nancy sabia que tínhamos um dedo na morte de Milla, então seria difícil para ela.

— Mesmo assim ela ainda fez algumas poucas visitas, certo? — meu pai confirma. — Nancy deve ter virado uma prisioneira.

Ficamos instantes em silêncio, até que meu pai fala:

— E Nancy não aparece porque está com o rosto deformado. — olho para meu pai. — As lembranças de Marco, a mulher que o ajudou a fugir, que tentava dar respostas ou deu respostas a ele, que o ajudou e parecia gostar muito dele. Pode ter sido a Nancy, ela gostava de todos nós e Marco disse que sente que a conhece.

— Então ela é a tal mulher deformada que espera pela sua filha?

— Ela pode ter tido uma filha com o Raul. — meu avô fala. — Nancy ficou distante, ela pode ter tido uma filha e Raul a ameaça usando essa garota.

Agora tudo pode fazer sentido...

— Karen!

Escuto o grito de Jesse e olho para dentro de casa, no mesmo instante que ele olha para meu pai e meu avô, ele para de gritar.

— Oi. — ele se recompõe e se aproxima.

— Olá, Jesse! — meu pai e meu avô o cumprimentam.

— Posso falar com você? — Jesse pergunta e eu confirmo.

Andamos para longe da casa e ficamos perto de umas árvores, distante do meu pai e do meu avô.

— O que foi? — pergunto.

— Não conte nada para eles, sobre a minha vida, no caso. Eles podem ser legais, mas não quero pensar que eles podem agir primeiro e pensar depois no meu caso.

— Não, não se preocupe, não contarei. — aperto seu braço. — É um segredo seu, respeito.

— Obrigado. — sorri. — Mas não é sobre isso que vim falar. Eu estava meio que sonhando, depois da nossa conversa, eu lembrei de algo. Eu visitei Benjamin uma vez, mas eu estava tão focado em saber onde Yoshida estava, que não prestei atenção nas palavras de Benjamin, que ele tinha me falado uma vez, fora que eu tentava responder suas perguntas sem parecer distante de tudo. E uma coisa também, eu não tinha noção de Benjamin ser pai de Marco, então, não tinha muito o que avisar naquela época. Mas a Poliana, ela é uma espécie de família para Yoshida.

— Como assim?

— Poliana, eu escutei seu nome uma única vez. Mas ela foi referida como "a família de Yoshida".

— Poliana a parente de Luna?

— Não sei, mas se Luna falar o que sabe, ou melhor, se Allan deixar que Luna fale, nós podemos entender algo. Agora, mais do que nunca, Luna precisa falar.

Bônus 8

Sara, Sara, Sara...

Elijah suspira alto, pensando no nome da mulher e olhando para ela.

Ele deve aparecer para ela? Talvez?

Tirando esses pensamentos, ele volta a dirigir o seu carro, pensando no que fazer. Se livrou de dois problemas, um sendo o lutador de extrema importância para outras pessoas e o tal professor. Dar a tal droga para Benjamin seria sua sentença de morte, daria um poder gigante a ele. Coisa que não pode acontecer.

Benjamin perguntou o motivo da demora, porque não matam logo Fernando e todos os outros. Mas o que Benjamin não sabe é que Cortez está com Fernando. Então, de qualquer maneira, a Nostra ainda está com o Bertollini.

E, também, Elijah está ocupado pensando em outras coisas.

Elijah, ou Yoshida, como preferir, desce do carro, pegando as flores e andando pelo cemitério vazio.

Ele se aproxima no túmulo, onde lê:

"Nancy Ontiveros. A mulher mais sábia e doce, que poderia transformar a maldade em bondade, apenas com suas palavras".

Elijah escolheu essas palavras. A mãe de Nancy concordou com cada sílaba, porque era isso que a sua filha era. Uma pessoa boa, tão boa que não enxergava a maldade em ninguém, nem em Elijah.

Nancy foi à única que o conheceu verdadeiramente, a única que poderia tira-lo daquela vida. *A única que lhe deu amor.*

Nancy era boa, se conheceram quando Yoshida se preparava para saquear um carregamento de Victor Bertollini. Nancy estava ali, parada, debaixo de chuva, até que um homem puxou a sua bolsa. Elijah não ligou para aquilo, mas quando o ladrão deu uma facada na mulher, Elijah apenas correu para ajuda-la, pensou em matar o homem, mas ele já estava longe.

Elijah ainda olhou para mulher sangrando e pensou em sair, no entanto, ele a ajudou.

O saqueamento aconteceu, mas não foi por causa de Elijah, foi pelos outros homens que estavam ali.

Todo dia Elijah visitava Nancy, uma pobre mulher suburbana, que morava ali na cidade, em um território proibido para Yoshida.

O território da M-Unit, onde um homem branquelo, com cara de playboy

e sotaque italiano seria visto com olhares suspeitos, ainda mais pertencendo a Nostra Ancoma, até então, inimigos. Por isso, quando Nancy saiu do hospital, eles começaram a se encontrar escondido, com a desculpa que o território era muito perigoso.

Nancy era boa demais e nunca desconfiou. Assim como muitas Nancys que vieram após ela...

Nancy fazia Elijah ficar longe de "Yoshida". Yoshida, personagem criado para ser do mal, não existia ali, ele esquecia de tudo. Ali era apenas o Elijah, a mesma criança que só queria amor, e ele encontrou em Nancy.

Luigi ficava cada vez mais estressado a cada distanciamento, mas Elijah nunca contou sobre aquela mulher. Foram anos juntos, anos com Yoshida desfocado, até que Nancy sumiu por um tempo, por meses. Quando reapareceu, ela contou que sabia quem ele era, o que fazia. Só que, na época, Yoshida só tinha roubado a Nostra Ancoma, nada a mais. Não matava, não estuprava, nada do tipo. Ele não entendia porque tanta repulsa se Nancy morava em um território de gangue e nunca reclamou, mesmo assim, ela se afastou dele.

Elijah desfocou de tudo e todos.

Na depressão, ele bebeu e se drogou.

Semanas depois, Nancy já estava morta, cortada aos pedaços, sua cabeça foi achada tempos depois, em estado de decomposição.

Chorando, Elijah lembra perfeitamente de Nancy, sobre como foi burro e fraco. Deveria ter abandonado tudo por ela, se tivesse feito, ela estaria viva. Mas foi burro.

Luigi usou muito do sentimentalismo, dizendo que foi como um pai para ele, que ele não poderia se distanciar do nada. Mesmo que Luigi nunca tenha lhe dado amor, Elijah acreditava que era aquilo que Luigi poderia lhe proporcionar.

Ficando entre uma mulher e o tio, ele viveu entre um e outro, ainda mais que a Nostra tem seu território na Itália e em North Hill. Elijah tinha a desculpa perfeita para estar em dois lugares **(North Hill é o país onde a história é ambientada, ou seja, o país de Fernando e etc.)**.

Após a morte, ficou muito abalado e sua raiva piorou. Nunca pelos Bertollini, ele nem se importava com o pai e o irmão morto, apenas com Nancy.

Ficou cego, seus crimes pioraram e não tinha mais nada para controlá-lo. Luigi sempre estava o incentivando, dando mais raiva a Elijah.

Agora, depois de saber das armações do tio, Elijah percebe que ele matou sua Nancy. Mesmo que Luigi tivesse ficado um tempo na Itália, alguém o seguiu até aqui e descobriu sobre Nancy, por isso ela foi morta.

A partir de então, ele conheceu mulheres que despertavam seu interesse sexual, essas, ele chama pelo nome verdadeiro. Mas as que são inocentes como sua Nancy... *Essas levam o apelido de Nancy.*

Como a Nancy, mãe de Alex... Que foi morta por quem?

Elijah deposita as flores no túmulo e enxuga suas lágrimas. Voltando para o carro, ele vai até a confeitaria que viu a mulher entrar, cercada por seguranças. Ela continua ali, espera algo no balcão.

Elijah mente ao dizer que vai mata-la. Que vai matar essa mulher e sua filha, ele tem que mentir para que Luigi não faça algo contra elas.

Elijah vai matar Luigi, mas ele precisa de mais respostas.

Mas ele ainda precisa da principal, aquela que ele nunca conseguiu fazer e quando tentou, não deu certo.

Olhando para Sara, ele chega à conclusão e que ela é sua Nancy, assim como a filha dela é a sua Nancy.

Na cabeça de Elijah, Nancy tinha ido embora e não havia deixado nada, depois de conhecê-las, ele pensa que sua Nancy foi embora, mas deixou duas pessoas como ela para trás, e talvez elas nem saibam dessa história.

Capítulo 17

Alex

— Escuta o que eu estou falando, Alex! — assusto-me com a entrada repentina de Gregory no quarto. — Yoshida é gay e está apaixonado por nós dois.

Olho para Gregory, que está observando todo o quarto, atento a tudo ao nosso redor.

— Ainda nessa? — arqueio a sobrancelha, o encarando, até que ele para de observar tudo ao redor e olha para mim.

— Olha esse hotel, Alex! Essa merda é chique, cara! É essas merdas de gente rica. Yoshida nunca que pagaria se não quisesse nossos corpos nus.

Fechos os olhos e balanço a cabeça de um lado para o outro.

Sim, Yoshida está pagando um hotel bem caro para passarmos a noite, diz ele que é a metade do nosso pagamento por aquelas mortes na luta, mas o pagamento em dinheiro foi bem alto para o "padrão Yoshida".

Esse hotel é chique, o quarto é um dos melhores. Yoshida queria pagar um para mim e outro para Gregory, mas preferimos dividir um quarto, porque se algo acontecer, pelo menos estaremos juntos para nos defender.

Agora sobre a paranoia de Gregory, ele é filho de Yoshida e esse cara tem algo sobre "Não mato meus filhos, apenas amo de maneira doentia". Yoshida pode ser incestuoso? Sim, talvez, mas quero pensar que isso é amor parental doentio, é melhor.

— Gregory, relaxa. — aperto o seu ombro. — Yoshida não vai querer transar com você.

— Espero que não! Mas esse cara está parecendo aqueles homens que pagam de hétero, mas que pegam aqueles travestis na beira de estrada e mostram quem é de verdade, gays!

— Falando assim, parece conhecer bem. — olho diretamente para Gregory. — Será que em uma dessas suas andanças para conhecer sentimentos humanos, você já...

— Se já fui prostituto? — balanço a cabeça. — Sim, já. — dá de ombros. — Alex, eu precisava de dinheiro e Yoshida não dava nada para mim, então pensei: "Quer saber? Vou ser prostituto". Fui prostituto para mulheres, só para constar. Fiz dois programas e ganhei uma merreca, mas acabei sendo pego por Yoshida e levado novamente para o complexo. Como sabe, eles sempre me

encontram.

— Tem algo que não entendi. Você não ganhava nada e se prostituiu, agora ganha muito dinheiro? Do nada?

— Pois é, Alex, também não entendo. Antes de você chegar, eu não ganhava nada, dois dias antes de você chegar, eu ganhei dez mil, depois tudo mudou, inclusive o tratamento das outras pessoas. Parece que eles têm respeito por mim. Eu até pensei que fosse por sua causa, mas você é tão confuso quanto eu.

Por que Gregory subiu no conceito de Yoshida de uma hora para outra? Será que pensou que é melhor mantê-lo perto e pagar, do que fazê-lo fugir... Não, Gregory tem rastreador.

Tem algo bem estranho aí.

Alguém bate na porta, no mesmo momento, eu e Gregory pegamos as nossas armas e colocamos atrás das nossas costas. Gregory abre a porta e escuto dizendo "Ah, serviço de quarto?", sei que é um sinal para que eu esconda a arma.

Faço como entendi e vejo a senhora entrando, com um carrinho de comida.

— Já está pago pelo senhor Elijah. — a senhora fala. — Ele pediu para avisar.

Olho para o carrinho entupido de comida.

Esse homem está muito simpático para o sádico Yoshida, ou Elijah, que seja!

Gregory acompanha a senhora até a porta e, depois, tranca.

— Alex, Yoshida quer nos fazer sentir bem e vai nos matar logo após.

— Acho pouco provável. — pego um pedaço de torta de limão, com a mão mesmo, e tiro um enorme pedaço.

— Pode ter veneno. — Gregory arregala os olhos.

— Sim, mas é pouco provável. Gregory, você viu o que Yoshida fez para matar duas pessoas, o caos que ele causou. Acha mesmo que ele nos mataria envenenado? Sem um showzinho antes?

Gregory meneia a cabeça, pensando no que eu disse, depois, ele faz o mesmo que eu, começa a comer.

— Se for para morrer, vamos morrer alimentados. — ele fala, com a boca cheia.

— É o que tentei dizer, Gregory.

Sentamos na cadeira e continuamos comendo.

Eu não sabia que estava com tanta fome.

Como tudo o que vejo pela frente, até um salgado esquisito que nem sei o que é, eu apenas como. Eu consegui emagrecer dez quilos em uma semana pela falta de comida e estresse acumulado.

Saudades da comida de Karen.

— Por que está sorrindo? — Gregory pergunta.

— Estava sorrindo? — paro de comer.

— Ah, vamos lá. Eu te contei quer era prostituto, conte-me algo da sua vida, você sabe até que eu assisto pessoas e seus comportamentos.

— Gregory, você é uma pessoa que foi treinada para matar, que Yoshida treinou para ser seu sucessor, certo? — confirma. O que me faz lembrar que essa é quase a mesma história real de Yoshida, da criança que não sabe da vida e foi treinada por um louco para saber matar. — Eu era uma criança com um irmão e uma mãe. Essa mãe foi assassinada brutalmente e fiquei apenas com um irmão, esperando a volta da nossa mãe. Quando soubemos da morte, não tínhamos para onde ir, vivemos nas ruas, depois em um museu. Ficamos nisso, queriam que nos prostituíssem, que vendêssemos drogas, por fim, um cara nos encontrou e nos ajudou, hoje em dia ele nos odeia.

— E por quê? O que fizeram para ele?

— Não sei ao certo. Meu irmão ficou um tanto esquisito por um tempo, ele era bem apegado a nossa mãe, acho que a morte dela o afetou muito. Acabamos nos afastando, ele inventou uma história louca e fugimos, depois, aconteceram coisas e, quando dei por mim, já estava ao lado de Yoshida nessa história.

— Sabe que Yoshida está metido nessa morte, não é?

— Talvez. — *já pensei no assunto.* — No entanto, minha mãe tinha envolvimento com diversas gangues, então nem sei o que pensar. E se Yoshida tivesse envolvimento, ele nos pegaria, afinal, éramos crianças sem qualquer defesa. Ele só nos pegou anos após.

— É, pensando por esse lado. — torce a boca. — Yoshida é tão louco que penso que tudo o que acontece é por culpa dele.

— Não, tem tanta gente mais culpado que ele. Você viu que ele discutia com aquele homem na luta, falando algo sobre droga, armas, sei lá.

— Sim, a droga que mata.

— Conhece?

Gregory confirma, mas não fala muita coisa.

— Pode falar? — insisto.

— É bizarro, doentio, não tenho palavras para descrever aquilo. Testaram aquela merda na minha frente. Aquele homem que estava na luta, o Benjamin, , ele queria testar em um tal de Marcos, Mario?

— Marco?

— Isso!

É a época em que Marco estava sendo dado como morto...

— Yoshida falou que ele deveria sofrer pela morte de uma pessoa importante, não deram nomes. No entanto, Benjamin, disse que deveriam testar em outra pessoa. Eles testaram em um segurança que, pelo que entendi, tinha assassinado alguém, mas Yoshida foi muito enigmático com as palavras. A aplicação começou. — Gregory fala de uma maneira, parecendo reviver aquelas cenas. — Depois a euforia, ele se debateu, foi bizarro! Sangue pela boca, pelo nariz, parecia uma explosão.

Gregory estremece, parando de falar.

— E? — peço para que ele continue.

— Tinha um homem ao meu lado. Eu não sei por que, eu sempre assisti essas coisas de perto, lado a lado, mas, naquele dia, eu assisti atrás de um vidro, não estava perto de nenhum deles. O homem que estava comigo disse que eu deveria assistir para nem ousar trair Yoshida, ou para não falar demais. Não sei, um dos motivos por eu achar Yoshida estranho, é por isso. Ele queria meu medo, hoje em dia ele parece que quer aproximação comigo. Uma mudança repentina de comportamento, que me deixa bem confuso.

Provavelmente Yoshida não queria que Marco visse o "Jesse", se bem que Marco morreria, Yoshida não saberia da sua fuga...

Tem algo aí.

— Então, apareceu uma mulher. — Gregory continua. — Essa mulher se debatia, gritava, chorava. Ela gritava algo como "Marco, eu te amo, me perdoa". Depois, furaram o braço dela e acho que colocaram algo. Eu não entendi a conversa depois dali, foi tudo em italiano.

— Italiano?

— Sim, o homem ao meu lado falou que era italiano. O tal Marco ficou desesperado, ele tentou sair, não deu certo. Fizeram leves cortes na mulher, mas, naquele momento, Yoshida já não estava mais na sala.

— Torturam a mulher depois de Yoshida sair?

— Exatamente, ele não estava mais lá, na verdade, eu não sei quando ele saiu, eu foquei muito na aplicação daquela coisa no braço da mulher e no desespero de Marco. Pensava se era sua mãe, pela idade que a senhora

aparentava ter.

Agora eu lembro de Verônica, que morreu tentando avisar algo a Marco... Nem sei o que é, provavelmente, nem Marco lembra.

Será que é por isso que Yoshida saiu? Para não escutar... Não faz sentido.

Nada faz sentido!

— Quando voltei a prestar atenção, Yoshida já não estava lá, a mulher foi torturada na frente de Marco que, agora, já fala em meu idioma. Eu entendi que era o pai dele ali, que ele pagaria por tudo, então Benjamin falava "Você não fará nada, você morrerá como Katherine e Leonardo".

O trauma que Karen mencionou... Karen mencionou que um trauma pode ter bloqueado as lembranças de Marco, seria esse o trauma? Ver a mãe sendo torturada na sua frente, pelo próprio pai?

— O que tinha nas torturas?

— Cara, foi bizarro. Marco de um lado e eu atrás do vidro, aquilo durou muito tempo, nem sei quanto, eu não tinha como sair dali para saber das horas.

— Yoshida apareceu novamente?

— Uma vez, nem demorou muito, Benjamin o tirou dali.

Por que isso?

— Mas as torturas envolveram socos, tapas, chicotadas, cacos de vidros sendo colocados na mulher, torturas psicológicas e... Estupro. Se aquele Marco for filho daquela senhora, ele assistiu o estupro da própria mãe, e nem pode fazer nada para impedir, cada vez que ele tentava sair, um choque era dado em seu corpo, mesmo assim ele lutou para sair e para ajuda-lo, só que, obviamente, não deu certo.

(...)

— A nossa mais bem sucedida amizade. — Yoshida levanta a taça e faz um brinde, eu e Gregory apenas olhamos para ele, sem entender nada. — Estamos voltando para casa.

— Ok, já chega! — Gregory coloca a taça em cima de uma bandeja e encara Yoshida. — Avião particular?

— Tudo de melhor para vocês. — Yoshida se encosta na poltrona.

Estamos em um avião particular, com tudo do bom e do melhor, mais uma vez.
— Estão reclamando disso?

— Estamos tentando entender quando tudo mudou. — olho diretamente para Yoshida. — Antes morávamos em barracos, ficávamos alojados em chão frio, sujo. Hoje em dia são hotéis caros, avião. E nem tínhamos comidas, hoje é tudo tão caro e você paga?

— Alex, por que tanta reclamação? Eu vejo com são bons, só estou sendo grato com tudo...

— Grato? — Gregory ri, depois fala com raiva. — Você falou que ninguém merece gratidão, Yoshida! Você fez um inferno sobre isso, agora, simplesmente, dá uma de bonzinho?

— Gregory, você está louco...

— Você que está! — seguro o braço de Gregory, impedindo que ele irrite Yoshida, mas olhando para ele... Yoshida parece confuso, de verdade. — Não, Alex! Dane-se! Yoshida está tão louco que acho que ele não vai me matar se eu falar umas verdades...

— Eu não vou te matar!

— Está vendo? — Gregory sacode o braço e eu o solto. — Ele ficou louco, mais louco ainda. Em um dia me odiava, no outro me dá dinheiro? O que quer conosco, Yoshida? Você nunca foi legal e agora é. O que quer?

— Certo, garoto. — Yoshida cruza as pernas, nos encarando. — Farei uma pergunta crucial para eu responder a sua pergunta. Mas, como eu fui horrível com você, sendo que eu te conheci há dois meses, mais ou menos?

Não, alguém está errado nessa história... Mas Yoshida pareceu confuso com as palavras de Gregory.

— Acha que me engana? — Gregory ri. — Eu te conheço desde criança. Você me treinou pessoalmente, você gritava comigo, batia em mim, me humilhava, me fazia assistir as suas torturas...

Gregory vai citando tudo o que Yoshida fez, mas eu apenas foco nas ações de Yoshida. Ele aperta a poltrona com força, tentando conter a raiva.

— Não foi eu, Gregory! — ele grita. — Eu te conheci por acaso, quando fui visitar o complexo. Então o Benjamin disse que você era o melhor na luta, então quis te conhecer melhor e vi como é bom.

— Benjamin nunca nem me treinou, nunca nem olhou na minha cara!

— Eu muito menos, Gregory! Me contaram que você foi encontrado...

— Piada do século, Yoshida! Vocês me sequestraram!

— Eu não sabia de você! Eu só soube depois. — Yoshida respira fundo.

— Ok, confesso. Eu vi você e tentei falar, você estava na rua, conversamos, depois disso, eu quis falar mais com você, então falaram que você era bom na luta... Merda!

Yoshida começa a praguejar em algum idioma que eu não entendo.

— Vocês sabem que uso máscara. — olha para nós dois. — E sabe que eu me escondo, então, quem está comigo, faz o mesmo. Não era eu quem estava com você, Gregory, era outra pessoa.

— Conta outra. — Gregory bufa, claramente não acreditando nessas palavras.

— Gregory, como sabia que era eu? Me diga! Só porque falavam "Eu sou Yoshida"? Isso não prova nada. E como você disse, eu comecei a tratar você de modo diferente, exatamente porque eu não sou aquela pessoa, não era eu ali.

Isso faz algum sentido.

— E por que fariam isso? — questiono.

— Alex. — Yoshida olha para mim. — Você também conviveu comigo?

— Sim, e com Benjamin.

— Desde quando?

— Desde Milla.

Agora Yoshida pragueja ainda mais alto, no idioma desconhecido.

— Não era eu! — dá um soco na outra poltrona. — Eu nunca ficaria perto de Milla por muito tempo, nunca! Nunca trabalharíamos juntos.

— Mas você sabe que enterrei Jasmine e Milla estava comigo...

— E sei que ela está viva! — grita. — Eu soube que você a enterrou, não que tinha um "Yoshida" ao seu lado. Quando soube, eu te trouxe para o meu lado, quando soube que você estava conosco.

— Eu não entendo nada! — grito mais alto.

— Não era eu ali, não era! Eu soube de algumas coisas depois, mas nunca que era o "Yoshida" por trás. Vocês não entenderão. Ele repetiu tudo. — sussurra.

— Benjamin? — questiono.

— O que tem ele? — olha diretamente para mim.

— "Ele repetiu tudo", essa pessoa é o Benjamin? — pergunto, sendo mais claro e mais intrometido.

— Por que seria?

— Lembra o envenenamento em massa? — confirma. — Benjamin chegou lá na mesma hora, logo após, chegou dizendo que seria um dos

comandantes e que serviríamos a ele, a partir daquele momento.

— Depois disso você deu uma desaparecida, lembro que perguntei por você. — Yoshida parece pensativo.

— Cuidando dos reféns, assistindo estupros, coordenando...

— Você o que? — pronto, ele voltou a gritar, mais furioso que antes.

— Não sabe de nada? Mas foi Benjamin que mandou.

— Eu não... — ele nem tem palavras para completar.

É, eu acho que alguém foi traído e nunca soube.

— Mas você matou aquele homem que salvou Daniel e Jasmine, não lembra? — força ainda mais. — Se foi você quem mandou naquilo...

— Eu não matei ninguém!

— Yoshida, o homem mais traído e trouxa que a terra já viu. — isso veio de Gregory.

— Eu não tenho culpa! — Yoshida grita. — Eu estava ocupado tentando achar outras respostas e confiei em pessoas que sempre estiveram ao meu lado... Assumo minha burrice, mas fui tão enganado quanto vocês.

— Certo, alguma merda acontece aqui! — Gregory fala mais alto. — Yoshida nunca me deixaria falar assim sem me bater com o cinto.

— Eu te batia com um cinto?

— Sim, de acordo com a data. — Gregory olha para Yoshida como se ele fosse um idiota, coisa que acho que ele é. — Se fosse dia três de maio, por exemplo, você me batia oito vezes. Três pelo dia e mais cinco pelo mês. Se fosse dia dezesseis, por exemplo, seria só pelo dia.

— Luigi! — rosna. — Ele fazia o mesmo comigo.

— Como é? — pergunto.

— Eu era castigado, e uma pessoa agia dessa mesma maneira comigo. Você é como eu, Gregory, mas foi treinado para me substituir.

— Como é que é? — agora Gregory está mais confuso ainda.

— Alex, continue.

— Yoshida...

— Não, Gregory, depois! — Yoshida levanta a mão, impedindo que Gregory fale mais alguma coisa. — Você disse que eu matei um homem, mas eu não fiz.

— Claro que fez, eu estava lá.

— E, como sempre, falaram meu nome e você acreditou?

— Fica difícil não acreditar sendo que você usa máscaras, usa sotaques,

usa até sapatos... — agora eu recordo daquele dia, o tal "Yoshida" estava usando um sapato com um salto plataforma. Olho para o pé de Yoshida e o vejo com um sapato normal. Realmente, eu nunca mais reparei em seus "sapatos com saltos para ficar mais alto".

— Sapatos o que, Alex?

— Com salto. — respondo.

— Eu não uso nada disso.

— Aquele homem usava, tanto que eu reparei enquanto ele andava.

Yoshida suspira alto.

— É uma história mais complexa e louca do que pensam, meninos. — Yoshida olha para nós dois. — Eu sou errado? Muito! Mas tem gente pior que eu. Enxerguei há pouco tempo, por isso não era eu ali com vocês. Disseram que eu estava de férias, mas eu estava procurando respostas e encontrei algumas.

— Acordou para a vida de repente? — Gregory pergunta, com a voz carregada de ironia.

— Não, mas eu percebi coisas que eu tinha fechado os olhos antes. Abri meus olhos ainda mais quando outras verdades surgiram. Como já disse, não sou bom, mas tem gente pior ainda, e como estou certo, eu acho que preciso fazer uma limpeza.

— Que significa?

— Chegou a hora de limpar minha própria quadrilha, Alex. — Yoshida sorri. — E como imagino, as outras pessoas já devem ter a sua própria quadrilha formada.

Capítulo 18

Karen

Depois de uma noite mal dormida, eu estou me preparando para voltar para casa. Eu imaginei que ganharia mais nessa viagem, alguma resposta... Só pegamos o pai de Jean e falamos com aquele "professor de luta", mas nada de grandioso.

Pelo menos tentamos.

— Estou me sentindo um lixo. — Jasmine entra no carro e senta, colocando a cabeça no banco da frente. — Deus, por que agora? Deve ter sido aquele calmante, cortou o efeito do anticoncepcional.

— Imagina que está nascendo à nova era da máfia. — Amanda fala, sorrindo. — Porque eu sei que a mãe de Karen e de Kat estão grávidas. Cara, estou vendo a nova era de perto.

— Não, meu filho será da M-Unit. — Jasmine se ajeita no banco. — Foi o acordo.

— Porque meu pai já tem muito herdeiro. — falo, recordando do acordo. — Então o sucessor é de Tyler, porque Jasmine é a única filha que pode dar herdeiros.

— Espera! — Amanda levanta um dedo. — Uma vez você falou que Alex é parente de Jasmine.

— Somos irmãos, não próximos, mas somos. Eu não sei se meu pai ainda considera como herdeiro. Alex é legal, eu acho. — pisca os olhos. — Alex ajuda, pelo o que eu entendi. Allan sempre foi esquisito.

— Acha que Tyler vai perdoar os filhos? — questiono, pensando no que Alex disse sobre querer conversar com Tyler.

Jasmine aperta a minha mão.

— Somos cunhadas em dobro. — ela sorri. — É, está na cara, minha querida, e Daniel já mencionou algo sobre Alex. Mas, deixe-me dizer, acho que meu pai gosta dos meninos, está com raiva, muita raiva, mas ele é o pai, deve escuta-los primeiro. Porém, é o que eu acho, não tenho tanta certeza.

— E sua mãe? Lembro que Alex falou que ela não o suporta.

— Não sei ao certo, creio que é ciúme, o que não faz sentido, já que ela conheceu meu pai bem depois. — dá de ombros. — Vai entender os ciúmes.

— Alex é bom. — asseguro, voltando ao assunto. — Ele faz de tudo por

todos nós, espero que seu pai e sua mãe entendam.

— Se não entender, eu farei com que entendam.

— Ele salvou sua vida. — confesso. — Ele aplicou aquela droga para parecer que você morreu e para desenterra-la logo após.

— Foi ele? — confirmo. — Uau! Eu não sabia, nem Hugo sabia, ele foi atrás de uma informação e... Nossa! — ela parece bem surpresa, depois sorri. — Não imaginei algo assim.

Sorrio para Jasmine.

— Ele merece uma chance, não é?

— Sim. — confirma, piscando os olhos. — Não só comigo, mas com todos. Com Daniel, com Fernando...

— É, Alex é bem odiado. — relembro. — Mesmo que ele tenha feito muita coisa por todos nós.

— Você está bem chateada, não é? — balanço a cabeça e Jasmine se afasta mais, pedindo para que eu sente no seu lugar. Jasmine coloca o braço ao redor do meu ombro e me puxa para mais perto dela, fazendo com que eu encoste a cabeça em seu ombro. — Existem regras claras, Karen. Eu sou contra, admito. O que seria da minha vida se eu não amasse Daniel? Eu teria que casar com ele de qualquer jeito, e alguém ligaria para meu sofrimento? Não sei. Foi um acordo feito quando eu era criança, só soube anos depois. Porém, meu pai fez isso por acreditar que Daniel seria uma boa pessoa, ele que disse isso. Cada pessoa dessa família casou com alguém conhecido. Giulia e Leo, Kat e Gabriel. Marco e Fernando podem ter suas birras com os genros, mas sabem que eles são bons, porque os conhecem desde que nasceram, mas Alex?

— Sim, eu entendi essa parte. Mas Alex já provou ser diferente.

— Não, Karen, ele provou para você. Para o meu pai, que é pai de Alex, o filho é um traidor, ele tenta não mostrar tristeza, mas vejo que sofre com isso. Ele sofre em achar que Alex e Allan são pessoas ruins. Meu pai é ruim, mas ele nunca ferraria com a família, ele morreria antes disso. Quando Alex e Allan o salvaram, meu pai tratou os dois bem, deu casa, comida e emprego, e tudo isso se foi quando eles sumiram e foram para o lado de Yoshida.

— Eles não foram para o lado do inimigo, só não tem como contar essa parte da história, porque não sei detalhadamente.

— Exatamente, meu pai não sabe dessa parte da história e nem você sabe tanto. — ela fala, com emoção. — Eu nem sabia, só sei que você está com ele, então, se está com ele, Alex é bom. O caso é que, assim como meu pai, as pessoas não vão acreditar em Alex facilmente. Não com uma pessoa falando

bem dele. Alex já fez muito por todos nós? Sim, mas, e aí? Ninguém falou com ele após tudo. Fernando deve pensar "Quem me garante que esse garoto não quer Karen apenas por causa da Nostra? Quem me garante que ele não está manipulando e será um traidor?". Karen, estamos nessa história tempo suficiente para saber que isso é possível. Não digo que Alex é assim, mas Fernando é pai, ele vai pensar em tudo o que pode dar errado, ainda mais vindo do meu irmão. Ele não duvida de Leo porque o conhece desde criança, assim como a própria Kat, assim como eu. Mas Alex...

— É um desconhecido. — fecho os olhos. — É, agora eu posso entendê-lo.

— E faz todo o sentido. — Amanda concorda. — Alex só não é um desconhecido para você, Karen, porque até para o pai e para a irmã ele é um total estranho.

— Nunca pensei desse modo, eu só pensava que Alex fez tudo e nunca foi aceito. — *eu deveria ter pensado mais...*

— Pensando bem, se existem traidores, esses caras fizeram algo a favor do seu pai em algum momento, certo? — Amanda sorri, de modo compreensivo. — Seu pai não acreditará em Alex até conhecê-lo melhor, e disso eu não o culpo. Não pode culpar um pai preocupado pelo bem-estar da filha.

— Não quando Alex fez do que fez. — Jasmine me abraça. — Não negue, Karen. Alex quis vingança, mudou de pensamento, mas o intuito dele sempre foi vingança contra a minha família, afinal, se ele chegou com Milla, ele queria algo junto a ela. Mudou de pensamentos e atitudes, mas existem pessoas que ainda estão com "pé atrás" sobre isso.

(...)

Chegar ao condomínio me traz uma sensação nostálgica. Vivi aqui por pouco tempo, mesmo assim, cada parte desse lugar me faz lembrar como éramos unidos.

Tento não relembrar essa parte enquanto meu avô dirige até a casa de vó Ísis.

— O que faremos aqui? — pergunto. — Quero ver minha mãe.

— Verá, ela está aqui. — meu pai responde, quando o carro para.

— Ah, por causa de Raul?

— Não.

— Então? — espero que alguém me responda, até que escuto o riso de Daniel.

— Não tem graça, moleque! — meu pai grita.

— Tem sim. — Daniel discorda. — Minha mãe está batendo de frente com o senhor e o senhor não pode fazer nada contra isso.

— O que aconteceu? — pergunto, mais uma vez.

— Sua mãe está na casa de Ísis porque seu pai é a pessoa mais idiota que existe. — meu avô responde.

— Espera, ela saiu de casa por minha causa?

— Exatamente. — meu avô responde.

— Eu amo minha mãe mais que tudo nessa vida.

— Karen...

— O que foi? O senhor merece. — cruzo os braços. — E acho que foi atrás de mim por causa dela, não é? Não para trabalharmos juntos, e sim para voltar com minha mãe.

— Não! — grita. — Foi pelos seguranças, eles poderiam te fazer mal e fui até lá para impedir qualquer coisa. Fale o que quiser, Karen, mas nunca que eu te protegeria apenas para convencer a sua mãe de algo.

— É, eu sei. — concordo com ele. — Mas isso não muda o fato de não acreditar em mim, não é?

— Eu acredito, Karen! Já disse que sim, eu já disse que é inteligente e tudo mais. Karen, pelo amor de Deus, o que quer? Queria que eu te visse indo para um lugar desconhecido e te aplaudisse? Eu estava certo, de qualquer maneira, aqueles seguranças morreram por algum motivo, poderia ser você ali, junto a eles. Eu estava certo em me preocupar. Eu nunca disse que é uma imprestável ou que não deve lutar, eu só queria que fosse mais calma, que falasse antes de agir, que pensasse que você é nova...

— Uma pessoa nova que já fez muito! — grito.

— Raul não está aqui, se tivesse, estaríamos ferrados com tantos gritos. — Daniel sussurra.

— São regras, Karen. Apenas com dezesseis anos e você não começa salvando o mundo, você começa aprendendo. Faz diferença? Sim, faz! Pessoas mais novas, muitas vezes, não tem maturidade, elas agem por impulso...

— Eu nunca agi por impulso, eu sempre penso antes!

— Pensa rápido, Karen. Você faz o plano rápido e age mais rápido ainda.

— Mas vejo o que pode dar errado ou não.

— E esse é o problema, não entende? Você acha que pode tudo porque sempre dá certo, acha que nada dará errado porque é inteligente, e quando não der?

— Erros acontecem e aprendemos com eles. — retruco.

— Não é uma prova onde você erra e paga para fazer outra prova, são vidas, Karen. Um erro e mortes acontecem, a sua ou a de outro alguém. Não é errar, apagar e começar de novo. O que ganhou nessa viagem além do pai de Jean, que poderíamos ter capturado de outro modo?

— Ah, é, vocês capturaram o pai de Jean, entendi. — debocho.

— Karen, você realmente acha que eu estava parado esse tempo todo? Esse é o problema, Karen! — ele está bem irritado, nunca o vi desse modo. — Você e Katherine, vocês cantam vitória por conseguirem algo, se acham os melhores por ter matado Javier e capturado Giovani, mas, minha filha, deixe que eu conte algo para você e você repassa a Katherine. Vocês pegaram Giovani porque ele apareceu para Katherine, depois apareceu para Cassandra e ele foi burro porque conseguiram segui-lo, depois descobriram sobre o esconderijo de Javier por causa de um carro abandonado ou algo assim, depois entraram na casa porque Jesse hackeou o sistema de segurança. Então, tudo caiu aos seus pés. Você armou para invadir o local, mas só soube desse lugar porque os inimigos falharam.

— Você só pode estar brincando...

— Enquanto vocês ficam brindando e achando que "a velha guarda perdeu para a nova guarda", nós estávamos acabando com cada traidor, sabe por quê? Quanto mais traidores, mais chances de morrermos. Acabamos com cada escória da Nostra, da M-Unit e da Sangre Latino, e estamos acabando com mais, enquanto isso, eu continuo comandando a Nostra, eu faço a proteção de Cassandra, eu tento descobrir mais sobre Raul, eu tento descobrir verdades sobre Yoshida, Marco praticamente tem ataques de ansiedade para tentar lembrar. Então, parem de achar que são os melhores aqui, porque é isso o que evitamos ao máximo, é por isso que os mais novos nunca participam de algo importante na Nostra, porque eles são treinados para crescer, para amadurecer e entender a vida.

— Agora somos errados e nossos feitos foram diminuídos?

— Não, Karen. Eu só falo o que sempre quis dizer, mas me contive para não ser a pior pessoa do mundo, mas cansei! Cansei de ser o pai chato porque eu

não deixo a minha filha ir à luta que é perigosa, cansei de ver todos achando que Karen é intocável porque ela arma plano. Karen, você não vai admitir, mas dentro de você e Kat, tem algo gritando que são vitoriosas, que são as melhores, que conseguirão tudo. Pode conseguir? Sim, torço para que consigam, mas cantar vitória e se achar a vencedora, não leva a lugar algum.

— O senhor está esquecendo tudo o que fizemos?

— Esse é o problema, Karen! Vocês querem recordar tudo o que fizeram, não é sobre quem fez mais, é sobre fazer! Por isso treinamos, por isso queremos ver o crescimento de todos. Não foi fácil pra mim, Karen. Comecei a mandar com vinte e cinco anos, com meu pai ordenando minhas ordens, eu odiei. Não poderia fazer nada, cada erro era uma punição, acho que comecei a mandar mesmo com trinta anos, depois que meu pai achou que eu estava pronto. Nunca pude me vangloriar sobre cada arma vendida, sobre cada contrabando, sobre cada território tomado, meu pai diz que isso é coisa de gente tola, que a batalha nunca está ganha e comemorar antes do tempo pode nos ridicularizar. Yankee viveu o mesmo, para ele ainda foi pior, que teve que assumir sobre protestos contra aquilo, ele subiu de nível enquanto todos queriam ver a sua queda, não foi fácil para ele. O mesmo para Tyler, para Marco, até para o Javier. É isso o que falamos, é isso o que fazemos, a vida não é fácil e não queremos ensinar isso a vocês...

— Ninguém diz que é fácil! — grito, tentando conter as lágrimas de raiva.

— Vocês fazem parecer fácil, não enxergam isso? — meu pai olha para meu avô e para Daniel, Jasmine foi para a casa da mãe, então só estamos nós quatro aqui. — Uma coisa é motivar, apoiar e coisas assim, outra é achar que tudo será solucionado e sorrir por isso, sem pensar nas consequências. Uma coisa é falar "Vamos ajudar", outra é "Pegue essa arma e o avião, vá lá com seus amigos super treinados e salvem o mundo".

— Se tivesse ficado ao meu lado, eu saberia! — falo, com os dentes cerrados, tentando não gritar e não chorar de raiva.

— Você não aceita, Karen! — ele grita ainda mais. — Você não aceita esperar, não aceita que cada um tem seu momento.

— Mas Katherine...

— Katherine não é minha filha, você é! Marco ficou louco quando ela sumiu, você sabe disso. Katherine sumiu de nossas vidas e tentamos encontra-la, quando encontramos, sabíamos o que ela se tornou. Uma pessoa que acha que é invencível, que se vangloria por cada vitória, que despreza os outros que estão na luta.

— Nos desprezaram primeiro.

— Não é fácil, Karen! É isso que tento dizer, ninguém que comanda teve uma vida fácil. Ninguém viveu facilmente e hoje em dia não ficamos nos achando os melhores, diferente de vocês, entendam. Olha para Daniel, ele é o mais velho, agora só pensa em tudo o que ele tem, pensa no poder que dei a ele, ele comanda a Nostra? Ele já comandou?

Não respondo.

— Responda, Karen!

— Não.

— Então pronto. Daniel que é mais velho nunca comandou, nunca nem chegou perto disso, assim como Leo e Gabriel. Não é sobre ser homem e a idade, é sobre responsabilidade. É sobre acharem que salvarão o mundo só porque conseguiram alguns feitos, é sobre desprezar os feitos de outras pessoas e se acharem melhores por isso, é sobre não entender que queremos o bem de vocês. Vocês sabem usar armas, mas não sabe todas as técnicas, Karen. — seu tom de voz suaviza mais. — Do que adianta armar planos sendo que tem poucas pessoas ao seu lado?

— Ninguém quer estar ao nosso lado.

Meu pai ri.

— E é assim que é feito, Karen. Nós recusamos, vocês fazem algo, mostram que conseguiram e viram as costas, porém, antes disso, vocês jogam na nossa cara que conseguiram algo mais, daí se acham e pensam que podem acabar com a maldade do mundo. Vários jovens achando que acabarão com uma quadrilha perigosa, recebendo um "não" e se revoltando a ponto de não nos contar nada.

— O senhor contou algo?

— Conteí que estava fazendo uma limpeza na Nostra, mas os jovens acharam "besteira", que o perigo maior é Yoshida. — ri mais uma vez. — Isso mostra como são bons em pensar.

— Já chega! — grito. — Não importa se tudo apareceu a nossa frente, pois pensamos antes de agir e conseguimos algo.

— Então admite que tudo apareceu a frente e conseguiram tudo rápido por esse motivo? Porque o outro lado falhou. Então admita que erram ao dizer que fazem mais que todos nós, isso não é uma competição sobre quem faz mais, é só para fazer.

— O senhor acha que somos incapazes.

— Nunca disse isso! — meu pai vira para frente e bate no painel do carro

com raiva. — Entenda, Karen! Não apenas Karen, mas como todos aqui nesse carro. — olha para todos nós. — Não é sobre ser incapaz, é algo maior. É entender que isso não é um jogo onde passamos de nível, onde arriscamos e, se perdemos, tudo começa novamente. Não é isso. Eu assumo meus erros, assumi que errei em não matar Milla, em confiar em Raul e Yoshida, sobre perder a Nostra, mesmo já tendo recuperado. Eu assumo tudo o que faço. Assumo que tudo estava na minha cara e nunca percebi, nunca parei para pensar e só pensei em Raul em cima da hora. Então vocês tem que assumir que tudo pulou na frente de vocês, que, querendo ou não, essa viagem terminou em mortes. Karen, você é inteligente e saiu antes disso, mas você acreditou que aqueles seguranças eram bons por causa de uma gravação, poderia ser, mas você admitiu que não pensou de outro modo. Nós somos humanos, falhamos, Karen. E eu tento mostrar que isso é possível, que são novos e não conhecem o mundo. Que venceram batalhas e se acham invencíveis..

— E o que quer? Me treinar no meio desse caos?

Meu pai ri.

— Me odeiem, achem que tudo isso é um teste, pois é mesmo. Daniel limpou a Nostra e tinha pessoas ao seu lado, ele mostrou que pode começar a fazer sozinho e fez, levou Gabriel com ele, para ver como o irmão sairia. E Gabriel foi ótimo. O mesmo para Leonardo, tanto que, agora, ele sai sozinho para investigar e aprendeu a ser discreto. Lembra que sempre duvidamos dele? Leo mostra que é capaz, até Giulia já mostrou, Jasmine. E estamos no caos, mas eles aprendem. Nenhum deles está se vangloriando pelos feitos, nenhum joga na cara do outro que fez mais, que fez menos. Katherine, por exemplo, chegou em casa se achando por matar Javier, jogou na nossa cara que fez muito mais. Aceitamos calados, vendo tudo o que acontecia. Gabriel ganhou uma arma, sabe por quê?

— Merecimento. — Daniel responde. — Ele evoluiu muito desde a expulsão da Nostra.

— Exatamente. — meu pai afirma. — Ele fez e não disse nada. Gabriel nunca jogou nada em nossa cara. Ele foi homem o suficiente para contar sobre West a Yankee, para sair da Sangre sem fugir, ele falou na nossa cara tudo, assim como Jean. Eles cresceram. As armas que Katherine ganhou é para lutarem, para ter como se defenderem porque nem isso vocês tem, foram para a luta sem armas certas. Eu não dei armas para Katherine, dei para todos. Mas sabe aquela arma que é de família? Quase uma herança? Essas foram dadas para cada filho que cresceu e se tornou responsável, nem você e Katherine tem algo assim.

— Fernando, já chega! — meu avô ordena.

— Não! Sabe o problema de vocês? Me chamam de machistas por eu proteger as meninas, mas quando pego pesado, eu sou errado e tenho que pegar leve? Eu já expulsei Gabriel de casa e da Nostra, só Sara ficou irritada, o resto de vocês acharam correto. Já fizemos o mesmo com Leonardo e a mesma reação com ele, mas quando eu faço com Karen eu pego pesado? Não são direito iguais que querem? Quando Karen jogou verdades em minha cara estava tudo bem, quando faço o mesmo eu sou cruel? — meu pai está indignado, ao mesmo tempo irritado, percebo isso. — Eu mereci? Sim, confesso, mas ela não merece escutar as verdades? Sobre os erros cometidos?

Fechos os olhos com força, tentando não chorar.

— Não precisa ser forte o tempo todo, Karen. Pode chorar. Cometemos erros, muitos, eu sou especialista nisso. Somos humanos e falhamos, mas do mesmo modo que escutei você falando tudo aquilo, eu quero que escute quando eu falo. E que pense em tudo o que disse. Você e Kat são ótimas, mas falham em inúmeros momentos. Se achar invencível não vence batalhas, achar que podem tudo, muito menos. Eu não pedi a sua ajuda como teste, mas nem você quis ajudar. Você ficou magoada, ressentida, mas não temos tempo para isso. Se quer ajudar, conquista seu espaço, mas conquiste de maneira correta. Se alguém fala que pode dar errado, escuta, não ache que aquela pessoa te odeia e te acha incapaz, apenas escute que ele pode estar certo. E antes que pense "Ele me odeia, fala isso comigo e não com Katherine", você sabe que Katherine nunca ficaria escutando até o fim, diferente de você. E você é minha filha. Eu sei que aí dentro, você reflete tudo o que falei. E sei que não fará dramas como ela, então, apenas entenda.

— Por que resolveu falar tudo agora? Por que não naquele dia que saí?

— Você já estava mal, eu tentei te chamar para uma conversa e você e sua mãe não deixaram, depois você já tinha ido embora. Algo me tocou quando disse que você e Alex salvaram minha vida, e que você não contaria porque não é do tipo que joga na cara tudo o que fez. Eu gostei daquilo, Karen, e entendo que só falou naquele momento para provar que é forte e para defender Alex. Eu chamaria você para conversar no outro dia, mas você foi impulsiva, viajou sem nem ao menos pensar muito, foi atrás de respostas sem nem avisar.

Meu pai fala mais baixo, enquanto eu derramo lágrimas em silêncio.

— Ontem, quando conversamos, pensei que deixaria as nossas diferenças de lado, que entenderia que não deve ter birras nesse momento, mas, logo após, você nem respondeu meu "boa noite". Você não é tão adulta quanto pensa, e acho que vocês deveriam enxergar desse modo. Vocês deveriam ver que tudo o que vocês fazem, é por achar que conseguirão algo. O envenenamento foi um plano

brilhante, sempre disse, fiquei bastante orgulhoso, falei que poderíamos trabalhar juntos, mas ser paciente é algo precioso.

Engulo em seco com suas palavras. Agora eu vejo que tudo foi um teste e eu, simplesmente, perdi. Um teste silencioso que perdi, e eu sempre me achei a inteligente, a gênia... Eu sempre julguei Gabriel como retardado e ele passou no teste.

Ele está certo, eu sempre me achei invencível, me achei tanto que nem reparei em tudo o que fiz...

O envenenamento foi o meu plano mais brilhante, depois disso, eu quase exigi uma participação, deveria lembrar que não entra pelo feito, e sim por vários merecimentos. Deveria ter percebido que tudo pulou a nossa frente, Giovani e Javier, e que Jesse conhecia o sistema de vigilância, por isso foi fácil... Eu pensei apenas no envenenamento da água e nas rotas... Eu ajudei West a fugir, mas falar agora só mostrará que quero me vangloriar... E, realmente, nunca vi Daniel, Leo e Gabriel fazendo algo assim. Diferente de Kat e eu, que fizemos e levantamos um troféu por isso, dizendo que fizemos mais que todos os outros. Sendo que é uma luta, onde todos fazem algo.

— Eu vejo sua frustração, Karen, você está irritada por não ter tido nenhuma resposta clara nessa viagem, você nem ao menos pensa que tentou, que lutou, você só se martiriza por não ter conseguido muita coisa. — meu pai volta a falar. — Nem pensa que pegou o pai de Jean, deve achar pouca coisa, você quer algo mais e se irrita por não conseguir. Era isso que queria mostrar desde sempre, é por isso que quero que cresçam. Não sou o melhor pai, mas não me considero o pior. Se eu fosse o pai ruim que vocês acham que sou, eu estaria em casa nesse momento, me protegendo, eu não estaria pensando em vocês, não teria me afastado de tudo por sua causa, Karen.

Meu pai sai do carro, deixando-me com Daniel e meu avô. Todos em silêncio, processando o que meu pai falou.

Respiro fundo, chegando a uma conclusão óbvia: Meu pai tem toda razão.

Capítulo 19

Karen

Respiro fundo, tentando acalmar o que sinto.

Hoje recebi uma surra de realidade. Uma surra de realidade sobre como sou tola.

Primeiro que julguei a todos por não apoiarem Alex, mas nunca pensei que Alex, realmente, entrou na história para matar a sua família... Nem eu acreditei nele, só que, como sempre, eu achei que todos me odeiam e ninguém me apoia.

Agora recebi uma do meu pai, sobre perder no seu teste de confiança. Logo eu, que sempre me achei esperta. Esse é o meu erro...

Meus erros sobre nunca falar o que sinto, o que penso, achar que todos preferem outras pessoas que eu... Achar que tudo o que faço é o certo.

Quando ele disse que meu plano poderia não ser tão bom, eu explodi em raiva, coloquei meus irmãos e Kat na história, dizendo que meu pai achava que eles eram melhores que eu. E ele estava certo. Os seguranças, eu acreditei neles, se eu fosse atrás deles, eu poderia morrer... Assim como todos os outros erros que poderiam acontecer. Assim como os dias que perdi e descobri pouca coisa, quase nada.

Meu pai tentou me alertar e eu o achei uma pessoa egoísta e que não gostava dos meus planos, das minhas ideias.

Ele falou sobre a limpa na Nostra e eu achei besteira, logo após, não falamos mais nada. Talvez por isso, ele viu como errei e não me mostraria, queria que eu enxergasse.

— Ele fez isso com todos, Karen. — Daniel diz. — Ele nunca contou a Giulia sobre o contrato de casamento roubado, ele quis ver o que Leo faria e Leo preferiu que Giulia descobrisse a verdade do que ela morresse, ele foi atrás de respostas. Nosso pai nunca contou que sabia sobre Nicole, ele me observou e nunca fez nada, só fez quando o pai dela poderia ser uma ameaça. O mesmo para Gabriel, ele o expulsou da Nostra e de casa.

Agora eu me odeio ainda mais! Quando Gabriel foi expulso, eu ri dele, o chamei de idiota. E, olha só, a prepotente aqui foi deixada de lado, como meu irmão foi um dia.

Eu fui muito burra!

— Eu me sinto um pouco mal agora. — olho para meu avô. — Eu fiz

isso com Fernando e reclamo quando ele faz com a própria filha, mas nunca reclamei quando ele fez com os meninos.

— Protegemos Karen e não pensamos no que poderia dar errado, não deu, mas poderia dar.

— Eu achei que meu pai não acreditava em mim, quando ele disse que não era uma boa ideia, eu desabafei. — fungo, tentando controlar minhas lágrimas. — E ele só queria mostrar todos os pontos que poderiam dar errado. Eu fui infantil.

— Karen, nosso pai te ama, ele tem orgulho de você, mas ele não vai falar isso sempre. Você disse que era uma má ideia limpar a Nostra....

— Eu não pensei de outro modo, mas eu deveria. — fecho os olhos. — Eu disse que ele preferia a Kat.

— Karen, você é a filha dele, não Katherine. — Daniel volta a falar. — Katherine nunca escuta, você deveria ter notado as ações do nosso pai. Ele parabenizou Gabriel, não Katherine. Você deveria ter participado de todo o plano, mas virou as costas e achou que estava todo mundo contra você.

— Eu entendi. — olho para a casa da minha avó. — Falarei com minha mãe.

Desço do carro, indo até a porta da casa e toco a campainha, no mesmo instante, minha avó abre a porta. Nos abraçamos e peço para falar com minha mãe. Quando ela chega, fazemos o mesmo e depois minha mãe nota minha cara de choro.

— O que Fernando fez? — minha mãe pergunta.

— Jogou verdades na minha cara. — sorrio. — E dói, dói muito.

— Eu vou matar aquele babaca de merda!

Eu não consigo impedir minha mãe, ela apenas corre até a casa onde meu pai está. Ela bate na porta e chuta, como uma louca.

— Mãe, para! — grito. — Meu pai está certo!

— Ele te fez chorar de novo! Ele disse que não seria um babaca!

— Ele não foi um babaca...

Nesse mesmo instante, meu pai abre a porta e olha para mim e para minha mãe. Ele abre mais a porta e se afasta. Vamos até ele e vemos meu pai sentando no sofá.

— Olha aqui, seu babaca!

— Olha aqui as duas! — meu pai grita e levanta do sofá. — Sei que já deve saber o que fiz e não me arrependo. Sara, não sei da educação de Yankee, mas na minha casa, eu fui ensinado a respeitar nossos pais. Meu pai diz que sou

idiota, babaca e coisas mais, cresci escutando reclamações, mas eu nunca, nunca na vida, deixei de falar com ele! Eu nunca falei mais alto que meu pai e minha mãe. Eu aturei Karen aquele dia porque eu errei, eu escutei calado. Eu vi que errei e viajei para ajudar e pedir desculpas, não foi por Sara, foi por minha filha, por Karen. Eu fui disposto a mudar, eu faria algo que nunca fiz antes, passaria por cima dos meus métodos. Quando cheguei, Karen abraçou meu pai e me ignorou por completo.

Meu pai para de falar e vira de costas.

— Eu tentei falar com ela para pedir desculpas e fui ignorado, eu dei boa noite e recebi seu silêncio. — ele continua falando, mas não vira em minha direção. — Então eu penso que tudo o que fiz foi por água abaixo só porque eu neguei ajudar?

— Não acreditou em mim. — sussurro.

— Karen! — ele grita, virando para mim. — Entenda, não é fácil, eu já disse! Eu te treinei na Itália, eu contei coisas para você, eu disse que trabalharíamos juntos, aconteceu tudo aquilo e me ausentei por pouco tempo, eu contei sobre limpar a Nostra e você disse que era besteira! Eu tentei falar e você sempre disse que era melhor atacar diretamente os complexos, eu e Marco tentamos dizer que atacar diretamente daria em nada, já que os traidores sabem de nossas vidas e eles seriam os maiores perigos. Você e Kat nunca aceitaram opinião contrária. E eu não me arrependo, Karen! Eu não me arrependo de ter deixado vocês de lado, porque assim vemos como agem. Você foram boas, mas atitudes foram péssimas.

— Fernando...

— Para, Sara! Para de ser como todos que passam a mão na cabeça de Karen e Kat, para de achar que elas vão salvar o mundo sozinhas, para de achar que sou duro com a minha filha, sendo que isso é feito com todos! Karen não é intocável, ela precisa acordar pra vida e parar de achar que tudo que ela fará é o certo. Eu nunca falei do envenenamento porque foi um plano genial, mas a viagem não! Eu fui contra e você nem quis escutar. Eu tentei conversar, Karen, você nunca me escutou. Você viajou escondido e eu, idiota, ainda fui atrás para pedir desculpas. Pai pedindo desculpa para filho por educa-lo? — ele ri. — Meu pai nunca precisou disso, e olha que eu apanhava quando cometia grandes erros. Eu tinha dezesseis anos, olha só, Karen!

— Eu... Eu fiquei chateada. — minha voz falha, enquanto choro. — Você parabenizou Kat e Gabriel, nunca...

— Kat cresceu, ela tinha medo de mim, era só eu olhar e ela se encolhia, ela cresceu nisso. Eu parabenizei a todos por Javier e Giovani, dei armas em

agradecimento, você nunca veio aqui, Karen, só no dia que Kat foi pedida em casamento.

— E precisava vir para ganhar parabéns?

— E precisa de parabéns? — ele ri com zombaria. — Você e Kat não crescem por isso, parem de achar que precisam mostrar algo, que precisam impressionar, isso é a nossa luta!

— E por que nunca a ensinou lutar? — minha mãe pergunta.

— Sério, Sara? Karen? — aponta para mim. — Aquela que faz e esconde? Aquela que salvou Marco e só me contou meses depois porque ele quis? Como eu ia treina-la, sendo que eu nem sabia que ela tinha interesse nisso? Daniel e Gabriel mostraram que queriam. Giulia nunca quis, mesmo assim ensinei a usar uma arma, Karen teria seu momento, mas eu pensei que ela não queria. Não julgue, porque nem você sabia dessa história.

Engulo em seco, mais uma vez.

— Eu tentei, mas Karen sempre achou que era colocada em segundo plano. Gabriel sempre achou isso, mas nunca ficou irritado, ele lutou pelo seu lugar...

— Cada pessoa é de um jeito. — tento me defender.

— E você deve se adaptar, não continuar agindo do mesmo modo. Leo, Daniel e Gabriel mudaram, você não pode? Você tem que ter tratamento especial?

— Para de debochar! — minha mãe está bem irritada.

— Para de defender, Sara! Apenas pare! Eu não queria apontar os erros de Karen, mas ela não enxergaria, ela é muito rancorosa. Eu engoli toda a minha raiva quando Yankee explodiu meu arsenal, eu me uni a ele apesar de todas as perdas. Então, Karen, o que custava me escutar? Falar algo? Pra mim aquilo foi a gota d'água, Karen. Mesmo com raiva, você não deve expulsar um aliado da sua vida, ainda mais sendo o seu pai. Eu não sou um pai como Javier e Benjamin, eles merecem ódio, mas o que eu te fiz? Eu quis que crescesse sozinha? Eu quis que enxergasse que nem sempre a vida é fácil? Eu quis sua ajuda e você achou tudo uma merda e nem quis ouvir? Ficou com ciúme de algo inexistente? Mas o que eu fiz por você, Karen? Eu te dei todo o amor, eu fui para todos os seus aniversários sendo que eu tinha uma reunião, eu nunca perdi uma apresentação na sua escola, eu fui aquele pai presente, dei banho, troquei fralda, ensinei a ler e escrever, estava lá quando deu o primeiro passo... Eu fui um bom pai, eu acho. E você me despreza só por isso? Por eu querer que cresça?

A voz do meu dá uma “quebrada” nas últimas palavras.

Eu me sinto tão lixo! Eu desprezei o meu pai por uma coisinha, ele sempre esteve ao meu lado e eu o ignorei quando meu pai tentou falar comigo, mas, ao contrário disso, eu escutei suas informações para fazer planos, não por ele ser meu pai...

Eu fui tão escrota!

— Desculpa. — sussurro.

— Você reclamou sobre ficar com as crianças, sabe por quê? Porque não pensa! O que Yoshida faz? — não respondo. — Responda!

— Sequestra e trafica órgãos. — respondo.

— Quais são vítimas?

— Crianças e grávidas.

— Você não era a babá, você era a segurança, Karen, pois confiei em você. Eu sabia que roubou uma arma do meu arsenal, e sabia que atiraria para qualquer ameaça. Eu te dei um papel fundamental aqui e você não entendeu! Pensou que eu te desprezei...

— Por que não falou? — minha mãe questiona.

— Nossa filha é como você, Sara! Sentimental, ciumenta, rancorosa. Karen não queria conversa, eu queria que ela entendesse, já que é inteligente. Não estou sendo irônico, só queria ver como agiria. Todos passaram por isso sem dramas maiores, mas Karen não! Ela sempre colocou um drama em questão e não pensou de outro modo. Você viu Daniel e Leo passando em testes e nem pensou que era o mesmo com você, até Gabriel entrou na Sangre.

E eu achei que me desconsideraram...

Eu sou muito burra!

— Você é ótima, mas precisa aprender com os erros, ou melhor, precisa enxergar os erros. E se eu não estivesse aqui, pense como seria. Todo mundo te apoiando, todo mundo dizendo que vai conseguir, todo mundo apoiando suas decisões sem criticar. A Nostra estaria um caos e metade da sua família estaria pegando a perpétua agora, pois os traidores estavam prontos para acusar cada um de nós, até Sara e Isabella, por receber dinheiro sujo. — olha para minha mãe. — Pois então, o que você e Kat acharam besteira, foi decisivo para queimarmos todas as provas existentes contra a nossa família. E eu só falei tudo isso porque é inaceitável ver filho desrespeitando pai, e eu nunca te desrespeitei, Karen. Muito pelo contrário, você é meu orgulho, mas ficar falando disso o tempo todo não vence lutas.

Meu pai se aproxima da minha mãe e toca o seu rosto, agora, de perto, eu vejo os olhos do meu pai marejados.

— Eu amo você, Sara. Só não concordo com tudo. Criar filho não é fácil, ainda mais quando os pais não concordam com o mesmo tipo de educação, mas olha o que Karen pode se tornar. Ela pode ser uma líder maravilhosa ou uma líder que acha que pode tudo, que nunca pode ser contrariada, que exige tudo em seu tempo...

— Então me ensine a ser como o senhor. — peço, com toda humildade e sinceridade. — É o que sempre quis.

Meu pai olha para mim.

— Eu sei disso, por isso guardei tudo aquilo e extravasei naquela hora. Karen, eu esperei meu momento, roubos aconteciam e eu escutava atentamente as ordens do meu pai e obedecia, nunca exigi minha entrada na Nostra...

— Eu errei, eu sei. — falo calmamente, assumindo meu erro em voz alta.

— O primeiro passo foi dado, você viu que errou e outra coisa, mostrou respeito por aqueles que vieram antes de você. Além de seu pai, eu sou chefe desse negócio há décadas. Se não fosse seu pai, ainda me deveria respeito só pela minha trajetória. Eu odiava Yankee, mas sempre o respeitei nos negócios, assim como Tyler. Assim como respeito Marisa, Guerrero, Juan, Oliver, Alejandro e Carlos. Porque não somos inimigos.

— Eu entendi. — abaixo a cabeça.

— Eu sei, agora eu espero que aceite meus ensinamentos sem achar que eu sou chato ou errado. Questionamento é válido, mas achar que é a melhor não leva a nada, e nem pensar que é a pior.

— Ok.

Escuto o suspiro alto do meu pai e olho para ele.

— Vai dormir, Karen.

— Mas disse que ia me treinar.

— Não hoje, você aceitou rápido e está chateada. — esfrega a testa. — Durma e pense em tudo o que te disse. Se quiser ficar ao meu lado, estarei aqui, mas se acha meus métodos uma merda e só quer ficar ao meu lado por sentimentalismo, você continuará errada. Ouvir o coração nem sempre é o certo nesse negócio e você é impulsiva, mudou de opinião em menos de vinte minutos. Pense e depois me dê a resposta.

Abraço a minha mãe.

— Parece que sou chato, devo ser insuportável mesmo, mas quero o bem de todos. Eu deixei todos meus filhos e Leo livres para fazer suas escolhas, só aparecia em caso de extrema necessidade. Todos se encontraram, está na sua hora, Karen. Você precisa se encontrar, e nenhum sentimentalismo ajuda nesse

momento. E, só para que saiba, eu amo você. — olho para meu pai, que sobe as escadas. — E é por te amar, que eu não escondo a realidade de você. Amar dói, Karen, educar é ainda mais difícil. Ainda mais pelo o que fazemos. Mas estarei aqui se estiver disposta a ser ajudada e disposta a ouvir opiniões contrárias. De modo, sempre estarei aqui a sua espera.

Bônus 9

Sara

— Acho que chamarei meus filhos de Matteo e Milena. — falo, enquanto fecho o livro.

— Lindos nomes, mas Milena? — minha mãe faz uma carranca. — Pode ser chamada de "Mile".

— Será chamada de "Mi" ou "Lena", nunca "Mile". — sorrio. — Pronto, decidi os nomes.

— Graças a Deus você está bem com a gravidez, porque pelo excesso de raiva...

— Só tive algo na gravidez de Karen. Não é hereditário, mãe. — olho para ela, lembrando o filho dela que acabou morrendo ainda bebê.

— Fiquei louca quando teve pressão alta na gravidez de Karen, pensei que pudesse ser algo bem grave, como a minha foi.

Quando preparo-me para falar algo, a campainha toca e minha mãe sai para ver quem é.

— Sara! — ela grita. — Fernando está na porta, quer vê-lo ou não?

Respiro fundo, preparada para mais um *round* de discussão.

— Pode entrar. — respondo.

Coloco meu livro de lado e vejo o momento em que Fernando entra na sala.

— Vou ver Yara. — minha mãe avisa, indo a até a cozinha e depois voltando. — Vou levar uns doces para ela e as criancinhas. Não se matem.

— Eu não vou mata-la.

— Eu não digo o mesmo para você. — olho para Fernando.

— Ainda nessa?

— Está esquecido, meu amor? — debocho.

— Ela é igualzinha a mãe. — minha mãe beija o meu rosto. — Meu orgulho! Eu demorei a acordar, mas acordei sobre Sérgio e o filho de uma cadela mudou. Agora é a sua vez, Fernando.

É muito amor envolvido entre sogra e genro. Minha mãe tem um sorriso zombador e Fernando deve querer esgana-la nesse momento.

— Eu já falei o que penso.

— Menos eu, Fernando! — retruco.

— Ainda tem algo para falar? Vai dizer que sou errado?

— Você é errado, eu falei isso na viagem, então você falou que estava preso. — minha mãe fala. — Ok, eu deixei pra lá. Mas você e meu marido são especialistas nesse erro, eu já dei uma dura em Sérgio, Sara fará o mesmo. — ela ri, da cara de raiva do meu marido. — É o que é.

— Não ia para casa de Yara?

— Vou, mas, antes disso, tinha que ver sua cara de derrota, achando que minha filha ia se render fácil.

Fernando esfrega a testa e para de olhar para minha mãe, ele, definitivamente, a xinga em italiano.

— Eu digo o mesmo de você, Fernando. — pisca um olho. — O italiano entrou nos idiomas que sabemos falar. — minha mãe se despede e sai da casa.

— Sua mãe é uma...

— Falaremos de você, Fernando. — cruza as pernas. — Não dela.

— Dela sim, porque é como você. Vê erros e passam a mão pela cabeça.

— Concordo, Fernando, vi seus erros e passei a mão pela sua cabeça.

Sorrio ao ver a cara de raiva de Fernando.

— Eu não acredito que falei tudo aquilo e você ainda me acha errado.

— Vamos lá, Fernando. Você mesmo disse que não é sobre ser melhor ou pior. Certo, então eu não falarei quem é o pior e o melhor nessa história...

— Nesse caso existe melhor e pior, Sara.

— Então ok, os dois são errados.

Fernando abre a boca e não diz nada. Deve estar incrédulo com minhas palavras.

— Como é? Agora sou um pai errado?

— Eu falo e você escuta, porque eu escutei calada e só vou falar o que penso aqui. — levanto o dedo, para ele me dar a vez de falar. — Nunca falei de seus métodos como pai, porque você é ótimo. Fernando, um dos motivos para eu amar você, foi por ver você com Giulia na infância. Quando ela contou que você a ensinou a ler, escrever, quando ela foi ao seu quarto para dormir porque estava doente. Você é um bandido que ama a família, por isso eu esqueci essa parte crucial da história, porque você ama Giulia, você vive para ela e hoje você vive por todos os nossos filhos.

— E por você, não esquece essa parte. — ele fala baixo, meio emburrado.

— Sim, e por mim. — sorrio. — Você é um pai maravilhoso e nunca

falei algo contrário, mas seus métodos para Nostra? Isso sim me irrita, então, não confunda as coisas.

— Primeiro que você nem deveria se intrometer no assunto.

— Primeiro que você nem deve levantar a voz pra mim! — grito.

— E você pode? — ele fala um pouco mais baixo. *Não nego que gosto disso. Eu amo isso, de verdade.*

— Eu posso, claro que posso. Casou comigo e eu sempre fui assim.

— Merda, Sara!

— Deixe-me continuar. — pigarreio. — Se é algo dos meus filhos, eu me intrometo. Eu odiei quando expulsou Gabriel de casa e quando ele casou com Amélia, então agora eu odeio o que faz com Karen, olha só, eu odiei nos dois casos, não fui seletiva.

— É assim que eles crescem, se querem mandar, eles devem crescer! Sara, não enxerga...

— Nenhum dos dois quer mandar, acorda! — estalo meus dedos. — Gabriel nunca nem falou sobre comandar qualquer coisa, o mesmo para Karen. Ela quer ser como você nas estratégias, ela não quer ser da Nostra. Ela não quer traficar ou algo assim, ela quer saber estratégias, saber fazer reuniões, conhecer o jeito das pessoas e identificar como elas são. Ela não quer sentar no seu lugar, é isso que você não entende, Fernando.

— Mesmo assim, ela faz errado.

— Ela vai errar, todos erram. Você errou muito, Fernando!

— Mas, no momento, não é para errar.

— E no que ela errou? Por ela ter ido à viagem e ter desobedecido?

— Você é muito passiva quanto a isso. — ele me acusa.

— Fernando, eu fui criada livremente, com dezesseis anos eu já estava em outro país, trabalhando e estudando, não tinha pai e mãe ao meu lado falando dos meus erros e acertos, tanto que namorei Brian. Eu cresci...

— Esquece o nome dele.

— Eu nunca tive algo mais com ele! — *cisma de ex...*

— Ele beijava a sua boca.

— Eu faço coisas com a boca em você que nunca fiz em Brian e nem farei, já que ele está morto há anos.

— É, pensando desse modo. — sorri de lado.

— Para, deixe-me falar! — grito. — Eu fui criada para errar e acertar. Gabriel quer sair de casa, saia. Karen quer ir, vá. Eu não crio os filhos pra mim,

eu crio para o mundo. Por isso todos devem saber se virar, eu sempre falei sobre isso.

— Não é sobre se virar, é sobreviver.

— E eles sobrevivem. O que você não enxerga, Fernando, é que eles sabem se virar, mas tem momentos que eles não saberão o que fazer, mas você se cala. Entenda que cada filho é de um jeito, Karen tem o dela, ela é como você.

— Como eu?

— Sim, como você. Nem adianta negar. Fernando, você foi cego com Milla, dizia me amar, mas nunca fez o prático que seria demiti-la, você persistia em dizer que não era nada daquilo que eu falava. Karen faz o mesmo, ela acha que está certa e não gosta de ser contrariada, você também não gosta.

— Não nos negócios, nos negócios você deve ser mais centrado, sem emoção.

— Chegamos ao ponto da minha mãe, Fernando. Minha mãe tem raiva de você e do meu pai por serem dois dos mesmos, por esconderem tudo de nós. Não importa se é cruel ou não, vocês precisam contar. São esses métodos que impedem muitas coisas. Talvez se tivesse falado de Yoshida antes, Karen poderia ter mostrado quem era e seria mais acreditada...

— Então chegamos ao meu ponto, Sara. — me interrompe. — Karen é emotiva e acha que todos a odeiam.

— E é por isso que você não enxerga, Fernando. Nenhum dos nossos filhos veio com uma grande carga emocional, a de Daniel passou, mas eu digo, aquele menino está esquisito e falaremos dele depois. — Fernando franze o cenho, não deve entender o que digo. — Mas Karen é diferente, enxerga isso! Ela é diferente e por isso ela pediu sua ajuda, para mudar, para ser frio como você, para crescer.

— Eu tentei, Sara! Ela achava tudo uma besteira.

— Admita, Fernando! Admita que você nunca forçou nada com Karen porque achou que era apenas coisa do momento, que ela mudaria de ideia.

Ele não responde.

— Sim, você pensou. — rio. — Por isso nunca forçou. Karen ficou fechada e você fez o mesmo. Então, os dois erraram!

— Eu acreditei em Karen, eu acreditei que ela protegeria você, as crianças e Isabella. Temos seguranças aqui, mas Karen sempre foi a mais próxima. Tudo nesse negócio é um teste, Sara! Como você disse, não é sobre eu ser um pai, é sobre eu ser o chefe desse negócio e temos nossos métodos. Karen falhou e nem percebeu.

Coloco a mão no meu rosto, tentando conter as minhas lágrimas de raiva.

Eu odeio chorar de raiva, mas é minha ação para não matar alguém... Karen herdou essa merda do meu lado.

— Fernando. — respiro fundo e contenho minha raiva e lágrimas. — Karen nunca parou para pensar, porque ela tinha coisas na cabeça...

— No momento que você está nesse negócio, você deve se esquecer de tudo ao seu redor, e focar em...

— Todos abandonaram Karen, Fernando! — grito, jogando toda a verdade. — Todo mundo abandonou Karen, ela ficou para trás, sozinha, ninguém entrava em contato com ela, quando Gabriel a chamava, os olhos dela brilhavam, ela achava que ele compartilharia algo, mas não, era só para ela levar Felipe para poder irritar Amélia. Ela foi reduzida a isso, Fernando. Ela não deve jogar na cara tudo o que fez, concordo, mas ela fez a maior coisa contra os inimigos e foi reduzida, foi jogada de lado por todos! Só quem ficou ao lado dela, são aquelas pessoas que nunca sabem nada, ou seja, eu, Isabella, minha mãe, a sua mãe e etc. Ninguém mais se importou com ela. E Karen sofre com isso, ela sofre em ter que pedir para entrar e nunca ser chamada por conta própria. Você chamou, ela falhou, mas no seu teste, ela deveria ser "humilde" e pedir para entrar, mas ela não poderia fazer isso porque ela se acha imprestável, porque ninguém parece se importar com ela. Acorda, Fernando! Não é birra infantil. Karen só tem quinze anos e não tem uma pessoa para guia-la, eu tentei, mas eu nem sabia sobre Yoshida e Marco. — ele olha para mim no mesmo momento. — É, meu querido, Karen contou do parentesco.

Fernando fica calado e senta no sofá.

— Os dois erraram. E pare de achar que Karen crescerá da noite para o dia. Ela errou em não te tratar como pai, e você erra de não enxerga-la de outro modo. Erra por querer que ela cresça e se livre de emoções nos negócios, ao mesmo tempo não enxerga que todos viraram as costas para ela. Ela foi naquela viagem por uma vitória conjunta, mas também era pessoal. Ela queria saber que foi útil em algum momento, ela queria trazer respostas. Poderia dar errado? Sim, claro. Eu concordei que ela fosse, porque quando Gabriel foi atrás de respostas sobre Alex, eu nunca falei nada. E sim, eu sabia, pare de achar que sou burra, esse é o seu problema. — passo a língua em meus lábios, que ficaram secos. — Karen precisa de uma dose de confiança. Não é drama, Fernando, é a verdade. Você começou com vinte e cinco anos, ela com quinze. Veja a diferença e reflita.

— Eu pensei que fosse dar certo, com Gabriel deu e ele tinha a idade...

— Não, Gabriel já sabia de muita coisa, Karen chegou totalmente despreparada e teve que se preparar sozinha. Ela não é paciente mesmo! Nem

você é, não negue. Você me sequestrou ao invés de me conquistar antes, não julgue sua filha.

Ele ri, mas depois abaixa a cabeça.

— Então, o que eu faço?

— Fernando está pedindo uma opinião? Não creio! — sou irônica.

— Eu não sei. Eu não pensei pelo lado de todos a abandonarem, eu pensei que ela estivesse com Kat e Gabriel.

— Ela está com eles, mas não totalmente. Karen não sabe o que fazer, quando faz, ela volta para o jogo, depois é descartada. Todos fazem isso com ela e ninguém sabe o motivo, talvez por ela ser quieta e só observar, mas é o jeito dela, ela não será como os outros que falam, que interagem, ela verá primeiro e falará algo depois. Ela concorda que deve mudar, por isso quis ajuda, mas, como sempre, ninguém a leva tão a sério. Ela é uma adolescente, Fernando, não uma adulta. Se Gabriel mudou, ela pode mudar. E vocês são melhores juntos que separados.

Fernando se levanta e vem na minha direção, segurando a minha mão, então, eu levanto do sofá.

— Você sabe que eu te amo porque você joga as verdades na minha cara sem pensar duas vezes.

— E porque eu não aceito suas merdas. — complemento.

— Sim.

— E porque eu digo que é um babaca.

— Não, isso é uma merda, Sara!

— É a verdade, Fernando. No fim das contas, eu abri seus olhos e você veio se achando, como se eu fosse a grande errada da história junto com Karen.

— Aí você vai jogar na minha cara que eu sou errado?

— Vou! Assim como Karen. Então, trata de fazer algo certo e se junte com a menina, dê um motivo para ela sorrir e acreditar nela mesma.

— Eu farei, porque eu vi que está certa, não para te convencer.

— Milena e Matteo estão felizes.

— Quem são esses? — ele se afasta.

— Nossos filhos. — aliso a minha barriga. — Dei o nome a eles tem dez minutos.

— E não me comunicou? Não pede opinião?

— Querido, se eu carrego por nove meses, eu dou o nome. Porque você queria chamar Gabriel de "Salvatore", e nunca na vida que eu daria esse nome

para meu filho.

— É um nome bonito.

— "Gabriel" é melhor, o nome do anjo...

— Combina com nosso filho, ele é um anjo mesmo, nunca nem matou uma pessoa.

— Não importa! — cruzo meus braços. — Eu dou nome bonito aos meus filhos, você dá nome de velho.

— "Gisela" não é feio.

— É esquisito. Gisela, com "a"? Não! Meus filhos, meus nomes. Eu ainda tenho que aturar que toda primeira palavra deles é "papai".

— Deve ser porque elea preferem o pai que a mãe.

— Mas quando crescem isso muda.

Ele sorri.

— Você é uma cadela quando quer.

— Nunca neguei, *monamour*. — jogo meu cabelo para trás. — Eu jogo verdades, até quando você acha que eu estou errada. E você perderia tudo isso. — dou uma rebolada para trás. — Tudo isso.

— Eu não sei de onde você tirou essas coisas.

— Sério que você nunca viu "Eu a patroa e as crianças"?

— Você nunca me forçou a assistir isso.

— Não é "isso", é só uma das melhores séries da vida! Não fala mal da minha Jay!

— Ela defende as séries como defende os filhos. — ele agarra minha cintura, que já está bem diferente do que era. — Por isso eu te amo.

— Você me ama muito, não é? Eu amo que você me ama por eu te fazer de idiota.

— Você não me faz de idiota.

— Faço sim, quando eu digo as verdades, você fica com cara de tolo. Você acha que está ganhando e eu mostro o contrário. Ah, eu amo isso, cara!

— Eu odeio quando fala "cara".

— E eu não pararei de falar.

— É, eu sei. Sua mãe vai me matar se eu transar com você no sofá.

— Ela não vai me matar se transarmos no quarto. — chego ao seu ouvido e sussurro. — Já fará duas semanas sem você, Fernando. E, definitivamente, eu não entendi esse troço de usar os dedos até hoje.

— Você tentou? — ele olha para mim, parecendo não acreditar.

— Eu tive sonhos bem depravados, mas não deu muito certo esse ato de fazer sexo comigo mesma. É chato.

— E você não filmou? — *ele está indignado mesmo!*

— Não, mas deveria, seria uma tortura psicológica em seu ser. Merda. — rosno. — Eu preciso aprimorar meus métodos de tortura.

— Então você...

— É, eu usei dedos e deu em nada, coisa chata. Mas com os seus dá certo. — torço a boca. — Merda, eu preciso de você até para isso!

— Você não vive sem mim, Sara. — ele me carrega, tirando-me do chão. — Mas você vem para a nossa casa, não quero sua mãe escutando e percebendo o tempo que ficaremos no quarto.

— Uau! Vai demorar horas?

— Duas semanas Sara. Duas semanas sem você.

— Virilidade é um máximo! — beijo a sua boca. — Eu te amo mesmo quando é um idiota, só para não perder o costume.

Ele ri.

— Eu te amo mesmo sendo dramática. — morde o meu lábio. — Eu farei o certo, prometo.

Capítulo 20

Karen

Três dias depois...

— Cento e dez, cento e onze, cento e doze... Droga, perdi a conta! — olho para o ventilador de teto, perdi a conta enquanto ele rodava, estava vendo quantas vezes a mancha branca faz a volta completa.

Pego o travesseiro e rosno, abafando os sons com o troço que muita gente deve colocar a cabeça.

Estou no hotel há dois dias, saí de casa depois de muito pensar. Decidi que já chega, eu não aguento mais, não quero me envolver mais nisso. Pensei muito. Pensei e fiz.

Agora estou no hotel. Meu pai já ligou e me mandou voltar, não quero. Gabriel e Kat ligaram e disseram que precisam de mim, não vou. *É isso.*

Sou infantil? Ah, dane-se! Cansei mesmo. Se querer parar é ser infantil, eu sou e não me importo com isso.

Meu pai queria que eu tivesse a consciência que preciso crescer. Eu tive e ele me mandou pensar porque agi por impulso. Não foi impulso, eu vi que ele estava certo e quis mudar, mas ele, simplesmente, mandou pensar mais. Pois então, pensei e tomei minha decisão.

São tempos tentando provar algo e não ganhando nada. "Ah, não é para ganhar, é para fazer", ah, dane-se! Cansei de só chamarem quando querem ou quando vou embora. Vivi muito por isso, agora vou viver por mim.

Fecho os olhos e tento dormir, mas sou impedida por batidas e gritos vindo do lado de fora do quarto.

— Karen, eu e Amanda e Jesse estamos aqui. É a Dulce falando.

Levanto-me da cama e me olho no espelho, ajeito meu cabelo bagunçado e vou até a porta, abrindo e encontrando os três sorrindo para mim.

— Eu disse que ela estaria aqui. — Jesse fala, invadindo meu quarto.

— Educado, não é? — Amanda fala, irônica. — Viemos te ver, já que simplesmente disse que não queria mais. Katherine, Gabriel, Jean e Rachel queriam vir, mas decidimos que era melhor não.

— Por quê? — pergunto, fechando a porta depois delas entrarem.

— Porque nós entendemos o que passa, Karen. — Dulce responde,

sentando em uma poltrona. — Nós sabemos porque saiu, passamos o mesmo. Nós vamos entender sem tentar mudar a sua opinião.

— Gabriel e Kat ligaram várias vezes, todos dizendo "precisamos de você para pensar", legal ver como eles perguntam se estou bem. — sento na cama. — Assim como todos os outros.

— Ei, viemos até aqui e nem falamos nada do tipo. — Jesse sorri. — Por isso estamos nesse quarto, porque compreendemos tudo e não julgaremos. Nós sabemos como se sente sobre ser excluída. Karen, quando chegou lá na casa onde eu estava com Jean, nós percebemos como era fechada, queríamos que relaxasse, então sempre conversamos.

— E eu nem gostava de vocês. — sorrio, lembrando aquela época.

— Sem problemas, também não gostava de Jean e nem ele de mim. Mas aprendemos que cada um é diferente, convivemos com isso. E nós vemos como é diferente, Karen. Você só quer algum reconhecimento, não por ser melhor, e sim para se sentir valorizada.

— Sim, mas parece que todos acham que quero aparecer, e não é isso. Eu só sou chamada quando precisam de um plano ou quando precisam mudar de assunto, fora isso eu tenho que me intrometer e descobrir do que o assunto se trata. Não é sobre a Nostra, é sobre tudo. É sobre me sentir uma imprestável, mesmo sabendo que não sou assim.

— Por isso estamos aqui, Karen. — olho para Dulce. — Nem nos conhecemos, mas Jesse e Amanda me contaram a história. Eu e Amanda passamos o mesmo, claro que em contexto diferente. Somos aquelas que todos olham e pensam "Façam algo da vida, olhem para todos e veja que vocês não fazem nada". Todos os primos tem uma vida, tem uma boa faculdade, emprego ou passaram para as melhores escolas. Eu e Amanda? Não queremos nada disso, não sabemos o que queremos, no entanto, só a nossa mãe entende e conversa, os outros impõe ou nos excluem.

— Quando minha mãe disse que viria para cá, todos acharam errado, disseram que eu iria atrapalhar. — agora é Amanda quem fala. — Queriam Lauren, minha irmã mais velha, ou a Mary, qualquer pessoa, menos eu. Olha só, cheguei e não fiz nada de mais, porém, todos acreditavam que eu faria alguma merda. Como eu disse uma vez, Karen, também não acreditam em mim. Por isso viemos, pois entendemos tudo o que passa. Eu e Dulce já nos conformamos, não queremos mais provar o contrário, você não, ainda está na fase de não saber como agir.

— Eu já decidi. — informo. — Saí dessa história.

Eu olho para cada um deles, esperando algum julgamento, mas eles

apenas sorriem.

— Certo, sua decisão. — Jesse concorda. — Mas vai morar aqui?

— Nenhum julgamento?

— Karen, minha florzinha. — Amanda se aproxima de mim. — Você é livre, entrou nisso porque quis, sairá porque quer. Se essas pessoas não enxergam como você é importante e só notam quando some, eles não merecem você. Se eles estão mais focados em planos do que em seus sentimentos, eles não merecem nada vindo de você. Eu entrei nessa por sua causa, porque acredito fielmente em você, porque é a mais centrada. Katherine é boa em briga, Gabriel igualmente, Jean a mesma coisa, mas você e Jesse são a inteligência. E se digo que Jesse é inteligente, é porque é. Eles te chamam porque sabem que precisam de você.

— Mas se não quer ir, está em seu total direito. — olho para Jesse. — Ninguém te convidou, então ninguém tem direito de te levar de volta. E estamos ao seu lado, Karen.

— O que isso significa? — pergunto.

— Que somos seus amigos. — agora é Dulce que se aproxima. — E entramos nessa por você, porque acreditamos, e, se você não vai participar, estamos ao seu lado para ajudar nessa vida.

— Mas o Jesse...

— O Jesse aqui. — aponta para ele mesmo. — Estava vivendo na angustia de ser um traidor, eu não sorria, eu não relaxava, então você chegou e me mostrou outro jeito de viver, Karen. Você me deu confiança, mostrou que acredita em mim, conversa comigo e me aconselha, ninguém fez isso. Nem Jean e nem Gabriel, eles apenas falavam que eu era esquisito e pensavam que era por não ter família, nunca insistiram tanto em conversar. Eu não reclamo, eles têm seus problemas, mas você tem problemas e sempre me escutou, nunca me deixou de lado.

— Você escutou minhas reclamações sobre a vida sendo que seus problemas são maiores. — Amanda ri. — Você se achava inútil, mesmo assim cuidou das crianças; você cuidou de Line, junto comigo; você ajudou Guerrero com o plano de resgatar West, e, vamos combinar, você não tem obrigação nenhuma com ele.

— Não importa, Karen. Você falou que seu pai disse que deve fazer e não falar que é melhor por isso, mas ele não deve saber como você é excluída de tudo. — Jesse me abraça. — Estamos ao seu lado, não pense que somos como eles, nós temos orgulho de você.

(...)

— Praia, sério? — olho para o mar, depois para a lancha em que estamos.

— Praia, sente esse cheiro horrível de mar. — Dulce estremece. — Eu odeio praia!

— Quando falou de passeio, não pensei em ser no mar. — olho para Jesse. — Por que aqui?

— Povo que só sabe reclamar. — Jesse vai parando a lancha, ele sabe pilotar, *sei lá como acham quem anda de lancha*. — Pronto, um barco maior. Ou melhor, um iate.

— Uau! — murmuramos, com falsa animação, enquanto olhamos o iate a nossa frente.

— Que povo desacreditado. — Jesse entra no iate e nos ajuda a sair da lancha e entrar na outra. — Estamos disfarçados e no meio do mar, só seremos atingidos se for um míssil...

— Cara, você ajuda muito. — Amanda bate no ombro de Jesse.

— Mas se tiver um ataque, veremos antes. — Jesse levanta um dedo. — É o melhor que pensei.

— Pensou para? — pergunto. — Acho que ninguém aqui gosta de mar, então esse passeio não será legal.

— É uma pena escutar isso. — *essa voz...* Sorrio no mesmo instante que escuto. — Pois gastei uma fortuna com esse iate e ainda estava louco para te ver.

Viro-me rapidamente, vendo Alex subindo uma escada.

— Ah, cara, que amorzinho! — escuto a voz de Amanda atrás de mim.

Eu coloco a mão na boca e começo a chorar, Alex anda mais rápido e me abraça apertado.

— Ei, morena, por que está chorando?

— Eu queria ver você. — falo, o abraçando tão forte quanto ele.

— Eu senti o mesmo, por isso liguei para Jesse e avisei, queria fazer uma surpresa. — ele beija minha cabeça. — Eu senti muito a sua falta.

— Eu senti sua falta e senti saudades de você falando que me ama. — *agora eu sou uma cachoeira ambulante que chora por tudo*.

— E eu senti sua falta, menina bruta que agora é uma menina

emocionada. O que houve? Eles já saíram.

Afasto-me de Alex e vejo Jesse, Amanda e Dulce na parte da frente do iate.

Alex me leva para parte de baixo do iate e vejo que é uma espécie de pequeno apartamento, onde sou guiada até o quarto.

— Quer falar algo?

— Não agora. — respondo, sentando na cama. — Não quero ficar pensando enquanto eu poderia estar aproveitando o momento ao seu lado.

— Ótimo que pensou em você uma vez na vida, Karen. Sempre são todos os outros, nunca nós dois.

— Eu te deixei muito de lado? — sorrio, de modo apaziguador.

— Um pouquinho. — junta o polegar e o dedo indicador. — Mas já que quer pensar em nós dois, eu preciso fazer algo importante.

— O quê?

— Eu amo sua inocência.

Alex está em pé e eu sentada, então ele se abaixa e me beija.

Alex beija a minha boca e segura a minha nuca, colocando o meu corpo deitado na cama e ele fica por cima de mim. Agarro o corpo de Alex com minhas pernas, abraçando-o mais colado em mim.

A mão dele, que estava em minha nuca, agora passa pelo meu corpo, assim como as minhas, que estão acariciando as suas costas.

Afastamo-nos um pouco e Alex retira a camisa... E... Meu Deus!

Karen, quando você imaginou que um Alex Castillo iria te querer?

Olha esse corpo, olha esses tatuagens, esses braços... Por que braço com essas veias são... Sexys? Sei lá, mas Alex é um homem que...

Uau! Estou surpresa com esses pensamentos esquisitos.

— Eu fiz essa mesma cara quando te vi, morena. — Alex passa o polegar pelo meu lábio, e eu olho para ele. — Você faz o mesmo comigo.

Alex me beija, mais uma vez, e começa a levantar a minha blusa, até que ele tira, deixando-me apenas com o sutiã.

Minha respiração está ofegante, eu não sei como agir agora. *Não sei o que fazer.*

— Relaxe. — Alex aperta a minha cintura e faz uma espécie de massagem. — Eu não farei nada que não queira.

— Eu... Eu não sei. — fecho os olhos.

— Entendo. — ele sorri e me abraça. — Eu não estou aqui pelo sexo,

Karen, só quero ficar bem perto de você. Agarrado, para falar a verdade.

Alex me aperta contra seu corpo e eu começo a rir quando ele aperta a minha coxa.

— Eu amo seu riso. — beija meu queixo e para de me apertar. — Allan me irritaria se escutasse isso.

— Nunca namorou antes?

— Nunca na vida. — ele sorri. — Minha primeira namorada é você, Karen. Primeira, última e única.

— Gosto assim. — dessa vez, sou eu que começo a beijá-lo. — Vou confessar algo, eu fiquei me perguntando como iria ser quando te visse depois de tudo, como agiríamos. E estou surpresa por estar sendo tudo tão natural.

— Eu sabia que estaria com esse pensamento. Karen, amor da minha vida, você deve parar de sentir que é chata, imprestável e...

— Não hoje, Alex. Eu cansei desse assunto por agora.

— Mas você sabe que eu te amo, não é?

— Sim, eu sei. — beija a minha testa. — E sabe que te amo, não é?

— Sim, Karen. Tem coisas sobre Yoshida que preciso falar, mas depois conto, hoje vamos apenas ficar tranquilos. — ele levanta da cama e vai até uma gaveta, depois volta com algo nas mãos. — Karen, farei o certo dessa vez. — pigarreia, depois sobe na cama e fica ajoelhado. — Minha morena bruta...

— Não fui bruta hoje.

— Um milagre divino! — dou um leve chute em sua coxa. — Eu nunca namorei antes porque nunca me interessei por outro alguém, porque eu nunca encontrei uma pessoa que me fizesse mudar. Quando apareceu na casa de Tyler, algo em você reluziu, talvez um brilho diferente, não sei explicar. Não foi sexual, o que foi uma surpresa para mim. Quando eu te conheci, eu queria provar a você que era diferente, praticamente implorei uma chance para ficar ao seu lado. Eu nunca implorei algo assim, e não implorei para namorar você, era apenas para ficar ao seu lado, para te conhecer melhor. Eu queria provar a você que era diferente de tudo aquilo que demonstrei ser. Você, Karen, você é a primeira e única pessoa que eu fiz isso, porque algo em mim gritava que era o certo a ser feito, e não me arrependo.

Sorrio tanto que isso, que acho que posso rasgar meu rosto.

— Eu senti o mesmo por você, Alex. Você sempre foi a minha fortaleza, o que também foi estranho, porque esse papel sempre foi da minha mãe, nunca de outra pessoa. Eu nunca confiei o bastante em outro alguém diferente dela para mostrar minhas fraquezas, mas quando você mostrou as suas, eu me senti a

vontade para mostrar as minhas, e foi o melhor que fiz. Você é a pessoa que mais me faz sorrir, que me faz sentir bem, amada, respeitada e valorizada. Do mesmo modo que eu quero fazer o mesmo com você, aí eu tenho medo de fazer e você vai lá e faz alguma piada da situação e me relaxa mais. Você não força para que eu me sinta bem ou para que eu interaja, você apenas me faz sentir melhor. E é por isso, Alex, é por isso que eu decidi uma coisa.

— Espera, antes disso, eu quero dar o anel de noivado. — Alex abre a caixinha. — É super simples porque...

Levanto da cama e o abraço.

— Eu não ligo, Alex. — falo em seu ouvido. — Eu não ligo para sua situação financeira, estamos juntos nessa e aceitei me casar sabendo de tudo. — olho em seus olhos. — E o que eu decidi, creio que é o melhor para nós dois, está livre para fazer o que quiser, só me escute. — ele concorda. — Você não usará a tal arma biológica.

— Mas...

— Não, Alex! Eles querem que você use e se vire para sair de lá, eu pesquisei sobre o que Guerrero fez. Aquela substância não te deixará doente, ela deixará seu corpo com bolhas, quase como um vulcão entrando em erupção, tem dores, intoxicação e morte. Ela é rápida e o ambiente é fechado, se não sair a tempo, você morrerá. E já chega, Alex. Já chega de só falarem conosco quando precisam. Eu não quero que vá, não quero correr o risco de te perder ou que fique cheio de sequelas. — aperto a sua mão. — É o que penso, mas a decisão é sua.

Bônus 10

Kenya observa Cassie saindo da cela para falar com o tio, e aproveita o momento para se aproximar de Naara.

— Ei, quem é essa Cassandra? — Kenya pergunta, observando que Naara não tira os olhos do livro.

— Ué? É a nossa colega de cela.

Kenya fecha o livro e retira das mãos de Naara, fazendo com que sua colega de cela preste atenção nela.

— Eu sei, mas quem ela é de verdade? O que faz? O que fez?

— Matou um agente federal, legítima defesa, mas sabemos como isso não importa para eles. Por quê?

— Naara, tem algo estranho nessa menina. Cassandra recebe essas visitas do tio, mas eu já investiguei do meu modo, e ela nunca vai para a área das visitas. Cassandra Ferrara tem algum poder, ou é parente de alguém bem poderoso. As visitas devem acontecer em uma área reservada.

— E daí? Sabemos que ricos cometem crimes e que são tratados de outro jeito.

— Não, Naara. Você não enxerga porque gosta de Cassandra, por ter alguém para conversar. Mas essa garota é estranha.

— Fale corretamente e aí eu penso se seu comentário tem fundamento ou não.

Kenya pega um pequeno espelho e vai até a grade da cela, coloca a mão para fora e usa o espelho para ver se tem algum guarda por perto ou se Cassie já está voltando, depois de verificar, ela volta para Naara e começa a sussurrar:

— Tem pessoas querendo matar Cassandra. Me chamaram para entrar no esquema e neguei. Quando estava internada, alguém disse que eu deveria protegê-la, ele não mostrou o rosto. Do mesmo modo que querem mata-la, te gente querendo protege-la. Essa menina tem algo, não é só sobre matar um federal.

— E de que lado você está, Kenya?

— Aí que está, Naara. Quem quer matar Cassandra aqui dentro, tentou me matar anteriormente. Por isso eu tenho certeza que fui chamada para ajudá-la, porque temos o mesmo inimigo.

— Uma pessoa também me pediu para proteger Cassie. — Naara começa a se interessar pelo assunto. — Ele descobriu sobre minha vida e tudo mais. —

pisca os olhos. — Se vocês podem ter o mesmo inimigo, quem ele é?

— A pior pessoa do mundo, Naara. Yoshida, Elijah, Luigi, Benjamin, não sei ao certo. Não sei se são as mesmas pessoas ou se são pessoas diferentes, mas sei que são os próprios demônios.

(...)

A noite chegou e todas as celas estão escuras, ninguém consegue enxergar o que tem na outra, apenas o corredor está claro. Exatamente por isso, Kenya e Naara preparam-se para pressionar Cassie por respostas.

Naara desce do beliche e Kenya se aproxima de Cassie, que está dormindo. Naara tampa a boca de Cassie e Kenya coloca uma faca no pescoço dela.

Cassie abre os olhos, assustada com tudo. Ela tenta se mover, até que sente o material gelado em sua garganta.

— Não vou matar você, Cassandra. — Kenya sussurra. — Só queremos respostas, e, dessa vez, terá que responder.

— Não vamos te fazer mal, mas precisamos saber. — Naara fala com mais calma. — Fará silêncio?

Cassie afirma, balançando a cabeça freneticamente.

Naara se afasta, junto a Kenya.

— Foi o modo mais prático que encontrei. — Kenya sorri, mesmo que Cassie não possa ver tão bem o seu semblante. — Quem é você, Cassandra? E nem adianta vir com a história triste de menina injustiçada, vamos jogar as cartas na mesa agora. Eu vim te proteger, um homem conseguiu tirar os guardas do hospital e conversou comigo, mas eu não pude ver o rosto dele. Descobri também que sua cabeça vale ouro, ruiva. Então, porque querem te matar e também tem gente tentando te proteger?

— Não sei. — Cassie sussurra, sabendo que é melhor esconder seu envolvimento com máfia e gangues, sendo que ela está em um presídio.

— Cassandra, me poupe! — Kenya rosna, se aproximando mais de Cassie. — Dinheiro não é motivo, você pode ser rica, mas sua cabeça não vale tanto por isso. Você é envolvida em alguma merda muito séria.

— E daí?

— E daí? — Kenya bufa. — E daí que você está na minha cela e querem te matar, as mesmas pessoas que tentaram me matar. E me chamaram para o serviço de te matar, coisa que achei estranha. — segura o rosto de Cassie, depois solta. — Você é uma vítima de Yoshida, Luigi ou algo assim. Mas você tem alguma relação de merda com isso, uma relação perigosa. Eles me querem porque sei de alguns dos complexos e conheço alguns aliados deles, querem calar minha boca para sempre, e você, Cassandra? O que tem de tão importante?

Cassie engole o nó que se formou na sua garganta. Ela não sabe o que responder. Ela não conhece Kenya tão bem, sabe que ela sofreu uma tentativa de assassinato e que voltou disposta a vingança. *Mas a vingança de Kenya é a mesma que a de Cassie?*

Cassie dorme na mesma cela de Kenya e ela nunca sofreu nada, apenas agora como um susto... Mas é um assunto muito mais delicado para ser falado. Kenya admitiu que conhece os negócios de Yoshida, mas quem garante que é verdade?

E quem vai mandou Kenya proteger Cassie?

— Quem mandou você me proteger? — Cassie pergunta a Kenya.

— Não vi o rosto. — ela fala. — Ele não deixou que eu visse.

— Yoshida não...

— Yoshida ou qualquer homem dele me mataria antes de falar qualquer coisa.

— Esse homem tinha sotaque...

— Nenhum sotaque.

Cassie descarta Guerrero e Jean, pois ambos tem algum sotaque. Pode ser outra pessoa, talvez Gabriel? Mas ele não faria tanto suspense. Seu tio Arthur nunca mencionou sobre Kenya, então, quem é essa pessoa?

— Então, Cassandra, o que fez? Você ferrou com alguém importante para Yoshida, o homem contou.

Cassie arregala os olhos. *Quem mais sabe sobre Giovanni?*

— Cassandra, volte a dormir. — Kenya pede, vendo que não terá respostas. — Mas não se esqueça que eu quero saber. Não confia em mim e nem eu em você, mas se é contra essa quadrilha, devemos trabalhar juntas. E eu adoraria saber o que fez de tão grave para que sua cabeça tenha um valor exorbitante aqui dentro.

— Quanto ela vale? — Cassie pergunta.

— Ela vale a saída imediata daqui.

(...)

Naara sorri amplamente na sua ida para a visita, com certeza Jesse voltou para vê-la.

Ela sorri tanto que a sua descrença é como uma facada no peito.

Naara não vê Jesse em nenhum lugar. Ela olha para todos os lados e não o encontra.

— Naara! — ao contrário disso, um homem chama por seu nome e levanta a mão. Mesmo desconfiada, ela se aproxima. — Prazer, Naara.

— Quem é você? — pergunta, ignorando a mão estendida do homem. Ela senta na cadeira e espera a sua resposta.

— Meu nome é Heitor. — o homem responde, sentando a sua frente. — Sei que é colega de cela da Cassandra, estou certo?

Naara não nega nem confirma. Ela percebe o jeito estranho do homem.

O homem tem uma cicatriz grande no rosto. Naara pensa que é uma grande queimadura.

— Vim lhe fazer uma proposta, uma proposta irrecusável. — ela continua quieta. — Você fica de olho em Cassandra em troca da sua liberdade. Conseguiremos tirar você daqui e ainda daremos uma vida nova para você. Daremos uma casa, dinheiro...

— O que significa "ficar de olho"? — Naara questiona, desconfiada.

— Você me entende, Naara. — fala mais baixo. — Ficar de olho a cada passo que ela der...

— Cassandra está presa, certo? Você quer que eu a vigie da cela para o pátio, para o banheiro...

— Não, eu quero que saiba quem é a visita, o que ela conversa, quais os planos dela. Quero que fique de olho desse modo.

— E quando isso acaba?

— Quando tivermos respostas.

— Que respostas? Você quer mata-la?

O homem sorri, de modo enigmático.

— Aceita ou não? — questiona.

Naara levanta da cadeira e olha para o homem a sua frente.

— Vá se ferrar! — ela murmura. — Espero que você leve um tiro,

agonize e morra aos poucos. Essa é minha resposta para você.

Ela não fica para ver a resposta do homem, ela apenas vira as costas e vai até a porta que leva ao corredor, mas uma das guardas a impede de sair.

— Tem outra visita para você. — ela avisa, sorrindo. — Eu dei um jeito de você receber duas pessoas hoje, mas sabe que hoje o horário é reduzido.

Percebendo o sorriso da guarda, Naara sorri junto.

— É o menino com a camisa do Capitão América?

— Por isso eu dei um jeito dele te visitar, porque seu sorriso sumiu desde que ele não voltou. — se aproxima e fala mais baixo. — Hoje ele está com a camisa do Flash.

Naara sorri ainda mais.

— Obrigada, Nina. — ela sussurra, já que chamar alguém pelo apelido, não seria bom nesse momento. — Muito obrigada mesmo.

— Você sabe o que penso sobre sua condenação.

Nina é uma das poucas pessoas simpáticas desse lugar. Desde que Naara chegou, Nina falou como sente muito por ela estar ali, presa a espera da morte. Nina é como muitas pessoas que acreditam que Naara não merece a morte, e sim um prêmio de honraria pelo bem à humanidade. No entanto, eles não entendem como ela foi condenada desse modo.

Virando para frente, Naara não encontra mais o tal Heitor, agora ela vê Jesse, com as sacolas na mão.

Tentando controlar o sorriso bobo, ela anda até ele.

— Olá, Na. — Jesse sorri. — Posso chamar assim?

— Claro, Flash. — Naara dá um rápido abraço em Jesse, já que ele abriu os braços para ela. — Você parece com o Flash do filme que assisti.

— Só não tão rápido quanto ele. — eles sentam na cadeira. — Por isso demorei a vir, estava viajando.

— Foi bom?

— Não tanto, mas foi interessante. Eu disse que voltaria para te ver, mas não tinha visita desde que voltei, teve hoje, mas alguém veio te ver primeiro. — Naara não deixa escapar o tom um pouco acusatório de Jesse, já que ela havia mencionado que nunca recebia visita.

— Certo, vamos lá. Sei que dissemos que poderíamos falar sobre a vida e tudo mais, não de Cassie, mas essa visita que recebi foi sobre ela.

Jesse chega mais para frente.

— Sobre Cassie?

— Sim, queriam que eu ficasse de olho nela, em troca disso, eu teria a liberdade desse lugar. Na verdade, a cabeça de Cassie está valendo a saída daqui.

Jesse não se surpreende tanto, eles imaginaram que Yoshida agiria desse modo.

— E quem foi? — ele pergunta.

— Nome de Heitor.

Jesse abre e fecha a boca, surpreso com a resposta. *Agora sim ele se assustou.*

— Como é esse Heitor?

— Ele é moreno, da cor daquela moça ali. — ela aponta para a mulher ao lado. — Cabelo liso, parece ser latino, não sei. Tem tatuagens... Não sei explicar. Ah! — ela lembra. — Ele tem uma cicatriz no rosto, parecendo uma queimadura.

— Ele tinha todos os dedos das mãos?

— Ah, eu não sei. — Naara tenta forçar, tenta lembrar de quando o homem estendeu a mão para ela apertar. — Eu não lembro.

— Tinha sotaque?

— Muito sotaque. — afirma.

Jesse imita a voz de Yankee, que é o mesmo sotaque de Heitor e Sara.

— Isso, esse sotaque aí mesmo! Você não viu esse homem saindo quando você entrou?

— Ninguém saiu quando entrei. — ele olha para a outra porta. — Eles saem pelo outro lado.

— Então, é perigoso, como imaginei. — Naara coça a cabeça. — Por que Cassie corre perigo?

— Naara, não é...

— Eu sei de Yoshida, Luigi, Benjamin e sua quadrilha. Já me contaram.

— Quem contou?

Naara sorri.

— Confiança, Jesse. Confie em mim e eu confio em você.

— Horário de visita acabou. — a voz sai do alto falante, avisando sobre o fim da visita.

— Foi bom te ver, Jesse. — Naara levanta da cadeira. — E se quer que eu ajude Cassie, eu preciso saber do que ela precisa.

— Certo. — ele concorda. — Aqui está um bolo de chocolate, com recheio de chocolate e cobertura de chocolate.

— Obrigada pela diabetes. — Naara sorri e abraça Jesse. — Não suma tão rápido quanto o Flash.

— Na verdade, aparecerei tão rápido quanto o Flash. — sorriem um para o outro. — Ah, fale para Cassie que Karen e Guerrero estão juntos, estão unidos e vendo a situação dela. E que Karen não a esqueceu, assim como ela não esqueceu West, Cassie entenderá. — Jesse sorri. — Obrigado, Na.

— Eu que agradeço, Jesse.

(...)

Depois de sair da penitenciária, Jesse pega o celular e liga para Karen.

— Informação importante que nos levam a duas hipóteses. — ele fala, entrando no carro. — Ou repetiram o feito de Heitor e Benjamin, ou Heitor é um traidor.

— *Explique direito.*

— Heitor veio visitar Naara na prisão, pediu para ela ficar de olho em Cassie em troca de liberdade. Mas não é no bom sentido. Pior que Naara não reparou na mão, já que Heitor não tem um dedo, mas esse Heitor tem uma cicatriz no rosto, como o homem que mora no condomínio. E, pelo o que me contou, armaram para Fernando matar Heitor, já que ele se passou por Benjamin. Então, ou se "fantasiaram" de Heitor para ele ser o traidor e morrer, ou Heitor é a pessoa próxima que manda informações a Yoshida.

Capítulo 21

Karen

Anteriormente

Alex fica me observando, pensando no que falei.

— Vamos lá, Karen. — segura a minha mão, depois, sentamos na cama, um de frente para o outro. — Você disse que não queria falar sobre aqueles assuntos hoje, no entanto, depois desse pedido, devemos falar sobre isso. Você está fora de tudo, ou apenas se afastou deles?

Respiro fundo, pensando no que responder.

É algo difícil, não nego. Saí de casa e falei com meu pai, disse que decidi que cresceria longe dali, que aquela seria a minha decisão, que eu estou fora dos planos. Peguei minha mochila e saí de casa, acredito que ele pensou que eu fosse voltar logo, um dia depois, ele ligou dizendo que eu deveria voltar. Não voltei, essa é a minha decisão. Mais uma vez, eu me senti como uma palhaça, um fantoche.

Porque ele manda decidir, decido, ele manda pensar mais, penso e decido, então ele me deixa tomar a decisão. Eu vivo minha vida, tentando me acostumar à nova realidade, então, depois de vinte e quatro horas, meu pai me liga e tenta mudar minha decisão já tomada. Aquilo que quis antes e ele negou, ele me dá de "mãos beijadas". O que é frustrante.

Se ele quer que eu decida, ele deveria deixar. Ao mesmo tempo que ele diz que todos aprenderam com o erro, ele não quer que erre. Sinceramente, eu acho que posso ter cansado desses métodos, porque, querendo ou não, tudo na minha vida é uma teoria.

É algo meu, está dentro de mim. Se vejo um acidente, eu crio teorias para entender o que aconteceu, então imagine essa vida, onde tudo o que acontece a minha frente tem uma teoria que tentam descobrir?

Falo tudo isso a Alex e ele vai concordando com tudo em silêncio, me deixando falar.

— Karen, você não quer se distanciar de tudo, você quer se distanciar deles. — por fim, Alex fala. — Você quer saber o que acontece ao seu redor, você quer acabar com eles, quer fazer suas teorias, quer salvar a sua família. Karen, você não é egoísta, sua mãe está no meio disso, seu sobrinho, irmãos...

— Você. — complemento.

— Exatamente. — ele sorri e acaricia o meu rosto. — Você não quer deixar isso para trás. Você quer fazer do seu jeito.

— Mas meu jeito pode ser errado porque eu não sei fazer. Quando pedi ajuda, fui negada.

— E daí, Karen? E daí se Fernando disse que pegaram Javier e Giovani porque eles falharam? Vocês pegaram de qualquer modo. Jesse programou aquele sistema? Melhor ainda, olha o *nerd* que está ao seu lado e não ao deles. E o envenenamento? E West sendo capturado? E quando salvamos Marco e deixamos que ele investigasse?

— Pegamos o pai de Jean, ele é sócio de Yoshida. — informo, já que ele não sabe dessa parte.

Alex sorri muito.

— Olha só, mais um feito. Fernando é criado de outro modo, algo mais rígido. Ele tem o jeito dele e você o seu, nem sempre aprendemos daquele modo. Quando fui para a escola, não aprendia matemática com a professora entediada, ela desmotivava, ela me dava sono, eu perguntava algo e ela enrolava tanto para chegar ao resultado, que eu já tinha me perdido na metade da conta, porque ela me cansava ao extremo. Diferente do professor da outra escola, ele era mais ágil, mais objetivo, mais alegre, as aulas ficavam mais dinâmicas e todos se interessavam para aprender. Não adianta falar que, muitas vezes, a culpa da reprovação ou do mau entendimento é do aluno, porque professores influenciam muito no processo, assim como os colegas. Se seus colegas forem baderneiros, seu entendimento da aula cairá. Isso é o que acontece, Karen.

Penso no que ele falou e vejo que faz sentido.

— Seu professor, Fernando, usa métodos que não serve para você, que te desmotiva, que confunde. — prossegue na sua explicação. — Seus colegas são aqueles que pensam que estão à frente, então, te deixam para trás, indo com aquele professor que está com o assunto adiantado. Mas quando seus colegas precisam de ajuda em um trabalho em grupo, que não sabem por onde começar, eles voltam. Eles voltam para te chamar.

Eu apenas fico olhando para Alex, prestando atenção em todas as suas palavras e entendendo tudo o que ele quer dizer.

— Você quer passar de ano, você quer ser provada em todas as matérias, mas o conjunto de professor e colega não colaboram. A prova é feita, seu professor diz que está errado, aponta o erro, você entende de um modo, porque ele apenas quer que você se vire; você entende de outro modo, ele diz que está

errado, você fala "Não consigo entende-lo, acho que vou reprovar"; então o seu professor volta para te chamar para uma aula, e esse ciclo se repete, porque o professor não é bom para sua cabeça. Tem aluno que deve se adaptar ao professor, mas tem muitos que não dão certo, não adianta negar.

— Então a culpa...

— Não é bem "culpa", é mais o método de ensino. Deu certo com os meninos, mas não com você e Katherine. Vocês são diferentes deles. Vocês são objetivas. Concordo com Fernando quando ele diz que devemos pensar antes de fazer, mas o que ele chama de "pressa", eu chamo de "raciocínio rápido". Você faz rápido porque pensa em todos os pontos rapidamente, os a favor e os contra. Ele deve pensar que não faz isso, porque a rapidez é surpreendente. Mas lembra do envenenamento? Você fez rápido e disse que falou tudo com Gabriel, os riscos, como deveria ser feito, o que poderia acontecer. Você pensa, não diga que Fernando acertou nesse ponto, porque ele errou.

— É que ele foi tão duro com as palavras, que eu acreditei.

— Porque ele não enxerga o quanto à filha dele faz por todos nós e quanto ninguém se importa, até perdê-la. Por isso, Karen, eu digo, você não quer sair do plano, isso é algo que está dentro de você. Você só não quer participar mais desse grupo. Não quer ficar com Gabriel, Katherine, West, Fernando, M-Unit e Sangre Latino, você quer fazer do seu modo.

— Você tem razão. — concordo. — Eu estava pensando em como libertar Cassie da prisão, porque prometi a Guerrero que o ajudaria. Eu não ficaria totalmente distante de tudo.

— E Guerrero é bom com você?

— Ele é. — dou de ombros. — Quando Linda morreu e Cassie foi presa, Guerrero ficou muito mal, mas ele tinha que cuidar de Line, que é uma menininha de três anos. Fui com Amanda, para ficar com Line, Guerrero não queria, porque eu seria uma babá, sendo que eu não sou isso, eu sou uma parte importante da história. Mesmo assim eu insisti e cuidei dela. Depois ele pediu minha opinião sobre pegar West, nós discutimos vários modos e, por fim, chegamos a um modo de resgata-lo. Guerrero é bom, só é calado.

— Como você, por isso você vai ajuda-lo pessoalmente. Porque vocês dois se entendem nas estratégias, um escuta o outro e nem concordam com tudo, mas nem discordam de tudo. É isso o que falo, Karen, o problema não está em você, o problema pode estar em todos a sua volta, que não combinam com seu jeito. — aperta o meu ombro. — Nem sempre devemos nos adaptar, nem sempre devemos mudar pelo outro.

— É por isso que eu amo você. — sorrio e o abraço. — Porque você me

entende e sempre fala sem ficar me julgando, só me aconselha e mostra as respostas que estão na minha frente.

— É engraçado, Karen. Allan diria o contrário disso.

Afasto-me um pouco e fico olhando em seus olhos.

— Allan te conheceu de outro jeito porque você tinha vergonha de mostrar quem é e ele ficar te zoando, ou você ficou assim devido a tudo o que aconteceu?

— Segunda opção. — sorri, de modo mais triste. — Eu quero reencontrar meu irmão, tentar viver do jeito que deveria ser. Quando éramos crianças, éramos muito unidos. Depois tudo mudou.

— Depois de?

— Não sei. Éramos melhores amigos, ele se dava bem com Tom, depois Allan mudou por completo. Não sei explicar. Eu tentava falar e ele se distanciava, com Tom ele nem se aproximava. Uma vez eu encontrei cocaína em seu quarto, tivemos uma briga e Allan sumiu por um bom tempo, depois voltou. Eu queria ajuda-lo, mas não dava certo. Tom tentava segui-lo, colocou homens em sua cola e Allan sempre escapava. Eu, que era mais relaxado, mais tranquilo, tinha que me preocupar com a única família que tinha. Então acabei crescendo e amadurecendo mais. Eu pude ficar mais tranquilo quando estava na casa de Tyler, eu sabia para onde Allan ia e ele sempre voltava, depois que saí de perto, todas as preocupações voltaram.

— Allan já deveria conhecer Yoshida desde essa época, não acha?

— Não, ele não conhece. Eu acho que já contei algo assim a você.

— Ah, certo. — lembro. — Mesmo assim, ele se fechou muito do nada, sendo que a mãe de vocês morreu anos antes, e ele não fez nada daquilo no momento.

— Eu não sei bem o que pensar, para falar a verdade. Queria ter uma conversa franca com ele, cara a cara.

— E vocês precisam disso, ele está com Luna...

— Espera que lembrei de algo. — Alex me interrompe. — Eu conversei com Yoshida, eu disse sobre ele ter matado um traidor, mas ele disse que não foi ele.

— O quê? — pergunto, não entendendo a conversa.

— Só que ele falou que matou um homem e ele possivelmente avisou de Jasmine, por isso ela foi desenterrada. — ele parece que não fala comigo, deve estar pensando alto. — Só que se Yoshida não matou aquele homem que estava na fila... Que homem Yoshida matou?

— Ele pode ter mentido, se contrariado. — falo o que entendi.

— Ele parecia muito confuso com tudo... — Alex levanta da cama e começa a andar de um lado para o outro. — Quem morreu primeiro, Jasmine ou Marco?

— É... — tento lembrar. — Jasmine.

— Tem coisas que vão fazer Marco lembrar, possivelmente. Mas Gregory viu Marco na época que ele foi dado como morto. Gregory contou que Yoshida matou um segurança com uma droga louca, não sei. Mas Gregory disse que Yoshida mencionou algo sobre aquele homem ter que morrer, e era um segurança.

— Você acha que Yoshida fala a verdade e que o segurança que ele matou foi aquele homem?

— Marco tinha que entrar ali de algum modo, pelo que contou, ele entrou, só não lembra muita coisa. Esse segurança pode ter ajudado, então Yoshida pode ter pensado que Jasmine também foi ajudado por ele.

— Você realmente está acreditando em Yoshida? — arqueio a sobrancelha. — Mas não faz sentido, se ele não sabia de Jasmine antes, como ele soube tanto logo após? Como que ele matou justamente o segurança que pode ter ajudado, sendo que outro Yoshida, matou o verdadeiro traidor do lado dele?

— Realmente, não faz sentido. — Alex para um pouco. — Mas no dia dessa conversa, Yoshida estava bem esquisito, ele perguntou de Tyler, perguntou se eu queria vingança, se ainda pensava nisso...

— Ele pode ter jogado com você. — concluo. — Pode ter falado de Jasmine para saber se sente algo ou não, mas ele disse que matou um segurança...

— Só se ele jogou para dizer que matou quem salvou para Jasmine, para ver minha reação. Na época, Yoshida não fez nada de mais, falou pouca coisa e foi embora, agora não, ele meio que revive esse assunto.

Agora eu lembro a conversa de Jesse sobre Jasmine, onde Yoshida queria que ele se aproximasse de Jasmine... Mas ela não seria morta, talvez vendida...

Segundo minha teoria louca, Alex pode ser filho de Yoshida, como eles estão próximos, ele revive o assunto para saber se o filho vai matar Jasmine? Jasmine pode ser algum parente dele? Não...

Se Yoshida não sabe da morte do traidor, que ajudava meu pai, quem matou o possível salvador de Jasmine, foi outra pessoa... Então mataram essa pessoa por salvar Jasmine, e Yoshida desconhecia esse fato até o momento.

Mas se o verdadeiro Yoshida matou outro segurança, qual o real motivo,

se ele não sabia sobre Jasmine ter sido capturada?

— Karen, você não está convivendo com ele. — volto a minha atenção para Alex. — Ele está muito estranho. Lembra quando eu disse que, do nada, subi no conceito de Yoshida? Antes ele só mandava, nem olhava em minha cara, hoje em dia ele conversa, paga coisas caras, me dá dinheiro, me deixa ir e vir. Assim como Gregory, que acha tudo estranho. O humor de Yoshida mudou. — senta novamente na cama. — Sei que falamos que não teria esse assunto, mas estamos muito envolvidos nisso para esquecer. — sorri, parecendo pedir desculpas. — Segundo Yoshida, tem alguém se passando por ele.

— Deixe-me adivinhar, um louco que usa máscaras diz que outro louco usa máscaras e faz atrocidades no lugar dele? — eu tento soar diferente, mas é quase uma piada.

— Karen, quando na vida eu teria dinheiro para alugar um iate? Comprar o anel? Me fale! — não respondo. — Yoshida é esquisito, fora que ele mencionou que conheceu Gregory há dois meses, mas Gregory afirma que conhece desde sempre. Só que Gregory foi treinado para matar, para estuprar e tudo mais, Yoshida ficou alterado quando soube disso, porque, segundo ele, isso nunca aconteceu, porque eles se conheceram na rua, então, alguém disse que Gregory era bom de luta e foi chamado para ficar ao lado dele. Ou seja, depois disso, tudo mudou, Gregory passou a trabalhar de outro modo. E Yoshida ficou mais revoltado quando soube que Gregory era castigado, Yoshida mencionou um tal de "Luigi", que ele estava repetindo o feito.

Peço para que Alex pare um pouco e começo a pensar na história de Yoshida desde criança. Eu soube de algumas partes, que agora podem fazer algum sentido.

Vou juntando as peças na minha cabeça até que penso alto:

— Jesse não sabe de Gregory, e nem Gregory de Jesse, e eles são idênticos.

— Gregory cresceu no complexo.

— Não faz sentido. — falo. — Jesse e Giovanni tiveram uma vida quase normal, tem uma médica que desconfiamos que seja a filha dele, essa menina teve uma vida normal e hoje é médica... Por que justo o Gregory foi criado da pior maneira?

— Como sabemos que Yoshida tem amor doentio pelos filhos, pensei que fosse para tomar seu lugar, só que do jeito que Yoshida falou, eles nem se conheciam.

— Jesse muito menos. Mas Jesse conviveu com a mãe, ela nunca falou

nada de gêmeos, ao que parece.

— E onde ela está?

— Morreu, Yoshida matou... Ou não. — esfrego a testa. — Não posso crer que você está me convencendo que Yoshida pode não ser tão culpado assim.

— Tem o tal Luigi e Benjamin, ao que parece, eles enganaram Yoshida, agora ele quer vingança e vai acabar com a própria quadrilha. — *ok, agora eu estou bem surpresa.* — Mas por que acha que Yoshida pode não ser tão culpado?

— Yoshida tem algo sobre chamar as mulheres de "Nancy", penso que isso pode ser uma espécie de homenagem ou algo assim. Conheço uma Nancy que nunca mais apareceu, outra Nancy que visitava a médica, mas ela morreu de maneira brutal e a Nancy de Gregory, mas ela tinha dois nomes, o outro era "Nora". A mãe verdadeira de Yoshida, foi assassinada, roubaram o bebê tirando da barriga, de maneira grotesca, só que contaram a Yoshida, que a família do meu pai, é responsável por essa morte.

— Acha que esse homem é o tal Luigi e ele faz isso com Yoshida, para que ele fique com mais raiva?

— Não sei, porque do jeito que o conhecemos, ele pode ter matado todas essas mulheres, mas...

— Mas ele é esquisito demais, Karen. Ele nos trata bem, diferente do outro Yoshida que conhecemos antes. O tal Luigi deve ser o homem que cuidou de Yoshida. Ele deve ter tentado criar um novo Yoshida usando Gregory, por isso a revolta. Luigi pode ter roubado o bebê e criou de outra maneira...

— E a mãe não saberia da outra criança? Nem Yoshida? Pelo que Jesse falou, eles viviam juntos, até Giovani estava perto... Yoshida criou os dois filhos juntos e com a mãe de um deles por perto. — começo a pensar. — Como uma família. Depois ela morreu do nada e Jesse foi separado de Giovani. Tem algo que não se encaixa e eu preciso falar com Jesse.

Alex ri.

— O que foi? — pergunto.

— Eu estava certo, você não sairá da jogada, isso está dentro de você. Mas você fará do seu modo. — me abraça. — E, não se preocupe, eu não vou usar a tal arma biológica, tenho que ficar vivo para casarmos e termos filhos.

— Já pensa em filhos?

— Pelo menos uma menina como você. Eu até imagino. Uma morena, com cabelo grande, cacheado, inteligente e nos dando orgulho.

— Oh, Deus!

— Se chamará Joyce. Joyce Bertollini Castillo.

— Joyce Rubio Bertollini Castillo. O sobrenome da minha mãe, que é de Yankee.

— Sobrenome poderoso esse. — ele ri. — Pena que não posso aproveitar muito tempo aqui.

— Já tem que ir?

— Daqui a pouco, eu ainda tenho que saber umas coisas de Yoshida.

— Como o que?

— Por que ele me trata bem, eu não entendo isso. Se ele não me viu agindo com Jasmine, então porque eu estou ao seu lado?

Talvez seja o filho de Yoshida, mais um que foi escondido dele... Talvez por o tal Luigi ter levado você para o outro lado e, agora, Yoshida está vendo a verdade e sabe que foi traído.

Mas não falarei isso agora, Alex já está confuso, se eu der mais um motivo para ele pensar, ele pode agir de outro modo. Pelo menos não sabendo, ele está calado e tenta descobrir ao seu modo, se eu falar, ele pode dizer algo em algum momento e pode dar errado... *Ainda mais se ele falar com um falso Yoshida.*

Capítulo 22

Karen

Abraço Alex enquanto ele diz que me ama e que voltará em breve.

— Quando vai falar com Gregory sobre tudo?

— Ele é uma pessoa legal, um tanto sombrio por tudo o que aconteceu, mas ele é bem legal, gosto dele. Gregory é impulsivo, ele fala muita coisa para Yoshida, ele bate de frente. Se eu falar algo, é capaz dele confrontar Yoshida, então ele vai querer saber quem contou tudo a ele, então Yoshida saberá que Jesse o traiu.

— É, realmente. É melhor não contar. — abraço-o mais uma vez e subimos, encontrando Jesse, Amanda e Dulce, que estão conversando sobre o balanço do mar.

— Ah, desculpa. — Alex ri. — Foi o melhor lugar que achei para o encontro.

— Não se preocupe, o sorriso de Karen vale essa tortura que é estar no mar. — Amanda pisca um olho. — Espero que tenham matado as saudades.

Dulce bate no ombro de Amanda e depois ri.

— Falo a verdade, é um casal muito fofo. *Shippo* com força.

— O que é "*shippo*"? — Alex pergunta.

— Coisa de gente idiota. — Jesse responde. — Como Amanda.

— Esquece que eu *sippo* você e a tal Naara.

— Você me *shippa* com alguém? — Jesse está surpreso.

— Amor muda as pessoas, ela pode te deixar legal.

— Falou à garota que namora e sabe bem o que é isso. — provoco.

— Querida, eu ainda encontrarei meu amor. Viveremos o amor juntos, descobriremos o que é amar.

— Gregory. — Alex sussurra em meu ouvido. — Ele quer descobrir o amor... Merda! Eu estou pensando nisso?

— O amor é uma merda sentimental. — Jesse fala. — Quem quer descobrir o amor?

— Ah, meu Deus! — Amanda segura o braço de Dulce. — Irmã, imagina que ele é o meu boy. Eu sempre pensei assim, eu animada, ele quieto, sem saber o que é amor, daí aprendemos juntos e...

— Você escreveu a história da sua vida? — pergunto.

— Cento e dez vezes, eu contei. — Dulce responde. — Ela escreve várias histórias sobre seus possíveis romances, a melhor parte é que todos os pretendentes são estranhos.

— Para ser oposto...

— Você é estranha, Amanda.

— Eu sou sonhadora, Jesse. E Alex já me *shippa* com alguém.

— O que é "*shippar*"? — Alex volta a perguntar.

— É juntar pessoas e achar que elas viveram um lindo amor. — Amanda responde. — Tipo você e Karen, Jesse e Naara, Dulce e Drew eu e teu amigo desconhecido. Oh, cara! — ela grita. — Ele é do lado de Yoshida? Ele é amigo? Ele sofre?

— Não liguem, ela tem uma loucura da nossa mãe na genética. — Dulce coloca a mão na boca de Amanda. — Ela vai escrever esse enredo e vai romantizar tudo, depois ela vai esquecer e continuar vivendo.

— É uma desesperada. — Jesse sorri. — Pelo menos eu tenho alguém.

— É um grupo unido. — percebo o tom de ironia em Alex. — Pelo menos se unem quando precisam.

Amanda levanta o polegar para Alex.

— E obrigado, Jesse. — Alex sai do meu lado e aperta a mão de Jesse. — Por ter ajudado no encontro.

— Sem problemas, estamos aqui para ajudar.

Alex concorda e volta para a minha frente.

— Preciso ir agora, preciso me disfarçar e voltar. Foi muito ter te reencontrado, agora não vejo a hora de tudo terminar.

(...)

Entro na sala e encontro Rachel sentada atrás de Jean. Jean está sentado no chão, com as mãos na cabeça.

— Oi! — sussurro para Rachel, que sorri e vem na minha direção.

— Ei, apareceu. — ela me abraça. — Como está?

— Bem, ontem eu vi Alex. — sorrio, ao lembrar dele.

— Imaginei, devido ao seu sorriso. — ela olha a minha mão. — Uma aliança. — seus olhos brilham. — Ele comprou;

— Sim. — sorrio ainda mais. — E como você está?

— Mais ou menos. — meneia a cabeça e aponta para Jean, que continua no mesmo modo. — Eu queria te ver, só que Jean está muito mal com essa coisa sobre o pai preso. Ele odeia ver o pai sorrindo, cantando vitória, mesmo com tantas torturas.

— Eu imaginei que ele ficaria assim. Mas ainda não sei se devemos mata-lo...

— Jean concorda com isso, ele acha que o pai pode dar pistas, mais cedo ou mais tarde. Só é difícil para ele, já que o pai é causador de tanta tragédia.

Por um instante, Jean levanta a cabeça, depois abaixa.

— Ei, Jean. — chamo.

Ele levanta a cabeça no mesmo momento e sorri, depois levanta do chão.

— *Demônia de cachos*, saudades de você. — ele me abraça e eu nem me incomodo com esse apelido. — Como está?

— Levando a vida, e você?

Ele senta no chão novamente.

— Estou me sentindo meio na merda, mas é normal.

— Eu já tentei dizer que ele não é idiota, mas não me escuta. — olho para Rachel.

— Você não é uma merda, Jean. Você fez muita coisa...

— Cassie está presa, minha mãe é amante de alguém do outro lado, meu pai sabe muito, vai enrolar para falar e não posso mata-lo; Giovani é outro quase morto, tio Arthur tenta ajudar com Cassie e eu? Eu nada.

— Você tudo, Jean. — vou até ele e seguro a sua mão. — Precisamos de você, sei da sua vingança pessoal, conseguimos metade dela, falta apenas da sua mãe. Você tem raiva porque não consegue pegar todos, mas conseguiremos, unidos.

— Precisa de mim para algo? Tem algum plano...

— Não é precisar, é se apoiar, tem diferença. — sorrio. — Todo mundo aqui é importante. Rachel, por exemplo, ela cuida de você...

— Claro, é minha futura esposa. — agora ele sorri.

— Já pediu em casamento?

— Dez vezes.

— Cinco vezes ele estava fumando maconha, as outras cinco ele estava sóbrio. — Rachel complementa. — É, estamos vivendo muito juntos.

Sorrio para os dois.

— Ela vai aceitar em breve, *demônia de cachos*. Aí vamos casar e você será a madrinha, porque trouxe minha *ruivinha brava* para meu lado.

— Você tem uns apelidos estranhos.

— Você me chama de maconheiro, Rachel.

— Você é.

— Com orgulho.

— Um casal desses. — sorriu para os dois. — Vocês estão unidos, Rachel está ao seu lado...

— Olha só, Rachel, mais uma. Marisa disse o mesmo.

— Marisa entende das coisas. — adiciono.

— Por isso te amo, *demônia de cachos*. Rachel, sem ciúmes, é amor de irmão mais velho. — Rachel faz uma cara que diz: "cala a boca" e ignora Jean. — Sabe como é, nunca falei tanto com Fernando, mas eu sou teu irmão mais velho, queira ou não.

— Meu Deus, além de noivar obrigado, você vira irmão a força. — dou risada. — Mas eu já me sinto sua irmã desde que tive que explicar sobre como se dobra uma roupa e começamos a implicar um com o outro, quer dizer, acho que eu sou mais como uma mãe.

— Combina, já que eu não tive uma... Não, esqueci, eu sou o pai.

— Você não tem juízo para tanto.

— Eu juro, Karen, eu terei meus ruivos com Rachel, eles serão um poço de sensatez, serão parceiros dos seus filhos...

— Meu Deus, agora Jean está pensando nos nossos filhos.

— Olha só, Karen, Rachel falou "nossos" filhos.

— Jean passou de idiota para bobo apaixonado. — cantarolo.

— Disse à bruta que agora sorri como boba...

— O amor faz isso. — sorrimos. — Jesse está do mesmo modo.

— Rachel também, ela deixou que eu deitasse no colo dela. Isso é uma prova de amor.

Olho para Rachel, que tenta disfarçar o sorriso.

— Então, qual o próximo passo? — Jean pergunta.

— Quero que saiam daqui, Jean. — olho para o lugar onde ele está. — Sério, tem muita gente vigiando seu pai, não precisa ficar aqui.

— Mas...

— Rachel vai para onde você for, e ela está aqui, pensa nela vendo sua situação.

Jean olha para Rachel.

— Se eu ficar, você fica? — ele pergunta a Rachel, que está segurando o outro braço e olhando para o chão. — Por quê?

— Não sei. — responde. — Não gosto de ver como fica. Eu gosto de você. Jean. Sua situação não está nada boa. Eu conheço Ciara e Hugo, vi no que eles se tornaram, tenho medo que fique do mesmo modo. Eles mudaram, quero que mude, para seu bem.

— Eu estou tão esquisito assim? — olha para mim e para Rachel e confirmamos.

— Você está há quatro dias vigiando seu pai, Jean. Sendo que tem quinze homens fazendo isso, você acha que ele fugirá entre quinze homens e que só você o impedirá. — respondo. — É isso.

Jean balança a cabeça.

— Então, para onde vou?

— Guerrero está aqui, falamos antes de vir para cá. Ele queria que ficássemos no território dele, mas neguei. Katherine, Gabriel, Juan, Oliver, Alejandro e Carlos já estão por lá. Se formos, ficará todos juntos, todo mundo na mesma área.

— Lembro que falamos do assunto, dissemos que íamos morar em outro lugar porque Kat e Gabriel são casados.

— E porque todo mundo no mesmo lugar dá muito na cara. — Rachel completa. — Se atacar um, ataca todos.

— Sim, mas se sairmos, precisamos de pessoas ao nosso lado. — informo.

— Você esquecerá Kat e Gabriel? Eu sei que eles...

— Não, eu não vou esquecê-los porque Gabriel é meu irmão e Kat é uma amiga. Eu conheço há anos, não posso e nem vou esquecer tudo o que passamos por algumas poucas coisas. O que eu seria se fizesse isso? Estou chateada, não com ódio, tem diferença. Mas eu só quero fazer do meu jeito, eles saberão em algum momento, mas, por agora, eu tenho outras coisas para fazer e pensar.

— Então ainda somos um grupo? Uma família? Onde eu sou o pai e Rachel é a mãe?

— Meu Deus, ele não perde uma oportunidade.

— É o amor, minha ruiva.

Sorrio. Toda vez que Jean faz isso, dá vontade de sorrir.

— Somos, mas grupos se dividem, certo? — continuo. — Temos o mesmo objetivo, só que agimos de modos diferentes, então, é isso que farei. E

tem muita gente com Kat e Gabriel, e com tudo o que está acontecendo e pelo que sei, quanto menos pessoas sabendo, melhor.

Capítulo 23

Karen

Estava esperando Jean se arrumar para ir embora, até que Lucio e Marisa me chamaram para uma conversa.

Embaixo da casa tem algumas celas, em uma está Giovani sem perna, sem forças e quase sem vida, agonizando e pedindo para morrer logo. E na outra está o pai de Jean, sem cinco dedos das mãos e sem a perna, mas ele é mais forte que Giovani. Os dois estão lá embaixo, sendo vigiados por seguranças e por Lucio, que comanda esse lugar.

— Karen. — Marisa me abraça. — Quanto tempo, perguntei de você para Kat e ela mencionou algo sobre você ter saído da jogada. Achei estranho, porque você sempre é a mais obstinada.

— Eu cansei de ninguém querer me entender, cansei de tentar provar algo ou ter que pensar "isso é um teste?". Então, mesmo que isso seja um teste, eu perdi e aceito, não me importo mais. — *e eu falo isso sem qualquer remorso.*

— Meu Deus! — Marisa suspira e olha para o marido. — Eu digo que vocês devem me escutar, Lucio. Se eu falo, escuta.

— Também passa por isso? — pergunto.

— Só meu filho me escuta, porque ele sabe que posso ter alguma razão. Lucio também escuta, mas ainda fica com aquela cara de: "Você pode errar feio".

— Então, do que estamos falando? — pergunto, tentando entender o motivo dessa mini reunião.

— Guerrero disse que você só ajudaria com Cassie, mas Marisa afirmou que você não sairia dessa busca tão cedo. — Lucio revira os olhos. — Mas duvidei, ela acertou.

— Karen, estamos em um meio aonde homens acham que força está acima de tudo, e muitos acham que mulheres não tem força e eles ainda riem do nosso sexto sentido. Pois então, eu tinha certeza que você é como eu, assim como as outras meninas, mas você é mais parecida comigo do que parece.

— Marisa e sua mania de se enxergar em todo mundo.

— Lucio, pelo amor, deixe-me falar! — Marisa sorri para mim. — Lucio só está vivo por minha causa, porque eu pensei dez vezes mais que ele.

— E ainda é desacreditada. — *ah, e eu achando que alguém teria salvação...*

— Ah, o pai de Karen que faz merda e eu entro no assunto? — olhamos para Lucio. — Ok, não falo nada. Foi Marisa quem me salvou.

— Pois então, Karen. — a atenção volta para mim. — Você pensa a frente e eu já falei que gosto disso, só que depois você simplesmente sumiu.

— Eu tive que viajar.

— Certo. Mas, pela minha intuição, você não sairá da história, por isso eu penso que também não vai querer pessoas se intrometendo nos seus planos.

— Nem é isso. — discordo. — Eu quero pessoas, não tantas pessoas.

— Sim, porque você é mais de estratégia, entendo. Mas como não terá pessoas ao seu lado, você não terá proteção nem armas. — concordo com ela, porque eu já havia pensado nessa parte. — Confia em mim?

— Sim. — concordo.

— Que bom. — ela sorri ainda mais e pega uma chave em cima da mesa. — Tem uma grande casa vazia, quer dizer, sem morador. Ela fica em meu território, um pouco distante do lugar que conhece, mas é tão seguro quanto. Tem seguranças por lá e armas, sistema de vigilância na casa e tudo mais. Pode verificar e ver que não tem escutas e nem câmeras...

— Não achei que teria.

— Olha, ela confia em mim, Lucio.

— Eu confio...

— Ainda fica duvidando dos meus julgamentos pessoais. Toda pessoa que eu falo que pode ser boa, Lucio acha que sou ingênua por acreditar. Voltando ao assunto, estou dando a casa e proteção, não me meterei no assunto se não quiser, mas eu quero ajudar de algum modo, até porque, eu comecei com a sua idade. — morde o lábio. — Então, aceita?

Eu sorrio tanto nesse momento.

— Aceito. — respondo. — Muito obrigada por acreditar em mim. Quando tudo aconteceu, quando eu me "revoltei", segundo meu pai, eu lembrei que você foi a que sempre lembrou de mim e que agradeceu. Obrigada pela confiança.

— Eu vejo potencial em você, Karen. Eu acredito em você.

(...)

— Estou me sentindo em um vídeo de "gangsta rap". — Amanda murmura ao meu lado. — Certeza que, daqui a pouco, vai aparecer um louco jogando dinheiro para o alto e mulheres seminuas dançando.

— Isso aqui está aparecendo os Bloods e os Crips*. — Dulce sussurra. — Eu me sinto um floco de neve aqui.

— Só faltam as cores azul e vermelho. — Amanda complementa. — Sério que não tem um *branquelinho* sequer? Um bronzeado? Sem preconceito, óbvio, mas nunca vi algo tão seletivo, tão certinho.

— Só negros. — informo, tentando não rir. — Sério que nunca viram algo assim?

— Não, eu só conheci aliados. São latinos, mas não todos, tem uma mistura ali. Tem europeu, americano, até asiático e árabe. Tem branco, negro, índio. — Dulce responde. — E eles nunca ficaram me encarando desse jeito, como se eu fosse uma esquisita. Eles falaram no rádio "tem uma morena chamada Karen Bertollini e duas branquelas". Por que você é a morena que tem nome, e eu e Amanda somos as "branquelas"?

Dou risada, porque é assim mesmo.

Estamos no território da M-Unit e as meninas ficaram surpresas por ver tantos homens armados, tanta segurança e pergunta antes de entrarmos, e por ver que só tem negro. De onde ela vem, é tudo misturado, negro, branco... Mas o caso é que Tyler começou de um jeito e não pode terminar de outro. O que veio antes dele era um grupo de resistência a favor dos negros, depois mudou e eles começaram a usar a violência para se defenderem, crime organizado é uma consequência que está presente até hoje. Assim como os integrantes, apenas negros. E na Sangre Latino, que aceita branco e negro, mas é só para latinos ou seus descendentes, pelo mesmo motivo da M-Unit.

— Desculpe, Karen. — levanto do sofá e olho para Tyler. — Não era para fazerem isso, ela é a Karen Bertollini, cunhada de Jasmine. — ele fala para os seguranças, que pedem desculpas. — Você sabe como tudo acontece, Karen. Pedi reforço na segurança e eles te barraram, de novo.

Sorrio, lembrando que eles já fizeram isso uma vez, quando também vim falar com Jasmine. Eu estava com Kat e Felipe, assim eu conheci Alex.

— Sem problemas. — falo, tentando não sorrir ao lembrar de quando vi Alex pela primeira vez, mas não foi nessa casa. — Eu trouxe a Dulce e a Amanda, elas conhecem Jasmine.

— Prazer em conhecê-las, sou o Tyler. — ele cumprimenta as meninas.

Eu acho Tyler uma pessoa legal, ele é sempre muito educado comigo,

tanto que nunca levei a teoria dele ser um traidor a sério, até porque, ele ama a filha.

E é por isso que vim até aqui.

Depois de toda a apresentação, sou levada até a casa que fica nos fundos, que é onde Jasmine está.

— Deixe-me de adivinhar. Saiu da jogada, mas ainda está jogada.

— Ah. — faço um longo suspiro dramático. — Somos tão iguais, sempre tão excluídas de tudo.

— Por isso estou aqui, não lá. — Jasmine me abraça. — Como estão?

Conversamos brevemente e Jasmine conta que ainda não pode fazer o teste de gravidez, porque não teve como sair para comprar e nem vai pedir para alguém comprar, ela espera uma brecha para falar com Giulia. Eu mencionei que deveria ter avisado antes, assim eu poderia comprar para ela. Se bem que a certeza já temos, Jasmine deve estar grávida.

Eu vim até aqui para fazer uma pergunta importante a Jasmine. Já tem dois dias que me encontrei com Alex, nesse tempo, juntei peças e acho que uma parte importante desse quebra cabeça está a minha frente.

Hoje Jesse foi visitar Naara na prisão, Jean está com Rachel, para saberem um pouco mais de Yoshida, já que Ciara conviveu com ele. Eu e as meninas viemos aqui, tentar descobrir algo. Mas também viemos falar com Jasmine, já que ela está com o pai, não com Daniel.

Aproveito a nossa conversa sobre Raul — que, simplesmente, abriu um buraco e entrou, porque ele não voltou ao condomínio — e começo a falar de Nancy.

— Conhece alguma Nancy? — pergunto.

— Sim, a de Raul. — Jasmine fecha os olhos. — De pensar que me encontrei com ela e nem desconfiei de nada.

— Conhece outra Nancy? — pergunto de outro modo.

— Por quê? — franze o cenho. — Tem outra?

— Sim. — Amanda confirma. — Quer dizer, estamos tentando colocar todas as Nancy's e ver se chegamos a algum lugar, porque, vai saber, às vezes nem tem algo a ver com Raul e estamos paranoicos.

— E de onde tiraram esse nome "Nancy"? — Jasmine indaga, porque, realmente, não faz muito sentido.

— Em uma das nossas procuras, encontramos uma Nancy que pode ser importante para Yoshida. — respondo. — Porém pensamos que pode não ser a Nancy que conhecemos, então tentamos ver se existe mais alguém que estamos

esquecendo.

— E essa Nancy está viva?

— Possivelmente. — minto.

— Ah, então não é a Nancy que conheço... Quer dizer, que tem algo com minha família e nem poderia.

— Tem uma Nancy na sua família? — indago, tentando não mostrar curiosidade.

— Tinha. Mas ela morreu há quarenta anos. — Jasmine sorri. — Minha avó, obviamente, nem a conheci.

— Mãe da sua mãe ou do seu pai?

— Minha mãe. Não sei ao certo como ela morreu.

— Como não sabe ao certo? — pergunto.

— Não sei, minha mãe nem chegou a conhecer a mãe dela. Nancy morreu assim que minha mãe nasceu, eu pensei que morreu no parto, mas acho que não foi. Minha mãe falou algo como depressão. Acho que Nancy se matou, por isso minha mãe não toca no assunto. — dá de ombros. — Ela era do território da M-Unit, mas eu nunca escutei falar algo sobre, parece que ela morreu em outra cidade.

Pisco meus olhos, atônita pela informação.

Na verdade, eu estou completamente surpresa.

A Nancy da doutora, é outra, porque aquela morreu tempos depois. Já a Nancy de Jasmine, é a mais velha... E é a mãe de Sara, ela é a avó de Jasmine.

Não pode ser apenas uma coincidência.

Agora eu percebo mais uma coisa: Essa Nancy não tem nome falso, é o nome verdadeiro mesmo...

Impedindo que Jasmine pergunte algo, meu celular começa a tocar e eu vejo que é o Jesse.

Afasto-me para atender:

— *Informação importante que nos levam a duas hipóteses.* — Jesse fala, com a respiração muito ofegante. — *Ou repetiram o feito de Heitor e Benjamin, ou Heitor é um traidor.*

— Explique direito. — peço, agora com mais preocupação.

— *Heitor veio visitar Naara na prisão, pediu para ela ficar de olho em Cassie em troca de liberdade. Mas não é no bom sentido. Pior que Naara não reparou na mão, já que Heitor não tem um dedo, mas esse Heitor tem uma cicatriz no rosto, como o homem que mora no condomínio. E, pelo o que me*

contou, armaram para Fernando matar Heitor, já que ele se passou por Benjamin. Então, ou se "fantasiaram" de Heitor para ele ser o traidor e morrer, ou Heitor é a pessoa próxima que manda informações a Yoshida.

Se não bastasse a conversa com Jasmine sobre Nancy, agora tem mais essa...

O irmão da minha mãe é um traidor ou estão armando para ele morrer e Yankee se revoltar contra meu pai.

***Bloods:** *Os Bloods são uma das gangues estadunidenses com origem na cidade de Los Angeles, Califórnia. Eles são reconhecidos pela cor vermelha, usado pelos membros, e seu símbolo com os dedos que forma a palavra "blood" (sangue em português). A maioria dos membros do Bloods são homens afro-americanos, embora alguns grupos tenham recrutado membros do sexo feminino, bem como membros de outras raças e origens étnicas.*

Os membros variam em idade desde o início da adolescência até meados dos anos 20; no entanto, alguns ocupam cargos de liderança em seus vinte e tantos anos e ocasionalmente trinta.

Crips: *Os Crips são uma das maiores e mais violentas associações de gangues de rua nos Estados Unidos. Com cerca de 30.000 a 35.000 membros (dados de 2008) eles estiveram envolvidos em assassinatos, roubos e tráfico de drogas, entre outros crimes. Crips tem uma longa e amarga rivalidade com os Bloods .*

Seus membros tradicionalmente usam roupas azuis, uma prática que diminuiu um pouco devido à repressão policial, especificamente visando membros de gangues. Historicamente, os membros são afro-americanos.

Bônus 11

Jesse para o carro e vai até o banheiro do posto de gasolina pouco movimentado. Ele está com uma mochila nas mãos, onde está o seu disfarce para poder voltar para casa. Ele vai deixar o carro em outro lugar e vai de ônibus, mudando de caminho e prestando atenção em todos os passos.

Ele fecha a porta do banheiro e procura por uma cabine vazia, e todas estão. Entra em uma e começa a sua arrumação.

Coloca o cabelo comprido, barba, bigode e troca de roupa. Tira a camisa do Flash e coloca algo mais neutro, que não chame atenção. Guarda a outra roupa na mochila e sai, encontrando um homem do lado de fora, lavando as mãos na pia.

Jesse, durante todo esse tempo, tenta não pensar em Naara, que ela sabe de Yoshida e o que ele faz, não quer pensar que ela pode estar envolvida em tudo. Só de saber, você corre perigo.

E a vida de Naara foi um caos... *Ainda é, para falar a verdade.*

Jesse vira a esquerda, para sair do banheiro, mas escuta a voz do homem:

— É como pensei, ninguém me reconhece.

Ao escutar isso, ele para de andar e olha para o homem moreno, que está sorrindo.

— Eu conhe... Elijah? — ele pergunta, porque é o único que poderia fazer algo assim.

— Me reconheceu. — Elijah vai até o filho e o abraça. Jesse fica sem saber o que fazer, paralisado com essa aparição repentina. Mas, para manter o disfarce, ele o abraça. — Senti a sua falta. — Elijah segura o rosto do filho e beija a sua testa. — O que faz com esse disfarce?

— Eu... Bem... — pisca os olhos e balança a cabeça, tentando recuperar as palavras. — Uau! O que faz aqui?

— Nunca mais te vi e eu... — Elijah para de falar. — Eu te vi, estava aqui perto e vi você no carro, te segui e parei aqui.

— Eu não vi ninguém me seguindo.

— Por isso ninguém me encontra. — pisca um olho. — Você nunca entrou em contato.

— Como entraria? Não tenho seu número, não sei onde mora.

— Não? — Elijah inclina a cabeça para o lado, depois vira de costas e bate a mão na cabeça. — Você, em algum momento, falou com Benjamin?

— Sim.

— O que ele disse? — olha para o filho.

— Que estava de férias. — Jesse responde. — Com Poliana.

— Nunca mais o procure, está me entendendo?

— Por que não? — Jesse já sabe da traição, mas ele precisa de mais.

— Benjamin me traiu, ele quer me matar. Jesse, você nunca mais me viu, certo? — confirma. — Eu já fui ruim com você?

— Sem ser da vez que me colocou nessa história estranha de matar os Bertollini?

— Por falar nisso, por que nunca fez nada?

— Não sei, talvez por não saber ao certo qual o intuito. Eu nunca entendi muito bem, então...

— Sim, entendo. — para surpresa de Jesse, Elijah não reclama.

— Mesmo assim, continuo perto, tentando descobrir algo.

— Karen é uma pequena menina inteligente, não é?

— Ela não é muito de falar. — Jesse faz pouco caso do assunto. — Vai mata-la por isso?

— Não, é outra coisa. — Elijah pensa um pouco. — Sim, mas sem ser isso, o que mais eu te fiz de ruim?

— Sério? Essas férias foi uma espécie de avaliação moral? Eu não entendo o que...

— Eu fui ou não? — Elijah fala mais alto. — Seja sincero, Jesse!

— Quando eu era criancinha, não fez. Depois ficou diferente.

— Diferente como?

— Pai, por que isso agora?

— Eu já te bati, Jesse? Eu já te fiz algum mal? Eu já te humilhei? Já te fiz qualquer coisa de ruim? Seja sincero, por favor.

— Teve uma amnesia? — Jesse pergunta, até que ele pensa em algo. A história que Karen disse, que pode ter duas pessoas, mas quem garante que esse é o "menos pior"? — O que me deu de presente de um ano e eu guardei até os sete anos?

— Acha mesmo que tenho uma amnesia?

— Responde!

— Um urso que você aperta e ele fala "Eu te amo, Jesse". Coloquei um gravador, com a voz da sua mãe lá dentro, fiz tudo para que quando apertasse, a voz dela soasse calma. Pronto?

Esse é o Elijah, ele pediu para esconder o presente por algum motivo estranho, nem mesmo Giovani via aquele urso, era guardado secretamente, só aparecia quando Elijah estava com Jesse.

Por alguns anos, Jesse amou o pai, mas isso mudou.

— Você matou minha mãe. — Jesse fala de uma vez. — E eu vi, depois falou comigo como se nada tivesse acontecido.

Elijah dá uns passos para trás, colocando a mão no peito.

— Jesse, eu não... — coloca a mão na cabeça. — Jesse, eu não matei a sua mãe! Eu nunca mataria a Nora!

— Eu vi, bem na minha frente!

— Foi um segurança que matou e eu o matei depois.

— Eu vi! — ele aponta o dedo para o pai. — Eu fui para o quarto dela e você a esfaqueou. — ele rosna. — Você, Yoshida! Você matou minha mãe!

— Jesse. — Elijah dá uns passos para frente, mas quando ele vê Jesse recuando, ele para de andar. — Pense quando eu tratei sua mãe mal.

— Você fingia na minha frente, ela disse que eu não deveria obedecer você.

— Quantas vezes ela falou isso?

— Uma.

— Então pronto. Por que ela só falou uma vez com você, sendo que vocês ficavam juntos sempre? Por que ela só falou uma vez?

— Ela falou que não era para obedecer você e ela foi assassinada logo após.

— Não foi eu! — Elijah grita, no mesmo momento, os seguranças dele entram, mas são contidos com um sinal silencioso de Elijah. — Não foi, Jesse! Por que ela falaria aquilo apenas naquele momento? Tinha uma pessoa se passando por mim...

— Por que ela vivia no quarto?

— Ela estava doente... Ficou doente de uma hora para outra. — Elijah dá um soco na parede. — Eu matei o segurança sem nem pensar duas vezes, não investiguei, fiquei com ódio e me vinguei. E foi ele quem falou aquilo.

— Ele quem?

— Foi por isso que ficou esquisito comigo? Por que acha que matei sua mãe?

Jesse tenta se manter firme, mesmo sendo difícil.

— Eu vi. — Jesse repete.

— Não fui eu.
— Você mandou que eu aprendesse a matar.
— Mandei você se defender.
— Fez o mesmo com Kenya.
— Kenya era sua amiga, eu nunca toquei nela.
— Qual o seu problema? — Jesse se altera, irritado com tanta negação.
— Eu não fiz nada, Jesse! Eu te coloquei na história para me ajudar na vingança, mas nunca fiz nada além disso. Nada! — ele segura a mão de Jesse. — Está gelada. Você tem medo de mim?
— Eu não sei com quem estou falando, isso é estranho.
Jesse retira a mão.
— Jesse, eu nunca mataria a sua mãe. Force o pensamento e pense quando fiz algo contra ela, contra você, seu irmão ou Kenya. Nunca fiz! Kenya tinha ido embora depois de anos...
— Estava sendo treinada para matar.
— Onde?
— No Sul do lugar onde morávamos.
— Aquele lugar não é meu, Jesse. — fala mais calmamente. — Eu mando em outras partes. Eu não fiz nada, eu juro.
— Por que isso agora? O que fez nessas férias.
— Vi verdades depois de quatro décadas. — sorri. — É, eu sei, demorei.
— O que quer? Vai me levar? Vai...
— Não. — Elijah abraça Jesse, mas ele não retribui. — Confia em mim, por favor.
— Difícil.
— Está ao lado deles? — se afasta.
— Vai me matar?
— Nunca.
— Vai mata-los?
— Tenho coisa mais importante para fazer.
— Me odeia?
— Nunca.
— Onde está Giovani?
Elijah ri.
— Você deve saber, Jesse.

— Não faça nada contra Cassie, pai. — ele pede. — Giovani merece a morte, a morte lenta. Ele é um monstro, pai. Ele é...

— Você me chamou de "pai".

Jesse fecha os olhos, percebendo que fez isso.

— Eu lembrei a infância, apenas.

— Por que sentiu algo aí dentro? — Elijah aponta para o peito do filho.
— Por que sentiu que eu sou o mesmo de anos atrás?

— Pai, não mate Cassie. — Jesse ignora Elijah. — Pare de querer matá-la, por favor.

— Eu não quero matar Cassie. Quem disse que quero?

— A cabeça dela vale ouro na cadeia.

— Não sou eu, Jesse. — Elijah rosna. — Eu não estou atrás de Cassie, não sei o que Giovani fez a ela, mas não sou eu. Acredite em mim.

Elijah abraça o filho mais uma vez e beija o seu rosto, dos dois lados. Depois, ele se prepara para sair do banheiro, mas antes, olha para o filho, que sempre amou:

— Assista o jornal por esses dias, terá uma coisa que prova que não sou eu que faço tudo isso. Eu fiz muita coisa errada, sempre, mas tem pessoa pior. Pior para mim e para os Bertollini e Marco, porque Benjamin quer matar o filho e Raul quer matar a todos. Ah, Luigi é Raul.

— E quem é você? — Jesse pergunta, assustado com essa conversa e as revelações.

— Sou seu pai que te ama, e que espera um dia poder mostrar quem é de verdade para você e seus irmãos, e que torce para que me perdoem por tudo. Se eu mostrar quem sou agora, vocês vão me matar. Poliana estava certa, todos me odeiam. Então, um dia, eu mostrarei quem sou, mas não agora, eu tenho que consertar alguns erros. — Elijah pede para que os seguranças saiam.

Elijah espera eles saírem, depois olha para o filho mais uma vez:

— Eu te amo, Jesse. Fui ensinado que amar é errado e nos deixa fracos, ao contrário disso, o ódio nos fortalece. Uma vez eu perguntei se meu tio me amava e ele me deu vinte chicotadas nas costas. Era dia dez do mês de outubro. Dez chicotadas pelo dia e mais dez pelo mês. Sempre que eu tentava me aproximar de alguém, esse alguém morria. Ou então eu tinha que esconder para que vivessem felizes. Eu não podia enxergar, era a minha doutrina, minha lavagem cerebral. Nunca vi que ele tentou fazer o mesmo com os meus filhos, mas ele não conseguiu, pelo menos não com alguns deles. Você vivia naquela casa, para que ficasse distante do perigo, mas o perigo te encontrou, de qualquer

maneira. Eu fingi ódio em muitos momentos, eu matei gente, mas eram as pessoas erradas. Eu sei quem merece a morte. Então, quando conseguir, eu falo com você. Boa sorte e tenha cuidado, Jesse. E eu amo você.

(...)

Jesse abraça o próprio corpo enquanto relembra o encontro com seu pai. Ele falou tanta coisa que Jesse ficou sem reação. Não foi atrás do pai, não ligou para alguém, ele apenas ficou estático, chocado com tudo.

E agora ele recorda do seu pai.

Jesse amava Elijah. Sua mãe só falou algo antes de morrer, tanto que ele sempre achou que ela morreu por avisá-lo...

Elijah falaria a verdade? Ele foi emotivo, muito sentimental e...

Não, ele é o Yoshida. Jesse lembra. Mas podem ter dois.

Elijah não é inocente, ele fez muito mal e... E Fernando, Marco, Guerrero, todas essas pessoas fazem o mesmo, tirando o tráfico humano, mas o número de pessoas que morrem por causa do tráfico de armas e drogas, é tão alto quanto tráfico humano.

Jesse grita, abafando os sons com o lençol da cama.

Ele está em um hotel, não tem como voltar para casa, não depois de encontrar Elijah, ele poderia segui-lo até Karen e os outros.

Jesse não poderia estar considerando isso do pai, não depois de viver jurando vingança. *Jesse não pode recordar tudo sobre o pai...*

Jesse olha para a TV, até isso ele acreditou em Elijah. A TV está ligada há três horas, agora algo chama a sua atenção.

— *O caminhão foi abandonada na beira da estrada. — a repórter informa, mostrando o local. — Moradores que passavam pela redondeza, estranharam o caminhão abandonado e ligaram para a polícia. A suspeita é que o caminhão tenha sido deixado aqui na madrugada. A polícia começou as investigações, mas o caminhão não tem placa e está sem o número de chassi*. Cerca de vinte e sete pessoas estavam aglomeradas no caminhão, a maioria não sabe como chegaram até ali, mas contaram que foram mantidas presas por um longo tempo, em algum lugar desconhecido. Tudo aconteceu no leste, próximo à cidade de Lima...*

Ao escutar isso, o coração de Jesse acelera. Foi o lugar onde, provavelmente, Luna foi presa, próximo ao lugar onde foi resgatada.

Era por isso que Elijah queria que ele assistisse ao jornal?

— Elijah libertaria as vítimas? — Jesse sussurra. — É essa a sua prova que fala a verdade? Não foi ele quem matou minha mãe e sim Raul? Elijah vai lutar contra os outros, não contra os Bertollini, como era no início?

***O número de chassi** é uma combinação de caracteres única que permite identificar cada veículo. O fabricante do modelo é o que se encarrega de colocar esta identificação em algum lugar do carro, uma localização que varia em função do modelo. Este número é muito importante já que é um dos dados que permite, entre outras coisas, saber se um carro é roubado.

Capítulo 24

Alex

Estar com Yoshida, me faz ter outros pensamentos. Cinco dias ao seu lado e acho tudo esquisito, ele ficou fora por um dia e agora está próximo novamente. Trouxe seguranças que nunca havia visto anteriormente, quatro deles estão aqui, a minha frente, jogando sinuca... *O que é bem estranho.*

A grande casa tem muitos seguranças e fica distante, eu poderia contar onde estamos, mesmo assim...

Em que momento comecei a acreditar em Yoshida?

Pode ser tudo fingimento e eu aqui, acreditando nele, pensando que muita das coisas que ele fez, não foi feita por ele, e sim pelo tal Luigi...

Como isso aconteceu? Só porque Yoshida me trata bem? Só porque ele não me olha mais como antes? Antigamente, somente de olha-lo, ele me encarava com raiva, hoje em dia, ele que me encara e sorri...

Como mudou?

— Não participa? — um dos seguranças pergunta, mostrando a bola branca da sinuca.

— Não estou com vontade. — respondo, apagando meu cigarro e acendendo outro.

— Elijah disse que deveríamos nos conhecer melhor. — outro segurança fala. — Sou o Israel.

— Alex. — falo meu nome. — E por que devemos nos conhecer?

— Elijah está recrutando seus melhores seguranças, então, ele quer que cada um conheça o outro, para ver o potencial. Meu nome é Davi. — o outro informa. — Elijah quer saber quem pode trai-lo.

— Claro que o traidor dará as caras. — ironizo.

— Não, por isso ele só chamou quem sempre esteve ao lado dele. Somos bons em identificar pessoas.

— Cresceram nisso? — olho para eles. — Por isso sabem?

— Não, Alex. Não crescemos nisso. — Davi responde. — Sabemos o que Elijah fez, mas não somos uma das suas vítimas.

— E então, o que será agora?

Israel sorri.

— Ele não falou nada?

— Não. — respondo. — Deveria?

— Deve falar em breve. — Davi volta ao seu jogo, enquanto eu volto a olhar para TV, onde passa alguma novela mexicana chata.

E é isso o que faço. Fico nessa casa, olhando esses homens jogarem ou assisto uma novela chata. Até que algumas coisas lembram a infância, lembram a minha mãe...

Essas novelas eram assistidas por minha mãe. Eu lembro quando ela assistia "Carinha de anjo" comigo.

— Que canal é esse? — pergunto.

— Acho que não é canal. — Davi responde. — Tem muito latino aqui, acho que Elijah quer que eles se sintam a vontade, mesmo que a maioria odeie novela.

Olho para a TV novamente.

Por que, Yoshida?

Ou melhor, o que quer, Elijah?

(...)

O café da manhã farto é mais um motivo de estranhar tudo.

Ontem eu joguei sinuca com os outros, jantei, tomei banho — em um banheiro que tem uma banheira hidromassagem gigante —, e dormi em uma cama que cabe três "Alex". Agora temos um banquete no café da manhã.

Sorrio ao lembrar de Gregory, que, com certeza, falaria que, agora, Elijah quer todos os homens que estão nessa mesa.

Será que ele quer? Não, provavelmente não.

Gregory, onde você está?

Termino de comer e vou até o quarto onde durmo com Gregory, sendo que ele nem ficou muito tempo nesse lugar.

Possivelmente, Yoshida sabe por onde ele anda, graças ao rastreador no braço de Gregory.

Quando pego a chave do quarto e preparo-me para destrancar, Yoshida abre a porta da frente e me chama:

— Venha ao meu quarto. — ele pede com a voz tão calma que, por alguns instantes, penso que Gregory pode estar certo sobre Yoshida ser gay.

— Para o que? — pergunto.

— Conversarmos. — ele responde, parecendo que fala com um tolo. — Ainda acha que vou te matar?

— Ah, não sei. — dou de ombros. — Você está bem esquisito.

— Sobre isso que quero falar.

Faço uma carranca, ao tentar entender o sentido de suas palavras.

— Não faça essa cara, já disse que tem outro Yoshida por aí.

— E você é o "menos pior"?

Ele ri.

— Garoto, olha como você e Gregory falam comigo, se eu fosse o pior, já estariam mortos.

— Então o Yoshida a minha frente nunca matou...

— Fiz coisas horríveis, mas tem gente pior que eu, como já falei.

Olho para o homem moreno a minha frente, ontem ele era loiro.

— Qual a sua verdadeira face?

Yoshida ri, mais uma vez e encosta na porta, cruzando os braços e me encarando.

— Já ouviu falar em lavagem cerebral? — confirmo. — Muitas crianças são levadas a isso, Luigi não foi o criador dessa desgraça, ele é só mais um dos culpados.

— Explique melhor.

Yoshida abre mais a porta e aponta para dentro do quarto, penso rápido e decido entrar.

Se Yoshida falar mais um pouco, posso entender alguns pontos importantes.

Entro no quarto e sento na poltrona, já Yoshida senta no sofá a minha frente.

— Vamos a nossa conversa, Alex. Como já havia dito, lavagem cerebral em crianças acontecem desde sempre. Não só em crianças, para falar a verdade. Não é a toa que existem "homens bomba", morrendo e matando por ideologia. O caso é que crianças são mais suscetíveis a isso, são inocentes, ainda mais se não tiver algum responsável correto por perto. Não um responsável doido.

Yoshida para de falar do nada, parece recordar algum momento. Ele fecha os olhos, depois abre novamente.

— Continuando. — se recompõe. — Crianças são aliciadas por traficantes, muitas vezes aceitam por não ver outra saída, às vezes nem entendem

do que aquilo se trata, ou entram a base de ameaças. Muitos se aproveitam de crianças para cometer crimes, afinal, tem lugares que só vai preso acima dos dezoito anos, abaixo disso leva uma "ressocialização" e pronto. Pois então, Luigi fez isso comigo. Eu fui obrigado a fazer tudo desde sempre.

— Nunca pensou sobre o assunto? Sobre tudo que causou?

Parece pensar um pouco.

— Quando eu era criança, me perguntava por que eu não era como as outras, Luigi dizia que eu era diferente, insistir no assunto era o mesmo que levar uma surra. Então, me calei. Aprendi a fazer sem reclamar, aprendi que aquilo era o certo, aprendi que aquelas pessoas mereciam sofrer. Não sei explicar tão bem, mas fui cego por uns dezesseis anos. Abri meus olhos, só que foi de outro modo. Nos últimos tempos, enxerguei um pouco mais.

— A sua cegueira foi tão forte que durou décadas?

— Sei que é difícil acreditar, mas eu fui uma marionete. — suspira. — Quando eu desconfiava de algo, eram apresentados os culpados, eu matava todos. E tudo dava a culpa a eles. O negócio é lucrativo, como já falei, então todos querem entrar, todos querem a maior quantia nos lucros. Como desconfiar que quem fazia tudo aquilo era alguém próximo? Como desconfiar sendo que eles falavam "Você é o chefe, Elijah. Você é o melhor, acreditamos em você"? Eles iam me dando o que eu precisava, para não desconfiar. Eu ia matando os sócios, os seguranças, eu limpei a quadrilha para eles. Fui usado.

— E por que acordou após anos? Como isso aconteceu?

— Conheci pessoas. Conheci pessoas que não sabia da existência, vi outras felizes e vi outras se tornando piores que eu. Sendo que não deveria ser assim. Gregory, eu não o conhecia...

— Qual a importância dele? — *eu sei qual é, mas só tento disfarçar...*

— Um dia falarei do assunto. — abaixa a cabeça. — Abri os olhos para outras pessoas, mas a principal eu nunca pensei, só depois. — levanta a cabeça novamente. — Eu deixei que ele cuidasse de pessoas importantes, eu acreditei nos conselhos dele e me ferrei, ele ferrou outras pessoas junto a isso. Javier, eu gostava dele, ele conversava comigo. Benjamin também, Francesco, Aneliese... Todos falavam comigo, e todos me usavam. — bate com a mão na testa. — Yoshida é uma lenda, Alex, uma lenda para dar medo, era o que eu pensava.

— E o que o Yoshida é de verdade?

— Ele deveria liderar os negócios, o dinheiro, os sócios. Os outros mandam nos complexos, por isso nunca vi o Gregory, conheci por acaso. O Yoshida que pensei ser uma lenda, existe. Já ouvi falando que ele mata a mãe

dos seus filhos, que ele treina os meninos para que ele fique louco como... Como eu. — faço uma carranca. — Mas como ninguém me conhece ao certo, levei a história como uma lenda, um "bicho papão" moderno e mais sádico. Mas esse Yoshida existe, e não sou eu.

— Como conseguiu ser tão enganado? Eu entendo da lavagem cerebral, mas quarenta anos? E você acorda do nada?

— Não foi do nada! — ele grita, depois toma algumas longas respirações e volta ao normal. — Eu abri meus olhos para as pessoas erradas, não foi rápido, não foi agora. Abri meus olhos para as pessoas erradas. — repete. — Deram pistas que me levaram a outros culpados, eu matei a favor de Luigi, mas pensei que fosse a minha vingança. Só que descobri coisas, e vi que os verdadeiros culpados, são aqueles que estavam ao meu lado. Primeiro descobri a culpa de Benjamin e Javier, só que, mais uma vez, Luigi queria que eu me livrasse deles. Eu não matei Benjamin na luta, porque será pior, levantará a sua ira.

— Não tem pessoas ao seu lado para contê-lo?

— Eu fui um líder que não estava a fim de liderar, por isso sou líder.

— Por que eles comandaram em seu lugar? — suponho.

— Exatamente, tem mais pessoas ao lado deles que do meu. Eu não queria e deixei que eles se virassem, eles sabiam disso. Só que Benjamin é contra Luigi, ele já tentou mata-lo e falhou. Se eu matasse Benjamin ali, mais gente me mataria, mas eu matei outras pessoas e deixei claro que estou na luta. Eu tenho pessoas ao meu lado, pessoas que vieram trabalhar comigo porque querem.

— Menos eu e Gregory

— Foram tão enganados quanto eu.

— Por que eu?

Yoshida levanta do sofá e vai até a janela.

— Vocês sabem que não sou aquele Yoshida, não adianta negar. — Yoshida sorri, de modo vencedor. — Tanto que falam comigo normalmente. É por isso que estão ao meu lado, porque sabem quem sou.

— Não, não sabemos quem você é...

— Olha, Alex. Eu confio em você e Gregory, tanto que saem e eu nem preocupo...

— Gregory sai e sempre retorna...

— Porque confio.

— Porque ele sempre é pego e levado ao complexo, ele nunca sai de vez. Nunca!

Acontece novamente, a cara de descrença de Yoshida. A raiva, a perplexidade.

— Deixe-me de adivinhar, não sabe de nada. — falo.

— Eu nem sabia de Gregory, quanto mais dele sair e voltar. — volta e senta no sofá. — Ele já tentou sair?

— Aparentemente, sim.

— Eu nem sabia dele. Alex, Gregory foi sequestrado, eu não sabia disso.

Mas se Jesse é gêmeo de Gregory... Ele foi sequestrado e ninguém soube? Como não souberam de gêmeos? Como isso nunca foi citado? Ou foi dado como morto?

— Eu pensei em rastreador. — jogo, tentando receber algo em troca. — Se Gregory sai e sempre o encontram, mas nunca tem pessoas o seguindo, poderia ser um rastreador, já que a tecnologia é o forte de vocês. Pensei que eu poderia ter, mas nunca achei nada em mim.

Yoshida coloca as mãos na cabeça, e pragueja.

— Por que fala em outro idioma? — pergunto.

Yoshida olha para mim, rapidamente. Depois, cerra os dentes, parecendo estar nervoso por algo.

— Eu tenho que parar com isso. — ele diz, com os dentes ainda cerrados. — Eu e outras pessoas, moramos na Alemanha por um tempo, muitos dos nossos sócios são de lá. Falávamos mais o alemão que nosso próprio idioma. Virou uma mania ficar falando em alemão, para que não entendam o que queremos dizer. Era quase um código, se assim posso chamar.

— Certo. Mas vejo que está bem irritado sobre o rastreador.

— Não fui eu que coloquei lá.

— Yoshida, quão culpado você é? Falando desse modo, parece ser a pessoa mais inocente dessa história.

— Quão culpado você é, Alex? — me estuda. — Por que está aqui? Por que começou a trabalhar comigo?

— Milla. — respondo. — Milla estava com você, ou o falso Yoshida, então, ele me chamou, eu não tinha como sair.

— Por que estava com Milla?

— Porque ela sabia onde Tyler estava, e eu queria me vingar.

— O que Tyler fez?

— Nos abandonou, na rua. Eu e Allan. Ele sabia da nossa existência e nunca procurou.

— Por que Milla sabia do seu pai?

— Porque você o prendeu e ela estava ao seu lado.

— Por que você o salvou?

— Para ficar por perto de Tyler, para saber a hora de atacar.

— Como saiu e levou Tyler, sendo que o poderoso e sádico Yoshida estava mandando na segurança do local? Como você saiu com seu irmão e seu pai?

— Milla...

— Uma *vadiazinha* de beira de estrada conseguiu sair do esconderijo do poderoso Yoshida? Então, rapidamente e sem dificuldades, você salva um gangster e, do nada, o poderoso Yoshida te coloca ao lado dele? Sendo que você roubou uma das suas vítimas? Mesmo assim Yoshida te coloca ao lado dele? Yoshida nunca se perguntou sobre Tyler?

Agora, com Yoshida falando sobre tudo isso... *Eu não pensei.*

— Pois é, Alex. Você é tão enganado quanto eu, entrou nessa história por alguma ideia estúpida e doentia de Luigi. Primeiro, eu nunca tive motivos para pegar seu pai; segundo, Milla nunca foi importante a ponto de saber esconderijos de vítimas...

— E por que entrei nessa história? Já que nem Tyler é importante?

— Para você ter ódio dele, para que filho mate o pai.

— É isso o que sabemos de Yoshida. — encaro-o. — Que ele é bom em vingança parental.

— Esse é o mito sobre Yoshida. Elijah, é outro alguém, tão tolo quanto você e todos os outros. Fomos todos manipulados, Alex. Por alguma ideia doentia de Benjamin, Javier e Luigi. — ele sussurra. — Cada um jogando em um lado. Eles querem o poder de Fernando, ao mesmo tempo, querem o meu poder. Eles me deram o poder, eles me deram informações que ferrarão com seus negócios. Como eu tenho esse poder, eles nunca atacaram os Bertollini, porque se atacassem, eu reclamaria que não esperaram minha ordem, então, eu me revoltaria, porque eu sei que eles são os únicos que querem os Bertollini.

— Por que não os atacou? Por que os Bertollini ainda estão vivos?

— Nunca levei tão a sério a vingança. Levava a sério, depois desistia, fui vivendo assim. Luigi precisava se livrar de problemas, então eu era enganado e fazia seu trabalho. Eu vivi me escondendo, ao mesmo tempo, vivendo outra vida. Foi isso. Na verdade, penso que eles sonham em ter a Nostra, esperam o momento, ao mesmo tempo, querem o meu poder.

— Então não vai matar os Bertollini?

— Pra que? Não matei até agora, não mato mais.

— Mas você falou sobre Karen...

— Eu falei muita coisa para testar você, outras para despistar Luigi. Em certos lugares tem escutas, então, tive que falar de outro modo. Mas sobre Karen, eu quero a menina.

— Por quê?

— Um dia saberá, Alex, mas não vou mata-la, se essa é a pergunta. — dá de ombros. — Não existe caça. Como falei, foi tudo da boca para fora, para que Luigi acreditasse em mim, não deu certo.

— Então, tudo foi mentira? Eu enterrei Jasmine para que Luigi tivesse sua vingança com Fernando?

— Para que Luigi me contasse depois que você a enterrou e eu... Bem, e eu veria o seu futuro, ou melhor, faria o seu futuro.

— Que seria subir meu nível? Como foi feito?

— Tem coisa que não responderei tão cedo, Alex.

— Sobre sua face? — mudo de assunto. — Mesmo que confie em todos nós, nunca veremos seu rosto?

Yoshida começa a rir.

— Ah, Alex. Sinceramente, a resposta está clara para algumas pessoas, mas devo dizer, eu sou tolo em acreditar em Luigi? Sou, mas eu já dei pistas de quem sou de verdade, mas as pessoas não enxergam. Eu dei pistas sem querer, fui emotivo em muitos momentos, só reparei depois. No entanto, se eu falar quem sou, vão me matar, e só eu posso acabar com essa merda. E eu vou acabar, porque meus filhos sofreram com isso e o culpado sou eu. Eu fui culpado em acreditar em Luigi, em continuar nos negócios, mesmo quando achei errado. Depois que acabar com tudo, eu falo quem sou. Na verdade, você não me conhece. — franze o cenho. — Nem você, nem Gregory e outras pessoas, no entanto, outras me conhecem muito bem.

— Conhecem seu rosto? Ou...

Ele ri, mais alto.

— Outro mito, Alex. Espalharam o mito com força. Essa história de máscara é falsa, quer dizer, uso máscara para sair dos lugares e entrar, mas eu vivo com meu verdadeiro rosto. Como disse, você e outras pessoas não me conhecem, outras sim.

— Então você vive normalmente?

— Por um tempo não, entrei no negócio cedo e Luigi achou que seria legal usar máscaras. Só que ele teve uma ideia e descartamos as máscaras. A

máscara que usei na época, se assemelhava um pouco com meu rosto verdadeiro, e fiquei um tempo longe daquele assunto, quando voltei, ninguém desconfiou da mudança, afinal, eu havia crescido, já tinha passado alguns anos. Eu convivia com os traidores, então, eles sabiam do assunto, não ficaram colocando mais conversa sobre minha aparência. E, vamos combinar, quem pensaria que um garoto de dezesseis anos, tinha, na verdade, doze anos e que planejava tomar o poder? Ninguém, vivi nisso. Luigi teve outra ideia, e, nessa ideia, eu não poderia usar máscara.

— Por quê?

Eu estou me arriscando muito com perguntas, mas ele fala muito... *Preciso aproveitar.*

— Porque poderia descobrir a verdade. — responde. — A máscara poderia sair, derreter, rasgar. Então voltei com meu verdadeiro rosto. E estou com ele até hoje. Dizer que vivo com máscaras é um meio de despistar suspeitas, mas é tudo um mito, igual a "Yoshida mata as mães dos seus filhos", que eu descobri há alguns meses. É, Alex, todo mundo foi enganado nessa história. Uns mais que os outros.

Eu devo estar com a cara espantada nesse momento.

— Por que me confessou tanta coisa?

Yoshida levanta e aperta meu ombro.

— É assim que farei, todos que estão ao meu lado, devem saber que o inimigo é outro. E, Alex, você está nessa história porque Luigi quer matar você. Quer matar você de um jeito bem diferente, então, se falo tudo isso, é porque confio e quero que se una comigo contra essa gente.

— Eu não sei...

— Libertei vitimas, Alex. Eu libertei vítimas dos complexos que tenho fácil acesso, eu estou acabando com os negócios deles. Se sair agora, você morre, não por minhas mãos, nunca por minhas mãos. Mas nesse jogo, você entrou no momento em que Milla te trouxe para dentro. Mesmo assim, você morreria se não aceitasse. É um jogo do Luigi, onde ele coloca as pessoas que ele quer, e arma para que cada um mate o outro, para que um desconheça o outro. Por isso Benjamin é o inimigo dele, ele percebeu antes, assim como Javier e Giovanni, assim como os sócios menores. Assim como Fernando, Marco, Katherine, Karen... Luigi sabe de muita coisa, Alex. Luigi estudou seus inimigos por anos, ele sabe como fazer cada um se virar contra o outro, ele fez isso comigo, e fará novamente. Luigi já sumiu, ele já percebeu que devem desconfiar dele. Quando pensa que está à frente dele, Luigi já está dez níveis a frente, é assim que é.

— E como acabará com ele?

— Acabe com os negócios e seus sócios, Luigi não terá muita fonte de dinheiro e nem de ajuda. Não é fácil, nem um pouco, por isso preciso de ajuda, por isso contei minha versão resumida da história. Não sou bom, longe disso, mas...

— Existem pessoas piores, já entendi.

— Sim. Luigi ferrou comigo, com Luna, Poliana, Jesse, Giovani, Gregory, você, Rachel... E eu levei a culpa por muita coisa que nem sonhei em fazer. Poliana tentou me alertar, mas eu a calava, porque Luigi estava ali, dizendo que eu deveria ou não fazer, afinal, Luigi foi o tio que cuidou de mim. E Fernando e Marco, é da geração que matou minha família. — fecha os olhos. — Está comigo, Alex?

Abre os olhos, me encarando.

— Se for verdade...

— Um dia, eu contarei toda a verdade e você entenderá tudo.

— Conte-me agora. — peço, sabendo que isso, eu não terei.

— Você e Gregory são muito revoltados, se eu contar agora, duvidarão de mim e podem fazer besteira, espalhar uma notícia pode causar muito caos, então, prefiro que confie em mim, daí contarei tudo depois. Está comigo ou não?

— Ok. — concordo, porque, querendo ou não, já estou dentro dessa jogada.

Yoshida sorri.

— E, a partir de agora, me chame de Elijah, não de Yoshida.

— Uau! — murmuro, com falsa surpresa. — Confia tanto que posso chamar pelo nome verdadeiro?

— Quem disse que é verdadeiro? — sorri, de modo convencido. — Elijah é o nome que cresci tendo, mas fui batizado com outro nome, e esse, Alex, eu só contarei quando tivermos total confiança um no outro.

Capítulo 25

Karen

E não é que todos estavam certos? Saí dos negócios, mas continuo atrás de respostas.

Poderia ser menos dramático, eu sei, mas, fazer o que?

Entro no condomínio e para o carro em frente à casa dos meus pais. Saio do carro e nem preciso tocar a campainha, pois minha mãe já abre a porta e me abraça.

— O segurança avisou. — ela fala e entramos em casa. — Vejo que está dirigindo.

— É, correndo o risco de ser parada e multada, mas...

— Mas eu disse que assumo a culpa. — pisca um olho. — Faltam poucos dias, Karen. Dezesseis anos, você cresceu tão rápido.

— Nem lembrava...

— Nunca lembra os aniversários. — minha mãe fala, com raiva. — Eu já estaria contando os dias para o meu.

— Eu nem comemoro, é só mais um dia, onde fico velha.

— Onde está velha e noiva. — ela segura minha mão. — Olha a aliança. Eu me controlei para não gritar e seu pai escutar. Eu preciso conhecer o Alex.

— A única que apoia esse relacionamento. — sorrio, mas quero chorar. — Obrigada.

— Claro que apoio. Alex está do outro lado e se arrisca para ajudar você. Quer prova de amor maior que essa?

— Na verdade, aconteceram coisas.

— Que coisas?

— Raul voltou? — nega. — Ele já deve imaginar que desconfiamos, então foi embora.

Vamos até a sala de TV e nos acomodamos, e eu começo a contar:

— Luigi é o Raul, ele é o tio louco de Yoshida, que, na verdade, é o pai. — informo. — Foi o Raul que começou tudo isso.

— O tio louco que, na verdade, é o pai?

— Exatamente.

— Raul não parecia tão velho...

— Máscaras, ou ele começou cedo, não sabemos. O que importa é que

Raul começou tudo isso.

— Mas ele morava perto, convivia na mesma casa...

— Aí que tem algumas coisas sem respostas, por que ele nunca atacou? — faço a pergunta que, até hoje, não obtive respostas. — A chance estava bem à frente. Não sei como responder, talvez por amor a Nancy?

— Amor tão forte capaz de parar uma vingança de anos?

— Amor tão forte capaz de parar Yoshida, não Raul.

— Ok. — coloca a mão para frente e pede para eu parar de falar. — Agora eu me perdi.

Falo sobre as teorias e as respostas claras, sobre ter dois Yoshida e tudo mais.

Compartilho essas informações, pois é a minha mãe, a que sempre me ajudou e apoiou, a que nunca sabe das coisas, porque meu pai acha que ela não suportará escutar. *E ela recebe tudo bem, na verdade.*

— Uau! — ela murmura. — Nem sei o que dizer. É uma vingança sem qualquer sentido, onde uma pessoa usou a outra. Usou o próprio filho e ainda diz que não é filho. Raul faz atrocidades e coloca a culpa no outro, ou seja, no filho. Ok, entendi. Mas sabe o que acho? Não que eu seja a mafiosa, a inteligente, mas se Marco é o irmão de Yoshida, e ele viveu em função do irmão morto...

— Yoshida deve saber que o irmão está vivo e tudo foi uma mentira. — concordo. — De qualquer modo, Yoshida já está se vingando de Luigi e Benjamin. Se contar sobre Marco, a raiva só vai piorar, mas entraremos em outra questão.

— Qual?

— Como Alex descobriu esse parentesco? Porque só temos Alex do outro lado, então ele terá que contar, então mostrará que ele se comunica conosco. A questão é achar outro modo de mostrar essa verdade, mas como fazer? Como mostrar sem que Yoshida perceba que sabemos onde fica seu esconderijo? Se bem que eu acho que não fará qualquer diferença, terá um aumento de raiva, apenas.

— Tem razão. — concorda comigo. — Teria serventia se Yoshida acreditasse no tio, mas isso não faz mais efeito. No entanto, acha mesmo que Yoshida está disposto a se vingar? A acabar com tudo? Que ele, realmente, foi manipulado?

— Não digo que ele é um santo, um defensor, nosso aliado. Mas ele foi bem enganado, e Marco também seria se não fosse por Verônica ter criado. Só pensa que Verônica tratou todos os netos de maneira horrível, pensa que ela se

afastou de tio Marco e odiava tia Isabella. Verônica fez tudo porque foi enganada e chantageada. Tinha que tratar os netos mal, para o prazer de Benjamin e para Marco continuar vivo, odiou Isabella porque acreditava que ela estava no esquema, já que é filha de Javier. E, no fim, todos querem justiça por sua morte. Yoshida não é diferente.

— Eu estou louca, pois nunca pensei que falaria isso de Yoshida, que ele pode não ser tão culpado.

— Nem eu, mas, do jeito que as coisas andam... — murmuro. — É isso o que parece. Meu pai está aí?

— Sim, no escritório.

— Vou falar com ele. — levanto do sofá.

— Contará as novidades?

— É, mas sei que ele não concordará em nada comigo.

Eu sei bem que ele me achará louca e burra, mas, fazer o que? Eu achei melhor compartilhar as notícias e não ser a egoísta, afinal, todo mundo está nessa luta... Até Yoshida.

Saio da sala e vou até o escritório do meu pai, bato na porta e ele manda entrar.

— Olha só, se não é a Karen. — ele sorri, colocando os papéis de lado.

— Oi. — cumprimento-o, fechando a porta.

— Voltou atrás...

— Eu não saí totalmente da história. — interrompo-o, vendo seu sorriso vitorioso.

— Imaginei que não. — aponta para a cadeira, a frente da sua mesa, e eu sento. — Então, o que quer?

— Querer? Nada, só preciso fazer uns avisos.

— Sobre?

— Heitor e Marco. Primeiro sobre Heitor. — meu pai apenas balança a cabeça. — Heitor foi à penitenciária e falou com a colega de cela de Cassie, ele quer que alguém fique de olho em tudo o que Cassie faz...

— Heitor? — agora meu pai se interessa no assunto. — Por que ele estaria atrás de Cassie? Ele... — parece que ele entendeu, pelo seu semblante. — Máscaras, mais uma vez.

— Talvez, pensei nisso. — respondo. — Porque Luigi quer que Yankee fique com raiva...

— Luigi?

— Luigi é o Raul. — informo. — O tio louco, que, na verdade é pai de Yoshida. É o Raul.

— Não, espera. Raul, o homem que morou em minha casa e nunca fez nada? Eu imaginei dele ser o traidor, mas o grande chefe de tudo? O grande chefe em minha casa e nunca fez nada?

— Ele matou a mãe biológica de Giulia. — lembro.

— Me fez um grande favor!

— Ele matou a mãe de Giulia, para chegar em Giulia, é bem óbvio.

— Sim, é, mas a própria Giulia estava em minha casa. Raul levava Giulia com Sara, e Raul nunca fez nada. Para ser o chefe, ele foi bem parado.

— Porque, quem sabe, não era o Raul ali!

Eu juro por Deus que vim com toda a calma do mundo, agora eu e meu pai já estamos gritando um com o outro.

— E quem era, Karen?

— O Yoshida!

— E o segundo no comando não fez nada contra a minha família? — fala com mais calma e lentamente. Ele acha que fala com uma menina tonta e isso é irritante.

Mas, vamos lá, vamos manter a calma.

Não hoje, Fernando Bertolini e seus testes estúpidos!

— Porque Yoshida ama a Nancy. — respondo, sabendo que ele pode rir de mim.

— Uma mulher atrapalhou os planos diabólicos de Yoshida e seu tio, que é o verdadeiro pai?

— Yoshida ama Nancy!

— O que mais o santo Yoshida ama? — irônico. *Como odeio isso!*

— Os filhos. — falo, plenamente. — Porque o doido dá mais crédito aos filhos do que o senhor!

— Ah, agora está ao lado do santo Yoshida?

— Quer saber? Já chega! — grito, levantando da cadeira. — Eu estou fazendo como o senhor falou, pensando antes de agir. Demorei mais de trinta horas para decidir vir até aqui, porque eu sabia que era um erro, mas quis arriscar. É, o senhor está certo, cometemos erro e eu cometi um. Cometi vindo falar o que sei e o que podemos fazer.

— Você vem dizer que Yoshida ama Nancy e, por isso, não nos atacou? Que tipo de conversa é essa? O homem que mata, que estupra? Que sequestra?

— Oh, disse o mafioso! Quantas pessoas Yoshida deve matar por dia? Será que é acima de vinte? E quanto as suas armas matam? Hein? — meu pai levanta da cadeira, me encarando com pura raiva. — Suas armas que são vendidas para a polícia? Exercito? Ah, é mesmo, são vendidas para bandidos! Bandidos que assaltam, matam, que fazem mais vítimas que outra coisa. Bandidos que colocam armas nas cabeças de pessoas e as estupram. Então, para de achar que é o certo da história.

— Então está defendendo mesmo o Yoshida? — senta na cadeira novamente, com seu olhar impassível.

— Não defendo! Eu falo o que pode ser real. Mas o senhor começa a achar que estou mentindo, que sou burra. Eu falo o que vejo, o que sei. Não estou defendendo. Querendo ou não, Yoshida nunca nos atacou. Nunca! — dou ênfase. — Quem fez algo contra tio Marco, foi a Olívia, Milla e Benjamin. Os outros foram Javier e Giovani e quem comanda é Luigi. Então, apenas me escuta.

— Então fale.

Explico tudo o que sei, incluindo a tortura de Verônica na frente de tio Marco. Meu pai apenas me encara, sem esboçar qualquer reação.

— Certo. — finalmente, diz algo. — Heitor pode ser o traidor, eu também não entendi porque ele até hoje não falou com Yankee sobre ser o filho dele, mas ele jura que é receio e tudo mais. Ficarei de olho em Heitor. Agora sobre Yoshida ter falado a Alex aquelas coisas, isso pode ser para manipula-lo, não pensou nisso?

— Claro que pensei.

— E como acreditou nisso? Só por Alex falar que Yoshida o convenceu?

Porque, a cada dia que descubro coisas, vou vendo as Nancy's mortas e suas filhas, vivendo normalmente, sem saber das mães... Vejo Jesse, acreditando no pai; vejo Alex sendo tratado bem e ele pode ser um dos filhos de Yoshida...

— Yoshida liberou vítimas do cativeiro. — respondo. — Porque ele disse que limparia a quadrilha, então, ele está fazendo.

— Libertando vitimas para ferrar com os negócios para os seus inimigos, traidores, não por ser bonzinho.

— Quando eu disse que ele é?

— Do jeito que está indo, você será manipulada por ele, Karen. Yoshida pode até saber que Alex está ao seu lado, então, ele vai usa-lo para fazer com que você abaixe a guarda.

— E quem disse que abaixei? Eu vim contar o que acontece, vim contar

o que sei. Não disse que Yoshida é bom, só disse que ele está contra os outros.

Viro as costas, para sair do seu escritório, cansada dessa conversa, mas meu pai me chama:

— Karen. — olho para ele. — Obrigado.

— Pelo que?

— Por mostrar que estava errado e por crescer. Você não teve orgulho, como reclamei da última vez. Você pensou demais, ok. Mas você achou melhor compartilhar a informações do que esconder tudo. Sabe que a luta é nossa, então veio contar o que sabe, mesmo depois de tudo o que eu disse.

— Claro.

— Você me deu orgulho.

— Também me dei orgulho. — sorrio e ele revira os olhos. — Eu estou feliz comigo mesma.

— Só não seja tão passiva com Yoshida, ele pode te usar...

— Eu já pensei nisso e estou indo com cuidado. — concordo. — E fale com cuidado sobre a tortura de Verônica. Foi um trauma para tio Marco, ele pode reagir de outra maneira e dar tudo errado.

Falei com meu pai sobre Verônica e sobre tio Marco ter visto a tortura, pedi para que ele falasse com tia Isa, que não está em casa no momento, foi fazer uma consulta com o médico. Já que o médico não poderia vir ao condomínio.

— Falarei com ele e observarei Heitor com mais precisão. — meu pai vem e me abraça.

— Tenho que ir. — abraço-o de volta. — Tchau.

— Tchau, Karen.

Saio do escritório e dou uma passada rápida no quarto e me despeço da minha mãe, que avisa sobre tia Dianna.

Saio da casa dos meus pais e encontro tia Dianna na porta da sua casa, acenando para eu ir até ela.

Na verdade, Dianna é minha madrinha e Arthur é meu padrinho. Devido a minha timidez e por eles morarem distante, nunca fomos tão próximos como deveria... O que me faz lembrar que suspeito do meu próprio padrinho, já que nem sei tanto sobre sua vida. Se bem que Jean gosta do tio... *Olha só, tudo em família e eu nem percebi.*

Parabéns para mim por ser tão ligada aos parentes... Padrinhos são parentes? Não sei!

— Oi, tia. — cumprimento-a.

— Oi, afilhada. — ela sorri. — Serei escrota se falar com você?

— Por que seria?

— Porque sou sua madrinha e nunca fomos muito próximas.

— Sem problemas. — sorrio. — Eu entendo, sempre morou distante, eu nunca fui tanto de falar, mas a senhora sempre lembrou dos meus aniversários, do dia das crianças e sempre lembrou das minhas notas.

— Não fui tão ruim quanto pensei. — ela ri. — Então, eu fui com Giulia, Leo e outros seguranças a casa que era de Raul e Nancy, eu encontrei uma caixa escondida ao lado da lareira. — ela pega uma espécie de papel, depois, me abraça, colocando o papel dentro do meu sutiã. — É uma carta de Nancy, fala de alguma filha. — se afasta. — Eu peguei escondido, para que os outros não vissem.

— Por que me entregou?

— Se eu desse a Leo, ele daria a Fernando, então, tudo o que seu pai descobrisse, ficaria guardado para ele e o povo da Nostra. Se eu te der, você investiga e compartilha os resultados. Eu mostrei a Sara, ela disse que era melhor te entregar.

— Darei uma lida e vejo o que descubro. — informo. — Obrigada por confiar em mim.

— Nunca pensei nisso, Karen. Você, uma investigadora? É apenas fascinante!

— Todos falam isso. Mas como entrara na casa?

— Invadiram, quebraram os sistemas de segurança e tudo mais. Giulia foi por conhecer melhor o caminho, então eu fui atrás, com a desculpa de querer ajudar. No entanto, roubei uma pista. — pisca um olho. — Na carta fala sobre uma filha de Nancy e Elijah. Quem é Elijah?

— Yoshida.

— Ele é o Raul?

— Não.

— Sara estava certa, você compartilha as novidades. — ela sorri.

Nesse mesmo momento, eu o vejo, a minha suspeita está se aproximando.

— Karen. — Arthur me cumprimenta. — Quanto tempo.

— Muito tempo. — concordo.

— Dianna, poderia conversar a sós com ela?

Tia Dianna concorda e se despede de mim, indo até a sua casa.

— Como Jean está? Falei com ele um dia desses, ele está péssimo por causa do pai. — olho bem pra Arthur, eu vejo preocupação em seus olhos. — Ele quer matar o pai, mas sabe que precisamos dele. Confesso que quero matar meu irmão, mas ele pode saber de algo mais.

— Nunca desconfiou do seu irmão?

— Que era um péssimo pai, isso eu sempre soube. — bufa. — Mas como tomar a guarda? Eu sou da máfia, Francesco me entregaria. E eu não sabia que ele era tão ruim, que ele queria que Cassie casasse a força com Giovanni.

— E o que sabia para que Francesco fosse ruim?

— Ele mandou Jean para cadeia. Eu ia lá e tirava. Sempre assim. Francesco ferrou com Jean, não imaginei o mesmo para Cassie, ela nunca falou.

É, nesse ponto, a história bate com a de Jean. De como Arthur sempre o salvou, mas Arthur só sabia das prisões depois... Enquanto o pai e Yoshida queriam ver a capacidade de Jean sair de confusões.

Pensando desse modo, Arthur ferrou com os planos de Yoshida. Se bem que tem dois Yoshida. *Com qual deles o pai de Jean trabalhou? Ou ele nem sabe disso?*

— Depois Jean saiu de confusões e eu tentei consertar a vida dele, o apoiei para sair das drogas e o trouxe para meu lado. Mas Cassie? Nunca soube.

— Eles amam o senhor.

— Espero que sim, tento recuperar o tempo perdido. — ele sorri, parece ser sincero. Ao mesmo tempo, apreço um sorriso nostálgico, como se ele recordasse algo triste. — Jean saiu das drogas, mas Cassie está com problemas, presa e com os federais na cola dela. — agora entendo a mudança de sorriso. — O processo de guarda deu um erro, preciso consertar.

— Qual erro?

— Oswald. — responde. — Por isso pedi para Dianna sair, ela ficará louca se souber disso. Já você está mais dentro do assunto. Então, Oswald achou que foi muito rápido, abriu uma investigação sobre a guarda. Então, tenho que me mexer, para que ele não descubra que foi tudo fora da lei.

— Mas não foi certo?

— Foi, mas sem qualquer burocracia. Eu ainda não sabia sobre Francesco e Aneliese serem traidores, era apenas suspeitas. Então, eu os ameacei, dizendo que os entregaria. Eles assinaram o papel e pronto, a guarda é minha. Eles estavam prestes a entrar na delegacia para ver Cassie, então eu os parei. Deixei que eles fossem, um escândalo ali seria pior.

— E por que eles deram tão rápido?

— Eu os ameacei.

— Foi tão fácil assim?

— Karen, Francesco lavava dinheiro para a máfia. A empresa do meu irmão é toda errada, trabalho escravo acontecendo, nenhuma segurança em uma metalúrgica, provas claras que ambos são criminosos, porque Aneliese não é da Nostra, mas ela comanda um esquema de contrabando e até seu pai sabe disso. Eu mostrei as provas contra eles, foi fácil. E, pensa comigo, Francesco só espera uma garantia para entregar a esposa, eu o ameacei para me entregar Cassie, que, para ele, nem deveria ter tanta "serventia". — faz cara de nojo com o uso da palavra. — Francesco fará qualquer coisa para não se ferrar, até entregar a esposa. É cobra engolindo cobra.

Se Francesco souber de Arthur sendo Yoshida, Arthur ficaria tão calmo? Ele ficaria tão feliz com a prisão do irmão por nossas mãos, sendo que esse pode dedura-lo? E ainda tem Jean e Cassie, que sempre defendem Arthur.

E Jean foi avisado que não pode falar do local onde o pai está preso, pelo menos, eu sei que ele não falou nada.

— Fim do interrogatório?

— Não foi um interrogatório? — *foi, mas vamos esconder esse fato.*

— Foi, Karen. — ri. — É uma pena seu pai ser tão... Machista. — sussurra. — Você é ótima e desconfia de mim.

— Eu não...

— Não. — ele ri. — Parabéns mesmo, pois foi à única que fez isso. Enquanto todos duvidam de alguém longe, você duvida de mim, que estou por perto e longe ao mesmo tempo. Você me interrogou, então, isso mostra como é boa. Fernando deveria ter orgulho.

— Está com orgulho?

Ele está, o cara está sorrindo muito.

— Sou um péssimo padrinho, eu sei. Já falei com Fernando o quanto é boa, mas ele é um tapado quando quer. — sorri, mais uma vez. — Mas admiro por duvidar de mim, pois nesse meio, não devemos confiar em ninguém.

— É, está certo. Se bem que não tenho nada contra o senhor, de qualquer maneira. E, se estamos com seu irmão e o senhor está tranquilo, isso prova que não é um traidor, ou seu irmão não sabe da verdade para lhe entregar.

Rimos juntos.

— Espero que peguem Aneliese. — ele diz. — Aquela mulher ferrou com os próprios filhos. Eu esperava isso de Francesco, mas de Aneliese? A mulher vivia ao lado de Cassie, a defendendo, chorando por Jean.

Ele parece tão verdadeiro...

— Falsidade, para ninguém suspeitar. — falo.

— E conseguiu, duvidava dele, nunca dela. Espero que matem Aneliese, façam isso por mim. Se bem que saí da Nostra, posso matar mulher. — meneia a cabeça.

Ele parece muito sincero...

— Jean deve chamar pelo senhor. — informo e ele sorri.

— Por falar em chamar, avise a Guerrero que estou dando um jeito dele visitar minha sobrinha. Só preciso acertar essa coisa da guarda, para poder assinar a autorização do casamento dele e Cassie.

Falei com Jesse, ele concordou comigo.

Jesse quer que eu fale a verdade, quer que eu diga que ele está ao nosso lado. Yoshida pode ter jogado com ele, mesmo assim, Jesse não tem mais medo, ele está acreditando em Yoshida.

Até eu acredito...

E, se Arthur for Yoshida, ele saberá dessa conversa, então, só se for um bom ator para parecer surpreso duas vezes.

Se bem que é Yoshida...

— Cassie corre perigo. — informo.

— Imagino, eu estou dando meu jeito de protegê-la. Cortez falou com Kenya, uma...

— Sabe que querem mata-la?

— Ela sumiu com Giovani, Yoshida deve estar louco. Imaginamos que ela precisa de proteção.

Ele não pareceu surpreso... Mas preocupado.

— Ah, que bom. — suspiro com alívio. — Uma pessoa foi falar com uma colega de cela de Cassie, ela disse que a cabeça de Cassie vale a liberdade.

— Cassie sabe disso? — arqueia a sobrancelha.

— Deve saber, por quê?

— Isso foi quando? — ele pergunta. — Isso deve ter sido depois que falei com Cassie. Merda! — grita. — Oswald está ferrando com tudo.

Uma coisa não faz sentido... Jesse ligou para Naara ontem e ela disse que Arthur visitou Cassie, pelo menos, é o único tio que poderia visita-la. E Cassie sabe dessa história de recompensa pela sua morte desde anteontem, mais ou menos.

— Espera. — peço, mas Arthur continua irritado. — Esse meu amigo

pode falar com essa garota. O senhor sabe, tem o telefone que os presidiários usam com a autorização dos guardas. — ele confirma, mas pede para eu acelerar o assunto. — Cassie disse que o senhor a visitou ontem.

— Eu só a visitei duas vezes, Karen. E a última vez deve ter mais de uma semana, não sou eu que visito Cassie. — seus olhos vão se arregalando, Arthur parece que explodirá em raiva. — Eu nem posso visita-la, falei que o processo de guarda está sendo analisado, enquanto isso, eu não sou o responsável dela no momento. — Arthur começa a ficar nervoso, até eu fico nervosa. — Não sou eu, Karen. E quem faz isso, está sendo ajudado por alguém dentro da penitenciária. Porque eu tentei subornar os guardas para visitar Cassie, ameacei até o diretor, mas fui negado. Pergunte a Cortez e a Fernando, eles viram de perto, porque tentaram falar com o diretor, mas tem muita gente impedido essa visita. Não podemos cumprir as ameaças, isso deve ter o dedo de Oswald. Então, se algo acontecer com um parente do diretor, seremos as principais suspeitas. Tem alguém falando com Cassie e se passando por mim.

Arthur se afasta, indo até o meu pai, para fazer uma reunião sobre o assunto.

E Arthur parece muito preocupado. Como Jean falou do tio, que sempre se preocupou com ele e a irmã.

Agora preciso que Jesse fale com Naara e avise a Cassie sobre o Arthur que a visita, porém precisamos vigiar a penitenciária e pega-lo... Mas tem um problema, Cassie não pode receber ligação e nem pode fazer, o único que faz isso é o tal Arthur falso, que paga gente da penitenciária... Se o Arthur falso faz tudo isso, não saberemos quando ele vai visitar Cassie e Naara não poderá ligar para avisar, porque tem dia certo para isso.

Só se...

Vigiar uma penitenciária é a pior ideia de todas, isso gera suspeitas. Mas se Naara tiver um celular, ela pode ligar.

Isso é arriscado para ela e para Jesse, no entanto, é o único contato que teremos e um modo para pegar o falso Arthur. É arriscado, ainda mais para uma menina que nem faz parte dessa história. *Não sei se ela se arriscará tanto...*

Porém, é a única coisa que pensei. *Mas pensarei mais, deve ter outro jeito.*

Capítulo 26

Alex

Estar com Karen é a melhor coisa que existe. Ela me traz uma sensação de paz, uma sensação de "ficará tudo bem". Eu só senti isso quando...

Paro para pensar quando me senti bem e chego à conclusão que essas são as primeiras vezes, quando estou com Karen. Antes disso, eu não tinha tranquilidade, talvez na infância, mesmo assim, eu era muito criança para entender o que é a paz e o caos.

— Você gosta de abraçar. — Karen fala, enquanto me abraça mais apertado.

— Eu tinha um urso na infância que eu amava abraçar, você é meu urso agora.

— Oh, que fofo, Alex.

— Você sabe fazer voz de gente fofa. — Karen ri das minhas palavras e levanta o corpo, ficando sentada em cima da minha barriga. — Você é fofa, tem cara, mas não é. Agora é um pouco fofa.

— Eu sou fofa, sim! Você ainda não me viu com as crianças.

— Não vejo a hora de ver com as nossas crianças. — coloco a mão no meu peito. — Imagina a Joyce Rubio Bertollini Castillo por aí. Ela linda, inteligente, forte...

— Os meninos ficarão em cima dela.

— Não mesmo! — grito e ela ri. — Filha minha não vive cercada de macho!

— Disse o cara que está com uma menina de família em um quarto.

— É diferente.

— Qual a diferença?

— Eu te amo.

— E o futuro namorado da nossa filha pode ser como você.

— É diferente.

— Por quê? É mal de homem ter ciúme das filhas?

— Karen, o homem para encostar na minha filha, deve ser, no mínimo, noventa e nove por cento do que eu sou. Ou seja, tem que provar muito para o sogrão aqui. Fora isso, nada de macho rondado minha filha.

— Então eu acho que você concorda com meu pai.

— Sim, concordo. Ele protege a prole dele.

— Prole?

— Eu vi isso em um comercial, "prole".

— Sabe o que significa?

— Estava falando sobre o grande número de ratos na cidade, daí falaram "a prole", então creio que tem algo a ver com "crias", que também falaram no comercial.

— Você chama nossos filhos assim por que viu em um comercial de ratos?

— E vacas, pragas...

— Olha a comparação.

— É educacional, Karen. — ela ri. — Sério, eu vivia vendo TV. — agora estou nostálgico. — Yoshida está colocando uns programas estranhos para assistirmos.

— Que programas?

— São um bando de homens reunidos, e ele coloca novela? Coloca desenhos ou novelas infantis? É mais normal colocar um filme de ação ou aquelas comédias besteiro, lotadas de piadas sexuais; um canal de esporte e coisas assim, mas programa infantil?

Faço uma careta ao recordar que esse é meu lazer de todo dia. Novelas chatas, programas infantis até que legais, e mais umas novelas da minha época de criança, porque aquela é a primeira versão de "Carinha de anjo", se é que teve outra após aquela.

— E não dá para mudar de canal?

— Eu nem me importei tanto com isso anteriormente. — falo. — Não mesmo, mas ontem ficou passando "Carinha de anjo" e lembrei da minha mãe, então quis mudar de canal, mas falaram que não é canal.

— Yoshida está passando novelas sem ser em canal?

— Mania de achar que todo latino ama novela. Ainda mais mexicano. — reviro os olhos.

— Alex, de onde você é, afinal de contas?

— México. — sorrio. — Nunca falei?

— Não. — balanço a cabeça, negando. — Pensei que veio do país de Tom.

— Não, eu fui pra lá depois de anos. Nasci no México, minha mãe é mexicana. Vivi pouco tempo por lá, na verdade, nem lembro tanto sobre *Baja*

California.

— Esse lugar é?

— Um estado do México. — respondo. — Vivi em Tijuana e em Sonora, que fica no mesmo país.

— Você se mudou muito.

— E em El Salvador. — estremeço só de lembrar. — Um dos lugares mais perigosos do mundo. Será que ainda está em primeiro lugar? Não sei mais das estatísticas.

— E o que sua mãe foi fazer nesse lugar com duas crianças?

— Minha mãe era linda. — estico minha mão, pegando minha carteira. Abro, e depois fico encarando a foto. — Aqui. — mostro a foto a Karen.

— Ela era linda mesmo.

— Muito. — sorrio ao lembrar dela. — México é muito conhecido pelos cartéis de drogas e pela violência, além das novelas e outras coisas mais. — reviro os olhos novamente, ao lembrar de Elijah e suas novelas. — Mas os cartéis são tão conhecidos quanto. Minha mãe tinha uma irmã, não lembro se era mais velha ou mais nova, era muito pequeno para lembrar isso. Então, eu sei o que Allan conta.

— Allan tem memória melhor?

— Ele viveu com essa tia, eu vivi com minha mãe. Na verdade, vivemos separados por um tempo. Uma hora eu estava com minha mãe, depois com outra pessoa, só depois nos juntamos. Acontece que essa tia falava perto de Allan. Ela falava que teria um concurso importante de "Rainha da goiaba". Coisa de interior, mas o prêmio em dinheiro seria bom. Allan lembra que falaram que um importante chefe do cartel estaria presente e que queria conhecer uma bela mulher. Parece que Allan teve crise de ciúmes, por isso ele lembra a surra que levou.

— Rainha da goiaba?

— Sim. Muitos chefes ou até pequenos integrantes de carteis, procuram por mulheres, amantes, em concursos de beleza. Afinal, ele ficará com uma linda mulher, a mais bonita da região, é quase como uma competição entre homens, onde eles levam as mulheres mais bonitas. Depois essas mulheres competem entre elas, quem ganhou o melhor presente, quem tem o marido mais bonito, qual marido é mais rico e importante, qual a melhor viagem, quem tem a melhor cirurgia plástica...

— É muito diferente do lugar onde nasci. — Karen me devolve a foto. — Onde cada um casa quando quer ou é obrigado a casar, não uma competição.

— Vai por mim, aqui acontece o mesmo, só não é tão comentado. Aposto que se você andasse com as meninas da Nostra, elas estariam falando sobre quem levou o melhor herdeiro. Pelo pouco tempo que passei com Tyler, eu vi os caras falando sobre mulheres, e a competição é igual.

— Eu sou muito distante dessa gente, só com Kat, mas ela é tão distante quanto eu.

— O que é engraçado, pois eu aposto que elas iam querer ser suas amigas. Para ficar próxima das principais herdeiras. — sorrio, ao ver a cara de nojo de Karen sobre o assunto. — Continuando a história. Allan lembra que a nossa mãe não apareceu naquela noite, nossa tia falou que ela ganhou o concurso e a chance de dar um futuro para ele e Alex. Na época, meu irmão não me conhecia.

— Por que foram separados?

— Não sei ao certo, talvez pelo envolvimento dela com gente perigosa. — dou de ombros, porque nem sei explicar isso. — Acontece que, depois disso, eu conheci meu irmão. Moramos em uma casa grande, onde tinha até piscina, pequena, mas tinha. Tenho certeza que foi algum traficante que pagou tudo a minha mãe. Bem, o tempo passou e minha mãe chegou em casa mandando arrumar as malas. Lembro que foram gritos e mais gritos, minha mãe discutia com a irmã, eu e Allan ficávamos parados, tentando entender tudo, até que fomos para um caminhão e nos escondemos no feno. Lembro de ficar nisso por muito tempo, pegamos um avião e chegamos a El Salvador. Lembro o lugar porque eu li o nome e minha mãe comemorou porque eu consegui ler sozinho. Eu demorei a ser alfabetizado.

— Chegou a ir à escola?

— Só depois de Tom, mesmo assim saí. — percebo o olhar de compaixão de Karen. — Sem problemas, sei ler, escrever, e fazer contas básicas. Sei algumas histórias da humanidade por conta da leitura, não pergunte tanta coisa sobre geografia, biologia, química ou de física que não saberei, fora isso, tudo tranquilo.

— Você teve uma infância muito difícil. Imaginei que teria, mas não tanto assim.

— Foi mais confuso que difícil no início. Confuso porque eu não entendia tanta gente em casa, ganhei um gêmeo do nada, uma tia, depois ela saía e voltava, mudava de país, e idioma. Foi isso. Em El Salvador eu lembro que foi um inferno. Morávamos em um bairro horrível, lembro os sons de tiros. Minha mãe ficava comigo debaixo da cama, Allan ao nosso lado. Ela dizia que eram fogos de artifício, perdíamos para ver e ela negava. Eram tiros, anos depois

entendemos tudo.

— E ela falava por que estavam ali?

— Um amigo dela morava ali e iria nos ajudar. Ficamos em El Salvador por um ano, ou mais que isso. Depois nos mudamos, fomos para Saint Quentin (nada relacionada à comuna francesa), que foi onde minha mãe morreu e conhecemos Tom. Antes dela morrer, ela conversou comigo e com Allan, contou que fugimos do México porque seu ex-namorado havia descoberto algum envolvimento dela com outra pessoa, tão perigosa quanto todos do seu cartel. Parece que aquele cara viu minha mãe como uma ameaça, por isso ela fugiu conosco. Como disse, nunca ficou claro essa explicação. Em El Salvador, ela tinha amizade com alguém, só que essa pessoa morreu em confronto com a polícia, mudamos novamente porque Saint Quentin é um país neutro, mesmo assim ela morreu.

Olho para Karen, que parece estar muito pensativa.

— O que aconteceu? — questiono. — Está pensando em alguma teoria?

— Você pensa que sua mãe morreu pelo ex-namorado que é do cartel?

— Karen, minha mãe pegava mais bandido que a própria polícia. Ela se envolveu com Tyler, com um homem do cartel mexicano, com outro que morreu em confronto com a polícia, fica difícil saber quem a matou. Ela foi uma ótima mãe, mas se envolvia com muita gente errada. Minha tia dizia que sua beleza chamava a atenção, e que ela andava em todos os lugares onde os poderosos chefes ficavam. Tanto que só se envolvia com o alto escalão, nunca com um soldado, sempre com os poderosos.

— Qual era o nome dela?

— Giordana Castillo. — sorrio.

— E a irmã?

— Lembro de chama-la de "tia Sil", o nome eu não me recordo. Não mencionei, mas ela morreu em El Salvador, vítima de bala perdida. Depois disso, ficamos algum tempo por lá e nos mudamos. — olho para Karen novamente, que parece pensar muito. — O que passa nessa sua cabecinha?

— Você falou da sua vida, mas não mencionou Tyler e a família, pelo que lembro, a mãe de Jasmine odeia a sua mãe...

— Ah, sim. — agora eu rio. — Coisa de gente ciumenta, sem qualquer motivo. Afinal, Sara conheceu meu pai depois da minha mãe, tanto que sou mais velho que Jasmine.

— E qual o motivo do ódio? Sério, não entendi. É a primeira vez que vieram para esse país. Sua mãe veio para cá ou Tyler que a conheceu em outro

lugar?

— Ah! — interrompo. — Isso é um mistério para você? — ela concorda e eu dou risada. — Mas eu já descobri sobre isso, na verdade, eu e Allan descobrimos quando moramos na casa de Sara. Ela tinha uma foto do tal "rainha da goiaba", no mesmo ano que minha mãe participou. Sabemos disso porque Allan tem uma foto da nossa mãe com a faixa e o ano, e é igual a que está na foto de Sara. Ficamos meio confusos com o nome, porque tinha escrito na faixa "Sara Ontiveros". Mas é a Sara mesmo, mãe de Jasmine, ela participou no mesmo ano que minha mãe.

— Então Sara odeia sua mãe por isso? Por causa de um evento de interior? No México?

— Vai saber? — encolho os ombros. — Minha mãe se envolveu com Tyler primeiro e ainda ganhou o título de miss. Vai saber se Sara também não queria um chefe de cartel? Não sei, mas é isso que pensei.

Karen começa a fazer sua cara pensativa de sempre e eu decido interrompê-la.

Coloco a foto de lado e agarro a cintura de Karen, depois, coloco-a deitada na cama e fico por cima dela.

— Vamos parar de reviver o passado. — falo, enquanto mordo seu pescoço e vou descendo até o seu seio. — Preciso aproveitar os poucos minutos que me restam aqui.

(...)

Karen me deu o endereço de Allan e seu número, que ela conseguiu com Ulisses. Liguei para Allan e ele concordou em falar comigo, assim como Tyler.

Estou indo para sua casa, reencontra-lo depois de tantos meses.

Paro o carro em frente à casa onde ele mora e um homem fica me encarando, depois, ele olha para o celular e concorda com minha entrada na casa.

Seguranças de Ulisses, certeza.

Aproximo da porta e bato nela. Bato duas vezes até que uma menina abre.

— Olá. — ela sorri. — Você deve ser o Alex, sou a Luna. — ela sorri e eu sorrio para ela.

— Então é a famosa Luna?

— É. — ela ri. — Não do jeito bom, mas tudo bem. Pode entrar.

Ela abre mais a porta e eu entro em sua casa, onde sou levado até a sala.

De costas para mim, eu vejo meu irmão, Tyler está de frente.

Tyler me encara no momento em que entro na sala, para minha surpresa, ele mostra um largo sorriso.

Quando Tyler faz isso, meu irmão vira rapidamente para trás, encontrando-me.

— Irmão! — ele fala, levantando rapidamente do sofá e vindo ao meu encontro, de braços abertos.

Nos abraçamos muito apertado, na verdade, só fizemos isso na infância, após nossa mãe morrer. Após isso, fomos apenas próximos. Mas esse abraço traz emoções tão fortes e verdadeiras, que começamos a chorar.

Cara, eu choro ao reencontrar Allan Castillo... Quando imaginei essa cena?

Na verdade, muitas vezes, eu precisava reencontra-lo.

Nos abraçamos e choramos com força. Cada um murmurando algo sobre pensar que nunca mais veria o outro, cada um falando o quanto sentiu a falta do outro.

— Você está muito magro, não está comendo? — Allan segura o meu rosto, seu ar de preocupação me faz sorrir.

— Aconteceu muita coisa. Como está?

— Melhor agora que reencontrei você.

Abraçamos um ao outro novamente.

— Senti sua falta, vadia. — murmuro, dessa vez, tentando conter minhas emoções. — E olha que nunca imaginei isso.

— Olha quem fala, você sempre foi a vadia chorona da história. — nos afastamos. — E não mudou nada.

— Vá se ferrar, Allan!

— Já estou ferrado, Alex. — rimos juntos.

Agora eu olho para Tyler, que está a minha frente. Eu vejo que ele controla as suas emoções.

— Gangster não chora. — ele ri, mas sua fortaleza contra lágrimas se rompe, ele derrama uma lágrima. — Isso é muito para mim.

Ele me puxa para um abraço.

— Eu rezei tanto para que estivesse vivo e para que mostrasse ser bom.

Parece que Deus ouviu minhas preces, mesmo eu sendo um dos maiores pecadores.

— Desculpa. — peço. — Eu estava cego, pensei que...

— Não, não precisa falar. Karen me explicou tudo. — ele olha para mim.
— Vejo que se interessar por Bertollini é mal de família. Mas Karen é uma ótima garota.

— Ela não disse que falou algo.

— Ela tinha medo que eu interpretasse tudo errado, mas conversamos e ela explicou tudo. Estou tão orgulhoso, Alex. Dos dois. — ele puxa Allan para o nosso abraço. — Por terem mostrado que estava certo em confiar em vocês, em ver que vocês são diferentes de tudo aquilo que falaram.

— Sara ainda quer nos matar? — Allan pergunta.

— Nunca quis, ela só odeia a mãe de vocês e pensa que são como ela, sobre se envolver com bandidos para se dar bem, sem pensar nas consequências dos atos. Mas Karen falou comigo na frente de Sara e Jasmine, sua irmã acredita em vocês. — agora Tyler olha para frente, para Luna, que eu vejo que alisa a própria barriga. — Temos um pequeno problema.

— Meu filho não é problema. — Luna fala e eu olho para ela e para Allan.

— É, Luna está grávida e eu sou o pai. — Allan sorri. — Por isso eu nunca aceitei a visita de outras pessoas, elas sabem que Luna é importante para o tal Yoshida. E Luna se lembrou de algo, antes dela ter sido levada, ela acha que escutou Yoshida falando que é o pai dela.

— Então é esse o interesse de Yoshida em Luna? — olho para ela, que se encolhe.

— É, Alex. Luna está grávida, os netos são de Yoshida, e eu sou o pai. Eu, que como você falou na ligação, sou o responsável pelo "sequestro" da filha dele.

Capítulo 27

Karen

Estou me sentindo um pouco mal por tudo. Ontem eu e Alex estávamos muito bem, tanto que vim hoje à casa de Tyler, para explicar a ele sobre tudo e evitar um confronto dele com o filho.

A questão é que Tyler sorriu tanto, sorriu tão genuinamente ao saber que nem Alex e Allan sabiam de Yoshida e que entraram nessa sem querer, ainda mais quando soube que Alex está ao nosso lado.

Mas e se eu estiver super certa sobre Alex ser filho de Yoshida? E esse sorriso de Tyler, como ficará? E o sorriso de Alex sobre o pai?

Pior é que até Elijah está tratando Alex bem, e se forem pai e filho mesmo? E se Elijah pirar ainda mais ao saber que tem outro homem sendo o pai de Alex? Se bem que, pelo que Alex contou, Elijah não ficou furioso com Tyler, na verdade, ao que tudo indica, Elijah nem mandou que sequestrassem Tyler...

Eu até estou chamando o cara de Elijah...

— Amanda estava certa, no fim das contas. — sorrio, ao ver o sorriso de Jasmine encarando o terceiro teste de gravidez que está escrito "positivo". — Meu sobrinho já está aí.

— Ah, Deus! — ela joga a cabeça para trás. — Preparando-me mentalmente para o estresse e paranoia de Daniel. Seu irmão vai pirar.

— Com razão.

— Ele vai pirar muito.

Com razão em dobro, ainda mais depois que eu li a carta de Nancy para Elijah...

— Preciso me preparar mentalmente para essa conversa. — saímos do banheiro, indo direto para sua cama. — Serei mal educada se falar que preciso dormir um pouco? Que estou com enxaqueca?

— Não. Eu entendo, preciso até falar com sua mãe.

— Sobre Alex?

— Exatamente. — *mais ou menos.*

— Acho que já mudou. Pelo menos, ela não demonstrou raiva durante sua conversa, pareceu compreensiva.

— Espero que ela tenha mudado, afinal, a raiva dela é pela mãe de Alex, não pelos filhos. — nos despedimos com dois beijos no rosto e eu saio do seu

quarto, indo a até a sala.

— Pronto, Karen? Podemos conversar? — Sara pergunta, ao me ver descendo as escadas. Ela está sentada no sofá, sorrindo para mim. Confirmando que podemos conversar. *Pergunto se seu sorriso e simpatia continuarão iguais quando eu contar o que vim fazer aqui.* — Como Jasmine está? Fico muito feliz por ela, mas pode ser complicado, ainda mais por causa de Daniel e seu medo.

— É compreensível, afinal, Daniel perdeu Nicole. — ela concorda. — Jasmine resolveu dormir, pois está com dor de cabeça. Mas está bem. Podemos conversar agora?

— Sim. — confirma. — Estou bem curiosa sobre qual é o assunto, apesar de suspeitar o que pode ser.

Resolvi jogar as cartas na mesa, porque depois da conversa com Alex, minhas suspeitas se comprovaram. E depois de ler a carta, muita coisa se encaixou.

— Por que não gosta de Alex e Allan? — questiono.

Sara suspira bem alto e se encosta no sofá, cruzando as pernas.

— Sabia que era sobre isso. Karen, eu sei que está com Alex e que vai defendê-lo, escutei a conversa com Tyler, você falou na minha frente. Eu não tenho mais nada contra os meninos. Eu apenas suspeitava deles, afinal, eu estava certa, querendo ou não. Na época, eles eram traidores, que não nos traíram, mas vieram dispostos a fazer.

— Eu sei, mas, pelo o que Alex contou, a raiva também veio por conta da mãe dele.

— Claro. — ela dá um riso debochado. — Aquela vadia não valia nada, sabia que os filhos poderiam ser como ela.

— Que se envolve com bandidos?

— Claro que não, afinal, eu sou envolvida com um. — responde rispidamente. — Mas a mãe dos meninos, tinha uma mania de se envolver com gangues em troca de dinheiro, ela ia naquele que estava com a melhor oferta. Eu conheci Tyler sem querer, apenas. Não quis me envolver nisso.

— Hum... — murmura tão desacreditada que Sara me encara com raiva. — Então pensou que Alex e Allan fossem como a mãe, entrando e saindo de gangues e que eles estavam do outro lado? — confirma. — Conheceu muito bem a mãe dos meninos, ao que parece. Eram amigas?

Agora Sara cerra os olhos na minha direção. Ela se ajeita no sofá, colocando o corpo para frente e me estudando.

— O que quer, Karen? — sussurra. — Isso é um interrogatório?

— Sim. — confirmo.

— Audaciosa. — estala a língua nos dentes. — Muito audaciosa.

— Muito. — concordo, sorrindo. — Eram amigas ou não?

— Karen, o que quer? — ela sussurra, de modo ameaçador. — O que quer nessa história? Investigar o passado da sua sogra?

— Eram amigas ou inimigas? — não respondo.

— Saia da minha casa, Karen. — ela levanta do sofá e eu continuo sentada. — Saia ou esqueço...

— Por falar em esquecer, vejo que esqueceu que seu nome verdadeiro é "Sara Ontiveros". — ela abaixa a mão, que estava apontada para a porta. — Esse sobrenome é inglês? Latino? Na verdade. — sorrio ainda mais. — Seu nome não seria "Saraya Ontiveros"?

— Como sabe disso? — ela pergunta, dessa vez, eu vejo que ela engole em seco. Sua voz autoritária sumiu, agora ela parece receosa.

— Senta e conversaremos. — peço. — Estamos do mesmo lado.

Sara pensa um pouco e senta no sofá.

— Eu sei que seu nome é "Saraya Ontiveros", que deve ter trocado quando casou com Tyler, sei também que participou do concurso da goiaba no México, juntamente com a mãe de Alex e Allan, a Giordana Castillo. Sei que ela ganhou a coroa e conheceu um chefe de cartel. — olho para suas mãos, que estão fechadas. — Então, o ódio começou aí ou depois? Ou eram amigas?

— Aonde chegará com essas perguntas?

— Pretendo chegar às respostas.

Os nossos olhares são desafiadores, mas ela parece ter mais medo de mim do que eu dela.

— Conversávamos. — finalmente responde. — Mas não éramos amigas.

— E então? — peço mais.

— O que quer? — seu nervoso é evidente.

— Nancy Ontiveros. — respondo.

Quando falo esse nome, parece que Sara levou um choque.

— Eu sei dela, Sara. — continuo. — Eu sei muito bem dela.

E é isso o que pensei, eu estava certa.

Sete minutos depois, seu silêncio termina. Eu cronometrei.

Sara parecia viver uma batalha interna, onde suas feições demonstraram nervosismo e medo.

— Ok, Karen. Isso fica entre nós duas. — ela concorda e, depois, olha

para os lados e para a escada, vendo se alguém escuta a conversa. — Conheci Giordana no México, minha mãe era de lá. Minha mãe morreu em uma cidade próxima daqui, eu fiquei com minha avó. Depois da sua morte, eu e minha avó voltamos para o México. Quer dizer, minha mãe é mexicana, mas morou aqui até os dezessete anos.

Ela para de falar, deve pensar que só isso basta.

— Sei que tem mais coisa para falar.

Ela cerra os dentes e continua.

— Na infância eu conheci a Giordana, éramos colegas na escola e depois viramos amigas. Giordana era uma pessoa facilmente manipulável, ela só queria dinheiro. Eu e Giordana éramos vistas como as meninas mais bonitas do vilarejo, por isso começamos a participar de concursos. Nos produzíamos juntas, confeccionávamos os nossos próprios vestidos com a ajuda da minha avó e da irmã de Giordana, a Silvana. Era apenas a Silvana e a Giordana, elas não tinham mais parentes.

Agora eu lembro da "tia Sil" que Alex mencionou.

— Quando ganhávamos, dividíamos o prêmio. Isso foi durando até um tempo. Giordana conheceu Tyler primeiro. Acho que Tyler foi negociar com um cartel, algo assim. Giordana só sabia falar do homem rico que estava ali, que ela estava transando com ele durante a sua estadia e que engravidaria em breve. Parece que Tyler usava drogas, era fácil furar uma camisinha sem ele nem perceber.

— Assim ela engravidou dos gêmeos?

— É, né? — ela concorda, meio cética e debochada. — Mas Tyler foi embora muito rápido, Giordana perdeu o contato com ele, então teve que cuidar dos filhos sozinhos. O tempo passou e teve outro concurso de beleza, o último que participamos. Ela conheceu um chefe de cartel, o plano era duas por uma. Ela queria que eu transasse com o sócio desse homem, ela transaria com o chefe. Eu neguei, prostituição não estava em minha lista do que fazer da vida. Acontece que ela aceitou, ela transou com os dois, depois, esses dois foram na minha casa, disseram que Giordana havia me colocado no esquema. Bem, a partir daí, eu tive que mudar de casa. O cartel estava me seguindo, para onde eu ia, os seguranças iam atrás. Depois, em um bar onde trabalhei, conheci Tyler. Ele se interessou por mim e eu por ele, não imaginei que fosse o pai do filho de Giordana.

— Filho? Não são "filhos"? — eu sorrio, Sara me odeia, eu sei!

— Filhos. — ela conserta o erro, mas fica bem nervosa. — Como Tyler era ligado aos carteis, ele se encontrou com Giordana, que tentou a sorte com ele

novamente, como eu estava com ele, Giordana ficou com mais raiva. Bem, é isso. Ela tentou destruir meu relacionamento.

Olho para Sara, ela, realmente, pensa que isso vai colar?

— Certo, essa é a história que ensaiou para explicar a raiva de Giordana. Eu quero a história real.

— Essa é a história real.

— Sério, Saraya Ontiveros? — *ela me odeia! Sem problemas, levo isso na boa.* — Eu encontrei a carta de Nancy Ontiveros, na casa que, possivelmente, é de Elijah. — *pronto, Saraya, seu rosto demonstra que sabe muito bem o que falo.* — E a Nancy Ontiveros que está grávida, que deixará a filha com a mãe e que voltará para encontrar o Elijah...

— E...?

— E essa carta é clara, que a Nancy descobriu quem ele é, por isso, saiu do território, que seria perigoso para o Elijah. Nisso tudo, ela conta que voltará ao México. Diz que o espera em breve. Na data, eu vejo que isso já faz quarenta anos, vejo que o nome dela é Nancy Ontiveros, vejo que ela foi para o México...

— E acha que sou?

— Certeza que é a filha. — pego a carta do meu bolso e começo a ler. — Olá, meu amor. — olho para Sara, que me encara com um olhar impassível. — Escrevo porque sei que virá ao meu encontro, mas não poderei ficar por muito tempo. Tem alguém querendo nos separar, por isso preciso ir embora. Estou voltando para o México. Se ler essa carta, será difícil de me entender, eu sei, mas não posso deixar pistas claras de onde estou indo. O México é grande, sei que poderá me encontrar usando seus "meios". É, eu sei o que é, mas sei que não é o culpado, Elijah. Quer dizer, não tão culpado quanto eu pensei. De qualquer modo, eu preciso ir, preciso proteger nossa filha. É uma menina, pensei em chama-la de "Saraya", minha mãe odiou, mas amo esse nome. Então, espero encontrar você muito em breve, com todo amor, Nancy Ontiveros.

Termino de ler e olho para Sara, que está chorando em silêncio.

— Seu nome é Sara Ontiveros, a senhora mudou, porque sua mãe deixou a carta para trás e ela poderia parar em outras mãos...

— Meu nome é "Saraya", mas entrei com um processo e mudei de nome. — ela responde, olhando em meus olhos. — Eu mudei quando minha avó morreu. Recebi um bilhete, com uma ameaça. Queria mudar de sobrenome, mas não pude mudar. Respondi sua pergunta?

— Pode contar a história verdadeira? Essa não é, se for, está modificada. Ela levanta do sofá.

— Vamos para o meu quarto, é mais reservado, aí eu conto a minha história de vida.

Capítulo 28

Karen

Chegamos ao quarto e Sara fecha a porta. Sentamos na sua cama e eu pergunto:

— Pelo que vejo, sabe da sua história. Desde quando?

— Na infância. — responde. — Moramos em bairros violentos, não era nada de assustador saber de certas coisas. Então minha avó não me escondeu essa história.

— E qual o motivo para envolver a mãe de Alex e Allan nisso? A história que contou foi falsa?

— Não tanto. — meneia a cabeça. — Ela, realmente, tentou me colocar no seu esquema com carteis, para eu transar com eles. Foram atrás de mim, mas foi por outro motivo. Como você disse, eu tinha que ter uma história para contar. — ela me encara. — Como é tão inteligente?

— Por que me contará a verdade?

— Porque descobriu. Porque se não contar, é capaz de você falar o que sabe para as outras pessoas.

— Eu vim aqui jogando informações, estudando suas feições. — respondo sua pergunta sobre minha inteligência. — A senhora demonstrou raiva, incerteza, nervosismo e medo em muitos momentos. Quando falou, a senhora teve muito cuidado com as palavras, parecendo tentar lembrar e encaixar as partes, mas errou quando disse "filho de Tyler", não "filhos de Tyler", ainda debochou.

— Problema de dicção.

— Por que está nervosa? — questiono. — Por que nunca se intrometeu no assunto?

— Não é meu assunto.

— Ainda negando, Sara? — ela morde o lábio. — Por que se intrometeu com Alex e Allan, mas nunca foi de citar Yoshida?

— Quem disse que não?

— Alex sempre disse que nunca mencionou nada sobre Yoshida estar no esquema ao lado dele e do irmão. — ela se cala. — Vamos lá, Sara. A senhora escondeu o sobrenome, mudou de nome, não fala do assunto, contou a Jasmine que sua mãe morreu em outra cidade, mas nunca falou como ela morreu. Uma

das Nancy morreu de maneira brutal. — Sara parece pensar um pouco. — Eu não contarei a ninguém, só preciso fechar esse ciclo de perguntas com respostas. Eu sei que Elijah é seu pai, a primeira Nancy dele, é a sua mãe.

— Uma outra é a Giordana. — ela olha para baixo. — Por isso eu a odeio.

— Vai contar?

— Se eu não contar? — olha para mim.

— Eu terei que pedir ajuda nessa linha de raciocínio, eles chegarão em seu nome e eu não poderei dizer que terão a mesma calma que eu.

Ela coloca as mãos na cabeça.

— Karen, eu tive que esconder essa parte da minha vida. — esfrega as têmporas. — Eu sou filha de Elijah, você tem razão e eu sempre soube disso, mas escondi. Você sabe o que ele faz, eu não queria ser sua filha, muito menos que soubessem disso.

Eu estava certa! Sara precisa falar mais.

— Pode contar o que sabe?

— Certo. — concorda. — Minha avó contou que minha mãe morava aqui e que conheceu o tal Elijah, ele salvou minha mãe de um assalto, parece que o ladrão deu uma facada nela e Elijah a ajudou. — olha para a carta em minha mão. — Minha mãe o amou.

— Deu para perceber pela carta.

— É, parece que ele também a amou, por isso minha avó nunca foi contra o namoro. Só que minha mãe recebeu uma carta com imagens de Elijah matando pessoas, ela ficou com medo. Primeiro porque alguém da M-Unit estava afim da minha mãe, segundo porque descobriu sobre Elijah. Ela ficou com medo de ficar no meio dessa confusão, ainda mais grávida. Minha mãe fugiu. Depois, ela viu Elijah e acabou voltando para ele, não sei ao certo. — coça a cabeça.

Ela faz um semblante pensativo, depois continua:

— Eu nasci e vivi no México. Minha mãe foi ameaçada por alguém, então nasci em outro país. Ela confiava em Elijah, então quis contar do meu nascimento. Ao que tudo indica, ela contou. Minha mãe ligou para a minha avó e disse que Elijah ficou muito feliz, só que, então, minha mãe não retornou para casa. Depois de um tempo, encontraram o corpo dela em outra cidade, vizinha daqui. Mataram de maneira brutal, separaram as partes do corpo e tudo mais. — ela estremece e abraça o próprio corpo. — Minha avó encontrou Elijah, mas ele estava desnorteado, ela entendeu que o envolvimento da minha mãe com Elijah,

resultou naquela morte. Então minha avó escondeu meu paradeiro.

— Mas ele não sabia do seu nascimento?

— Minha avó dizia que sim, depois que não. Não sei ao certo, são explicações desconstruídas. O que importa é que nunca vi Elijah. Na pré-adolescência, eu soube sobre ele, sobre sua maldade e o risco de vida. Por isso mudei meu nome na primeira oportunidade, que demorou a chegar, mas mudei.

— E onde Giordana entra no ódio? Ela é uma Nancy. Se a senhora não gosta de Elijah...

— Você sabe, Karen. — ela ri. — Não seja tonta. Estamos falando verdadeiramente uma com a outra. Allan é filho de Tyler, não o Alex. Alex é meu... Irmão. — parece achar estranho o parentesco. *Mas é estranho mesmo.*

— Então sabe de tudo. — sorrio.

— E me intriga saber como sabe tanto.

— Fale de Giordana, por favor.

— Giordana era minha amiga, vivia em minha casa. Ela descobriu uma das cartas que minha mãe escrevia para Elijah. Acho que era a espécie de diário. E as cartas sumiram, história para depois. Giordana leu e me indagou sobre meu pai. Na carta, a minha mãe dizia que acreditava na inocência de Elijah. Eu desconversei, mas Giordana sempre foi curiosa, maquiavélica. Ela tinha seus contatos com carteis. — sua raiva vai aumentando. — Ela foi perguntando de Elijah, se alguém o conhecia. Até que um homem disse que conhecia um chefe com esse nome. Giordana pediu para conhecê-lo, demorou, mas Elijah aceitou.

— Ela queria contar toda a verdade a Elijah?

— Ela queria um motivo para eu me afastar. Eu me apaixonei por Tyler. É, eu o conheci antes do bar, só que a distancia. Giordana já estava à procura de Elijah, ela descobriu uma joia cara que ele deu a minha mãe, então pensou que ele teria muito dinheiro, ainda mais que minha mãe mencionou nas cartas que ela não estava interessada em sua riqueza. Giordana era muito tola, nunca via o perigo a sua frente. Ela encontrou o Elijah e fez questão de me dizer que estava com meu pai. Ela sabia que eu tinha medo dele, então, tive que me afastar de Tyler, ou ela contava tudo a Elijah.

— Ela queria os dois?

— Me afastando da história, Giordana teria os dois. Mas ela queria o Tyler primeiro, por causa de Allan. — penso em sua informação e lembro que Alex mencionou sobre a mãe se envolver com muito bandido ao mesmo tempo. — Naquela época, minha avó tinha morrido, no bilhete deixado em minha casa, tinha a assinatura de Elijah, uma ameaça clara contra a minha vida, e meu nome

verdadeiro. Eu fiquei apavorada, fiz tudo o que Giordana mandou. Pensei, "se Elijah sabe onde estou, Giordana é a culpada".

Ela para de falar.

— Giordana virou uma amante de Elijah. — continua. — Ela esfregava na minha cara que estava com meu pai, ela me ameaçava, dizia que Elijah mataria a filha, nunca ela. Falava que ele a chamava de "Nancy", e falou que era apelido carinhoso. Giordana zombava, até que se envolveu com outro homem do cartel. Parece que Elijah havia dado uma sumida. Naquele período, resolvi participar do concurso da "rainha da goiaba". Giordana estava na fila da inscrição, mas foi desclassificada por estar grávida. Eu participava usando o nome de "Sara Ontiveros", poderia ser descoberta, mas o dinheiro me ajudaria a sumir dali. No fim, Giordana veio falar comigo e disse que ganharia uma fortuna, que meu "pai". — faz aspas. — Estava feliz com ela, que ela seria a primeira dama, tudo aquilo que minha mãe não foi. E que teria um filho dele, no caso, o Alex.

— E continuava escutando tudo?

— O que faria? Estava sozinha, Giordana era ligada a carteis de drogas e a Elijah. Eu era nova, não sabia o que fazer e nem tinha lugar para ir. Mas Giordana se calou depois de uns meses, ela saiu do meu caminho, quando voltou, estava no vilarejo, sem qualquer criança com ela. Não existia mais ameaça sobre Elijah, deduzi que ele fez algum mal a ela, como fez a minha mãe. Ela voltou ao concurso de beleza, dessa vez, era o nosso último concurso. Como ela não estava gestante, aceitaram sua inscrição em cima da hora. Eu participei pelo dinheiro do prêmio, ela participou com a ajuda de um chefe de cartel, ele comprou os juízes.

— Essa parte é importante?

— Sim. Quando voltei para casa, sem qualquer prêmio, pois havia perdido o segundo e terceiro lugar, encontrei minha casa arrombada. Tinham homens na porta me esperando, eu fugi sem que me vissem. A irmã de Giordana, contou que ela havia feito um acordo. Aquele homem queria a cabeça de Elijah. Giordana já havia procurado por Elijah no passado. O homem só se fez de amigo, no fim das contas, quis mata-la, para não morrer, Giordana contou sobre meu parentesco com Elijah.

— Então essa é a parte verdadeira sobre o cartel invadindo sua casa? — confirma. — Giordana falou do parentesco de Elijah com a senhora para se salvar e, depois, fugiu para El Salvador?

— Não, ela viveu como uma prisioneira, uma escrava sexual. Silvana mantinha contato comigo, ela era minha amiga, me ajudava nos concursos, foi

contra tudo o que a irmã fez, mas permaneceu ao seu lado pelas crianças. Então eu soube que Giordana criou Allan e Alex como gêmeos, para que ninguém soubesse do parentesco de Alex com Elijah. De início, Allan viveu com a tia, por causa dos carteis de drogas e porque ela não reencontrou Tyler, para falar da paternidade. Depois Giordana escondeu Alex porque soube a verdade sobre Elijah. Depois de tudo isso, ela fugiu com as crianças e com Silvana para El Salvador.

Aí está a explicação para essa separação e união de Alex e Allan como gêmeos. *Allan é mais velho, como pensei.*

— No México, iniciaram uma caçada, tinham fotos minhas, por conta dos concursos. Eu trabalhei no bar, conheci Tyler direito e fiz de tudo para que ele me quisesse verdadeiramente. Ele me quis, peguei tudo e vim com ele para cá, esquecendo meu passado. Disse que deveríamos casar para legalizar minha cidadania, casamos e tirei meu sobrenome. Vivi no anonimato até você descobrir tudo.

— E como Tyler soube da paternidade?

— Silvana morreu por culpa de Giordana. Da última vez que vi Silvana, soube que um amigo de Giordana ajudaria com emprego em El Salvador, no fim das contas, Silvana morreu, da mesma maneira que minha mãe. — sua voz sai amargurada. — Do mesmo jeito que minha avó

— Alex falou sobre bala perdida.

— É o que falamos, é menos cruel. — dá de ombros. — Alex e Allan nem devem saber a verdade, eram muito pequenos. Tudo aconteceu porque Giordana se envolveu com Elijah. Depois, não soube de mais nada. Passou um tempinho e Tyler precisou voltar para o México, Giordana ainda estava se encontrando com um chefe de cartel, ela viu Tyler, falou da paternidade, falsificou o exame, porque Alex não é filho de Tyler, e Giordana deixou isso bem claro, quando esfregava sua "vitória" em minha cara. Mas Giordana sumiu novamente, não sei o motivo disso, já que Tyler iria assumir a paternidade.

— E por que não contou a Tyler? Se sabe que Alex não é filho dele...

— Primeiro porque Giordana sumiu bem rápido, nem levou a questão da paternidade adiante. E o que vou dizer? Que Alex é meu irmão? Que eu sempre soube de Elijah ser meu pai? Que eu sou filha do maior inimigo? Não tem como falar algo, eu escondi isso por, aproximadamente, duas décadas. Tyler vai interpretar tudo errado. E, querendo ou não, eu me casei com Tyler para fugir, eu o usei. — ela começa a chorar e eu, instantaneamente, a abraço. — Eu sou filha da pior pessoa, Karen. Eu quis viver normalmente, minha mãe e minha avó morreram. Até Giordana e Silvana morreram, todos morrem. Eu quis esconder

Jasmine, eu quis viver minha vida.

— Talvez Elijah não seja o culpado.

Ao falar isso, Sara dá um pulo para trás, mesmo sentada.

— Está louca?

— Sara, a carta que li, sua mãe está feliz, ela fala que o ama. No diário que Giordana leu, ela faz o mesmo.

— Minha mãe foi enganada, Elijah não ama ninguém.

— Pelo que contou, Giordana conseguiu informações com um chefe de cartel, logo após, esse homem tentou mata-la. Elijah não é tão conhecido, tanto que seus inimigos nem sabiam da senhora. Eles tentaram te pegar, para usar...

— Elijah não ama. O bilhete que recebi depois que minha avó morreu.

— Qualquer um pode usar o nome Elijah. — falo com mais calma. — Sua mãe conviveu com Elijah e ele não fez nada com ela e nem com a família dela, por que depois de anos, Elijah resolve matar a sua avó e te ameaça? Lembra a carta, ela diz que algo impede...

— Por que minha mãe escondeu meu nascimento? — sua resposta sai como uma pergunta.

— E Elijah nunca te procurou? Se ele sabe da sua existência, como não encontrou? As cartas foram interceptadas, a própria Nancy fugiu porque poderiam encontra-la, mas ela pede para que Elijah vá ao encontro dela, que ela o ama. — seguro a sua mão e ela me olha. — Mudança de nome e sobrenome não impediria o seu encontro. E, lembre-se, Elijah até tratou Giordana bem, a chamava de "Nancy", dizia que era apelido carinhoso. Alex não sabe nada de Elijah, mas ele o trata bem, exatamente por saber que é o filho dele.

Sara parece chocada com tudo.

— Ele deve saber, Sara. — falo. — Elijah deve saber sobre a senhora e Jasmine, não foi ele quem sequestrou Jasmine, foi o Luigi.

— O tio. — sussurra.

— Pai. — ela fica mais espantada ainda. — Sabe da história?

— Minha mãe odiava Luigi, tinha nas cartas, mas foram levadas quando invadiram a minha casa... — ela lara de falar. — Não foi o cartel... Luigi tentava atrapalhar tudo, tentou separar os dois, roubou a casa da minha mãe, invadiu... Sempre foi o Luigi?

Agora ela entende o que quero dizer.

— Exatamente, Luigi. — sorrio. — É ele que Elijah jura ser culpado por tudo, mas ele só percebeu agora. Alex já conversou com Elijah, e ele contou a história do tio. E, se sua mãe tinha medo e raiva de Luigi, não de Elijah...

— Luigi matou minha mãe, minha avó, Silvana...

— Assim como todas as outras mulheres que vieram logo após, pois todas as mulheres morreram do mesmo modo brutal. Ou tiveram os membros decepados, ou foram esfaqueadas. E, deixe-me contar algo, a mãe de Elijah, morreu do mesmo modo. Teve a barriga cortada e o bebê retirado do seu ventre, tudo a mando de Luigi, que é o Raul.

— O motorista? — confirmo.

— Conhece?

— Vi poucas vezes, muito pouco, para falar a verdade. Mas o que está querendo dizer é que o culpado é Luigi? Que Elijah nem sabia da minha existência e que colocaram toda a culpa nele?

— O que quero dizer, é que muitos crimes foram cometidos por Luigi. Elijah nem sabia de Alex, agora que sabe, o mantém perto. Todas as Nancy's morreram de maneira brutal ou nem sabemos onde está, assim como as parentes dessas mulheres. E a sua Nancy, foi à primeira, apenas ela. Todas que vieram depois, receberam seu nome como apelido carinhoso. Querendo ou não, Elijah já pode saber sobre seu parentesco com ele, porque pelo que sei, ele ficou de olho em Jasmine e não ficou feliz com o sequestro. Luigi usou Alex para enterrar a irmã. Luigi tentou fazer com que Elijah matasse o próprio filho, porque eu tenho quase certeza que Elijah não sabia sobre Alex, ele sabe agora, mas antes? Acho que não.

— E Elijah ficaria tão irritado por duas pessoas que ele nem conhece?

— Sara, a questão não é Elijah não conhecer, é que ele não teve oportunidade de conhecer. E, vai por mim, por tudo o que já escutei, a sua mãe pode ter sido uma pessoa super importante para Elijah. Sua mãe pode ser o primeiro amor de Elijah. — seus olhos se arregalam. — Que foi tirado da vida dele de maneira brutal. A culpa do assassinato foi para outras pessoas, Elijah se vingou, mas das pessoas erradas. E se sua avó contou que a senhora, morreu, Elijah se tornou pior ainda.

— E Luigi soube que era mentira, tentou me matar no México, não conseguiu por causa da M-Unit.

Agora ela me entende.

— Luigi descobriu a mentira e foi atrás da sua avó. — concordo. — Assim, começou o ciclo de morte. Onde todas as pessoas que Elijah poderia amar, morreram ou foram separadas dele, e aqueles que foram mantidos por perto, foram criadas de outra maneira. Uma maneira que até o próprio Elijah desconhece, mas que, agora, ele conhece e tenta mudar.

— Elijah me quer?

— Pior. — respondo. — Por isso vim aqui, Sara, para comprovar que é filha de Elijah e para dizer, se é filha da primeira Nancy, Elijah nunca se aproximou, pelo que sabemos. Mas a carga emocional entre ele e a senhora é gigante, então, posso dizer, o alvo de Luigi está na senhora e em Jasmine, assim como nos outros filhos de Elijah. Ele já tentou fazer com que Alex enterrasse Jasmine, mesmo que não tenha sido responsável pela sua "morte". Mas Luigi fez questão de contar isso a Elijah, para que soubesse daquela situação. Porque, se Elijah descobrisse da paternidade, saberia que foi tio enterrando sobrinha. Esse é o nível de vingança de Luigi.

Capítulo 29

Karen

Entro em casa após minha conversa com Sara.

Como pensei, ela é a Saraya Ontiveros, filha da primeira Nancy. Agora eu preciso fazer umas contas.

Vejo que todos estão reunidos na mesa, almoçando. Vou até o sofá e pego meu caderno, vendo minhas anotações.

Se tio Marco tem 54 anos, quantos anos Elijah pode ter? Quão mais velho ele é? Já que Verônica falou que Elijah é mais velho. Será que são apenas alguns anos mais velho? Ou será que Elijah é bem mais velho? Será que ele é mais velho mesmo? Mas aí temos Raul, que é Luigi... Será que ele passa dos 75? Se bem que meu avô Victor tem quase isso e ainda está bem ativo. *E Raul é da época do meu avô.*

Raul pode ter virado "pai" muito cedo, assim como Elijah. Se Sara tem 40 anos, ele pode ter se tornado pai com... Menos de dezoito anos? Aí ele teria menos de 60 anos.

Elijah e Raul devem ter virado "pai" muito cedo, se for mais que essas idades, eles estarão muito velhos... Se bem que os maiores chefe sempre são mais velhos.

Eu só queria ter uma linha de raciocínio na idade, para poder entender e chegar a algum nome.

Ainda mais depois de falar com Alex. Elijah foi muito enigmático, ele usa a verdadeira face, não é como pensávamos, que fossem máscaras. Essas ele só usa para sair de casa, mas qual o nome dele? Elijah disse que algumas pessoas o conhecem, já Alex não.

Pode ser qualquer pessoa, pode ser até alguém da Nostra que eu vi uma vez na vida.

— Como isso está difícil. — sussurro.

— Conseguiu algo? — olho para Jesse, que está com um prato de comida na mão. — Quer?

— Não, obrigada. — agradeço. — Mas sobre conseguir algo, eu só fui falar com Tyler sobre Alex, não fui investigar.

Tive que mentir, Sara implorou para não contar sua história e eu entendo. Ela enganou o marido e a filha. Contar algo agora será difícil, mas falei sobre

Elijah ter uma ligação muito forte a sua história.

Pela idade, com certeza Nancy Ontiveros é a primeira Nancy. Depois veio a mãe da doutora Eliana, depois Giordana Castillo, depois Nora... *Qual a idade verdadeira do Jesse?*

— Tem quantos anos? — pergunto.

— Vinte anos.

— E Giovani?

— Não sei. — pensa um pouco. — Ele é mais velho que eu, podem ser dois anos mais velho. Apesar dele me bater, ele não parecia um adolescente, apenas uma criança valentona.

— Vinte e dois anos?

— Olha, ele deve ter menos de vinte e cinco anos. Quando moramos juntos, ficamos distantes, depois, nos separamos mesmo. Não sei tanto sobre ele.

— Por que a separação?

— Não faço ideia. Eu morei com uma babá, depois fui para Gabriel, para espioná-lo e tentar me aproximar da família. Giovani entrou na Nostra por conta daquela família.

— Sabia disso?

— Não sabia de nada.

— Certo. — concordo.

Então temos a Nancy Ontiveros, a Nancy da doutora Eliana, a Giordana Castillo, a mãe de Giovani; a Nora, mãe de Jesse e Gregory, e a Nancy que morou lá em casa.

Pelo menos quatro delas morreram da mesma maneira, sendo que a Nancy lá de casa sumiu e não sei da mãe de Giovani.

Todas foram mortas por Luigi, possivelmente. As mortes tiveram outros culpados, então o Luigi precisava se livrar de pessoas e colocou a culpa nessa gente, Elijah vingativo, matou sem pensar duas vezes.

Elijah foi usado... *Mas quão usado ele foi? Décadas nisso e só acordou agora?*

Elijah foi uma criança treinada para isso, que escutou falar da morte dos pais e do irmão, que cresceu para ter raiva. *Ele pode ter caído nisso por anos.*

Ainda é difícil achar que uma pessoa como Elijah, não sabia de tudo. Apesar de tudo o que falei sobre ele, sei que é difícil acreditar. Mas pode ter um fundo de verdade.

Ainda mais por Alex.

Sorrio ao lembrar a confusão mental de Alex sobre os programas infantis, afinal, Elijah só deve fazer isso para que Alex lembre a sua infância, já que esses eram os programas que ele assistia com a mãe...

Espera um pouco.

Meu sorriso some no mesmo momento ao constatar uma coisa: Como Elijah sabia que Giordana assistia esses programas com Alex? Como isso aconteceu se Alex não lembra de outra pessoa? Elijah era o amigo de El Salvador?

Não, Giordana fugiu de Elijah, não foi ao encontro dele.

Algo nessa história não está batendo certo.

Levanto rapidamente do sofá e Jesse me encara.

— Algum problema? — pergunta.

— Nada, só preciso pensar.

— Eu enlouqueceria se pensasse tanto. Você não é normal, Karen. Precisam estudar seu cérebro, sua inteligência não é normal. Você encaixa peças muito rapidamente.

— Talvez. — sorrio. — Talvez a minha inteligência seja de outro mundo, ou eu apenas observo demais. Às vezes está fácil, só não temos paciência para pensar.

— Aposto na primeira opção, porque você nem observa tanto. — sorri. — Pode ir pensar. Qualquer coisa, estarei aqui.

Ando pelo corredor e abro a porta do meu quarto, depois tranco e pego o gravador na minha bolsa. Retiro o gravador e vou até a cama.

Reproduzo o áudio de Sara três vezes — gravei sem ela perceber. Sempre paro nas partes e tento lembrar a conversa com Alex.

Eu gravei porque não poderia perder nenhum detalhe, mas não gravei a história de Alex, até porque, nem imaginei que ele fosse contar algo. Mas quando ele disse o sobrenome de Sara, lembrei a carta de Nancy. A carta é de amor, só destaquei a parte interessante, de resto, era apenas "eu amo você, Elijah".

Pauso o áudio e depois repito novamente:

— No fim, ela veio falar comigo e disse que ganharia uma fortuna, que meu pai estava feliz com ela, que ela seria a primeira dama, tudo aquilo que minha mãe não foi. E que teria um filho dele, no caso, o Alex.

Não faz sentido!

— Giordana estava na fila da inscrição, mas foi desclassificada por estar grávida.

Na última vez que Sara e Giordana se encontraram, Giordana estava grávida?

Vou pausando a cada parte e vendo detalhadamente essa história:

— *Mas Giordana se calou depois de uns meses, ela saiu do meu caminho, quando voltou, estava no vilarejo, sem qualquer criança com ela. Não existia mais ameaça sobre Elijah, deduzi que ele fez algum mal a ela, como fez a minha mãe. Ela voltou ao concurso de beleza, dessa vez, era o nosso último concurso. Como ela não estava gestante, aceitaram sua inscrição em cima da hora.*

Esses concursos não demoram tanto, a barriga de Giordana estava evidente, depois não... O bebê nasceu?

— *Não, ela viveu como uma prisioneira, uma escrava sexual.* — acelero a conversa um pouco mais. — *Depois de tudo isso, ela fugiu com as crianças e com Silvana para El Salvador.*

Isso não faz qualquer sentido, pois Alex me contou outra versão, agora eu percebi. Quando conversei com Sara, foquei em descobrir mais, por isso não reparei nos erros de continuação. Agora, escutando tudo com calma, vejo que as história de ambos estão desencontradas.

Lembro que Alex contou a história, mesmo que seja a versão de Allan — que é mais velho e Sara confirmou —, a história continua não batendo. Alex já era crescido na época, tanto que lembra sobre ler a placa de "El Salvador" e a mãe comemorar por ele ter lido sozinho. Lembra de ir para uma casa maior e conhecer Allan, assim como lembra da mãe chegando rapidamente e chamando todos para fugirem.

Mas, na versão de Sara, Giordana ainda estava grávida na época da inscrição do concurso, só depois ela pode participar e não estava mais gestante. Mas ali não poderia ser o Alex, porque a Sara confirmou que, em seguida, a Giordana sumiu e depois foi para El Salvador.

Retorno para a sua fala:

— *Ela esfregava na minha cara que estava com meu pai, ela me ameaçava, dizia que Elijah mataria a filha, nunca ela. Falava que ele a chamava de "Nancy", e ela falou que era apelido carinhoso.*

Segundo Elijah, temos dois "Yoshida" na história. Uma das diferenças, se for para acreditar nele, é a mudança de humor. Um ama os filhos e o outro não ama ninguém.

Se Giordana ameaçava Sara com Elijah, dizendo que ele a mataria... *Pode ter sido o Luigi?* E quem a chamava de Nancy pode ter sido o

Elijah verdadeiro? Por isso um parece querer matar Sara e o outro parece recordar da sua mãe?

Repito a fala novamente, até fazer algum sentido:

— *Mas Giordana se calou depois de uns meses, ela saiu do meu caminho, quando voltou, estava no vilarejo, sem qualquer criança com ela. Não existia mais ameaça sobre Elijah, deduzi que ele fez algum mal a ela, como fez a minha mãe. Ela voltou ao concurso de beleza, dessa vez, era o nosso último concurso. Como ela não estava gestante, aceitaram sua inscrição em cima da hora. Eu participei pelo dinheiro do prêmio, ela participou com a ajuda de um chefe de cartel, ele comprou os juízes.*

Giordana sumiu e ficou calada durante meses, depois voltou sem o bebê. Alex mencionou que vivia com a "tia Sil" e com a mãe, que elas iam se revezando...

Comprou os juízes...

É, Sara, estava certa. Essa parte é muito importante na história.

— *Quando voltei para casa, sem qualquer prêmio, pois havia perdido o segundo e terceiro lugar, encontrei minha casa arrombada. Tinham homens na porta me esperando, eu fugi sem que me vissem. A irmã de Giordana, contou que ela havia feito um acordo. Aquele homem queria a cabeça de Elijah, Giordana já havia procurado por Elijah no passado. O homem só se fez de amigo, no fim das contas, quis mata-la, para não morrer, Giordana contou sobre meu parentesco com Elijah. — acelero ainda mais, pois lembro que tem algo sobre cartas roubadas. — Minha mãe odiava Luigi, tinha nas cartas, mas foram levadas quando invadiram a minha casa. Luigi tentava atrapaalhar tudo, tentou separar os dois, roubou a casa da minha mãe, invadiu...*

Não foi o cartel, como eu falei com Sara, foi o Luigi. O Luigi estava com a Giordana, ele a usou. São poucos que conhecem o Elijah, ainda mais com esse nome, sempre é o "Yoshida". Então, que tipo de cartel iria querer tanto o Elijah? Só poderia ser o Luigi. E como Giordana procurou pelo Elijah, isso pode ter chamado a atenção, então a atraíram para... *Para qual dos dois?*

Não, espera.

A casa que Alex e Allan moraram era grande, certo? Alex mencionou sobre ter piscina. Se Giordana foi uma escrava sexual, ela não teria vida fácil, ainda mais para fugir.

Só se ela fugiu do cativoiro e foi até a família, afinal, eu estou pensando nas lembranças de duas crianças.

E agora pode fazer sentido. Se soubessem de Silvana, Allan e Alex antes,

eles teriam morrido. A Silvana só morreu quando estava em El Salvador, do mesmo modo que todas as outras mulheres.

— *E por que não contou a Tyler? Se sabe que Alex não é filho dele.* — eu perguntei a Sara.

— *Primeiro porque Giordana sumiu bem rápido, nem levou a questão da paternidade adiante.* — Sara respondeu.

Como a mulher fez de tudo por dinheiro e depois esquece? Some rapidamente e vai viver na pobreza?

Alguém estava por trás de tudo isso, ela fugiu rapidamente para não ser capturada.

Só pode ser isso.

Mas a gravidez do concurso...

Elijah não aceitou conhecer Giordana, depois aceitou.

Dois Yoshida...

Rapidamente, eu pego o meu celular e ligo para Sara, ela me deu o número para poder falar com ela de outro celular.

— *Karen?*

— Sim, sou eu. — confirmo. — Eu estava aqui repensando e vi um erro na sua história e na de Alex.

— *Eu contei o que sei, não menti.*

— Tem algo que não faz sentido, Sara. A senhora fala que no concurso a Giordana estava grávida, depois de meses ela sumiu e voltou sem barriga. Só que na versão de Alex, ele já estava crescido. Allan lembra que a mãe ganhou o concurso e um chefe de cartel. Então, não tem como Alex ter crescido tanto em meses. E não foi em outro concurso, porque Alex lembra que foi morar em outra casa e, depois, em El Salvador.

— *Eu falo o que sei, Karen. Giordana estava grávida, ela disse que o filho era de Elijah e que ganharia uma fortuna com isso.*

— Ela falou que era o Alex?

— *Não, mas pelo que sei, Giordana só teve dois filhos, Alex e Allan. Lembro que Silvana falou sobre a irmã estar doida e criar os meninos como gêmeos, nunca ouvi falar de um terceiro. Eu achei burrice na época, afinal, Allan já deveria ter uns cinco anos, seria muito tempo de diferença.*

— Antes disso, a Giordana sumiu?

— *Ela sempre estava distante. Fomos amigas por um tempo, Karen, depois mudou. Ela era linda. Eu e ela sempre ficamos no primeiro ou no segundo lugar dos concursos. A beleza dela chamava a atenção, os homens a*

queriam e ela aceitava joias, dinheiro e luxo. Não menti quando disse que ela tentava me envolver em seus esquemas, mas nunca aceitei. Giordana sempre viajava com homens ricos, chegou à passar um ano fora, segundo ela, um traficante, amigo do cartel mexicano, a convidou para ir a Dubai. Ela ficou um ano sendo amante exclusiva dele. Essa era a sua vida.

— E ela voltava para o vilarejo?

— *Ela tinha que disfarçar. É só perguntar para Alex e para o Allan, eles devem saber da fama da mãe. Giordana se envolvia com quem tivesse mais dinheiro, mas, algumas vezes, ela se envolvia com alguém e essa pessoa virava um rival. Giordana precisava disfarçar, o vilarejo servia para dizer que ela não tinha dinheiro, que ninguém pagou algo a ela. Não dava tão certo, mesmo assim, ela persistia nisso.*

— E Silvana?

— *Pelo envolvimento com carteis, Silvana escondeu Allan, porque ele é filho de Tyler.*

— Mas o Alex estava na barriga de Giordana no concurso?

— *Eu só sei de duas crianças, nada mais que isso. E depois que Giordana voltou ao concurso, voltou calada. Lembra que falei sobre Giordana esfregar a "vitória" em minha cara? Pois então, ela não fez nada disso quando nos encontramos, e olha que ela ganhou o concurso.*

— Não foram duas crianças. Alex lembra demais do assunto, ele não tinha meses de nascido.

Despeço-me de Sara e volto a pensar em tudo.

Sara confirma a gravidez, entretanto, Giordana não ficou se achando depois que a gestação... Antes disso, o concurso foi comprado, exatamente para Sara não ter dinheiro.

Mas o bebê chegou a nascer?

Se aquele não era o Alex, Giordana nunca mencionou sobre a gravidez de Alex antes, nunca ficou se achando... Giordana ficava tempos longes e voltava, para disfarçar sua vida de mulher mercenária... Por que Giordana não falou nada na gravidez de Alex? Por que ela se achou muito na outra gravidez e, depois, não falou mais nada?

Alex é mesmo o filho de Yoshida? Eu pensei muito além? Mas até Sara pensa o mesmo... Porém, foi outra gravidez, certeza que foi!

Giordana era uma escrava sexual, Alex e Allan viviam em uma boa casa, a tia cuidava deles, a tia sabia sobre algumas coisas, a tia morreu de maneira brutal... *É isso que tenho.*

Mas Elijah trata Alex muito bem, até coloca programas infantis para que ele assista, como na época da sua mãe...

Como Elijah sabe disso? Como Elijah perdeu o contato? Como...

Luigi manteve Giordana como prisioneira, ela fazia o que ele mandava, tanto que entregou Sara. Giordana escondeu os meninos de Luigi, não de Elijah... Elijah a tratava bem, ela não mudaria rapidamente. Ela pode ter conhecido os dois Yoshida e percebeu algo errado. Antes disso, fugiu e teve Alex, depois, ela engravidou novamente. Como ela não ficou mais se gabando por ter um herdeiro, ela já...

Agora eu como a raciocinar melhor.

Ela não se gabou porque Alex não é filho de Yoshida? Mas por que ela mentiu sobre Alex e Allan serem gêmeos? Apenas o outro bebê é filho de Elijah e Luigi o sequestrou? Por isso não sabemos de nada?

Ou será que Alex nem viveu esses momentos e pensa que tudo isso aconteceu? Talvez a gravidez tenha sido de Alex mesmo e ele apenas escutou as histórias de Allan e pensa que é real.

Ou Alex tem outro irmão e nem sabe.

Respiro fundo.

Ok, eu preciso de um analgésico. Nesse momento, eu sinto uma enxaqueca por tanto pensar!

Capítulo 30

Alex

— Você é rápido! — olho para Allan. — Já será papai?

— De dois, de uma única vez. — ele ri.

— Mano, sério? — o abraço. — Eu mal reencontro e já viro tio?

— Eu mal reencontro e soube que é noivo. — me abraça e dois tapas em minhas costas. — É mal de ser um Castillo, não esperamos nada.

— Parabéns pelos bebês.

— Parabéns pelo noivado.

Eu nem aguentei esperar, contei para Allan na ligação mesmo.

— Quero ver de perto você sendo pai. — olho para Luna. — Ele foi meu pai durante um bom tempo, eu era um merda e ele me consertou.

— É, depois trocamos. Eu virei o merda e você o pai.

— Agora ele está responsável? — pergunto a Luna. — Ou ainda faz merda?

— No início foi a pior pessoa. — ela sorri. — Depois mudou. Quase nos matamos, mas estamos bem agora.

— Antes que pense naquilo. — eu entendo o que Allan quer dizer. — Eu não tentei matar Luna, ela que queria me matar.

— Você foi um saco, Allan! Um saco! — eu posso entender porque Allan está com Luna. Ela fica engraçada quando está irritada, não conheço, mas ela parece aquelas pessoas meigas que ficam irritadas, ou seja, não dá para levar a sério, pois a voz falha na raiva. — Só Deus sabe o quanto eu me forcei para não te matar, para não te sufocar enquanto dormia.

— Entendo, fiz o mesmo. — concordo com Luna e dou risada. — Allan é um merda quando quer.

— Eu mudei. — Allan se defende. — Juro por Deus! Sou homem de família agora. Protejo minha mulher e minha prole.

— O maldito comercial dos ratos. — lembro.

— A televisão foi nossa escola por um bom tempo. — Allan parece recordar. — Não sei se posso sentir falta daqueles tempos.

Escutamos o som de alguém pigarreando e olhamos para Tyler.

— A questão é que Luna pode ser filha de Yoshida. — Tyler nos interrompe. — Ela acha que escutou isso. Então, vamos focar nisso.

— Por que acha que é filha dele? — pergunto. — Escutou mesmo ou acha que escutou?

— Quando minha tia morreu, lembro de escutar algo como: "Não mate seu pai, Luna". Eu lembrei em um sonho. — ela parece nervosa. — Não sei se foi real.

— Olha, estou ao lado de Elijah nisso...

— Elijah? — Tyler pergunta.

— É o nome de Yoshida. — explico. — Ele está meio que preocupado com você, Luna, ainda mais estando com Allan.

— E? — meu irmão pergunta. — O que eu tenho com isso.

— Elijah deve saber sobre você, Allan. Yoshida odeia Milla e você estava com Milla até um dia desses.

— Desde quando Yoshida odeia Milla? — Tyler e Allan perguntam.

Eu explico tudo o que sei no momento, tirando Jesse e Gregory da história. Mas eu explico como fui parar com o verdadeiro Elijah e porque acredito que tem dois Yoshida nessa história.

— Yoshida é bom? — Luna ri. — Eu o conheci, ele é horrível!

— Eu também o vi. — Allan confirma. — Eu e Milla fomos até uma espécie de prédio, algo assim. Yoshida era bem rude, quase não olhava em nossa cara.

— Temos uma coisa. — interrompo. — Elijah odeia Milla, tanto que, hoje em dia, ela está em um buraco, presa e sem os dentes e língua. Elijah não suporta Milla, ele não deixaria que ela ficasse na mesma casa com ele e deixaria que ela saísse.

— Então aquele Yoshida era...

— O Luigi, ou melhor, Raul. — explico.

— Aquele motorista sonso? — olho para Tyler e confirmo. — Eu nunca imaginei. Fernando havia mencionado que o tal Raul era da Nostra há anos, sempre achei meio parado, pensei que fosse apenas seu jeito de ser.

— Não, ele é o Luigi, que começou toda essa história louca. Elijah é apenas um parente que, ao que tudo indica, foi apenas usado.

— Eu lembro de algo, quando minha tia Poliana estava viva, ela falou que não sabia mais quem Yoshida é há muito tempo, será que ela se referiu a isso? Lembro de ver Yoshida batendo em minha tia...

— Repita. — peço rapidamente. — Poliana é sua tia e morreu? — pergunto e Luna confirma.

— Na minha frente, foi tudo muito rápido. Depois Yoshida me levou para

outra casa, parece que Milla estava por perto...

— Não. Se você é filha de Yoshida, ele deixaria perto de Milla? — Allan parece me entender.

— Mas se foi o Luigi que falou com Luna, ele comprovou que é o pai. — olho para Tyler, que acabou de supor. — Então, o que pensar?

— Luigi é louco, suas vinganças são esquisitas. — informo. — Ele pode ter feito isso para Luna ficar com raiva, certo? Para dizer que Elijah matou sua tia, que ele é o pai, que Luna deve odiar Elijah. Algo assim.

Eles param e pensam um pouco.

— E Poliana está viva. — falo para Luna, que arregala os olhos. — Ela está viva, a conheci quando fui com Elijah ver Milla.

— Minha tia está viva?

— Muito viva, ela parecia bem.

Luna coloca a mão no peito e senta no sofá. Allan vai até ela e a abraça.

— Minha tia está viva. — repete. — Tem certeza?

— Há uma Poliana com Elijah. Uma Poliana que está normal, quer dizer, deve estar presa, mas normal.

— Sem hematomas?

— Normal.

— Minha tia tinha hematomas, muito, ela apanhava de Yoshida.

— Ou é maquiagem ou ela não apanhou. — falo.

Luna começa a respirar com força.

— Você conta sem nem preparar a pessoa. — Allan me olha com raiva. — Ela está grávida, seu animal!

— Mas não é uma boa notícia, sua anta?! Era para ela ficar feliz...

— É uma boa notícia, Alex. — Luna começa a chorar. — Muito obrigada. Eu passei esses meses achando que ela havia morrido, agora ela está viva e... Sem hematomas?

— Sim. — sorrio para ela e ela sorri ainda mais. — Só não sei onde ela está.

— Como não sabe? — seu sorriso diminui.

— Quando viajamos, só entramos em um avião particular, não foi falado roteiro de viagem nem nada do tipo. Depois entramos em um carro e seguimos por uma floresta, não sei onde estava.

— Mas agora sabe onde Yoshida está. — Tyler se aproxima. — Alex, se você entra e sai, você sabe onde Yoshida está.

— Eu não falarei. — falo minha decisão. — Ele é o único que sabe onde ficam os complexos, onde...

— E daí se ele libertou as vítimas? Ele só fez isso para desestabilizar os negócios de Luigi, Alex.

— Eu sei, Tyler. — concordo com ele. — Mas Elijah foi enganado o tempo todo, ele quer vingança. Enquanto o senhor, Fernando, Marco e Yankee limpam os negócios de vocês, Elijah faz o mesmo. O de Elijah é ainda melhor, pois ele sabe quem deve morrer.

— Alex...

— Tyler, deixe-me contar algo. Ele libertou mais de vinte vítimas e está previsto para libertar mais, nessa libertação, trinta e sete seguranças foram mortos. — Tyler não parece nem um pouco surpreso, só com raiva da minha cara mesmo. — Elijah não está apenas libertando as vítimas, ele está matando quem deve morrer.

— Enquanto isso, continuamos tentando entender quem ele é, e você pode nos ajudar.

— Ele está certo, Tyler. — Allan me apoia. — Elijah pode estar limpando apenas para desestabilizar Luigi, mas, e daí? Não é uma limpeza de qualquer maneira? Se Alex contar onde Elijah está, ele morre. Vocês o matam.

— Podemos tortura-lo...

— Ele não contará, Tyler. — reprovo sua ideia. — Ele não contará mesmo. Se fosse para contar, ele mostraria o rosto. Elijah não tem em quem confiar...

— E confia em você?

— Por algum motivo estranho, sim. Ele me contou algumas coisas, ele pediu minha ajuda.

— Vai ajudar um cara que estupra as vítimas, que mata, que sequestrou Luna?

Olho para Luna, que fica encolhida no lugar.

— São dois Yoshida, cada um a sua maneira. Eu vivi com os dois, Tyler. — repito. — Um nem olhava em minha cara, o outro sorri. Um andava com Milla, outro odeia Milla. É isso, são diferentes.

Tyler começa a falar que isso é burrice, que é errado, que vou quebrar a cara. Para evitar todo esse drama, eu digo que preciso voltar para casa, mas não sou bem aceito na minha decisão.

— Ok, Tyler. Não concorde. — falo, rispidamente. — Eu entrei nessa porque quis, eu sou o único culpado pelo que aconteceu em minha vida. Eu

sairei do jeito que quero, apenas.

— Eu sou seu pai...

— Sim, mas... — engulo em seco, penso que é melhor não falar nada. — Mas eu sei me virar.

E você nem foi pai, não dá para começar a obedecer depois de vinte e cinco anos, é a mesma coisa de chama-lo de "pai". Não dá, querendo ou não, nem nos conhecemos tão bem.

— Preciso ir. — aviso.

— Já? — Allan parece meio desapontado. — Mal chegou.

— Sim. Para não haver desconfianças, preciso chegar cedo.

Despeço-me de Tyler e de Luna, que me agradece sobre falar de Poliana. Depois, Allan me leva até o meu carro.

— O que quer? — pergunto. — Sei que me trouxe até o carro para falar em particular.

— Então, eu prometi que quando você voltasse, eu contaria a história verdadeira sobre nossa entrada na história.

— Não foi sobre salvar Tyler e nos vingar pelo abandono? — pergunto, pois é a história que conheço. — Até você me enganou?

Allan fica meio cabisbaixo. Ele sabe o quanto prezei por nossa irmandade, sempre foi nós dois, nada mais. *Ficamos distantes, mas a lealdade deveria permanecer, certo?*

— Cara, você sabia de Yoshida o tempo todo? — pergunto, começando a ficar irritado. — Você sabe da fama...

— Eu não ficaria ao lado de uma pessoa que sabemos que fazem aquilo que... Que faz o mesmo que as pessoas que mataram a nossa mãe. — ele sussurra. O segurança que estava aqui, já se foi. — Alex, eu não sabia de Yoshida, sabia de Milla. Milla contou à história que precisava de ajuda, que sofria e tudo mais. Nem liguei, só que ela falou de Tyler, como sabe.

— E nós os salvamos. É uma história mal contada.

— Você estava comigo.

— Não é isso. Yoshida falou sobre como entramos na história de maneira estúpida. Como salvamos Tyler tão facilmente de Yoshida. Hoje em dia Milla está presa, isso prova o quanto ela é importante. — ironizo. — Entramos nessa história porque Luigi quis. O motivo, eu não sei.

— Então, é sobre o que ia falar e agora pode ter sentido. — fala ainda mais baixo. — Eu recebi um DVD com as imagens da... Da morte da nossa mãe.

— Quê?

— Isso, Alex. Eu recebi o DVD com as imagens da morte.

— Por que nunca falou?

— Por isso mesmo, Alex! Olha como você está nervoso.

Eu tento controlar a minha raiva. Respiro fundo e peço para que ele continue.

— Então, no DVD tinham as imagens de Fernando, Marco e Tyler matando a nossa mãe...

— Fernando...

— Não, Alex. — ele segura o meu ombro. — Não foram eles.

Pisco os olhos e me encosto no carro, tentando processar todas as informações.

— Como assim?

— Quando eu estava com Milla, acabei sabendo de Marco, acho que ele estava sem memória. — explica com mais calma. — Eu comecei a pensar, conversei com Tyler também. Eles não ficaram perto de nossa mãe, Tyler viu nossa mãe quando éramos criancinhas, depois disso não. Em outro DVD, eu vi Ciara espancando nossa mãe.

— Ciara? Ciara cunhada de Tom? — agora eu entendo tudo. — Por isso você fez tudo aquilo com a irmã dela? Descontou sua raiva de Ciara em...

— Sim. — confirma. — Eu recebi tudo aquilo e fiquei com ódio, eu queria me vingar, Alex! Eu pensei que eles fossem os culpados pela morte da nossa mãe.

— Por que nunca falou comigo?

— Por que você era mais irritado, mudou muito desde a última vez que te vi. Por isso conto o que sei. Mas antes, Alex, você perderia a própria vida, faria primeiro e agiria depois. Não é a toa que aceitou a vingança contra Tyler sem pensar duas vezes. Eu tentei te proteger, sabia que queria vingança, mas fiz da minha maneira. Para contar aos poucos, mas não tive a chance.

— Demorou quatro anos, Allan. Quatro malditos anos! — rosno. — Tem noção que você me colocou nessa sem que eu entendesse algo?

— Mas aceitou de qualquer maneira, eu só queria que você pudesse ter mais calma. Nós salvamos Tyler quando soubemos de tudo, e não foi rápido como Yoshida falou. Demorou, só que eu estava a frente da situação.

— Allan, como escondeu a morte da nossa mãe? — eu juro que tento controlar minha raiva.

— Era a máfia e gangue, o que queria? Mas, de qualquer modo, não foram eles. Tyler confirmou. Foi alguém querendo jogar a culpa neles.

Eu controlo minha raiva. Paro e controlo a minha raiva.

— Foi Luigi, Allan. — informo. — Ele usou Elijah para matar aquelas pessoas que o incomodava, ele tentou usar nós dois para matar Fernando, Marco e Tyler, assim como usou Milla para tirar Fernando da Nostra.

Eu falo o que parece óbvio.

Fomos usados.

— Um doido que tem quadrilha, mas usou três pessoas? — ele parece pensar na imbecilidade desse plano.

— Elijah mencionou algo sobre Luigi ter umas maneiras doidas de matar e se vingar, e que me matará de um modo diferente. Essa é à maneira dele, Allan. Se eu tentasse matar Tyler, Tyler me mataria. Ou seja, filho matando pai, ou pai matando filho, já que Tyler tem mais poder que eu e me mataria facilmente. É isso o que Luigi quer, esse é seu jogo.

Capítulo 31

Alex

Chego a casa com a tarde já indo embora e a noite chegando. Estaciono o carro na garagem e entro pelos fundos, encontrando os seguranças na sala de jogos.

Eu tenho dois carros, um que uso e trago para casa, e outro que deixo no meio do caminho, para não colocarem rastreador. Mesmo assim, nunca encontrei nada nos carros.

— Alex! — alguns dos seguranças me cumprimentam.

— E aí! — cumprimento de volta e olho para TV. — Só pode estar brincando com essa Thalía. — falo com raiva. — Não aguento mais os dramas de todas as suas "Maria".

— Maria do bairro. — Jeff, um dos seguranças, fala, tão entediado quanto os outros. — O que é isso? Novela chata! Tem nem uma série de ação?

— *Marimar* consegue ser pior. — opino.

— Tem nem opção de canal. — Davi abaixa o volume. — Por que acham que todo latino ama novela? Essa merda é chata!

— Pelo menos tenho internet para meus pornôs. — Israel mostra o celular. — Pelo menos uma distração.

— É só desinstalar o cabo. — olhamos para a porta, onde Elijah está em pé. — É só tirar o cabo que as novelas mexicanas terminam, é só conectar o celular na TV que a pornografia ficará em HD e em uma grande tela. O prazer poderá ser maior. Aproveita, Israel, tem muitas mãos para ajudar na sua distração.

Elijah está brincando? Como?

— Oh, não! — Israel ri. — Usar outras mãos é tipo sair com uma estranha, se é que me entende. E eu não curto transar no primeiro encontro, tem que rolar uns cinco jantares antes disso.

Todos tão risada e percebo que até Elijah ri.

— Israel, Israel... — Elijah balança a cabeça. — Sexo não é tudo.

— Ah, mas faz parte de quase tudo. Sem sexo, sem vida.

Elijah suspira alto.

— Mas é sério que posso colocar um pornô em ultra HD? — Israel pergunta.

— Eu falei em HD, daqui a pouco vai querer 3D, 4D, sei lá em que número essa merda já está.

— Imagina um pornô onde você sente tudo que os atores sentem. — Jeff parece pensativo. — Boa ideia. Posso levar essa ideia para o *nerd* da segurança, ele me ajuda a desenvolver o projeto.

— Meninos, se não fossem bons em luta, eu me sentiria tolo em chamar você aqui. — Elijah senta na cadeira, ligando o videogame junto a Davi.

Olha esse Elijah descontraindo e rindo.

Eu não quero prestar muita atenção nisso, por esse motivo, saio da sala de jogos.

— Onde esteve? — Elijah pergunta, quando passo por ele.

— Por aí. — dou de ombros.

— Gregory chegou, está no quarto. — avisa. — Ele ficou perguntando por você. Fico feliz por se darem tão bem.

— Gregory é uma boa pessoa, muito fácil de lidar.

— Tem umas ideias estranhas. — ele faz uma carranca. — Perguntou alguns absurdos, mas me fizeram rir.

— Que absurdos?

— Ele deve contar. — agora ele ri. — Pode ir, o jantar sairá daqui a pouco.

Estranho esse Elijah... É claro que tem dois Yoshida.

Se todas as pessoas para quem eu e Karen contamos, tivessem convivido com Elijah, eles saberiam dessa diferença quando informo que Elijah fala a verdade.

Ignorando esses pensamentos, vou até o quarto.

— Descobrimo sentimentos humanos? — pergunto, quando encontro Gregory deitado na cama.

— Ah, sabe como é. — ele sorri. — Fui por aí ver os humanoides fazendo coisas de seres humanos.

— Você é muito esquisito. — tranco a porta e coloco a chave em uma mesinha.

— Por falar em esquisito, Yoshida é o poço da esquisitice. — senta na cama. — O cara perguntou como estou, mandou esquentarem a comida, ele esticou meu braço e ficou apertando. Eu achei estranho, mantive distancia, daí ele perguntou "O que foi?", aí eu falei: "Não faço anal, desculpe".

— Você o que? — eu berro. — Cara, você não fez isso!

Estou dando risada como um retardado.

— Yoshida teve a mesma reação, Alex! Ele riu feito um porco sendo morto, aquela risada nasal. Foi estranho. Daí eu falei "Não faço anal, nem entro e nem saio de buracos obscuros". Ele riu ainda mais, disse que não é gay, longe disso. Daí eu perguntei: "Por que me trata tão bem? Por que mede meu braço?". Aí ele falou: "Eu gosto de você", eu disse "Dispensso o anal e seu gosto por mim". Ele riu tanto que deu soluço.

Eu só sei rir. Imagino Elijah escutando isso do filho.

— Gregory, você acha que aqui é uma colônia de férias? — me controlo para não rir novamente.

— Pode começar uma orgia pesada, Alex. Um trezinho. Um homem com o outro. Um atrás do outro para não perder o caminho. — ele sussurra, como um grande segredo. — Alex, isso aqui pode ser um harém. Mas do jeito que Yoshida riu... Sei lá, pelo menos meu ânus está salvo. Estou feliz.

— Eu senti sua falta. — começo a rir. — Senti falta do seu humor esquisito.

— Oh, Alex. Também senti sua falta... — ele parece surpreso. — Um sentimento humanoide, olha só. Dormir no mesmo quarto que você, me deu sentimentos humanoides.

— Cuidado, talvez seu ânus não esteja tão a salvo. — pisco um olho.

— Você pode, Alex. — pisca um olho.

— Zoeira, né?

— Cara, eu aprendi sentimentos humanoides, zoeira está incluso.

— Por que a felicidade? — pergunto, tentando compreender o que mudou em uma semana que ele esteve longe. — Isso tudo não é por Yoshida não querer fazer anal com você.

Sento ao seu lado.

— Eu confio em você, Alex. — seu tom muda. — Sério mesmo.

— Sinto-me lisonjeado.

— Então, eu escondo uma coisa... Uma não... — ele coloca a mão no bolso. — Espera.

Espero por Gregory, que levanta da cama e pega o celular.

— Estava vibrando. — ele explica e atende ao celular. — Oi, Diego...

Olho para Gregory, que parou de falar. Ele levanta da cama.

— Fala com calma, Diego! — grita. — Calma! Passa para o Rafael!

Eu também me levanto da cama, prestando atenção em seu desespero.

— Rafael! — Gregory grita. — O que...

Nesse momento, o celular cai da mão de Gregory. Ele abre e fecha a boca, mas nenhum som sai dela. Olho para suas mãos, que estão trêmulas.

— Gregory, o que aconteceu? — pulo a cama, para ficar ao seu lado. — O que aconteceu?

— Ela morreu... Ela morreu... — ele começa a gaguejar, sua voz sai bem trêmula.

— Quem, Gregory? — pergunto calmamente.

Ele começa a tremer ainda mais, parece que suas pernas ficaram moles e ele cai ajoelhado no chão.

— Ela só queria um pai... Eu não fui um pai... Neguei...

Gregory treme, ele não fala comigo. Ele fala sozinho.

Ajoelho ao seu lado, mas quando aperto seu ombro, ele me empurra com força.

— Não me consola! — ele grita, mas não olha para mim. — Eu não mereço isso!

— Gregory, calma...

Quando tento acalma-lo, Gregory começa a se debater, me empurrando, gritando sobre "ela morreu".

Gregory começa a se descontrolar. Ele chuta o guarda roupa, quebra o espelho, joga objetos no chão e cai até a porta, tentando abri-la, mas está trancada.

Ele está tendo um surto.

— Para, Gregory! — tento segura-lo, para que não se machuque. Mas ele está com uma força enorme.

Seguro Gregory, que deixou manchas de sangue de tanto socar a porta. Porém, segura-lo é impossível, sua força está fora do comum.

— Solte-me! Eu preciso ir.

— Você não está com a sua consciência! — grito e Gregory chora mais alto.

A porta do quarto é arrombada, fazendo com que eu puxo Gregory para trás. Os dois seguranças entram e me ajudam a controlar Gregory.

— Para! — Gregory vocifera. — Ela morreu e a culpa é minha! — ele começa a babar, a chorar, a lutar. — Ela morreu porque eu não ajudei, não salvei! A culpa é minha!

Gregory tenta se desvencilhar dos nossos apertos, mas ele não consegue

mais.

— Ela morreu... — Gregory vai se acalmando mais, depois de muito tempo. Agora ele sussurra. — Eu não salvei, Alex. Eu vim pedi sua ajuda. Eu não salvei.

— Calma, Gregory. — peço, mas ele não me escuta, apenas repete as mesmas palavras.

— O que aconte...

Elijah não termina de fazer a pergunta, ele corre em nossa direção e toca o rosto de Gregory, enxugando suas lágrimas.

— O que foi, Gregory? — ele pergunta, sentando no chão, que é onde estamos.

— Morreu... Ela morreu.

— Quem morreu? — Elijah pergunta, com a voz calma.

— Não sei. — respondo. Gregory só sabe falar que não foi um pai...

O outro segurança pega o celular, que está no chão a nossa frente, e escuto ele perguntando "quem está falando?".

— Oh, Gregory. — Elijah murmura e pede para os seguranças soltarem Gregory, que está em estado de choque, repetindo sobre "ela morreu". — Calma, ficará tudo bem. — ele acaricia o rosto de Gregory. — Calma, Gregory.

— Alex, eu vim pedir sua ajuda... — a voz de Gregory falha. — Não foi a tempo.

— Gregory, calma. — seguro a sua mão, que está muito gelada.

— Ela morreu... Ela queria que eu fosse o pai dela. — Gregory volta a chorar. — Eu recusei porque não sei ser pai. Ela só queria uma família e... E... E levou um tiro na cabeça.

Quando ele fala isso, instantaneamente, eu o abraço, assim como Elijah.

— Elijah.

Nós não escutamos o segurança, apenas abraçamos Gregory, que não para de chorar. Ele está desesperado, ele treme, não nos escuta, ele fala sozinho... Se culpa em sussurros.

— Calma. — Elijah meio que embala o filho em seus braços, e beija sua cabeça. — Calma, filho. Respira.

A respiração de Gregory fica desregulada, ele começa a tossir, porque se engasgou, depois vomita.

— Morreu. — Gregory repete e aperta a minha mão. — Morreu...

— Ele está em estado de choque. — murmuro.

— Elijah. — o segurança chama, mais uma vez.

— O que é? — Elijah grita, quando o segurança insiste. Mas Gregory nem ao menos se assusta, ele continua falando. Gregory pode estar presente, mas sua mente está em outro lugar.

Eu olho para Elijah, ele está chorando.

— Não está vendo que o momento não é de conversa? — Elijah se irrita e volta a beijar a cabeça de Gregory e a acariciar os seus cabelos.

— Eu falei no celular. — o segurança começa a falar, mas Elijah só olha para Gregory, que apenas balança a cabeça, de um lado para o outro, dizendo que "morreu". — Parece que uma criança falou comigo, ela está desesperada, não sabe o que fazer.

— Criança? — eu e Yoshida perguntamos no mesmo momento, olhando o segurança.

— Sim. O menino disse que Samantha morreu.

— Oh, Gregory! — agora Elijah começa a chorar ainda mais, abraçando Gregory e chorando alto. — Foi você, Gregory! Por que não falou? Por que não pediu ajuda? Eles estavam atrás das crianças...

— Quem é Samantha? — atrevo-me a perguntar.

— É uma... — Elijah solta um dos braços de Gregory e coloca a mão na própria boca, tentando conter o grito. — Samantha é uma das crianças que sumiram do complexo. E ela está morta. O Gregory que a salvou, mas... Mas Luigi queria as crianças.

Foi Gregory, ele salvou as crianças. Era essa a ajuda que ele queria. Era isso que ele queria minha confiança, para eu ajudar.

Deus!

Agora eu percebo o meu erro!

O rastreador no braço de Gregory.

Caio para trás, em choque com o que fiz.

Eu não falei do rastreador, falaria hoje. Foi assim que souberam onde as crianças estavam, seguiram Gregory e acharam as crianças.

— Ela morreu. — Gregory sussurra, olhando para o nada, sem piscar os olhos. — Ela morreu e só queria um pai... Ela morreu e eu disse que não seria seu pai... Ela morreu e eu não sou seu pai... Ela morreu e só me queria como pai... Ela apenas... Samantha morreu e a culpa é minha.

— Não, Gregory. — sussurro. — A culpa também é minha.

Capítulo 32

Alex

A culpa foi minha, eu sei disso.

Culpa por não ter falado antes, não avisei do rastreador. Por isso, descobriram onde as crianças estavam. Por isso, Elijah ficou apertando o braço de Gregory, para ver se tinha mesmo o rastreador que mencionei.

Porém, foi tarde demais.

Provavelmente, só esperaram Gregory se estabelecer e deixar as crianças para trás, assim, eles mataram uma menina.

Essa é a vingança de Luigi.

Uma vingança na qual ele não mata diretamente a pessoa, ele atinge alguém muito próximo a ela e faz a pessoa sofrer, como é o caso de Gregory.

Gregory já não fala mais, já não chora. Ele apenas segura a minha mão e olha para o chão. Elijah está abraçado ao filho e percebo que Luigi conseguiu sua vingança, ou o início dela.

Elijah chora por causa do sofrimento do filho.

— Elijah. — o segurança chama novamente. — As crianças estão sozinhas, o que faremos?

— Vá buscar. — Elijah responde, ainda beijando a cabeça do filho. — Pergunte a criança onde estão e vá buscar.

— O rastreador. — murmuro. — Eles sabem que estamos aqui.

— Sim. — Elijah confirma. — Davi, leve as crianças para aquele outro lugar, daqui a pouco estaremos lá.

Olho para Elijah, nesse momento, eu apenas penso no que pode acontecer.

Elijah falou sobre tráfico humano, sabe dessas crianças sequestradas...

— O que vai fazer, Elijah? — pergunto, encarando-o.

— As crianças precisam de ajuda, Luigi pode voltar e...

— Mas elas estavam no seu complexo. — falo calmamente, mas meu tom acusatório está presente na minha voz. — Elas foram sequestradas por você...

— Por Luigi. — Elijah continua segurando a cabeça de Gregory, só que, agora, ele me encara com raiva. — Eu estava responsável pela parte administrativa, eu já disse. Nem ao menos ia aos complexos, só passei a ir

depois de Gregory.

— Você sabe das crianças, sabe que são elas...

— Luigi quer as crianças. No passado, Alex, no passado de semanas atrás, eu falei que queria crianças, que queria meu exército. Luigi foi contra...

— Você queria um exército...

— Alex, eu queria saber dos planos de Luigi. — Elijah me interrompe. — Ele não queria mais crianças porque elas choram demais...

— E você, santo Elijah, não deixaria que isso acontecesse. — debocho.

— O santo Elijah aqui, não estava ligando para as crianças, porque elas não são minhas, mas estava ligando para duas delas. E eu imaginei que elas seriam vendidas, mas não imaginei que fosse por Luigi, pensei que quem fosse pegar as crianças, pegariam as outras duas. O caso é que as que não fossem vendidas, seriam mortas.

— E tudo normal para você?

— Desculpa, Alex. Desculpa se meu mal te causa repulsa, desculpa se seu papai Tyler mata tanto quanto eu, mas não é visto como ruim porque ele trafica drogas, não pessoas.

— Elijah...

— O caso é o mesmo, Alex! — rosna. — Se eu não fosse inimigo dessa gente, eles nunca lutariam contra mim, eles me deixariam livre para cometer meus crimes. Como sou o inimigo, querem terminar comigo. Eu não sou o inimigo, Alex. — sussurra. — Eu apenas fechei meus olhos para tudo porque o mal já estava impregnado em minha alma, e continuaria assim. Mas quando mexem com quem eu amo, as coisas mudam. Eu não tinha motivos para lutar, agora eu tenho, Alex. E, queira você ou não, Tyler, seu papai. — ele zomba. — É tão culpado quanto eu. Nem os federais são inocentes nessa história. Então, apenas deixe-me fazer o meu trabalho.

Olho para Elijah, que manda que Davi e os outros busquem as crianças.

— Não me olhe assim, Alex. Eu não matarei as crianças, olhe como estou com Gregory. Olhe e veja se menti com minhas lágrimas. Talvez se fosse qualquer outra pessoa, eu nem me importaria, mas com vocês eu me importo.

— Vocês? — pergunto.

— Você, Gregory, os seguranças...

— Por quê?

— Você e Gregory são os alvos de Luigi, os seguranças estão ao meu lado. Eles não são como os outros, eles não estão dispostos a participar de estupros, de cortar inocentes e coisas assim. Eles só querem fazer o trabalho

deles, eles não são como Luigi.

— Que não são como você.

— Eu não mandei nada daquilo, Alex. Eu não mandei Gregory estuprar, não mandei que olhassem estupros. Pensa, Alex. Depois que comecei a aparecer no complexo, quantas vezes vocês tiveram que "supervisionar" estupros? Quantas vezes teve que olhar os reféns? Quantas vezes teve que sair com os outros seguranças tão grotescos quanto Luigi?

— Você nos afastou para que...

— Para que não fossem a experiência de Luigi, para não serem os ratinhos de laboratório dele. Alex, depois que cresci e ganhei a liderança, eu pude sair dos complexos, pude me afastar... Só voltei quando... — para de falar.

— Só voltou quando?

— Vamos sair daqui. — Elijah levanta do chão e leva Gregory junto com ele. — Preciso de gilete. — ele pede para um dos seguranças, que ficou aqui. — Vamos tirar esse rastreador.

Tudo acontece de maneira silenciosa. O corte é feito no braço de Gregory, eu indico o local do rastreador. Sei que Elijah acha estranho quando eu mostro o local do rastreador, mas não diz nada.

O corte é feito, o rastreador é retirado e quebrado. Tudo isso aconteceu sem que Gregory tenha falado algo.

— O que é isso? — pergunto, quando vejo um segurança com uma seringa na mão.

— Um sedativo. — Elijah responde. — Gregory não pode ficar nesse estado, Alex.

— Da última vez que um sedativo foi aplicado...

— Você enterrou Jasmine, eu sei, me contaram. Mas, pelo o que eu saiba, ela está viva e muito bem, então, ela não morreu, o sedativo deu certo, não é, Alex?

— Deve ter dado.

Ele sabe o que fez...

— Então pronto. Gregory só vai dormir durante a viagem, nada a mais que isso.

Respiro fundo e deixo que apliquem o sedativo. Minutos depois, Gregory já está caído na cama, desacordado.

— Precisamos sair daqui. — Elijah avisa. — Eles não vão atacar, Luigi não quer esse tipo de morte rápida, ele quer torturar um por um. Mas precisamos sair daqui e ir para um lugar que ele não conhece.

- E que lugar é esse?
- Alex, um lugar que construí há alguns anos, mas que nunca utilizei.
- Então você é daqui...
- Eu sou de muitos lugares, Alex.

(...)

Chegamos à nova casa. Já carreguei Gregory até o quarto e deixei que ele ficasse lá, depois voltei. Agora estou no escritório, junto com Elijah.

— Tem esse complexo aqui. — ele me mostra no mapa. — Esse aqui é só para armas, tem muito armamento pesado. É um dos nossos estoques, da última vez que verifiquei, tem quinze pessoas fazendo a segurança.

— Quem garante que não tem mais? Que Luigi não aumentou o número?

— Fica em outro país, é afastado. — liga o computador, onde vejo a imagem de alguns homens sentados, jogando cartas. — Tenho câmeras de segurança e ainda funcionam. Luigi deve esperar um ataque ao maior complexo, mas também espera no menor. Luigi me treinou, Alex. Ele dizia que quando invadimos um grande local, fica óbvio, mas os inimigos também esperam um ataque menor.

— E esse lugar é?

— Meio termo. Podemos dizer que é de média segurança. Tem mais alguns desse estilo, só que esse lugar fica no meio. Não é tão óbvio.

— Se atacarmos, pegamos as armas e matamos os seguranças? Luigi ainda fica com muita gente ao seu lado...

— Não, Alex. — olha para mim. — Seguranças e nada são iguais. Se matarmos esses, tanto faz, sabemos disso. Mas destruímos o arsenal de Luigi, destruímos seu negócio. Luigi não têm aliados, conseguiu perder muitos e outros não estão tão felizes por tudo o que acontece. Chegar até Luigi é difícil, por isso devemos atacar sua força armada.

— Onde Luigi pode estar?

— Escondido, ele nunca irá para o lugar que conheço. Nunca! Conheço suas táticas muito bem. — senta na cadeira. — Conheço algumas táticas. — suspira alto. — Tem uma pessoa ao lado dele, quero que destruam alguns lugares.

— Que lugares?

— Lojas de roupa, restaurantes, uma metalúrgica...

— Estamos falando de?

— Aneliese Flores Ferrara. — mostra a foto da mulher em um computador. — Não sei onde o marido dela pode estar, mas essa mulher é mais perigosa que o marido. Muito mais perigosa.

— Nunca ouvi falar.

— Claro que não. Quem imagina que a mulher da alta sociedade é amante de Luigi? Quem imagina que sua lavagem de dinheiro não é apenas para a máfia, e sim para Yoshida? Quem vai imaginar que ela olha atentamente cada mulher e traça seu perfil, para ver qual comprador ficará mais satisfeito?

— Então existe uma mulher por trás desse negócio?

— Quando me afastei dos negócios, outras pessoas ficaram próximas. Existe uma mulher chamada Ciara. — ele olha bem para mim. — A irmã dela fez parte dos negócios, juntamente com a família. A irmã de Ciara era a pior pessoa de todas, mas era bem manipuladora. Sabia conquistar a confiança de todos, por isso foi uma das melhores. Contratar mulheres faz parte dos negócios, elas são sedutoras, elas sabem ser sonsas, elas são espertas.

— E onde Ciara entra na história?

Elijah me encara, depois de tudo o que aconteceu, ele sorri.

— Sei que conhece Ciara, você morou com Tom, que, hoje em dia, é casado com a irmã dela. Você deve saber da história.

— Não sei, saí antes da história terminar.

Elijah aponta para a cadeira e eu sento, esperando sua história.

— Ciara era uma garota, eu era um jovem adulto. Nós dois éramos drogados, todas as drogas aceitávamos, não tínhamos distinção. Ela tinha uma vida de merda e eu igualmente. Se eu falar que lembro de ter transado com ela, estarei mentindo, pois não lembro de nada.

— E daí? — pergunto.

— E daí que depois de anos nos reencontramos, eu estava com outro rosto. Drogas chegavam e usávamos. Pronto, eu acordava no dia seguinte e saía do quarto. Eu não poderia ficar por muito tempo, por conta da máscara. Eu saía e nem sei se Ciara lembra essas coisas. Acontece que depois de anos, nos reencontramos...

— Drogas e sexo. — concluo.

— Não, duas meninas. — fecha os olhos. — Duas meninas que batem certo com a data que tudo ocorreu. Benjamin estava por perto, eu pedi para ele

colocar escutas no quarto e... E descobri que as filhas são minhas.

Eu só sei da existência da Valentina, que deve ter o que, quatro anos?

Agora eu acordei, Tom adotou a filha de Yoshida... De Elijah, no caso.

— Nessa conversa, Ciara falava com a irmã. Contou que era uma das vítimas de Yoshida, que Yoshida a quer, que ela conhecerá o sorriso sádico dele.

— Não era você. — concluo. — Nunca é.

— Não era eu. Eu conheci Ciara como Elijah, com outro rosto. Eu sabia do parentesco dela com Sandra, eu pensei que ela fosse do negócio, ainda mais sendo drogada. Algumas vezes eu acordava antes dela, outras vezes eu apenas ia embora e ela nem olhava em minha cara. Depois de um tempo, descobri que ela estava presa, porque ela traiu a família, não liguei, vivi minha vida. Mas o tal Yoshida a estuprou. O tal Yoshida, com certeza, soube do que aconteceu comigo e com Ciara, ele fez de tudo para parecer que a estuprei, ou... — fala mais alto. — Ou a mãe dela e Sandra usaram Yoshida para subir de cargo.

— Como assim?

— Quando eu digo que as mulheres são espertas, eu não minto. Sandra tinha interesse em mim, mas ela só me chamava de Elijah, talvez não soubesse que eu era o Yoshida. Mas elas davam em cima de Luigi, Benjamin e Javier. Como Ciara estava grávida e, possivelmente, não lembrava nada, a família dela usou Yoshida, usou para dizer que Ciara engravidou do chefe de tudo.

— E tem como isso acontecer?

— Luigi gosta de presas sexuais, é sua diversão pessoal. Ciara ficou presa a eles depois disso, pode ser que isso tenha acontecido. Luigi fez de Ciara a sua presa. Luigi odeia criança, me aturou apenas para ter um sucessor, mas ele odeia crianças, ainda mais meninas. Ciara teve duas.

— Então Luigi se passou por você até nisso?

— Quando perguntam quando comecei a desconfiar de Luigi, eu respondo outra coisa, a verdade é que comecei a desconfiar por causa de Ciara. Eu quero conhecer as meninas, só que Luigi achou besteira, seu comportamento foi esquisito, não levei tão a sério. — parece recordar a cena. — Mas fiquei me perguntando como que tinham dois Yoshida, quem seria tão capaz de entrar naqueles lugares e se passar por mim. Quando pedi ajuda a Benjamin, eu queria testa-lo, queria ver se ele é tão traidor como Luigi falou. Luigi não sabe, mas fiz aquele pedido sobre Ciara, era a única pessoa daquela casa que me interessava. Então, Benjamin fez o que pedi.

— Benjamin não é um traidor?

— É, mas não é tão pior quanto Luigi. Quando escutei a conversa, avaliei

tudo a minha frente e vi que o único que poderia fazer tudo aquilo, seria Luigi. Mas não tinha confirmação, depois comecei a investigar ainda mais, conheci Gregory, vi que uma pessoa que deveria conhecer, eu não conheço. Foi isso.

— Por que fala tanto, Elijah? — estudo-o minunciosamente. — Por que me conta tanta coisa?

— Porque preciso de ajuda. Porque fui enganado e não quero isso para mais ninguém.

— Qual o nível da sua tolice?

— O mesmo nível que você, Alex. — ele ri. — O mesmo nível de acreditar em Allan, o mesmo nível de saber que ele bateu em mulher, espancava e você o perdoa.

— Ele é meu irmão e agora sei por que ele fez isso...

— Por que ele viu o vídeo da sua mãe morrendo?

— Como sabe?

Agora é o momento em que eu fico estático com sua informação.

— Eu não liguei para Ciara presa, porque eu recebi um DVD onde mostra Ciara espancando pessoas, eu não liguei para sua "prisão" porque achei que ela era culpada. O mesmo que Allan, que achou Ciara culpada.

— Quem estava nesse DVD, Elijah? Quem?

O medo já começa a tomar conta...

Não pode ser isso. Não pode!

— Pessoas. — levanta da cadeira. — Precisamos pegar Aneliese, precisamos destruir os negócios dela, depois, veremos o que fazer.

— Era a minha mãe nas imagens? — pergunto.

— Alex...

Eu começo a juntar umas peças mentalmente. O seu interesse em mim, sua vontade de me ver perto do seu filho, sua mania de colocar coisas da minha infância, sua confiança cega em mim, a sua vontade de me proteger...

— Você é o pai de Gregory e nem sabia, por isso gosta dele...

— Quem disse que sou?

— Não sou burro, Elijah! — grito. — Eu e Gregory sempre desconfiamos da sua vontade estranha de nos aproximar. Se Luigi quer uma vingança parental, eu não tenho motivos de estar aqui. Você...

— Não deveria ser dessa forma, não deveria ser desse jeito...

— Não mesmo. — olhamos para a porta, onde um Gregory quase caindo aparece. — Era para Samantha estar aqui e era para eu não ter pai.

— Não era para ser assim. — Elijah vai até Gregory, ajudando-o a ficar em pé. — Era para ser de outro modo...

— Você é o nosso pai? — pergunto, temendo a verdade.

— Sim, Alex. — confirma o pior. — Eu sou o seu pai, o de Gregory, Luna, Jesse, Rachel, Valentina, Eliana, Sara, Davi, Israel e Cassandra. Eu sou o pai de todos vocês.

Bônus 12

Cortez olha para o celular, esperando qualquer resposta sobre o Arthur falso que visita Cassandra.

Cortez falou com Pierre, o diretor do presídio. Ele jura que não aceitou a visita de qualquer Arthur, que ninguém visita Cassandra, só que, pelo que Karen falou, a visita ocorreu no mesmo dia em que Pierre saiu para uma reunião, tudo levando a crer que, realmente, Pierre não tem culpa.

Cortez sabe muito bem como guardas se vendem por pouca coisa, liberar uma visita é o mínimo.

Cortez só precisa esperar que Pierre avise algo...

— Eu não aguento mais a Eliana. — Oswald entra na sala e Cortez guarda o celular no bolso. — Ela persiste na história mirabolante de máscaras.

— Cortez, me ajuda a não matar esse imbecil! — Eliana grita, pegando a bolsa e jogando em Oswald.

— Isso é desacato! — Oswald pega a bolsa de Eliana. — E eu não perdoarei...

— Parem os dois! — Cortez grita. — Oswald, você pediu ajuda a Eliana...

— Ela parecia sensata...

— Quer saber? Esquece! — Eliana vai até Oswald e pega a sua bolsa. — Deixe pra lá, Oswald parece que não quer enxergar sobre Junior ser corrupto.

— Olha, ele pode ter sido, mas são evidências mínimas. — Oswald suaviza o tom de voz. — E esse tal Yoshida, conversa de gente doida.

— Deus, você é muito cego!

Nisso Cortez concorda com Eliana.

— Tchau, Eliana! Seu trabalho de psiquiatra não serviu de nada, você é tão doida quanto seus pacientes e o tal Yoshida.

— Mal de família, *policiaizinho* de merda! — Eliana sai da sala, batendo a porta com força.

— Oswald, o que fazer com você? — Cortez encosta a cabeça na mesa. — Só Deus para mostrar verdade para você, um milagre divino, porque o seu próprio grupo acha que Cassandra matou em legítima defesa.

— E eu confiarei em achismos?

Cortez suspira alto.

Faltava tão pouco para Cortez sair da Federal, faltava muito pouco, então entrou a história de Cassandra e ele continuou nesse negócio.

— Boa noite, senhores.

Cortez levanta a cabeça, olhando para o senhor que acabou de entrar na sala.

— Boa noite. — ele e Oswald o cumprimentam.

— Meu nome é Martin, sou do serviço secreto de San Quentin. — o homem se apresenta, apertando a mão de Cortez e de Oswald. — Soube que têm federais na cidade e resolvi conversar um pouco.

— Nosrta Ancoma?

— Yoshida. — Martin responde a Oswald. — Ele é o grande problema. Sei da Cassandra matando o seu parceiro, sinto muito por isso. Sei que odiamos ver um dos nossos morrendo, por isso, vim oferecer minha ajuda.

— Ajuda para? — Oswald pergunta.

— Está cada vez mais difícil pegar Yoshida, e ele é um grande problema. Como Cassandra matou um agente federal...

— O que uma coisa tem a ver com a outra?

— Você pega a Nostra e me ajuda com Yoshida.

Cortez só observa, vendo que uma aliança perigosa pode estar se formando a sua frente.

— O que tem sobre a Nostra? Por que eu aceitaria ajuda de um serviço secreto de um lugar que nunca ouvi falar? — Oswald pergunta, mas já se interessa pelo assunto.

— Porque, Oswald, eu tenho muitas provas contra a Nostra. Alguns deles me ajudaram em troca de liberdade ou relaxamento da pena. — Martin responde. — E eu tenho o nome de muita gente envolvida na máfia.

Cortez tenta controlar a raiva, mas ele sabe que é mais um problema para resolver.

Dessa vez, a Nostra Ancoma, poderá, finalmente, ter problemas com a lei. E não é com a lei do seu país, será a lei de muitos países.

(...)

Luigi olha para a ruiva nua na sua cama. Aneliese sorri, mostrando toda a

sensualidade capaz de enganar homens e mulheres.

— Isso não dá certo, Aneliese. — Luigi fala, vestindo a camisa. — Eu que mandei ser sedutora.

— Ah, o que tem? Eu gosto de ser assim, principalmente com você. — Aneliese senta na cama, cruzando as pernas, deixando-as um pouco abertas.

— Ane, isso não vai me distrair. Nenhuma mulher me distrai.

Entediada com esse tratamento, Aneliese pega o lençol e cobre o corpo.

— O que foi, Luigi? — pergunta. — Eu já disse o que pode fazer. Elijah já terminou com alguns dos principais complexos, por que se irritar a toa?

— Aneliese, por favor! — Luigi senta na poltrona e bebe a vodca, diretamente da garrafa. — Deixe que eu faço o que quero. Quem manda aqui?

— Você. — Aneliese faz a sua melhor voz sedutora, mas ganha apenas um muxoxo de Luigi. — O que foi?

— Elijah é muito burro. — Luigi ri, mesmo estando irritado. — Criei a criança para ser como eu e se tornou um burro! Nem lembra os meus ensinamentos.

— Qual deles?

— Nunca ataque o lugar mais precioso, nunca o maior lugar. — Luigi balança a cabeça, inconformado com a burrice de Elijah. — Ele atacou um dos melhores lugares. Ele quer ser grandioso, não silencioso. Vai se ferrar rápido. Seu outro ataque será tão grandioso quanto. Homem burro.

— E o que fará?

— Deixe-o pensar que vence, depois, eu dou as cartadas. Matar a menina foi ótimo. Elijah está com Gregory, o moleque salvou as criancinhas e deve sofrer agora. Deveria ser o bebê, assim seria o sofrimento direto de Alex e Elijah, mas matar a menina deve ter surtido algum efeito.

Luigi sorri, deleitando-se com a imagem da morte da menina, apesar de Rafael ter atirado no seu segurança. *Outro treinado para matar, parece que conseguiu matar um homem.* O outro segurança que filmou conseguiu fugir.

— E o que fará agora?

— Esperar, vamos por partes, Aneliese.

— Não acredito que deixará Elijah atacar.

Luigi olha para a mulher, sentindo toda a raiva no momento.

— Primeiro que se não fosse por você, não estaríamos nisso. Elijah ainda seria minha marionete.

— O que eu fiz?

— O que fez? — Luigi ri. — Não controlou sua filha. Pensei que anos ao meu lado, teria aprendido como se faz.

— Luigi, nem você controlou os seus. Marco, Elijah e Giovanni.

— Primeiro, você que falou muito alto sobre Giovanni não ser filho de Elijah.

— Luigi, eu não imaginei que Giovanni estava naquela casa...

— Aneliese. — Luigi fala o nome com raiva. — Você sabia forçou um casamento de Cassandra com Giovanni, colocou a Nostra no assunto. Depois foi a minha casa e discutiu, dizendo que deveria casar Cassandra logo, porque Elijah poderia descobrir a verdade sobre Giovanni e Cassandra. Então, Giovanni escutou e descobriu que não tem direito a herança, aos negócios.

— Então o seu filho achou que seria bom estuprar Cassandra, porque ela é filha de Elijah, assim ele continuaria a frente dos negócios. — Aneliese acusa Luigi, mudando o foco da discussão. — Cassandra negou o casamento por causa daquilo. Quem ensinou a estuprar? Quem ensinou a tomar mulheres à força?

— Quem perdeu tempo criando uma submissa e não uma aliada? Você, Aneliese.

— Seria a esposa perfeita, Luigi! Você que pediu. Você criou Giovanni ao seu modo, sem Elijah saber, já que o moleque gostava mais de você que de Elijah. Eu cuidava de Cassandra para ela não ser uma intrometida nos assuntos.

— E ela se tornou uma aliada dos *herdeirinhos* da Nostra, grande merda você fez com seus filhos, Aneliese.

— Eu sou a culpada? Jean não está com eles porque quero.

— Titio Arthur atrapalhou tudo. — Luigi zomba. — Titio Arthur sentia pena do sobrinho e o tirava da cadeia. Aneliese, eu e seu maridinho fizemos de tudo para Jean ser como Giovanni, mas Arthur sempre atrapalhou tudo. E você, o que fez? Deixava que o tio atrapalhasse a história.

— Nem vem, Luigi. Você sabe que Arthur e Francesco são da Nostra, ele entregaria meu marido e me levaria junto, assim, ferraria conosco e tirava o dele da história. Tanto que você mandou dar a guarda de Cassie a ele.

— Eu mandei sair da história, não dar a guarda.

— Foi isso o que Giovanni contou quando me viu, que era para passar a guarda.

— Giovanni enlouqueceu depois de saber que não tem direito a nada.

— Mal sabe ele que é filho de Luigi. — Aneliese ri. — E o idiota pensando que não ganharia nada.

— É, Aneliese, só que sua merda prejudicou minha vida.

— Ainda nisso?

— Sim, ainda nisso. Giovani agiu de modo estranho, Cassandra está presa, Elijah estava disposto a mata-la, só que ele descobriu o que o filho se tornou. Ele pensava que Giovani tivesse uma bondade dentro dele. — Luigi faz uma voz fina, debochando com Elijah. — Quando descobriu que não, ficou louco. Elijah já deveria ter algumas peças a sua frente, juntou todas e viu a verdade.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Você transou com Elijah. Elijah sabe quem é filho dele, coisa que escondi há anos. Ele deve ter feito exame de DNA em todos, ele deve ter se aproximado de todos sem que eles percebessem, assim, ele viu que Giovani não é filho dele. Elijah pode ter juntado as peças e viu que Giovani queria casar com Cassandra e que ele estava com você e Francesco, ou seja, Cassandra é importante para algo, fez as contas da idade e percebeu que transou com você. Olha só, o idiota acordou para a vida!

— Porque você fez muita merda, Luigi. Eu sempre disse que esconder filhos não daria certo. Que esconder e trazê-los de volta daria errado algum dia. E deu errado.

— Vamos parar de colocar a culpa um no outro. — Luigi fala, sabendo que o erro foi dele. — Vamos apenas pensar no que fazer. Francesco deve ter sido pego.

— Ele vai nos entregar.

— Que seja, já sabem sobre nós dois.

— Francesco não sabe sobre Elijah. Não acha melhor falarmos logo quem Elijah é?

— Eles matam Elijah e o que farei?

— Volta aos negócios? — Aneliese fala o óbvio.

— Não, Ane, não mesmo! Eu cuidei daquele menino, fiz de tudo para ele crescer na vida e ele me apunhala sem pensar duas vezes, sem nem ao menos investigar se sou culpado ou não...

— Você é culpado!

— E daí? — grita. — Se ele ama um povo que nunca viu na vida, como pode esquecer quem ficou ao lado dele a vida inteira?

— Exatamente por isso, Luigi. Sempre foi você, apenas você. Elijah nunca teve a quem se apegar, fixou em você e ficou cego, viveu para te agradar. Ele acordou para a vida porque tem gente que ele pode amar por aí. Gente que ele ama e sofreu, ou ainda sofre...

— Está sentimental?

— Estou falando a verdade, eu sempre alertei sobre o perigo desses sequestros e treinamentos. Essa sua vontade absurda de ter pessoas como você por aí, a necessidade de ter um sucessor sendo sua cópia fiel.

— De qualquer modo, não falarei quem é Elijah, se não eles matam e minha diversão termina. — interrompe Aneliese. — Eu quero acabar aos poucos, matar cada filho, cada namorada do filho, o filho dos filhos e por aí vai. Será uma vingança assim. Não era isso o que queria, nunca foi. Benjamin queria a Nostra, eu queria a Nostra pelo dinheiro, agora eu quero apenas me vingar de Elijah. Eu fiz muito por ele e agora ele quer me destruir.

Luigi ri.

— Qual a graça?

— Ane, Elijah é burro. — Luigi morde o lábio. — Ele nunca foi de prestar atenção em reunião nem nas aulas, ele não é estratégico. Ele só tem força, mas não tem qualquer poder de estratégia. Será bem divertido, agora sim estou animado para a batalha.

Capítulo 33

Alex

Essa é a pior notícia que eu poderia ter.

Seguro na cadeira, somente para me dar apoio e eu não cair para trás.

— Meu pai. — sussurro. — Eu sou o filho de Yoshida.

— De Elijah. — olho para ele. — Yoshida tem muito mito que nem eu sabia, que nunca participei.

— Mesmo assim...

— Eu só queria morrer. — olho para Gregory. — Era para a Sam ficar e eu ir em seu lugar...

— Não fale assim, Gregory. — Elijah se ajoelha, segurando a mão de Gregory.

Agora Gregory é... *Meu irmão.*

— Não! — coloco as mãos na cabeça. — Isso não pode ser real.

— É real, Alex. Fiz os exames.

Ignoro suas palavras e lembro que na lista de filhos dada por Elijah, não consta o nome do meu irmão, Allan.

— E o Allan? — olho para Elijah.

— Espero que não seja nada meu.

— Mas somos gêmeos.

— Giordana nos enganou.

— Todo mundo foi enganado. — Gregory ri. — Eu não tinha nenhum laço sanguíneo e agora tenho um time de futebol; Alex tinha um gêmeo e agora não tem mais. Eu só queria morrer!

— Gregory, para com isso! — Elijah grita.

— Não grita! — quando Gregory levanta, ele quase tomba para trás. Levanto-me rapidamente e o ajudo, assim como Elijah, mas Gregory o empurra. — Não vai virar o pai que acha que manda em mim, vivi sem você por anos.

— E não foi culpa minha. — Elijah diminui o tom de voz. — Não foi. Gregory. Eu conheci você há alguns meses, por acaso. Uma vez você estava na rua, eu falei com você, conversamos e vi que eu tinha um filho por aí, que nunca soube. Depois soube que era de um dos complexos, fiquei mais louco ainda, porque te colocaram no negócio para ser como eu.

— Ser como você? — perguntamos em uníssono.

— Sim. Eu fui treinado da mesma maneira, as surras, punições, tudo igual. Gregory deve ter sido sequestrado para ser treinado. Eu não sou um bom líder! — Elijah grita. — Nunca fui! Eu fui usado como um laranja, aquela pessoa que coloca o nome no negócio, mas não participa dele, deixa tudo na mão de outras. — volta a falar baixo. — E isso aconteceu, eles precisavam me tirar da jogada e treinariam um filho meu para isso.

— Não era mais fácil ter treinado alguém interessado no assunto?

— Não, Gregory. Eu fui treinado porque seria o único parente vivo de Luigi. Luigi jamais faria tanto, ganharia tanto dinheiro, para deixar na mão de outra família, nunca! Ele queria deixar sua herança genética por aqui, queria saber que o negócio continuou sendo da "família". Ele usou você, Gregory. Luigi treinou você desde pequeno. Os outros filhos seriam mais difícil, porque eu os conheço, eles tiveram a infância mais normal. Mas eu e você, Gregory? Nós dois não.

Fecho os olhos, tentando processar tudo o que acontece e tentando não surtar em saber sobre esse parentesco.

Parentesco muito próximo.

Eu sou filho do Elijah, aquele que tentei destruir.

— E você, Alex. — Elijah olha para mim. — Você é filho da Giordana, que eu desconhecia. Conheci você quando fui procurar por Luigi, você estava lá, com um olhar distante, sendo que deveria vigiar. Perguntei quem era o garoto distraído e me responderam "Alex Castillo". Não levei tão em consideração e fui atrás de Luigi, ele não estava lá. Voltei mais três vezes atrás dele e eu sempre vi você distraído, então, pedi sua identificação...

— Foi você? — ele confirma.

Eu lembro disso, um homem pediu minha identidade. Eu achei estranho, mas dei. Ele apenas tirou uma foto e me entregou depois.

— Eu queria descobrir a sua vida, saber por que uma pessoa tão distraída era um segurança. Mas quando vi o nome "Giordana Castillo" como a mãe, eu sabia que deveria ser o filho dela. Comecei a investigar e descobri que você tem um irmão gêmeo, as idades não batiam com a época que conheci sua mãe, mesmo assim, eu insisti, aquilo era muito para a minha cabeça.

— O que era muito para a sua cabeça?

— Ter o filho de Giordana naquela situação, no complexo. Eu queria entender como foi parar ali, mas não tenho tantas informações, apenas sobre Allan e suas confusões. Quando vi a foto de Allan, achei muito esquisito. Vocês são opostos, Alex...

— Nem todo gêmeo é parecido. — falo, sabendo que é em vão, porque cresci com todos falando: "Vocês não podem ser gêmeos, não parecem em nada".

— Um com a pele mais bronzada, outro é branco feito um papel. Um tem cabelo castanho, o outro bem preto. Um tem olhos azuis, o outro castanho escuro. Um é de estatura magra, o outro é mais forte...

— Isso fez com que desconfiasse? — pergunto.

— Vocês não parecem em nada, achei estranho e devido a tudo o que aconteceu na minha vida, pensei que a Giordana fez isso para preservar a sua vida.

— Para me preservar de você?

— Vamos por partes, Alex. É melhor sentarem.

Eu e Gregory sentamos lado a lado, só que ele parece estar aéreo.

— Eu conheci a Giordana por acaso, ela me tratou muito bem. Bem até demais.

— O que significa?

— Depois que eu descobri uma parte da história, vi que nosso primeiro encontro, não foi por acaso. Giordana me tratou muito bem, ela sabia até o que eu gostava de beber, de comer. Não que ela falasse "Elijah, você gosta de tal coisa", ela apenas pedia aquilo que eu gostava e eu ficava com cara de: "Como você parece comigo".

— Minha mãe gostava de agradar, ela sempre pesquisava a vida dos amantes ou do futuro namorado. — lembro que um traficante foi a sua procura, na casa onde morei, minha mãe fez um banquete, várias comidas que nunca ouvi falar, então, depois de tudo, ela comentou com Allan que deveria agrada-lo, que sua pesquisa deu certo e ele poderia ser o novo "patrocinador".

Eu lembro muita coisa da minha mãe depois que saímos de El Salvador, eu já estava um pouco maior. Lembro dela ser uma boa mãe, mas péssima vizinha, péssima amiga...

— Giordana me deu aquilo que eu precisava. — volta a falar. — Me deu um alívio, a sensação de paz depois de tudo. Ela parecia à mulher perfeita, só que eu sempre tive que viajar. Uma época eu demorei muito para voltar, quando retornei, Giordana parecia fugir. Eu pensei que ela já soubesse o que eu fazia e ficou com medo, então, tentei reconquistá-la, consegui, mas tive que retornar. Um tempinho depois, quando voltei, ela estava com um bebê em uma casa. Eu demorei a encontrá-la, quando encontrei, lá estava ela, chorando, com um bebê nos braços. Perguntei o que era e ela surtou. Começou a falar em espanhol, na época eu não sabia o idioma, ela falou tudo tão rápido, ela estava surtando.

Começou a apertar o bebê nos braços, o bebê começou a chorar, foi uma confusão. Depois ela falou minha língua e dizia "Eu vou morrer tentando, mas meu filho não ficará com você, você será um péssimo pai".

— Era eu? — pergunto.

— Não. Eu não poderia fazer as contas tão bem assim, o bebê não foi registrado e Giordana estava surtando, não falava nada corretamente. Eu apenas levei o bebê comigo, mas quando voltei ao hospital, Giordana tinha ido embora. A enfermeira falou que um homem chegou e a levou. Tentei encontra-la, mas nunca achei. O bebê ficou comigo, Giordana nunca retornou para encontra-lo. — olha diretamente em meus olhos. — Ele é o Giovanni.

Agora sim eu posso enlouquecer.

Para piorar tudo, eu sou irmão do cara que tentou estuprar Cassandra, de um cara que todos odeiam...

— Pela sua cara, posso dizer que conhece a fama de Giovanni. — Elijah suspira. — Criei como um filho, mas não sei se já mencionei que eu tive que separa-los, assim como escondi algumas pessoas. — não falo nada, apenas tento absorver tantas informações. — Eu escondi alguns filhos e suas mães, por causa de alguns assassinatos que aconteceram. Só que Giovanni, acabou indo muito para o lado de Luigi. Giovanni parecia ser um bom filho, depois ele começou a me ignorar.

— Tem algum tipo de importância? — pergunto, querendo sair mais rapidamente dessa conversa.

— Resumindo, Giovanni ficou muito próximo ao meu tio, agora entendo, Luigi é o responsável por todas as desgraças da minha vida, ele tentou levar mais um filho para o lado dele. Luigi tentou com você, com Gregory e com Giovanni, só não sei se tentou com os outros. Acontece que quando te vi, Alex, eu pesquisei a fundo a história. Sua idade não batia com a época que conheci sua mãe, mas a sua diferença com Allan é gritante. Como eu sempre ia e vinha dos lugares, eu passava tempos fora, então, pedi exatamente para o Luigi ser o responsável pelos exames de DNA.

— Que deram falsos. — concluo.

— Exatamente. Mas você lembra a sua mãe, parece muito com ela, desenvolvi uma certa ligação com você. Evitei ao máximo isso, não queria ficar ligado a alguém que não tem nada a ver comigo, mas eu ainda queria conhece-lo melhor. Fiz mais exames, até que, um dia, resolvi fazer por conta própria. Guardei seu fio de cabelo. Quando viajei, dei uma pausa no que estava fazendo e fui a um laboratório. Então deu positivo, você é meu filho.

— E Allan?

— Espero, sinceramente, que não seja nada meu, porque se ele tiver se envolvido com Luna e for meu filho. — estremece. — Temos um incesto na família.

Isso só piora.

Uma pontada em minha cabeça ao lembrar que Luna está grávida.

— Mas, como disse, são gêmeos muito diferentes, acredito mais que sua mãe mentiu sobre isso para proteger você. Tentou fazer o mesmo com Giovanni e não deu certo, ela surtou e eu levei o bebê, que é filho de Luigi.

— E como sabe disso?

— Quando descobri sobre você ser meu filho, eu achei os pais adotivos de Giovanni, os da Nostra, no caso. Eu encontrei a casa de Giovanni e, depois, matei a família dele. Quando isso aconteceu, Giovanni não estava em casa, eu fui até lá, peguei uma escova de cabelo, peguei os fios e fiz o exame. Deu negativo, não sou o pai dele. Pode ser fio de cabelo de outra pessoa, mas o fio de cabelo é idêntico ao dele. E como Giovanni viveu muito próximo a Luigi, penso que são pai e filho.

— Minha mãe transou com você e com Luigi?

— Penso que ela transou com dois Yoshida. Mudança de humor, Alex. Você e Gregory sabem disso, por isso Giordana teve um surto...

— Por isso ela fugiu. — coloco a mão em meu rosto, esfregando meus olhos. — Eu não aguento mais essa história.

Levanto da cadeira.

— Não sou eu que você deve odiar, Alex! — Elijah segura a minha mão, me impedindo de sair. — Se eu conhecesse você antes, nada disso teria acontecido.

— Eu seria mais uma marionete, Elijah!

— Jesse não é, nenhum dos meus outros filhos são, apenas Giovanni que ficou próximo a Luigi por querer. Giovanni deve até saber a verdade, por isso se uniu a Luigi. Mas eu protegeria você e Gregory...

— Eu não quero mais escutar. — interrompo-o. — Minha cabeça vai explodir com tanta informação.

— Eu contaria quando confiassem em mim. — Elijah sussurra. — Teria sido melhor, assim, não pareceria que são filhos de um monstro.

— Por isso ficou zombando de Tyler? — lembro seu tom de voz falando sobre Tyler.

— Porque eu sabia que é mais fácil aceitar que alguém como Tyler como

pai, do que eu. Eu não odeio Tyler, longe disso. — coloca as duas mãos para frente. — Mas ele mata pessoas, trafica e tudo mais, e ainda abandonou você e o Allan, mas ele merece respeito. Eu não sabia da sua existência, quando soube, trouxe você para o meu lado, para proteger, eu não mereço qualquer respeito? Nenhum olhar menos acusatório e sem pavor? Eu não mereço um pouquinho daquilo que Tyler tem?

Eu não posso olhar para o seu rosto de cachorro abandonado.

Não hoje.

Ajudo Gregory a levantar da cadeira e saímos do escritório. Percorremos o caminho até o quarto com os olhares dos seguranças em nós dois, mas uma mulher com um bebê no colo aparece a nossa frente.

— Olá. — ela sorri. — Meu nome é Ludmila, essa é a Bianca.

— Você é outra filha de Elijah? — Gregory pergunta. — E eu achando que o cara fosse gay, mas não, ele está mesmo é afim de procriar e povoar esse mundo. — a amargura em sua voz é evidente.

A mulher ri.

— Uau! Como alguém achou que Elijah é gay? — faz uma careta. — Não sou filha, sou a mãe de Israel e Davi.

Eu e Gregory olhamos para a mulher do mesmo modo.

— É, eu não sou tão velha para ter filhos como Israel e Davi, mas fui tão enganada quanto vocês.

— Tem alguém que não foi enganado nessa história? — pergunto.

— Meus dois filhos. — sorri. — Minha mãe fazia parte dos negócios, assim como Elijah, tive minha vida escondida de todos. Quando o conheci, eu tinha quatorze anos, mas na identidade eu tinha dezenove. Eu não parecia nova, então, minha mãe me forçou a entrar na história. Eu sabia de tudo, sabia de Yoshida e tudo mais, mas o que faria? Não tinha como fugir. Engravidei, só que quando eu engravidei, minha mãe morreu.

— Um clássico. — murmuro.

— Não desse jeito que está pensando. Ela era dos negócios e era uma das que traçavam o perfil das mulheres para serem vendidas, por isso ela me colocou na vida Elijah. Minha mãe fez nossos perfis e chegou a conclusão que eu sou uma menina calma e Elijah agitado, eu poderia ser a paz que poderia acalma-lo. Entretanto, uma das reféns estava com um caco de vidro nas mãos, quando minha mãe foi vendê-la, essa mulher enfiou o vidro na jugular. Minha mãe sangrou até a morte.

— E Elijah?

— Ele achou que fosse mais uma das mulheres que morrem porque ele ama, no caso, minha mãe foi à vítima porque eu estava com ele. Nosso relacionamento era secreto, por isso Elijah não sabia como aquilo havia sido descoberto. Elijah foi lá e me levou para longe, para me proteger. Só que, ao que tudo indica, minha mãe foi morta por uma refém, não por alguém que quer destruir Elijah.

— E o caco de vidro na mão dela? — Gregory pergunta.

— Não eram tão ligados a segurança na época. Uma janela de vidro estava quebrada e a mão da mulher estava ferida, ela que fez tudo aquilo, ao que tudo indica. O caso é que Elijah me escondeu junto aos nossos filhos, vocês são as primeiras pessoas que sabem de Israel e Davi. — beija a cabeça do bebê. — Elijah nos deu uma vida.

— Por isso os dois não foram obrigados a nada. — concluo.

— Sim, eu pude criar os meninos do meu modo, sem ter dois Yoshida por perto, sem Luigi, Benjamin ou Javier saber. Porque, para eles, eu nem existia, minha mãe armou tudo pelas costas, para eu ter um herdeiro dos negócios. Então, nunca procuraram por mim. Diferente da mãe de vocês. Elas eram pessoas comuns, com casas, com vidas para serem pesquisadas. Luigi deve ter encontrado cada uma delas e...

— E como nunca acharam você? — questiono.

— Eu era uma invisível, Alex. Assim como Eliana, uma das filhas de Elijah. Nunca nos metemos no caminho de ninguém, apenas vivemos nossas vidas. Elijah nos protegeu ainda mais, pois ele teve essa chance.

— Ele é bom?

— Não. — ri. — Mas nada diferente do homem que você chama de pai. Alex e Gregory, eu vi Elijah sofrendo por vocês, ele ama vocês. Não acreditarão em mim, mas dê uma chance a ele. Eu o conheço e estou aqui. Meus filhos o conhecem e também estão aqui.

Eu apenas olho para a mulher sorrindo a minha frente.

— Olha a Bianca. — ela mostra o bebê. — Pega no colo.

— Não quero. — nego imediatamente.

— Ah, pega! — insiste. — Ela pode melhorar um pouquinho a tristeza em seu coração. As crianças estão dormindo. Demos um calmante para próprio para a idade delas, não se preocupem.

— Ah. — Gregory vai para cair. — Eu não quero pensar nisso.

Aperto Gregory ainda mais.

— Sinto muito, Gregory. — Ludmila fala. — Mas Luigi vai pagar por

tudo o que fez.

Gregory sai de perto de mim e pega o bebê dos braços de Ludmila, mas como ele está fraco, eu pego o bebê das suas mãos.

— Vamos. — levo Gregory até o sofá e ele senta.

Coloco o bebê no meu colo e ela mexe um pouco as mãos e faz uns barulhos estranhos.

— É assim. — Gregory me ensina a segurar. — Christine ensinou, e olha que ela é uma criança.

— Nunca peguei um bebê na vida. Eu acho que vou derrubar. É uma pequena coisa mole.

— Não vai. — Ludmila senta ao meu lado. — Oi, Bianca. Esse é o Alex. — o bebê sorri ao escutar a voz de Ludmila. — Ela não tem um sorriso lindo?

Ludmila olha para mim.

— É. — concordo. — Meio babado...

— É assim mesmo. — Ludmila sorri ainda mais. — Ela quer tocar seu rosto.

O bebê começa a esticar a mão e eu abaixo a minha cabeça, onde ela toca o meu rosto e depois aperta, puxando um pouco a minha barba.

— Oh, ok! — me afasto. — Puxar não é legal, menininha.

Bianca sorri ainda mais.

— Não puxa a barba, Bianca. — Ludmila faz uma voz infantil. — Não puxa, meu amor. Tem que fazer carinho, assim ó. — ela pega a mão do bebê e coloca em meu rosto, acariciando. — Assim que faz. Tá gostando? — o bebê ri. — A barba dele faz cocegas?

O bebê começa a rir e eu sorrio para ela.

— Eu disse que o bebê faria sorrir. — olho para Ludmila. — Ela é boa em nos fazer sorrir.

— Parece que estava certa. — olho para Gregory, que permanece quieto. — Ei...

— Oi, irmão. — dá de ombros. — Bem que gostamos um do outro e eu confiei em você...

— Eu deveria ter falado do rastreador...

— Ei, deveríamos ter feito tanta coisa e não fizemos. Eu escutei sua conversa, só não estava com animo para falar algo. Mas a culpa não é sua, é apenas de Luigi que matou uma criança para nos atingir. Ficar se culpando não adianta. Eu só preciso ter forças para falar com as crianças e para enterrar

Samantha.

— Onde Samantha está? — pergunto a Ludmila.

— Lá embaixo. — sussurra. — Não precisam ver.

— Muito feio? — Gregory pergunta, com a voz tremula. — Não foi apenas um tiro...

— Foi. — só responde isso.

— Foi uma arma com calibre maior? — Gregory fecha os olhos e vejo suas lágrimas caindo. — Fez um buraco maior...

— Gregory, não pense, sério. — Ludmila segura a sua mão. — Não pensa nisso, não foca...

— Não focarei. — respira fundo. — Focarei em acabar com Luigi, apenas nisso. Eu me vingarei pela morte de Samantha.

— Estamos nessa com você, Gregory. — olho para Israel e Davi, o primeiro está falando. — Por isso nosso pai colocou nós dois nessa história, para ficarmos juntos. É uma vingança em conjunto, Alex e Gregory. E devemos permanecer juntos para terminar com isso. E, devo dizer, se um sair disso, fica mais fácil para Luigi pegar, se permanecermos juntos, seremos mais fortes. É o único jeito de terminar com isso.

Capítulo 34

Karen

Anteriormente

Sento no sofá, vendo a discussão entre Amanda e Jesse. Não tenho nada para fazer, o que é bem estressante. Não tenho nem o que procurar... Nada! Agora mesmo decidimos, em conjunto, que o pai de Jean morrerá.

Ninguém mais aguenta aqueles sorrisos vitoriosos, ninguém aguenta mais pensar que ele sabe e não contará nada. *Ninguém mais aguenta o Francesco!*

— Facadas. — Jean decide. — Facadas na barriga, ele morrerá aos poucos.

— Ok. — Amanda concorda. — É bizarro discutir como matar, ainda mais eu, que tenho apenas dezesseis anos e sou uma jovem menina.

— Jovem menina da treta. — Jesse fala mais alto. — Sabemos muito bem que gosta disso.

— Está no sangue. Filha de Brittany e Alejandro e neta de Juan Herrera, claro que ser sanguinária está em meu sangue.

— Ah, então a morte será hoje? — Drew pergunta. — E Fernando e a máfia? Francesco era do lado deles, eles podem querer uma vingança mais pessoal, não?

— Mais pessoal do que eu e meu pai? — Jean balança a cabeça. — Duvido!

— Realmente, se for pensar assim, Jean tem mais motivo para se vingar. — concordo, mas penso um pouco mais. — Entretanto, como quero ser justa, devemos pensar que foi meu pai, que ainda é da Nostra, que nos ajudou a trazer Francesco até aqui, então...

— Então devemos algo a eles. — Jean me entende. — Então, chame seu pai para uma reunião, porque ninguém mais aguenta o Francesco!

(...)

— Eu odeio pensar que não sei o que pensar. — olho para Guerrero. — Eu me sinto tão impotente nesse momento.

Ele senta na poltrona, exausto.

— Você está tão diferente. — faço minha observação. — Seu cabelo, barba...

Marisa mencionou que Guerrero está muito focado em tudo, e nem um pouco focado nele mesmo.

— Eu não tenho paciência para viver, eu odeio tanto tudo o que acontece. — esfrega a testa. — Eu odiava Orlando no comando, mas era melhor ele do que eu. Eu ficava apenas ao seu lado, mandando, mas ninguém me procurava, agora não, eu sou procurado por tudo.

— É isso o que essa gangue é. — sento a sua frente. — Vocês ajudam as pessoas como um meio de calar a boca de todas...

— E isso é horrível! Meu pai começou com toda essa corrupção, agora eu tenho que fazer tudo em seu lugar. Tem gente que pede médico, remédio, cesta básica. Agora além de me preocupar com Cassie, com prisioneiros, com inimigos, com Orlando sendo um fugitivo, eu ainda tenho que me preocupar com essas pessoas pedindo coisas.

— Marisa...

— Ela ajuda, mas é muita coisa, ela ainda tem que se manter distante, continua com a pose de boa dama, viúva de um ex-governador. — suspira alto. — Eu nunca quis essa coisa, é uma responsabilidade que nunca imaginei ter, por isso usei Orlando, porque iam a procura dele, não da minha.

— Sinto muito. Pelo menos com relação à Cassie, eu juro que ajudarei. Estou pensando em diversos modos para a fuga dela.

— Já descartamos tantos planos.

— Sim, mas tem um modo que pensei e, com a ajuda de Jesse, descobri algo importante.

— O que de tão importante?

— Eu estava pensando há um bom tempo nisso, sobre a coleta de lixo da penitenciária. — Guerrero inclina o corpo para frente, prestando atenção nas minhas palavras. — Jesse conseguiu invadir o sistema de lá, vimos alguns dos empregados e um deles, é irmão de um tal Wagner, que é aqui de West.

— Como sabem?

— Dulce investigou. O sobrenome é "Orleans Jimenez", Dulce reconheceu o sobrenome...

— Wagner Orleans Jimenez, ele está ao lado de Alejandro, me ajudando.

— Exatamente. Por isso Dulce reconheceu o sobrenome quando leu a lista dos empregados. Então, se esse irmão for "legal", pode ser que ajude...

— Wagner nunca comentou nada assim, sobre seu irmão trabalhar na coleta de lixo da penitenciária.

— Wagner sabe da fuga de Cassie?

— É, realmente, ele não sabe, não poderia dar esse tipo de sugestão.

— Bem, pelo menos, uma base eu encontrei, falta apenas desenvolver a fuga.

— Obrigado, Karen. — ele aperta a minha mão. — Eu não conseguiria pensar se não fosse você.

— Eu que agradeço, sua família tem sido ótima comigo.

— Fazemos isso com quem gostamos.

— Cassie deve estar feliz em saber o que você faz por ela, que não a abandonou.

— Nunca! Eu... É apenas estranho. Eu tive namoradas, mas nada como Cassie, e eu nunca a pedi em namoro, nunca tivemos nada por dias, foi tudo rápido, mas intenso.

— Vai por mim, eu entendo. É apenas inexplicável.

Uma batida na porta nos faz ficar em silêncio, um segurança avisa que Katherine e Gabriel estão do lado de fora, nos esperando.

— Você pode ir. — Guerrero fala. — Não estou muito afim de sair, ainda mais com Fernando.

— Não terá nenhuma...

— Karen, eu não quero me aliar à máfia e a gangues, prefiro me manter neutro nessa história. Eu quero salvar Cassie, não me aliar a ninguém.

— Por causa da Sangre?

— Eles mataram muitos dos nossos e nós matamos muitos dos deles. Não apagaremos nada disso, apenas lutaremos cada um do nosso modo.

— Vai por mim, Guerrero, eu entendo muito bem o que você quer dizer.

Sorrio para ele e saio do seu escritório e vou até uma área mais reservada, já encontrando Katherine e Gabriel.

— Quem está ficando mais velha hoje? — Gabriel anda em minha direção e me abraça. — Parabéns, irmãzinha. Agora tem dezesseis anos e já pode ser presa, cuidado.

— Ah, idiota! — abraço de volta. — Obrigada.

— Eu tenho um *troço* para te dar. — ele pega a mochila que está nas costas e abre. — Aqui.

Pego a caixa da sua mão e abro, encontrando uma arma... *Uma arma!*

— Olha só, é uma arma! — ele bate palmas.

— Obrigada. — agradeço e o abraço mais uma vez.

— Não é só uma arma, é "a arma".

— Ela mata mais que as outras? — brinco.

— Não. Ela era do meu pai, que passou a ser minha, agora é sua.

— Mas é sua...

— Por isso posso dar a quem eu quiser.

— Mas...

— Karen, você sabe que eu sempre quis essa arma, é quase como um prêmio, mostrando que meu pai acredita em mim. Ok, eu ganhei a arma, mas agora eu quero dar a você porque ela tem o mesmo significado. Eu acredito em você.

— Você já me deu uma arma. — sorrio, tentando não chorar no momento.

— Para se defender, essa é para mostrar respeito. Apenas aceite que eu sou um merda nas palavras. Fale "obrigada" e encerraremos isso aqui.

— Sempre delicado nas palavras.

— Eu não sou bom com "parabéns". Mas parabéns, mesmo assim.

— Obrigada pela felicitação e pelo presente, ficará bem guardada. — sorrimos um para o outro e eu olho para Kat. — Olá.

— Olá, pessoa que me abandonou. — ela sorri, de modo irônico. — Vejo que tem novas amiguinhas...

— Ciúmes sempre sendo algo lindo. — olho para Amanda, que está sentada no sofá, comendo um pedaço de bolo. — Aceita que Karen também me ama.

— Ainda arranja uma amiga debochada.

— Aceita que Karen também me ama. — Amanda repete. — Ela te ama, Katherine, mas você foi uma merda completa com a garota.

— Como é que é?

Eu corro até Amanda e Kat, ficando no meio das duas.

— Como é o que, Katherine? Sei da sua fama de louca, mas daí abandonar a sua amiga? A sua melhor amiga? Ah, faça-me o favor. Cansei desse endeusamento com a senhorita aí.

— Endeusamento? Agora você tem inveja? — Katherine começa a gritar.
— Quem é você, Amanda? Nunca fez nada...

— Endeusamento sim! Todo mundo acha que você manda em algo, mas em que você manda? Nada! Não sabe atacar, não sabe nada! Eu cansei de ir à casa da minha mãe e ver você com nariz empinado dando ordem, achando que é a gangster do ano! Sendo que você conseguiu tudo, porque pessoas se ferraram ou te ajudaram.

— Karen, você também pensa isso de mim? — Katherine olha para mim, ignorando Amanda por completo.

— É o que todos pensam. Katherine, eu e você nos achamos melhor que os outros...

— Mas nós conseguimos mais...

— Não é sobre conseguir mais, é sobre conseguir. — respiro fundo. — Eu não quero repetir esse assunto. Mas sobre nossa amizade, ela ainda existe, mas não como antes.

— O que eu te fiz?

— Ou ela é burra ou ela é sonsa. — Amanda fala, encarando Katherine com mais raiva. — Sério, eu guardei um monte de coisa para falar agora, mas vou falar e nem me atrapalhem. Essa menina aí, diva gangster de sei lá o que, se acha a melhor, a serial killer mais perigosa do momento, mas o que a bela senhorita fez até agora?

Katherine não responde.

— Nada! Você pensa em conjunto...

— Não, uma vez Giovani tentou me pegar e eu escapei...

— Quantas vezes Karen não te ajudou? Quantas?

— Muitas.

— E como você esquece de Karen? Como você apenas faz tudo pelas costas dela e só lembra quando precisa? Como você manda o amor da menina usar uma bomba que pode mata-lo?

— Mas Alex concordou...

— E daí? — pergunto, resolvendo me intrometer no assunto — Você praticamente forçou a situação, nunca pensou em mim. E se fosse o Gabriel no lugar do Alex?

— Mas essa era a única chance... Espera, vocês estão dizendo que eu não me importo com a vida de Alex? Que não me importo com Karen? Que só me importo comigo mesma? Vamos lá, então. — cruza os braços. — Quando a confusão toda começou, eu não chamei você, Karen, não porque não acredito, e

sim porque não tinha como colocar alguém na história. Eu e Cassie entramos nessa, com nomes falsos, como colocaríamos você na história? Corremos o risco de morrer, mas não envolvemos ninguém no assunto. Escondemos toda a nossa vida, corremos o risco de morrer, mas nos afastamos para proteger todos vocês, proteger a família, isso não conta nada? Agora virei a egoísta?

— Você não pensa, Kat. — volto a falar. — Seu plano poderia dar errado em vários níveis e você apenas foi.

— Era a única chance.

— Por que a droga era de Guerrero?

— E é dele, eu acertei.

— Mas poderia ter errado, poderia ter envolvido uma gangue no meio de tudo isso e nos prejudicar ainda mais. Eu falei que poderia dar errado, nunca me escutou. É por isso que prefiro fazer minhas coisas, porque eu posso pensar melhor. — me acalmo. — O problema é que temos jeitos distintos de trabalhar. Você é a ação e eu a razão.

— E por isso vai me jogar de lado?

— Por isso eu chamei aqui, para resolvermos a situação. Penso que continuamos sendo uma equipe, só que do mesmo jeito que você lutou apenas com Cassie daquela vez, eu lutarei agora com outras pessoas.

— Então não adiantou nada do que eu disse? Sobre ter corrido o risco de vida?

Dramas... Eu jurei que não queria mais dramas.

Mas Cassie me pediu ajuda uma vez para falar do assunto, agora eu vejo que posso falar. *Não é choque de realidade que precisamos? Então pronto!*

— Katherine, aquilo não foi certo. Deu certo, mas não foi certo. — tento encontrar as palavras. — No seu plano, Cassie deveria seduzir Guerrero. Você percebe que colocou sua própria amiga como prostituta? Que você colocou uma menina de dezesseis anos para ficar com um cara que ela tinha repulsa? — sussurro. — Que...

— Cassie aceitou...

— Não é porque a pessoa aceita, que ela está concordando com tudo. Você falava que Guerrero poderia ajudar, que ele seria a chave para muita coisa, que ele poderia ser a solução. Cassie acreditou e tentou ajudar, mas ela não gostava nem um pouco disso. Ela tentou ajudar você, porque ela é uma amiga verdadeira. Hoje Cassie deve amar o Guerrero, mas antes ela tinha repulsa e sabemos muito bem disso. O próprio Guerrero sabe, menos você, Katherine. Você não enxerga as coisas, não pensa.

— Cassie falou isso com você e não comigo?

— Cassie sempre falava comigo. Ela pediu para Rachel entrar, mas tinha vergonha e receio de falar isso com você, tinha medo de te magoar, já que você pegou raivinha de Rachel. Cassie não tem outras amigas, então ela falava comigo sobre o plano de seduzir Guerrero, ela se lamentava e pedia para eu falar algo, só que vocês foram embora e quando nos reencontramos, Cassie já estava interessada em Guerrero. Falo isso agora para que entenda todos os seus erros e aprenda com eles. Eu tento aprender com os meus. E como a Amanda disse, essa pose de ser a melhor, não nos leva a nada.

— Um tapa na cara doeria menos. — olho para Gabriel. — Eu já falei tudo isso a ela.

— Escute meu irmão, ele está certo. — encaro Kat novamente. — É para o nosso bem.

Katherine apenas concorda com tudo em silêncio.

— E você deveria ficar feliz em saber que Karen tem amigos, não ter ciúme. Porque quando Cassie estava em liberdade, você não lembrou de Karen. — Amanda sorri. — É que eu gosto de cutucar. — pisca um olho. — Está no meu sangue ser assim.

— Precisamos ir. — Kat se afasta, deixando Gabriel para trás.

— Quem diria que a menina que quebrava meus carrinhos se tornou essa menina madura de dezesseis anos? Sei que não me ama, mas eu te amo.

— Eu te amo.

— Não, não ama. — sorri, mas vejo algo triste em seu olhar. — Sempre foi minha preferida, entre irmã e irmão, mas aceito que ame mais o Daniel. Agora tenho que ir. — beija a minha bochecha. — E belo anel de noivado.

Ele vai embora.

— Ah, cara. Eu não fiquei com dó da Katherine, mas fiquei com dó de Gabriel. — Amanda abraça meu braço. — Ele parece ressentido. Tadinho do bichinho.

— Eu nunca imaginei que ele me amasse. — sorrio. — Sempre brigamos.

— Eu brigo com Lauren e a amo, ela diz que me odeia. É coisa de irmão lesado. — sorri. — Mas, pelo menos, Gabriel não fez dramas. Agora vamos ver o Francesco, louca para ver o que acontecerá.

— Você não é nem um pouco certa do juízo.

— Querida, sou filha de Brittany, o que queria? — pisca um olho. — Sou dessas.

Andamos até o local onde Francesco está. Ele está sentado, sendo interrogado pelo meu pai.

— Ele não falou nada de mais. — meu pai informa. — Dois dedos já foram e ele persiste em dizer que Raul, que é o Luigi, é o Yoshida e que só tem ele e Benjamin vivos. E jura que é essa a informação que nos daria.

— Não, tem mais um nessa história. — olho para Francesco. — Por que se revoltou contra o Luigi?

As lágrimas caem, molhando todo o seu rosto. O sangue dos lugares onde estavam seus dedos, pingam no chão.

— O que Luigi te fez? Aneliese é a amante dele? — provoco. — Por isso queria que pegássemos a sua esposa? Porque ela te traiu.

— Luigi tentou me matar, ele usaria alguém para me matar. — responde.

— O que fez para merecer algo assim? — Arthur pergunta. — Só para o caminho de Luigi ficar livre? Apenas isso? Mas por que continuou ao lado dele se ele tentou te matar?

— Luigi queria matar o tio de Milla, ele tem o mesmo nome que eu. A diferença é que eu tenho outro nome, Klaus. Francesco só tem o sobrenome Baptista.

— E? — pergunto.

— Parece que Luigi mandou matar o Francesco, era eu, mas entenderam que era o Francesco Baptista. Eu era o Klaus para eles. O Leonardo, filho de Marco, acabou matando esse homem, então a caça para Francesco terminou.

— Então Leonardo matou Francesco. — meu pai parece pensar. — Foi o homem que Leo disse que matou, depois não matou e no fim matou. Pelo menos algo de bom Leo fez.

— Sim. Como o Francesco Baptista morreu, a caça terminou e falaram que já tinha morrido. Eu vivi nisso por uns meses, até que descobriram que eu estava vivo. Algumas pessoas morreram pelo erro, então eu descobri sobre isso.

— E continuou ao lado deles? — questiono.

— Não, fui para o lado de Benjamin. Atualmente são inimigos, eu estava ao lado de Benjamin, na luta, o Yoshida deve ter invadido e mandado me matar.

Foi o Elijah...

— Motivo da raiva? — Arthur pergunta.

— Não sei. — responde. — Aneliese, provavelmente. Eles estavam eliminando todos os possíveis traidores, então, eles devem ter pensado isso de mim.

— Apenas isso? — Arthur fica com mais raiva. — Você ferraria seus

filhos só pelos negócios? Só...

— Luigi queria Cassie e Jean por algum motivo. Giovani é o filho de Luigi...

— Quê? — pergunto.

— Sim, é o filho de Luigi, do Yoshida.

Ah, sim... Ele acha que Luigi é o Yoshida, ou seja, que é o Elijah.

— Continue! — ordeno.

— Então, se Cassie engravidasse ou casasse com Giovani, tudo estaria certo. Estaríamos na família do herdeiro de tudo. E Jean seria um ótimo ajudante, um ótimo aliado. Mas Arthur sempre atrapalhou. — encara o irmão com raiva. — Sempre o tirou da prisão.

Olho para Arthur, que continua bem irritado.

Ok, Arthur não é o Yoshida!

— Então era só isso o que tinha para dizer?

— Fernando, esse era o combinado. Eu falava e me deixaria viver.

— Não nos deu nada de novo, sabemos que Luigi é o Raul, não nos deu nada de importante. Só tem Luigi, Benjamin e Aneliese, ninguém mais. — meu pai fala isso olhando para mim. — Sabemos de tudo isso antes mesmo de falar algo.

— Mas esse era o combinado...

O primeiro golpe de faca é dado por Jean, diretamente na coxa de Francesco, depois ele retira e acerta a outra, depois nos braços, no estômago...

É uma enorme carnificina. Eu apenas saio, não sou do time que tortura, por isso, fico fora dessa parte.

— O santo Elijah não existe, Karen. — meu pai fala atrás de mim. — Não existe, ele tenta manipular você. É o Raul, Luigi, sei lá como chama-lo.

— Existe...

— Karen, o próprio aliado disse que não existe, antes de você chegar, perguntamos a Giovani, só que ele ainda está bem debilitado e nem falou nada, mas confirmou com a cabeça que só existe um Yoshida.

— E vai acreditar no cara que tentou estuprar uma menina?

— E vai acreditar na palavra do homem que estupra várias?

— Ah, ok. — concordo. — Veremos então se é verdade ou não, mas eu ainda aposto que existem dois Yoshida. E eu vou provar que um deles não é tão culpado assim.

— Ok, faça como achar melhor. Só tenha cuidado para não quebrar a

cara quando descobrir a verdade.

— Pegarei a câmera para gravar suas feições quando mostrar que eu estou certa.

Meu pai sorri para mim e eu para ele.

— Nós somos iguais, por isso batemos cabeça sempre. — ele diz.

— Isso é bom?

Ele inclina a cabeça para o lado, mudando o sorriso para uma carranca.

— Estou brincando. — rio. — É bom ser como o senhor, só que eu olho o outro lado da história.

— Tenha cuidado, apenas isso.

— Obrigada, terei muito cuidado.

Eu o abraço, pegando-o de surpresa.

— Um abraço dado por vontade própria, mas não gosto disso.

— Não gosta do meu abraço? — me afasto.

— Não é isso... É que... Não sei. Dizem que só mãe tem sexto sentido, mas essa conversa parece muito com uma despedida. É seu aniversário, mas parece um dia diferente. Sabe quando acorda e pensa que tudo poderá mudar? Que algo não está bom e pode piorar?

— Eita! — grito. — É apenas muito drama para o coração do mafioso. Nunca tivemos uma conversa assim, daí o senhor estranha. Não é uma despedida.

— De todo o meu coração. — ele me abraça novamente. — Espero que não seja nenhuma despedida.

— Te amo, pai. — beijo seu rosto.

— Também te amo, Karen.

Capítulo 35

Alex

Anteriormente

— Faz um favor? — olho para Ludmila, que faz a pergunta. — Carrega a Bia?

— Eu não sei carregar. — falo, pela milionésima vez.

— Aprende. — ela praticamente empurra o bebê em meus braços. Pego a criança sem qualquer jeito e fico olhando para ela. — Viu, ela gosta de você.

— É, ela só sorri para todos. — olho para Ludmila, que parece que vai me matar. — O que foi?

— Nada. — responde, como se eu tivesse feito algo de errado.

— Fiz algo?

— Não é legal com um bebezinho.

— Eu não quero.

— Tem que querer!

— Você não é minha mãe!

— Mas parece um menininho birrento! Pega o bebê no colo direito. — a mulher simplesmente pega a minha mão e me ensina, de maneira obrigada, a segurar. — Agora pega isso e dá a ela.

Ela me dá a mamadeira.

— Só para que fique claro, não é que eu tenha medo dessa sua raiva, é apenas respeito por ser mais velha.

— Ah, claro. — revira os olhos. — Dá a mamadeira para a Bia.

— Menina gulosa. — faço a observação, vendo o quanto essa criança come. — Vai ficar obesa desse jeito.

— Você é tão delicado com um bebê.

— Você é tão mandona quanto minha mãe, e olhe que não tenho ela há anos.

— Se tivesse, ela poderia ensinar a ser legal com bebês.

— Certamente ela me ensinaria a não ter, seria mais uma boca para alimentar.

Ludmila me encara.

— Sua mãe não era legal?

— Comigo e Allan, não com o resto da população. — dou de ombros, não me importo com o assunto. — É, não tão diferente do Elijah.

— Tem diferença sim, Alex. Se você aparecesse com um bebê em casa, Elijah seria um avô que mimaria o bebê, que faria de tudo para agradar. Você não conhece o Elijah.

— Você o ama. — faço a constatação mais óbvia.

— Não. — nega rapidamente.

— Ama sim.

— Amo nada.

— Ama.

— Menino birrento! — ela grita.

— Mãe chata!

— Você me respeita! — ela pega a farinha de trigo e joga na minha cara.

— O bebê! — grito.

— Ah, que fofo! Se preocupou com a Bia. — olho para o bebê, que está intacto. — Eu calculei todos os meus movimentos.

— Você é louca.

— Você é chato.

— Nem todos acham isso.

— Eu acho.

— Porque é louca.

— E você é idiota.

— Você ama o Elijah.

— Não mesmo!

— Sua cara não nega.

— Vejo que vocês estão se dando muito bem. — olho para Elijah, que acabou de chegar em casa. — Mas cortando o motivo da birra, acabei de chegar do necrotério. Tenho um conhecido lá que aceitou cremar a Samantha. Não podemos enterra-la, acho que o Gregory nunca aceitaria enterra-la em qualquer lugar, mesmo que não seja de maneira... Grosseira, se assim posso dizer. E também não podemos enterra-la no cemitério, já que Samantha nem tem registro. Pensei em crema-la.

— Acho que o Greg concordará. — falo, ainda sem coragem de olhar em seu rosto. — Vou falar com ele.

Levanto da cadeira e entrego o bebê a Ludmila.

— Você ainda vai carrega-la no colo por mais vezes. — ela provoca. — Garanto isso.

— Você é tão chata.

— Mães são chatas e você ainda me agradecerá.

Ludmila pega o bebê e eu saio da cozinha, indo até o quarto das crianças.

Abro a porta e encontro Gregory brincando com as meninas, Rafael e Diego estão mais no canto.

— Oi. — Gregory sorri.

— Oi. — sorrio de volta.

— Tio Alex. — Celeste puxa a minha calça. — Olha o que vô Elijah deu. — ela mostra um ursinho. — Ele deu pra todo mundo.

— Vô Elijah? — *mas o que está acontecendo?*

— Ludmila e suas invenções. — Gregory apenas balança a cabeça. — Ah, cara, pelo menos essas crianças estão distraídas.

— É bonito e rosa. — Celeste bate palmas. — Eu pedi para vô Elijah um *amalelo* para Sam, para quando ela acordar.

— Eu disse que Sam vai querer rosa. — olho para Isadora, que também mostra o urso.

— Samantha não vai voltar. — Rafael que fala. — Ela foi morar com outra família, não voltará mais.

Rafael e Diego são os que entendem mais, Christine deve ter cinco anos, penso que ela entendeu, mas prefere não entender. Já Celeste e Isadora são bem mais novas, não entendem nada mesmo.

Quando tudo aconteceu, Rafael contou que disse as meninas que foi apenas uma pancada na cabeça, que Samantha e aquele homem ficariam bem, agora, eles contam que Sam foi morar com outra família.

— Ela ficará bem agora. — Gregory sufoca as lágrimas.

— E você será nossa família? — Isadora pergunta a Gregory. — Samantha disse que você é nosso pai.

Isadora é nova, Gregory pegou por último. Ele está triste porque Samantha falou muito para Isadora sobre ele ser o pai, agora... Agora parece que Isadora "substituiu" a Samantha, e Gregory se sente mal.

Se sente mal porque negou ser o pai de uma menina, ela morreu e ele se arrepende, agora tem medo de negar a outra criança.

— Ok, crianças. Comportem-se! — Gregory grita e sai do quarto ao meu lado.

— Samantha vai ser cremada. — aviso. — Elijah conseguiu todo esse processo, ela não pode ser enterrada em um cemitério...

— Eu... Nossa! — exclama. — Eu pensei que a enterraríamos como indigente.

— Não, Elijah fez de tudo e Samantha será cremada. — o abraço. — Sinto muito, Greg.

— Ainda está muito recente. Ficar com as crianças alivia, mas quando saio, dói novamente, ainda mais quando escuto as meninas falando como se a Sam fosse voltar, como se ela estivesse bem e feliz com uma família digna...

Sua fala é cortada por seu choro.

Abraço-o mais apertado, chorando junto a ele.

— Meninos. — olho para Elijah. — Está na hora.

Nos afastamos e Gregory se recompõe.

— Vamos terminar logo com isso. — ele fala. — Precisamos seguir em frente, mesmo que Sam não tenha essa chance.

(...)

No último instante, Gregory desistiu de dar uma última olhada em Samantha. Ele sabe que a imagem jamais sairia da sua cabeça.

Jeff aperta o botão e sabemos que o corpo de Samantha já virou pó.

No momento em que o botão é apertado, Gregory se agarra ao meu braço e sei que ele controla para não chorar.

— É o fim, Alex. — ele sussurra.

— É o início do fim. — corrijo-o. — O início do fim deles, e o início das nossas vidas.

(...)

— Ah, Ludmila! — grito.

— O que é? — grita de volta.

— De novo esse bebê?

— De novo, sim senhor!

— Quando minha mãe enfia algo na cabeça, não tem quem faça tirar. — Israel menciona. — Ela quer ver você cuidando de um bebê.

— O que isso provará?

— Dá a Bia! — Christine grita. — Dá a Bia!

— Toma! — entrego o bebê para uma menina que deve ter cinco anos, mas carrega melhor que eu. Só que ela carrega sentada no sofá.

Ludmila se afasta, deixando-me em paz com essa história de bebê.

— Ignorante! — Christine me dá língua.

— Bruta! — rebato.

— Brigar com uma criança é tão adulto, Alex.

— Israel, não me faça quebrar seu celular.

— Não toca no meu lazer pessoal.

— O que faz no celular? — Christine pergunta.

— Nada. — ele guarda seu *pornô* no bolso. — Nada de importante.

— Tem joguinho? — Celeste gruda no braço de Israel. — No celular que Greg deu tem joguinho.

— Não tem joguinho.

— Coloca joguinho. — Celeste pede. — Por favor!

— Não!

— Por que não? — agora é a Isadora.

— Cara, por que tanta criança?

— Coloca o joguinho da cobra que cresce com outras cobras e tem luzinhas! — Celeste pede. — O homem levou meu celular!

— Não!

— Israel, para de ser um tio chato e dá o celular a ela! — provoco, vendo sua raiva. — Ou eu conto a Ludmila que você fez crianças chorarem.

— Por favor! — as crianças pedem.

— Deixa só eu apagar meu histórico da internet. — resmungando, Israel começa a apagar tudo. — Eu odeio você, Alex.

— Irmão não odeia irmão.

Israel olha para mim nesse momento.

— Ai, que momento fofo! — Ludmila grita. — Família feliz, meu povo!

— Ela é sempre animada? — pergunto.

— Sempre sorrindo, seu lema na vida. — Israel confirma.

— Christine minha pequena sereia. — ela toca o cabelo de Christine. —
Deixa o Alex pegar o bebê...

— Só pode estar brincando com minha cara! — grito.

— Não grita comigo!

— Por que eu tenho que ficar pegando o bebê?

— Irmão burro que eu tenho. — Israel ri.

— O quê? — pergunto.

— Pega o bebê e cuida dele, treinamento. — Ludmila sorri e Christine
me entrega a Bianca. — Olha como a Bia sorri para você.

— Deve gostar de mim, afinal, sou mais sensato...

— Ah, calado! — olha para Bia. — Ele já aprendeu a te segurar, um
passo a mais, Biazinha.

— Alex! — Gregory grita pelo meu nome. — Venha aqui!

Sorrio e devolvo Bianca a Ludmila.

— Atrapalhei seus planos de me fazer ser a babá dessa menina.

— Ah, queridinho, você me agradecerá tanto ainda. — ela pega a mão de
Bianca e dá "tchau". — Tchau, Alex! — imita a voz de criança. — Estarei aqui a
sua espera.

Reviro os olhos e vou até Gregory, que está no escritório com Elijah.

— Deu tudo certo, entraram, roubaram e acabaram com três dos
complexos. — Gregory comemora. — Menos três!

— Mas nós não íamos invadir?

— Sim. — Elijah responde. — Mas eu tinha que fazer algo por Samantha
e tive que ir atrás do homem do necrotério, eu não poderia ficar parado. Outros
seguranças invadiram e acabaram com o complexo, um ataque surpresa. Só que
agora não sei tão bem o que fazer.

— Por quê? — pergunto e ele pede para eu sentar no sofá.

— Acontece que Luigi espera um ataque no maior complexo,
possivelmente no menor, eu ataquei os intermediários. Agora ele vai reforçar a
segurança em tudo. Reforçando a segurança, será mais difícil de pega-lo, de
acabar com os negócios. Não sei o que pensar a partir daí.

— Nós conhecemos tudo muito para saber como a segurança é bem
reforçada, a tecnologia e tudo mais. O Luigi...

— Eu era o responsável por tudo, Alex. Se o Luigi tentar mudar o
sistema de segurança, vai demorar anos.

— Então, desativa tudo.

— Eu era responsável por colocar, não por mexer. — ele corta minha alegria. — Dois dos *nerds* estão comigo, o resto não, ficou do outro lado. Dois *nerds* para desabilitar tudo? Vai demorar tanto quanto Luigi.

— Atacar Luigi nem pensar? — Gregory questiona.

— Vamos lá, para a parte nova dessa trama estranha e doentia. — Elijah se aproxima mais. — Luigi levou as máscaras a um nível superior, a outra doentia questão.

— Qual?

— É comum que os procurados pela justiça ou pelos inimigos mudarem de rosto por cirurgia plástica...

— Não diga que...

— Sim, Alex. Luigi fez cirurgia plástica e mudou de rosto. O rosto de Raul sempre foi o verdadeiro, então, se falassem que Raul é inimigo, seria fácil pega-lo. Mudando de rosto, o Raul não existirá mais. Será o novo rosto e o nome de Luigi, ou qualquer outro que ele tenha inventado e feito ser real.

— Então, qual o rosto dele? — pergunto.

— Eu disse que ele levou essa história a outro nível. Eu não sei o rosto dele. — olha para mim e para Greg. — Ele nunca mostrou o rosto verdadeiro pra mim, eu também não quis ver, na época não me importava. E ele sempre usou máscara quando estava por perto.

— Então Luigi continua sendo um rosto desconhecido? — pergunto, com raiva.

— Se ninguém próximo o viu com o rosto atual, então sim, ele é um rosto desconhecido.

Agora eu sinto vontade de gritar toda a minha raiva!

Voltamos ao zero, é isso?

— Eu fico feliz em ver que confiam em tudo o que falo, que acreditam que falo a verdade.

Olhamos para Elijah nesse momento.

— Obrigado por tudo o que fez. — Greg agradece. — Por ter feito aquilo por Sam, por comprar brinquedos para as crianças, por trazer a Ludmila, por deixar as crianças mais a vontade...

— Elas são suas. Como disse, eu queria ver até onde Luigi iria, ele ia matar cada uma delas, incluindo aquele bebê. Eu não queria e você as salvou. Eu pensei que o Luigi tivesse sequestrado, mais uma vez, ele me fez matar os seguranças.

— Como assim?

— Gregory, quando aconteceu, eu pensei que tivessem levado Diego e Bianca da minha casa, Poliana parecia não saber de nada, então pensei que os seguranças ajudaram. Eu matei todos por pura raiva.

— Luigi te usou mais uma vez. — concluo.

— Controlar raiva é uma dádiva que não possuo. — esfrega os olhos. —
Acreditam em Deus?

— Que assunto é esse? — perguntamos.

— Acreditam?

— Sim. — confirmamos.

— Gregory, como acredita nele?

— Uma moça, uma das reféns, ela falava muito em Deus, não só ela, mas a maioria pedia misericórdia de Deus. Eles rezavam por uma salvação divina. Eu achava estranho, como pedir a alguém que nunca vimos o rosto? E se for mentira? Mas, em compensação, o que eu perderia? O que eu perderia em acreditar? Na verdade, me trazia mais alívio. A senhora me ensinou a conversar com Deus, e foi isso. Eu conversava com Ele, era minha distração. A senhora me ensinou a ler, ela me dava uns versículos, escrevia no chão e me mandava ler. É isso. Diferente da outra galera, eu nunca esperei algo em troca. Sempre me pareceu uma chantagem, eles falavam: "Deus, se o senhor existe, me tire daqui". Eu sempre fui mais do "Deus, o Senhor está aí? Preciso conversar sobre as merdas que fiz... Desculpe, merdas não, coisas ruins, mas fui obrigado. Desculpa, eu não quero fazer nada disso". É isso.

Elijah sorri e eu também, mas o sorriso de Elijah é mais triste.

— Alex eu nem preciso perguntar, sua mãe e sua tia eram católicas.

— Sim. — confirmo. — E você acredita em Deus?

— Fui doutrinado a não acreditar. — responde. — Na Nostra, por mais estranho que isso seja, tem muito cristão. Muito cristão praticante. Eu via todos falando de Deus e queria saber quem era. Como já disse, entrei na Nostra com doze anos, fingindo ter dezesseis. Paralelo a isso tudo, eu era uma criança que não teve acesso às informações e queria aprender mais. Perguntar quem era Deus para Luigi era o mesmo que levar uma surra por dois dias. Ele me batia por isso.

— Ele pertence a alguma seita? — questiono.

— Sim. Uma vez ele me fez ver uma criança sendo sacrificada e seu sangue sendo ingerido. Foi traumatizante o bastante para que eu fosse espancado na frente de Javier e Benjamin. Eu tinha treze anos e acho que a criança tinha a minha idade, eu me imaginei ali, no lugar dele. Depois que fui "adotado",

descobri mais sobre Deus, a minha mãe adotiva era católica, ela me batizou na igreja.

— Ela era boa?

— Pobre mulher. — ele parece que vai chorar. — Ela era boa demais para um homem tão ruim. Tão ruim que ela nunca pode amar os filhos. Eu era o filho da prostituta, mesmo assim ela cuidou de mim, mas não o bastante. Era proibido me dar afeto. A questão é que ela disse que se eu me arrependesse de coração, Deus me perdoaria, Luigi disse que é a maior besteira que ele já escutou. Mas se acredito em Deus? Sim, afinal, se vocês estão aqui, na minha frente, nesse momento e me escutando, só pode ser um milagre divino. Um pecador nato recebendo essa dádiva.

— Deus sabe que quer mudar. — faço a observação. — Ele pode estar agraciando você com seus filhos juntos.

— Para acabar com todos esse negócio que ferrou e ainda ferrará com muita gente. — Gregory concorda comigo. — Estamos ao seu lado. É estanho, mas agora estamos verdadeiramente ao seu lado.

— Muito obrigado, eu nem sei o que dizer. Eu comecei com esse assunto do nada. — ele ri. — Me senti a vontade para falar do assunto. Agora precisamos falar dos planos.

— Fale o plano, pensaremos em conjunto. — falo.

— Tem algo importante, mas você precisa confiar em mim, Alex. Sei que é difícil, mas deve confiar em mim. — Elijah pede.

— O que seria isso?

— Eu vou contar, se não quiser, está tranquilo, pensarei em algo melhor. Mas é algo que precisamos de confiança, porque você deve confiar em mim e eu em você.

Bônus 15

Katherine

Anteriormente

— Você viu, Gabriel? Viu como aquela cretina da Amanda falou comigo? Como ela estava feliz em me humilhar? Brittany que me perdoe, mas a filha dela não vale nada!

Percebo o silêncio absoluto feito e olho para trás, vendo Gabriel com uma mochila na mão.

— O que foi? — pergunto.

— Estou indo para o condomínio. — responde.

— E não falaria nada?

— Eu tentei, mas você não escuta, só sabe reclamar.

— E o que fará lá?

Gabriel coça a nuca, depois, abaixa a cabeça e parece que conta até o cinco.

— Katherine, todo mundo cansou, inclusive eu.

— Cansou de?

— Amanda está certa, Katherine.

— Não acredito que meu próprio marido está ao lado daquela cretina...

— Já chega! — Gabriel grita tão alto que quase me faz dar um pulo para trás. — Já chega dos seus dramas para mudar a conversa, eu cansei disso. Estou esse tempo todo falando o quanto você errou e na sua cabeça de vento, você está certa.

— Amanda me humilhou por nada!

— Amanda demorou a fazer isso, se eu fosse ela, eu teria feito mais cedo ainda. — olho para Gabriel e tento controlar a minha raiva. — Você olhava para ela e fazia piadas...

— Ela se acha...

— Não, eu nunca vi Amanda fazendo nada de mais.

— Quando eu perguntava sobre Karen, ela falava "Por que não liga para ela?".

— E qual o erro?

— Custava responder? Eu ligava para Karen e ela era seca comigo.

— Katherine, você errou pra caramba com minha irmã. Eu errei e sei disso, mas essa gangue estranha é seu sonho, dela e de Cassie, não o meu. E você fez com que o sonho fosse apenas seu, de mais ninguém. É isso que se ganha quando o egocentrismo vence, você acaba sozinha.

— Mas o que eu fiz de errado?

— Você não enxerga mesmo? — ele vem em minha direção e segura meus braços. — Você ficou com ciúmes de Amanda, sendo que ela é a única amiga verdadeira de Karen no momento...

— Eu sou amiga de Karen, a verdadeira!

— Não parece. Nós já tivemos essa conversa antes, no dia seguinte ao nosso casamento. Eu comecei a dizer que Karen deveria morar perto, que eu ia conversar com ela para organizarmos o que cada um faria, que veríamos a situação de Cassie, e o que você disse, Katherine?

Não respondo.

— O que disse, Katherine? — ele repete.

— Eu disse que era para ver depois, que Karen e os outros poderiam esperar.

— Nem tudo é no seu tempo, princesa. — irônico. — Eu tentei falar inúmeras vezes e você sempre me atrapalha. Então eu simplesmente deixei ver até onde isso iria. Quando a Amanda e a Karen falaram, eu pensei que aquilo fosse te fazer acordar para a vida, mas não fez, na verdade, não mudou absolutamente nada. Você é maravilhosa, Kat. Mas precisa aprender que ninguém vai estar esperando o momento que só a madame achará certo atacar, que ninguém estará te esperando e obedecendo aos seus comandos. E eu acho que a Cassie só fez tudo aquilo, porque ela não tinha outras amigas, sempre foi você e Karen. Ela aceitou porque era você, mas ela ia falar o que sentia para Karen, porque Cassie sabia que você não entenderia o lado dela.

— Por que é tão cruel? Eu entrei nessa história e me afastei para que não...

— Passado, no presente você está uma pessoa egocêntrica. — Gabriel continua. — Você sempre quis provar que não é uma doida, provou. Só que continua com o ar superior. Não aceita ajuda da velha guarda, mas também não aceita pedir nada a Karen por puro orgulho.

— Ela também tem orgulho.

— Não, ela nos chamou para uma reunião e foi você quem saiu, você abandonou a reunião porque ficou magoada. Você já viu gangster magoado? —

não respondo. — Você precisa mudar para ser a "diva gangster" que sonha.

— Por isso vai me abandonar?

— Não estou abandonando, aqui não tem nada pra mim, Kat. Pode ter para você que virou amiga dessa galera, não para mim. Eu continuo sendo o herdeiro da Nostra e da Sangre, esse povo não gosta de mim, eu sei e entendo. Meu pai precisa mais de ajuda do que aqui. — seu tom de voz suaviza. — Eu tentei te chamar, mas nunca me escuta.

— Pode ir. — aponto para a porta. — Não preciso de alguém que me abandona.

— Cresça, Katherine! — grita. — Quem sabe assim, as pessoas vão querer ficar por perto de você.

Ele nem se despede, apenas pega a mochila e sai pela porta.

Eu tento me manter firme por vinte segundos, mas quando não aguento, eu apenas caio no chão, percebendo que fui abandonado por todos... *E todos continuam dizendo que a culpa é minha.*

(...)

Uma vez o psicólogo lá do colégio havia dito que eu tinha sérios problemas em perceber e assumir a culpa. Mas eu também não assumi que ele estava certo, peguei minha mochila e saí da sua sala, nunca mais voltei. Depois daquele dia, comecei a tomar aula particular.

Meus pais, coitados... Nada adiantava comigo. Nada mesmo. Castigo, tapas, psiquiatrias... Nada adiantou. *Meus pais tentaram.*

Agora até meu marido me abandonou.

O que eu fiz? Quando eu era chamada de doida, ninguém ligava. Agora quando eu falo que sou boa eles me notam? Eles reclamam? *Ah, faça-me o favor...*

Mas eu errei com Karen e Cassie. Esqueci completamente de uma e quero que ela não tenha amigas, porque eu sou sua amiga — uma amiga de merda, de verdade; e Cassie... Ela não queria Guerrero e eu a obriguei a ficar com ele. Mesmo que eu não tenha obrigado usando força física, eu usei a psicológica... Como Gabriel disse, eu sou uma das duas pessoas que são mais próximas a Cassie e ela tentou me ajudar, agora ela está completamente ferrada e

a culpa é minha, porque a envolvi na história.

Meu Deus, eu fui muito culpada!

Bato a testa no volante, me insultando mentalmente pelas merdas que fiz.

Saí de casa para espairer, para ficar um pouco distante e pensar na vida.

Pensei e cheguei à conclusão que sou uma merda total. *Uma merda total com os amigos.*

Ok que eu nem sabia, mas Cassie teve todos aqueles problemas com Giovani e eu mandei que ela seduzisse Guerrero... Se Guerrero não fosse legal, Cassie estaria ferrada e nunca pensei por esse lado. Alex... *Eu nem pensei nele e nem na Karen.*

Eu nunca penso, nem quando o assunto é comigo, eu apenas faço.

Merda! Mil vezes merda!

Uma batida no vidro me faz levantar a cabeça, onde dou de cara com um guarda de transito. Olho para o meu outro lado e vejo que não é lugar de parada proibida.

Abaixo o meu vidro e olho para o guarda.

— Boa tarde. — falo.

— Boa tarde. — sorri. — Seus documentos e o do carro.

Reviro os olhos ao pensar que sou tão tola que nem ao menos lembrei de parar em um local mais distante, eu só parei no meio do caminho, em um acostamento, porque precisava chorar.

Abaixo o meu corpo e pego a minha bolsa, mas é nesse momento que eu escuto a porta do carro sendo aberta.

É tudo rápido, no mesmo momento que a pessoa abre a porta, algo é enfiado em meu braço e sinto um líquido entrando em minha carne.

Tento me mover, mas o meu braço parece que não obedece mais aos meus comandos. Tento fazer qualquer coisa, mas já não consigo.

Tenho pouca noção do que acontece ao meu redor, mas não consigo me mexer e nem falar.

A minhas ações impensadas, me ferrou, mais uma vez.

Ludmila

— Vô Elijah, seu filho me deu o jogo da cobrinha. — sorrio ao ver Celeste falando com Elijah, que olha para a menina como se ela tivesse duas cabeças. — Mas ele é muito chato! Muito chato! Chato! Chato!

— Oh, eu entendi o quanto meu filho é chato. — Elijah se ajoelha no chão, ficando na altura de Celeste.

— Quer jogar comigo? — ela pergunta.

Eu acho que vou entrar em combustão de tanta emoção.

— Agora eu não posso. — Elijah idiota nega. — Mas do que me chamou?

— Vô Elijah.

— Quem disse isso? Quem disse que deve me chamar assim?

Deus me ajude a não pegar essa faca e matar Elijah por ser um idiota com uma criancinha.

— Vó Lud. — agora eu mudo de opinião porque Celeste tocou meu pobre coração frágil.

Eu tenho uma queda gigante por crianças, elas são tão amorzinhos.

— Ela disse que é para chamar assim?

— Ela disse que seu nome é "Vô Elijah", mas ela disse não que não era para contar que ela me contou. — Celeste coloca a mão na boca.

— É, você contou. — Elijah ri.

— Não conta *pa* ela que eu te contei. — Celeste coloca um dedo na frente dos lábios, pedindo silêncio. — Shhh... *Seguedo, tá?*

— Segredo não conta. — Elijah também coloca o dedo na frente dos lábios, pedindo silêncio.

— Sim. Vó Lud pediu *seguedo*, eu contei. — balança a cabeça. — É muito feio contar *seguedo*, eu contei.

— O que quer?

— Um abraço.

Celeste abre os braços e Elijah fica sem reação.

— Por que quer um abraço?

Imbecil de merda, cachorro, safado, sem vergonha, filho de uma égua, de uma cachorra, piranha... *Te amo seu lindo, você abraçou a criança!*

Pego meu celular, tiro o flash e registro o momento.

Ah, que coisa mais linda.

— Foi Ludmila que pediu isso? — Elijah se afasta.

— Sim, ela pediu, mas vô Lud pediu *seguedo*, e *seguedo* não conta.

— Então nós temos um segredo, porque eu sei que você sabe.

— E eu sei que você sabe. — Celeste pega o urso e faz de conta que ele está beijando a bochecha de Elijah. — *Bigada* pelo urso, o nome dele é Eugênio.

— Um lindo nome. — Elijah ri.

— Eu sei. — *Celeste minha coisa linda, eu sabia que você me traria bons momentos.* — Vou jogar com Israel, ele está perdendo para Alex. Tchau!

Celeste sai saltitando até a sala.

— Ludmila! — Elijah grita meu nome. — Venha aqui, eu sei que está escutando tudo.

— Ah, você consegue sair de fofo para ignorante em segundos. — deixo a faca da cozinha de lado. Estava cortando a carne, então vi que Celeste estava indo cumprir o plano e fui atrás para ver a cena.

— Você é uma mulher muito manipuladora, usando uma criancinha? — ele está sorrindo, apesar de tudo.

— Quando vai contar de Bianca para Alex? Alex já está desconfiando de algo...

— Claro, você só falta enfiar o bebê na cara do garoto.

— Ele não é um grande fã de bebês. — explico. — Imagina se ele não quisesse a menina? Estou treinando, para ele gostar dela, aí quando souber a verdade, será mais fácil. Mas ele continua não muito fã de Bianca.

— Eu vou contar em breve, tem algumas coisas que preciso resolver. E para de usar as crianças. Elas me chamam de "avô"?

— Elas nem sabem o que é isso. — falo, torcendo a boca. — Mas elas gostam, você deu ursinhos e depois deu brinquedos. Você é como um papai Noel, só que magro.

— Você é louca!

— Seu filho disse o mesmo. — faço uma carranca. — Genética que chama, né?

Elijah inclina a cabeça para o lado, me estudando.

— Nem adianta essa chantagem sentimental, Ludmila. Quando tudo terminar, eu irei embora. Nem que as crianças me abracem e digam que sou o melhor, mas eu ainda vou embora.

— Mas você, Alex e Gregory...

— Estamos na mesma sintonia para arquitetar planos, não para sermos pai e filhos. — ele sorri e beija minha bochecha. — Mesmo assim, obrigado por tentar. Celeste me fez sorrir. E nisso você é boa, Lud.

— Sou boa em ser palhaça?

— Não. — ri. — É boa em me fazer sentir bem, mas você precisa de outro alguém que te faça se sentir melhor. Esse alguém não sou eu, Ludmila.

Fernando

Agora

Olhamos para o corpo de Dianna, no chão do seu quarto.

— Perfuraram a jugular, cortaram a garganta e duas facadas do estômago. — Daniel fala. — Provavelmente, atingiram as áreas do pescoço primeiro e depois foram para o estômago.

— Se fosse o estômago primeiro, escutaríamos os gritos. — Gabriel complementa. — Agora porque esfaquearam depois...

— Para ser mais sofrido. — olhamos para Leo. — Quanto mais sofrido, mais prazer para essa gente.

Olho para o corpo totalmente ensanguentado a minha frente.

Dianna era tão boa, trabalhou comigo por anos, agora teve a vida tirada de uma maneira tão brutal.

— Ela foi comigo na casa de Raul. — Leonardo informa. — Pode ter sido morta por isso.

Olho pela janela, pelo lugar onde Heitor escapou. Ele saiu por um carro, pelos fundos.

— O Arthur chegou. — meu pai avisa. — Ele está aos prantos.

Demora apenas segundos até que Arthur chega ao quarto. Ele está chorando, sendo amparado por Cortez, que o segura.

Ao ver a cena, Arthur cai no chão, ao lado da cabeça da esposa.

Sua mão treme, enquanto passa pelos cabelos de Dianna.

— Oh, Dianna. — ele murmura, enquanto segura a mão dela. — Por que foi naquela casa? Por que entrou nessa história? — ele volta a chorar, não consegue mais falar.

Eu saio do quarto, não querendo ver essa cena.

Ver Arthur chorando pela esposa, me faz pensar que poderia ser Sara ali, Giulia, Karen, minha mãe... Pode ser qualquer pessoa.

Aperto a madeira da porta com força, tentando conter a minha raiva. Lá

dentro, Arthur chora e grita. Aqui fora, nós apenas não sabemos o que fazer.

— Sobre o que Francesco falou. — olho para Marco. — Tem um Luigi e um Yoshida, não são a mesma pessoa. Eu vi em minhas lembranças. Luigi é meu pai, Yoshida é meu irmão. Não é o momento certo para falar disso, mas como tudo aconteceu, eu só quero que saiba que existem duas pessoas realmente, e que sua filha pode estar certa. Luigi estuprou as meninas, Yoshida nem ao menos ficava naquela sala por mais de dois minutos.

— Ok. — concordo. — Precisamos enterrar Dianna e nos livrar de burocracias.

— Providenciarei isso.

— Você não, Marco.

— Não, Fernando. Eu já lembrei as piores partes, dói, mas eu preciso voltar à ativa. Preciso ser o homem de antes, ainda mais agora que atacaram aqui dentro. Estou junto nessa, dessa vez, é de verdade.

(...)

Arthur parece estar completamente anestesiado pela dor. O caixão desce e ele apenas olha para ele.

Dianna acabou de ser enterrada e saímos do cemitério, que está completamente cercado por seguranças da minha confiança.

Jean e Karen abraçam Arthur, depois minha filha vem falar comigo.

— Não é o momento para isso, eu sei. — ela diz. — Mas preciso ir.

— Não vai pra casa conosco? — Sara pergunta.

— Não, tenho que ir. — olha para mim novamente. — Viu só, aquele dia não foi uma despedida como pensou.

— Mas hoje é.

— Sim, mas, realmente, tenho que ir. — ela me abraça. — Até logo.

Nos abraçamos e depois ela abraça Sara.

— Ela sabe de algo. — Sara sussurra. — E não contará.

— Não, não contará. — concordo com Sara. — Também precisamos sair daqui.

— E Heitor? — pergunta.

— Não se preocupe, quando a decisão for tomada, eu contarei a você.

(...)

— Arthur, sei que está com raiva e quer vingança. — Cortez fala. — Mas não foi o Heitor que matou sua esposa.

— Eu imaginei. — Arthur fala. — Já usaram a máscara, uma vez usaram em Heitor, agora usam o rosto dele. E a mulher dele fez o transplante de coração, Heitor não faria aquilo a troco de nada. Usou a máscara uma vez em troca o coração da esposa. Ele não mataria Dianna e deixaria a família dele pra trás, afinal, pelo o que me disseram, Yara e os filhos continuam lá no condomínio.

— Exatamente. — concordo com ele. — Eles querem que eu mate o filho de Yankee, para que a revolta seja aqui dentro. O que eles não sabem é que Heitor está com Yankee e Ulisses nesse momento, então usaram Heitor pensando que ele está viajando. Fiz um teste. Quando me contaram que Heitor foi à penitenciária, eu pedi para que o verdadeiro fosse para o lado de Yankee, não contei o motivo disso. Pedi para que Yankee treinasse o Heitor em lutas, para que ele administrasse essa parte. Yankee concordou e Heitor também, só que para os seguranças eu contei que Heitor saiu às pressas, de maneira estranha, mandei que ficassem de olho caso ele voltasse, porque desconfiei dele. Então, dois dias após essa reunião com os seguranças, o Heitor veio e matou Dianna. O verdadeiro Heitor está com Yankee, em outro Estado, treinando os lutadores.

— E qual dos seguranças é o traidor? — Arthur pergunta.

— O que veio contar que viu Heitor entrando no condomínio e na casa de Dianna, mas só comunicou depois; e o outro que viu saindo. Os que estavam na frente de tudo, iam nos comunicar, mas parece que o interfone parou de funcionar, então o outro segurança disse que nos comunicaria, isso só chegou após o crime. — faço uma pausa. — E o outro, que estava nos fundos, porque Heitor saiu de casa com a roupa ensanguentada, Dianna perdeu livros de sangue... — paro de falar, lembrando que Arthur está aqui.

— Quando se faz aquele tipo de corte, o sangue esguicha. — o próprio Arthur continua. — Quando você vai para frente e esfaqueia a área da barriga, o sangue vai derramar em você. E Heitor fugiu pela janela porque ela está suja de sangue. Então, aquele homem estava sujo e o segurança viu, e só tinha um na parte dos fundos. Quando sai, você deve abaixar o vidro do carro para que eles

vejam quem está dentro. Pela câmera de segurança, vimos que Heitor entrou no carro rapidamente e saiu rápido, ele não trocou de roupa.

— Então temos os traidores. — Cortez fala. — E eles já estão sendo levados nesse momento.

(...)

Os golpes de facão deferidos por Arthur, constata toda raiva que ele sente no momento.

O segurança já está morto, mas Arthur continua dando os golpes.

— Olhou bem o que aconteceu com seu amigo! — Arthur para e vai até o outro segurança. Ele suspende o facão e desce, exatamente nas duas coxas do homem, que começa a urrar com a dor. — Quem fez aquilo com Dianna?

— Ele mataria minha família. — o segurança fala.

— Ele quem?

— O Heitor!

— Não foi o Heitor. — Arthur fala. — Sabemos onde o Heitor está.

— Só que pra mim sempre foi o Heitor. — continua. — Ele até me chamou para vê-lo lutar. O homem não tinha um dedo, tinha a cicatriz e sabe lutar muito bem.

Arthur para olha para mim.

— Karen foi procurar aquele lutador, certo? Ela foi procurar aquele homem que treinou Heitor...

— Acha que foi aquele homem?

— Se não foi Heitor, foi alguém tão bom quanto ele, por que não quem o treinou? Pode ser qualquer um, mas...

— Pode ter sido esse homem mesmo. — concordo com Arthur. — Mas se Benjamin é inimigo de Luigi, com qual dos dois esse lutador trabalha?

— Isso precisaremos descobrir.

Em um só golpe, Arthur enfia o facão no olho do segurança, que morre no meu mesmo instante.

— Para onde vai? — pergunto a Arthur.

— Eu não posso voltar para aquela casa, Fernando. Não com a imagem

de Dianna morta em minha mente. Eu preciso continuar o que ela me pediu.

— Salvar Cassandra.

— Sim. Eles querem Cassandra, e se eles conseguirem, será pior que Dianna. Dianna só foi naquela casa, Cassandra é filha de Francesco e Aneliese e estão com Giovani por causa dela, então...

— Não se distancie. — peço.

— Não vou, eu só preciso resolver a guarda, porque Dianna morreu e perdi uma responsável legal para Cassandra. E se um "Arthur" visitou Cassandra, podemos ter a mesma repetição do falso Heitor.

— Não está sozinho nessa e não faça besteira, não esqueça que tem um federal e Martin nos observando. — Marco informa. — Ele só espera o primeiro vacilo para nos pegar.

— O que faremos sobre isso? — Arthur pergunta.

— Primeiramente, queima dos arquivos. Depois, pensaremos em mais coisas. — respondo. — Não podemos queimar tudo porque ficará óbvio que fomos nós, queimaremos vários arquivos, os nossos e os de mais pessoas. Agora matar cada um deles não é a solução, ficará claro que fomos nós. Essa parte, teremos que resolver em conjunto. Todos juntos. E, ah. — lembro. — Gabriel está conosco.

— Então estamos juntos novamente. — Marco continua. — Só que, dessa vez, com a Nostra limpa e sem traidores. Pelo menos, até agora.

Capítulo 36

Karen

Anteriormente (antes do enterro de Dianna)

— Pra quem vai o primeiro pedaço? — Rachel pergunta, depois de cortar o bolo e me entregar à fatia.

— Eu queria que fosse para todos vocês.

— Não! — Dulce grita. — A fatia é muito pequena para dividir. Para quem é o primeiro pedaço?

— Sem ciúmes, pode falar. — olho para Jean.

— Ok, então. — concordo. — Essa pessoa é muito importante pra mim. Eu nunca imaginei que isso pudesse acontecer. Nos conhecemos há tempos, só agora nos aproximamos e fico muito feliz por isso. Fico feliz por ele ter confiado em mim, por ele sempre me apoiar e por ele me ajudar nos encontros com Alex. — sorrio. — Pra você, Jesse!

Jesse parece que levou um susto enorme. Ele fica me encarando, estático, meio surpreso.

— O que foi? — pergunto.

— Pra mim?

— Claro. — respondo. — Você é a pessoa que mais confiou em mim, quando digo isso, falo sobre ter me contado da sua vida e ter acreditado que eu não faria nada sobre isso. Assim como Jean, eu te considero um irmão.

É bem rápido. Jesse me puxa e me abraça.

— Obrigado. Isso é muito importante pra mim. — ele sussurra. — Você foi a primeira pessoa que me fez sentir melhor. Gabriel me fez, só que ele nunca soube a verdade. Você soube e acredita fielmente em mim.

— Claro. Sempre vou acreditar.

Jesse aceita a fatia de bolo. Depois, começamos a comer.

— É tão bizarro que meu pai morreu hoje e estamos comendo bolo. — Jean fala com a boca cheia. — É tipo uma comemoração dupla.

— É quase como um passo novo sendo dado. — olhamos para Rachel. — Vocês não sentem que o dia de hoje está meio estranho?

— Meu pai falou o mesmo. — meneio a cabeça. — Sei lá, pensei que fosse porque é meu aniversário, pensei que só estivesse diferente para mim. Mas

é a segunda pessoa que fala isso.

— Não sei explicar. Tem dias que acordamos e achamos tudo diferente, hoje parece que algo vai acontecer, não sei explicar.

— Eu odeio essas coisas de intuição. — Dulce esfrega os braços, parecendo sentir frio. — Ainda mais quando mais de uma pessoa tem a mesma coisa e dizem que algo pode acontecer.

— Eu concordo com ela. — Jean fala. — Se continua com essa intuição, não foi por Francesco, e Fernando sentiu o mesmo.

— Perdi a fome. — deixo o prato com o bolo de lado.

— É, todo mundo perdeu a fome. — Jesse também para de comer.

— Eu não perdi a fome. — olho para Amanda. — Estou preocupada, mas também estou com fome.

— Estou no time da Amanda! — Drew e Jean gritam, pegando mais bolo.

— Eu não queria estragar o momento, só falei algo que estou sentindo. — Rachel encolhe os ombros.

— Não, não se preocupe. — sorrio. — Ao que tudo indica, muita gente sente o mesmo que você.

Inclusive eu...

Voltamos a ter uma conversa normal depois de cada um falar a sua intuição. Tudo continuou normalmente até que fomos para os quartos, só que, antes disso, eu decidi falar com Rachel e Amanda.

— O que está acontecendo? — pergunto, sentando ao lado de Rachel.

— Rachel estava tendo uma crise de ansiedade. — Amanda explica. — Rachel começou a ficar meio tonta.

— Você acredita muito em intuição? — seguro a sua mão, que está gelada.

— Não sei, nunca fui assim. — Rachel olha para mim. — Mas é algo estranho. Eu não sei se é bom ou ruim, eu apenas sinto que algo vai acontecer.

Rachel solta a minha mão e deita na cama.

— Eu vou dormir, assim vai passar.

— Quer companhia? — Amanda pergunta.

— Não, muito obrigada. — Rachel agradece, pegando o lençol e se cobrindo.

— Boa noite. — falamos.

— Boa noite.

Saímos do quarto de Rachel e vamos para fora.

— Falou com Gabriel? — Amanda pergunta.

— Sim, ele saiu de casa. — respondo. — Parece que nem ele aguenta Katherine.

— Então vejo que estava certa, nem o marido aguenta aquela menina.

— O que aconteceu, Amanda? — paro de andar e olho para ela. — Por que falou tudo aquilo a ela e por que Gabriel saiu de casa? O que Katherine fez de tão grave?

— Eu não queria falar porque é problema meu, eu apenas joguei tudo na cara dela. Cara, como Katherine chega à casa de Guerrero e fica colocando banca como se fosse dona de tudo? Como ela continua com essa pose de líder?

— Não foi apenas isso. — observo. — Eu só te vejo irritada com Jesse, e sempre parece ser uma birra mais infantil do que séria. Você se irritou muito com Katherine, por quê?

— Eu ia com a cara dela de início, talvez porque ela ainda estava evoluindo, só que depois que voltei da viagem, ela se tornou a pior pessoa. Eu ia visitar minha mãe e Katherine fazia questão de ir até onde eu estava e ficava dizendo que estava de olho em mim, que eu queria roubar o lugar dela, que a minha bondade em ajudar era suspeita, me ameaçava de morte, dizia que eu não roubaria você dela, disse até que eu e Rachel fizemos a sua cabeça contra ela. Só que sempre foi entre eu e Katherine. Só que hoje ela falou na casa de Guerrero, ela se achou a dona de tudo e falou na frente de outras pessoas. Eu engoli muita asneira dela, Karen. Em respeito a sei lá o que, sinceramente. Mas eu cansei de Katherine, eu cansei dela achar que só ela pode ser amiga e só ela pode tentar. Ela é doida? Eu sou a dona da merda do hospício!

— Uou! — murmuro, vendo toda a raiva de Amanda e pedindo calma.

— Eu não imaginei. Sempre achei infantil a birra dela com Rachel, mas não sabia que estava com você também.

— Está. Katherine é ciumenta ao extremo. Pode te amar e blá blá blá. — faz uma carranca. — Mas ela precisa ser controlada. E espero que Gabriel consiga algo com isso, porque, se nem o amorzinho dela aguentou, ninguém mais é obrigado a aguentar.

Amanda me dá o "boa noite" e vai para o seu quarto.

Eu volto para a sala, tentando não pensar nos dramas de Katherine, pois eu a conheço muito bem para saber o quanto que Amanda não sofreu com as indiretas e diretas de Katherine.

Ao invés disso, eu fico esperando a mensagem de Alex.

Estamos em outra casa, não fica no território de West. Alex pediu para nos reunirmos em outro lugar, ele precisa falar com todos juntos. Como ele não sabe que horas pode sair, eu apenas fico acordada esperando por ele.

Uma hora depois, a mensagem chega ao meu celular. Um aviso de Alex, dizendo que já chegou.

Corro até a porta e abro para ele, que já me recepciona com um beijo, daqueles que me fazem perder o fôlego e o equilíbrio.

Alex fecha a porta, empurrando com o pé, e me segura pela cintura, me suspendendo e fazendo com que eu agarre seu corpo com minhas pernas.

— Qual o seu quarto? — ele pergunta, já andando até o corredor.

— O último, na esquerda.

Voltamos a nos beijar, enquanto Alex me leva até o quarto. Ele abre a porta e fecha com o pé, assim como foi na entrada.

Alex me joga na cama e eu só posso murmurar o que sempre murmuro: UAU!

— Eu estava com saudades. — ele volta a me beijar, mas logo vai descendo, beijando meu pescoço e segurando a minha blusa, depois, ele a retira, deixando-me apenas com o sutiã.

Ele dá uma leve mordida no "topo" do meu seio, depois, uma de suas mãos desabotoa o meu short, mas quando ele vai retirar, ele olha em meus olhos.

— Pode continuar. — falo.

— Certeza?

— Sim. — sorrio.

Alex me beija novamente e retira o meu short, deixando-me apenas com a calcinha e o sutiã. Depois ele, rapidamente, tira a própria roupa, ficando apenas com uma cueca branca e... Uau! Eu posso ver o tamanho na sua *cobra bronzeada*? Oh, Deus!

Voltando a atenção em mim, Alex volta a morder meu seio esquerdo e abre meu sutiã, que fica com a abertura na parte da frente.

Depois que meu sutiã se vai, eu contenho a vergonha e a vontade de cobrir meus seios.

— Feliz aniversário, por falar nisso.

— Falar em que? — pergunto, olhando diretamente em seus olhos.

— É que eu estava pensando que você é minha, mas que, agora, farei você verdadeiramente minha. E que passaremos vários aniversários juntos. Então, por falar em você ser minha, feliz aniversário.

— Obrigada. — sorrio. — E se eu sou sua, você é meu, certo?

— Karen, eu sou seu desde quando abri a porta do meu quarto e te vi pela primeira vez. — ele pega a minha mão e beija o anel. — Agora, pertencemos um ao outro.

(...)

Depois da primeira vez no... Sexo... Alex fez o resumo sobre sua vida.

Eu estava certa sobre ele ser filho de Elijah, em compensação, Giovanni é filho de Luigi. E até Rachel, Valentina e Cassie são filhas de Elijah.

Abracei Alex quando ele mencionou que não sabe muito bem o que fazer, ele sente compaixão por Elijah, ao mesmo tempo não sabe se pode chamá-lo de pai algum dia.

Só que Alex não é nem um pouco dramático, no mesmo instante que pareceu preocupado, ele já voltou a sorrir e mudou de assunto, informando que já acabaram com três complexos, só que, agora, eles não sabem como agir.

— Você sabe que estou ajudando Elijah. — Alex fica atrás de mim, enquanto eu lavo o prato que comi o bolo junto com ele. — E sabe que não quero ficar indo e vindo, como um fugitivo.

— Sim, mas é preciso. — coloco o prato no escorredor e olho para Alex.

— Não. — sorri. — Venha morar comigo, vamos viver nossa vida juntos.

— Mas está ao lado de Elijah. — falo, tentando entender sua ideia.

— Precisamos conversar.

Segurando minha mão, Alex me leva até a sala, onde todos estão reunidos, até Katherine.

— Olá. — Katherine fala. — Cheguei agora, o irmão do seu noivo me sequestrou e me sedou, eu vou mata-lo porque aquela merda doeu e ainda dói.

— Foi preciso. — Alex fala.

— Vocês sequestraram Katherine? — pergunto, surpresa.

— Eu disse que Karen ia odiar o que fizeram comigo!

— Foi só um sedativo.

— Isso aqui está roxo! — Katherine vira o braço, onde vejo uma enorme mancha roxa. — Se me levassem a força seria menos dolorido, até agora meu braço dói.

— Ela é uma refém que estressa!

— Ah, é, Alex? Pois saiba que eu ameacei greve de *coito*, caso Gabriel não aceitasse o relacionamento de Karen com você.

— E estamos de prova que isso foi real. — Jean aponta para ele e para Jesse.

— Katherine, você nunca que seria calma se fosse um sequestro e te levassem, sedando seria mais fácil. Agora, cortando todo esse drama. — Alex chama a atenção de todos. — Estão aqui porque confiamos em vocês.

— Quem? Elijah? — Jesse pergunta.

— Sim, exatamente.

Ao ouvir a voz, todas as cabeças viram para a porta, onde vemos...

— Isso é uma máscara? — pergunto, um tanto espantada. — Vai querer ajuda e não mostrará a cara?

— Não, Karen. — responde. — Esse é meu verdadeiro rosto.

— Você só pode estar de brincadeira com minha cara! — Katherine grita. — Procuramos tanto e esse é o seu rosto?

— Sim. — sorri novamente, parece se divertir com o nosso espanto. — Então, eu mostrei minha cara para vocês porque confio no potencial de cada um, então, preciso de ajuda para acabar com tudo isso.

Alex segura a minha mão, fazendo com que eu olhe para ele.

— Karen, quando eu disse que poderemos conviver juntos, eu quero dizer isso. Que se você aceitar ficar ao lado de Elijah, você poderá ficar ao meu lado, como marido e mulher. — olho de Alex para o homem. — Não é uma chantagem, é apenas um fato.

— Você confia mesmo nele? — sussurro.

— Ele mostrou o rosto Karen, ele está cuidando bem de crianças. — sussurra. — Ele é meu pai, nem o conheço, mas ele não parece que vai matar a todos nós nem nos fazer de refém. Vamos dar um novo passo nas nossas vidas?

Então, era esse o pressentimento que todos sentiam... Por isso meu pai achou que era uma despedida, por isso Rachel sentiu que algo aconteceria, ela está vendo o pai e nem sabe que é ele.

— Um novo passo juntos. — olho em seus olhos. — Mas, antes disso, precisamos conversar com esse Elijah. — olho para o homem, que me encara completamente sério, mudando o ar sorridente de antes. — Com o verdadeiro Elijah.

Epílogo

Karen

Anteriormente

Olho para esse homem a nossa frente, ele continua em pé, dessa vez, seus olhos vão para Rachel.

— Como eu falei a Alex uma vez. — ele começa a falar. — Algumas pessoas viram meu rosto, outras não. Alex, Jesse e até mesmo Rachel, poderiam ter me conhecido, mas nunca nos encontramos e, pelo visto, nunca viram uma foto minha.

— De qualquer modo, o senhor nunca mostrou esse rosto pra mim. — Jesse fala, observando o verdadeiro rosto do pai. — E eu já vi uma foto sua.

— Tinha esse receio, por isso nunca mostrei meu rosto para você.

— Espera. — Katherine interrompe. — O que acontece entre vocês dois?

— Eu sou o filho de Elijah. — Jesse informa. — Só que sempre estive ao lado de vocês.

Olho para ele, percebendo que Elijah apenas sorri tristemente.

— Por isso o senhor sabia que eu estava com Karen. — Jesse volta a falar.

— Sim, assim como Rachel.

— Você não pode... Não... — Rachel abre e fecha a boca. — O que eu tenho com isso?

— Sou o seu pai.

E é nesse momento que precisam segurar Rachel, pois ela quase cai para trás. Mas ela está acordada, não desmaiou.

— Eu... — Rachel coloca a mão na testa. — Continua o assunto.

— Mas, Rachel...

— Não agora. — Rachel olha para ele. — Só fale o que veio fazer aqui.

Eu posso ver um resquício de tristeza no olhar de Elijah.

Ele se recompõe e continua:

— Dulce, Amanda e Andrew. Entraram nessa história há pouco e nunca me viram. Já Karen, Katherine e Jean, vocês me conhecem muito bem. Tão bem que consegui conhecer vocês de maneira mais minuciosa e vi como são ótimos. Vocês são a melhor equipe que já vi.

— E quer a ajuda de um bando de jovens? — Katherine pergunta. — Se é o poderoso Yoshida, por que nos quer?

— Tem dois Yoshida. — explico. — Eu teria explicado isso mais cedo, se não tivesse saído da reunião, antes mesmo dela começar.

Katherine se encolhe no lugar.

— Sim, existem dois. — Elijah confirma. — O que faz todas as atrocidades é o Luigi, que conheceram como Raul, o outro sou eu. Eu não prestei tanto a atenção nos treinamentos, por isso não sei tantas táticas.

— E quer nossa ajuda? — Jesse pergunta, ainda cético.

— Você programou boa parte dos sistemas de vigilância. Jesse, preciso que desabilite tudo o que fez. Amanda e Dulce, não tem relação nenhuma com a história, mas estão ajudando, entraram nessa e são fortes o bastante para matar e morrer pela causa. Eu honro esse tipo de coisa.

— Para um monstro das trevas, esse cara é bem simpático. — Amanda murmura, ainda olhando para Elijah com ceticismo.

— Alex, em algum momento eu fiz algo de errado? — pergunta.

— Não. — Alex responde. — Muito pelo contrário, ele faz muita coisa para ajudar.

— Só é estranho. — falo, olhando para esse cara e ainda surpresa com essa revelação e por estar perto dele... Se bem que sempre estivemos por perto.

— Você sabe da minha situação, Karen. Quer prova maior que saber que você está com Alex e nunca ter feito nada contra você? Sei que Jesse está ao seu lado e nunca fiz nada, eu ainda fui até ele e o abracei, eu desejei boa sorte. Eu não quero matar vocês, quero matar Luigi, Benjamin e Aneliese. — olha para Jean. — Eu sempre deposei minha confiança em você, Jean. Eu te amo, de todo o meu coração. Eles quiseram fazer com você... Quiseram que você se transformasse no mesmo que eu...

Elijah para de falar e começa a chorar, e, nesse momento, Jean vai até ele e o abraça.

Estou muito emotiva, porque até eu derramo algumas lágrimas vendo essa cena.

Os dois se abraçam e choram, depois, eles se afastam. Jean toca o rosto de Elijah.

— Só para ter certeza que não é uma máscara. — Jean ri.

— Você me perdoa?

— Se for para contar todos os males que fizemos... — Jean dá de ombros. — Sou tão errado quanto.

— Merda de sentimento humano chato! — Katherine enxuga o rosto.

— Continuando. — Elijah fala mais alto. — Andrew é corajoso o suficiente para ter ido à luta e pego Francesco. Katherine é ótima, corajosa, louca e precipitada. — Katherine o olha com raiva. — Mas é ótima. — agora ela sorri de novo. — E Karen, você é a melhor estrategista de todas, ousou dizer que está no mesmo nível que seu pai. Você fez ótimos planos, sabe investigar e é determinada, além do mais, é a noiva do meu filho.

Eu nunca imaginei que sorriria para Elijah, mas seu olha para Alex é apenas... Muito sincero!

— Se eu pedir ajuda a Nostra, eles me matam antes de que eu tenha qualquer chance de me explicar. Vocês são mais fáceis de lidar, e Karen sabe que muita coisa que fui acusado de fazer, eu não fiz. Você sabe de Sara e Nancy, sei que foi atrás dela, você é inteligente o suficiente para ligar todos os pontos dessa história. Eu preciso de vocês ao meu lado, mas se ficarem ao meu lado, o perigo será multiplicado por dez. Primeiro porque Luigi nem deve saber que Karen está com Alex, segundo porque vocês estarão ao meu lado.

— Quer que a gente vá com você para outro lugar? — Jesse pergunta.

— É um lugar seguro, vocês não podem continuar no lugar onde moram. A vingança de Luigi consiste em atingir terceiros, pessoas próximas aos meus filhos, para que assim, eu seja atingido com o sofrimento deles.

Olhamos um para o outro.

— É, o homem mostrou o rosto e seu noivo confia nele. — Kat fala. — E ele planejou e terminou com os complexos, Alex me contou.

Todos os outros concordam.

— Ok, estamos ao seu lado. — olho para Elijah. — Mas só por curiosidade mesmo, qual o seu nome? Como vamos chama-lo?

— Eu me orgulhei tanto de você, Karen. — ele sorri. — Saber que meu filho está com você. Eu sempre me perguntei como nunca desconfiaram de mim, eu quase bati em Jean quando soube que Cassie foi presa, que Cassie estava em uma armadilha de Giovanni e que Giovanni estava aprisionado. Ninguém desconfiou. Na época, Giovanni ainda era meu filho, tempos atrás descobri que ele não é. Mas eu fiquei com raiva a toa naquele dia e ninguém desconfiou de mim. — rindo, ele pega o papel e me entrega, onde vejo que é seu registro de nascimento. — Você, Karen, você foi à única que desconfiou de mim e ainda teve coragem de me interrogar. Naquele momento, eu decidi que precisava de você. Mesmo que não tenha ligado os pontos, você desconfiou de mim.

— Ah, cara, sempre estive na nossa frente! — Katherine resmunga.

— E eu preciso dizer que não achei que era você depois da nossa conversa. — confesso. — Pareceu muito real.

— É porque eu me preocupo com Cassie verdadeiramente, eu me preocupo com muitas pessoas e é algo real. — ele sorri. — Mas, respondendo sua pergunta, muitos pensam que meu nome é Elijah, mas esse é o nome que me deram, quase um apelido. Mas meu nome real, nome que fui registrado, é o nome que todos conhecem. — ele estica a mão e eu aperto. — E agora somos os mais novos parceiros. Nora e sogro. Afilhada e padrinho. — coloca a sua outra mão em cima da minha. — Prefiro que me chamem de Elijah, mas meu nome verdadeiro é Arthur Ferrara.

Continua no livro 7, "Entre o amor e a liberdade".

Entre o amor e a liberdade
Série Os mafiosos – Livro 7
(Todos os personagens da série)

Manuele Cruz

Prólogo

Um mês e meio após o livro "Por toda a nossa história"

Cassandra, Naara e Kenya. As três tentam controlar a respiração enquanto "caminham" para a liberdade. Não que a liberdade seja fácil. Sair pode até ter sido fácil, mas como será viver como uma fugitiva e procurada pela justiça?

Cassandra já pensa que deverá pintar o cabelo, o vermelho vivo que ele tem, chama muito a atenção.

Naara pensa no que fazer depois dali. Onde morar? Ela sabe que Cassie tem Guerrero, então, para onde Naara vai? Ficar com Jesse que ela não conhece tão bem? Ela o acha fofo, mesmo assim... Seu histórico com homens não é nada bom, mesmo não sendo sua culpa. Não que ela duvide de Jesse, é só... Trauma mesmo.

Kenya, por outro lado, imagina como será sua vingança, matando um por um.

Todas ali imaginam o futuro, enquanto lutam para não sufocar nesse momento.

O baque dos seus corpos com o ferro fazem com que elas coloquem a mão na boca, para não gemer com a dor. Escutam um murmuro de "desculpa" e já sentem que estão caindo, como em um enorme escorregador infantil.

Ao caírem em algo macio, elas escutam o som do carro. Depois, elas sentem que estão carregando-as até um carro.

Seus corpos são colocados no carro e escutam o som da porta fechando. Devem estar em uma espécie de furgão, elas pensam.

Segundos depois, o saco é rasgado, e as três garotas podem respirar melhor.

Todas as garotas respiram com força, puxando todo o ar e tomando fôlego.

Ao olhar para dentro do carro, Cassie encontra seu irmão Jean, e Guerrero. A frente de tudo ela encontra Katherine, dirigindo o carro ao lado de algum homem, que deve ser o Gabriel.

Cassie sorri, ainda tomando o fôlego necessário. Olha para trás e vê Kenya e Naara no mesmo estado que ela, respirando e sorrindo.

O carro vai se distanciando e Cassie olha para Guerrero, que está sentando ao seu lado.

— Você veio. — Cassie fala, sorrindo com a felicidade de reencontra-lo. Com a felicidade de saber que Guerrero nunca a abandonou.

Passou tempo pensando se Guerrero iria esperar por ela, afinal, eles se conhecem bem? Não, não mesmo! Mesmo assim, Guerrero não a abandonou. Ele sempre esperou por ela e ainda a salvou.

Se descobrirem que Guerrero a salvou...

Cassandra não quer pensar na pena mínima que Guerrero pode pegar, não só ele, mas como Kat, Jean, Karen (que planejou tudo), Jesse...

Mas Guerrero? Ele não a conhece tão bem, entrou nessa história do nada e não saiu dela em nenhum momento.

— Sabe como é. — ela olha para o homem, não reconhecendo a voz. — Cassandra Flores Ferrara.

Ao escutar a voz, Cassie sabe que foi enganada, não é o Guerrero. Ela deveria ter desconfiado quando não foi abraçada, quando não recebeu nenhum sorriso. Mas estava tão nervosa e ansiosa em busca de ar, que nem percebeu a falta de carinho.

— Máscaras. — ela sussurra, entendendo o que aconteceu.

Agora sim ela vê o homem sorrindo. Cassie, ao contrário do momento que entrou no carro, começa a ficar apavorada.

— Oh, inferno! — Kenya levanta, mas o "Jean" levanta uma arma e mira na cabeça de Naara, fazendo com que Kenya pare todos os seus movimentos.

Naara vomita em todo o carpete do carro, fazendo com que a "Kat" resmungue alto.

— Então, Cassandra. Foi muito fácil fazer tudo isso— ---- "Guerrero" fala, retirando a arma da sua cintura e mirando em Kenya. — Bem fácil. Tão fácil que estamos aqui. Não vai falar nada?

Cassie permanece calada, assim como Naara e Kenya.

— Sua mãe sente sua falta, Cassie. — diz, fazendo com que Cassie reprima a sua vontade de lutar. São punhos contra duas armas, óbvio que será um suicídio... Pior, se Cassie lutar, ele matará Kenya ou Naara, não Cassie. — Ok, não vai dizer nada. Estávamos a sua espera, Cassie. Para sermos a família feliz. Eu, você e Aneliese. — o homem ri, uma risada alta, poderosa, estrondosa. — Ah, só para que saiba, eu sou o Luigi, sou seu avô.

Um calafrio sobe pelo corpo de Cassie, mas ela apenas se mantém firme, não querendo entender essas palavras.

Ela não quer pensar nisso.

Ela não pode pensar.

De onde veio esse parentesco?

— Vai chorar, minha neta? — agora Cassie sabe que o "Guerrero", é, na verdade, o Luigi. Que o homem debochado é o demônio em pessoa, que ele vai rir a cada sofrimento que Cassie demonstrar. ---- Demorou um pouquinho para fazer essa máscara com o rosto do seu amado Guerrero, mas conseguiu. Ainda mais com Luiz Guerrero estando tão próximo.

Tão próximo? Como Guerrero está próximo? Como?

Cassie morde a boca e tenta não chorar.

— É, Cassandra. — Luigi sussurra. — Você e suas amiguinhas são minhas agora e deixo claro que não dispenso o incesto.

A arma gelada, toca o rosto de Cassie, fazendo um movimento de cima para baixo. Depois, a arma vai descendo pelo pescoço e chega ao vão entre os seios de Cassie. O sutiã de Cassie deixa os seios mais empinados e maiores, o espaço entre cada um deles fica mais apertado, por esse motivo, Luigi sorri.

Cassie tenta ir para trás, mas Luigi puxa o seu cabelo, fazendo com que ela volte para o seu lugar, que é ajoelhada para Luigi. Submissa aos seus mandamentos e fraca, sem saída, totalmente a mercê das suas ordens.

— Minha neta, estou com o rosto do seu amado, por que não me quer? Não sente tesão? Nada? — Luigi sussurra e ri, sabendo que, agora, Cassie está olhando para o homem armado no banco da frente do carro. — Tem mais gente, Cassie. Você não sairá daqui.

Luigi coloca a arma entre os seios de Cassie e faz o movimento de "subir e descer".

— Você tirou o meu filho Giovani. — retira a arma e volta a mirar em Kenya. — Agora eu tiro você do seu papai Elijah. Vamos ser a família feliz. Onde eu mando e vocês obedecem. — ri do espanto de Cassandra ao saber o nome do pai. — Seja bem-vinda de volta a liberdade, Cassandra Ferrara. E incesto está na minha lista de tortura. Se eu transo com mulheres desacordadas, fracas e quase mortas, o que me impede de transar com minha neta?

Capítulo 1

Guerrero

Anteriormente ao prólogo

Dianna Ferrara morreu há uma semana, provavelmente, Cassie não tem noção sobre isso.

— É uma merda não ter o que fazer. — encosto minha cabeça no sofá.

— Palavra feia, tio Guerrero. — Line coloca o dedo em meus lábios. — Não fala isso.

— Eu posso falar, sou mais velho, você que não pode.

— Quando crescer eu posso falar?

— Não.

— E quando eu posso falar?

— Nunca! — sorrio e Line faz beicinho, como uma menina emburrada. — Pode ir, Tereza vai te colocar na cama. — carrego Line e levo até Tereza. — Ela é melhor com história do que eu.

— Suas histórias são sobre o homem que é dono do morro e se apaixona por uma princesa. Eu sei que é sua história com tia Cassie.

— Essa menina está ficando muito esperta! — Tereza aperta a barriga de Line, fazendo-a rir.

— Ou será que a senhora e minha mãe falam muito?

— Falamos o óbvio, Guerrero. — pisca um olho. — Para onde vai?

— Preciso espairer, segundo o Marcel.

— É o que todos acham.

— Vocês acham tanto da minha vida. — olho para Tereza, que não faz nada além de revirar os olhos. — Mas eu vou sair, do mesmo jeito.

Dou o beijo em Line e me despeço dela, assim como Tereza. Saio de casa e pego o carro, indo até o bar que fica aqui um pouco distante do lugar onde moro. Uma festa de aniversário está acontecendo nesse momento. Todos disseram que eu devo ir, que eu devo me divertir e coisas assim. Mas...

Como Cassie se tornou tão importante em minha vida?

Sorrio ao lembrar dela, ao lembrar que não ficamos tanto tempo juntos.

Arthur veio a minha procura tem dois dias, explicou sobre o Arthur falso

que visita Cassie e sobre o Heitor falso que matou Dianna. Que matou Dianna porque, ao que tudo indica, ela entrou na casa de Raul.

Agora como protegeremos Cassie... *Isso só na próxima visita de Jesse para sabermos.*

Depois de quarenta minutos, estaciono o carro em frente ao bar e já encontro à festa acontecendo, antes mesmo de entrar no estabelecimento.

— Trouxe? — Cirilo, que é o aniversariante, pergunta, assim que desço do carro. — Diz que sim! — mostro a pequena bolsa de pano, onde tem a maconha. — Melhor presente de aniversário. Obrigado, *hermanito*.

— Vê se não passa dos limites. — alerta.

— Jamais! — levanta uma mão. — Precisamos ficar em alerta, certo?

— Espero que essa sua vontade seja real.

— Claro que é, cara. — bufa. — Nem casou e já perdeu a vontade pela farra. — pega a maconha e já começa a fazer o cigarro. — Mas espero que não seja tão chato quanto às vadias...

— O que é, Cirilo?

— Cara, como se manter fiel a uma menina que você nem sabe se é boa mesmo?

— Cala a boca ou eu mato você.

Cirilo apenas ri.

— Cara, você está muito apaixonado. Isso é estranho. Você nunca foi desses.

— Eu não queria ser. — admito. — Você não tem noção do quanto eu queria pegar qualquer uma dessas garotas, mas não consigo.

— Por que quer isso? A ruiva não é seu amor?

— Amor é estranho, não sei. Se ela estivesse em liberdade seria mais fácil. Cassie corre o risco de pegar mais de quinze anos de prisão.

— Esperar por quinze anos ou viver sua vida?

Coço minha testa.

— Não é isso o que falo. Eu falo de viver e não poder ficar ao lado dessa pessoa. Amar uma menina que nem conheço tão bem, casar e não ter a chance de ficar com ela. — viro de costas, me apoiando no carro. — Viver por quinze anos nessa história e não saber se, um dia, viveremos bem.

— Sabemos dos casos dos homens que deixam a mulher para trás, durante toda a sentença. Guerrero, você é a pessoa mais fiel que conheço. West foi um grande merda, e você ainda o resgatou, em consideração a tudo. Você não

vai conseguir esquecer essa menina.

— Nem quero, e isso é estranho.

Viver mais de quinze anos sem tê-la por perto... Pior, mesmo que Cassie fuja, viveremos a vida como fugitivos. Eu e ela, sem nomes verdadeiros, sem rumo, sem moradia fixa...

Não é que eu não queira, é apenas difícil.

— Vamos para essa festa! — aperto o ombro de Cirilo. — Vamos ver se sua festa me distrai um pouco.

Entramos no bar, onde já posso escutar o...

— Ah, sua ruiva gosta de reggaeton? — Cirilo percebe o motivo da minha carranca.

— Tudo me lembra Cassie. — falo. — Tudo!

— Quer que eu mude a música?

— Não, não precisa.

Vou até uma mesa e Cirilo vem ao meu lado, pegando uma garrafa de cerveja e me entregando. Retiro a tampa com o dente e bebo o líquido de uma única vez.

— Ei, calma! — Cirilo grita.

— Eu nem sei o que faço aqui. — resmungo. — Não estou sendo uma boa companhia nem para a Line.

Olho para o lado da nossa mesa, onde o irmão mais novo de Cirilo, conhecido como Pacho, levanta uma garrafa de cerveja em cumprimento. Ele está ao lado dos primos sicários*, Wesley e o Saulo. Cumprimento-os de volta e olho para Cirilo novamente.

— Você está um porre, concordo. Um *hijo de la chingada* (**quase como filho da put*, bastardo, maldito**). Ninguém está feliz com isso, e nem você, Guerrero. Cara, não quero ser um grande escroto, mas, o que custa tentar esquecer.

— Custa não querer esquecer, custa esquecer o sorriso dela, todas as implicâncias, a ajuda, o beijo... Sou um *viado*!

— Realmente, cara. No meio em que vivemos, homens comem vadias como comem feijão, todo dia! — olho para Cirilo. — Você está sendo fiel a uma presidiária que nem conhece direito.

— Eu sei. Merda! Mas eu não consigo mudar. Eu sei que estou mal, que estou diferente e sei lá mais o que, mas não é apenas Cassie.

— Cassie faz parte disso, só pense se isso é algo bom ou não.

Paramos de falar e Cirilo me passa um baseado. Enrolo o papel de seda ainda mais entre meus dedos e acendo, dando a minha tragada.

— Sabe que tomamos território? — olho para Cirilo. — Que esse povo me odeia e que me acham fraco? — não diz nada. — Responda, Cirilo.

— Eu não quero ser o Guerrero do Orlando West, *hermanito*.

— Sei que não, mas preciso. Apesar de suas ideias estranhas, crescemos juntos. Eu confio em você.

— Oh, *viadinho* lindo! — aperta a minha bochecha. — Tão lindo com esse cabelo liso, com essa barba estilo modelinho playboy, filhinho de papai.

— Você quer levar um tiro, não é? — faço a minha melhor voz ameaçadora.

— Ok, você era mais brincalhão. — pigarreia. — Mas sendo sincero, eu não sei se serei bom braço direito.

— Eles me odeiam, cara, se estiver ao meu lado, fica melhor. Você fala com todos eles, é simpático, e eu? Eu sou tudo isso, mas...

— Você se envolveu com a filha do traidor da Nostra, o Francesco, com a menina que pertence a Nostra e que a mãe não vale nada! É, cara, as pessoas não querem muito saber de você.

— Então, só porque Cassie é filha, porém, ela não é envolvida.

— A alta cúpula de West pensa que isso é ruim, que você pode se aliar a eles. Hermano, anos de sangue sendo derramado, se você se aliar agora, será alta traição.

— Ninguém pensa em se aliar. Me ajude a espalhar essa notícia.

Cirilo respira fundo.

— Ok, eu ajudo! — aperta a minha mão. — Só porque me deu a melhor safra da sua erva.

— Contanto que não use cocaína.

— Ei, isso é coisa do seu primo. Por falar nele, como Orlando está?

— Como estaria? Feliz, mais gordo que nunca e transando mais que eu e você em todas as nossas vidas.

— *Hijo de la chingada!* — rosna. — Ele ainda se dá bem na vida. Maldito bastardo!

— Maldito bastardo sortudo. — complemento. — Passou de traidor a herói.

— Se bem que deve isso a ele, ele salvou sua ruiva.

— Você me fez lembrar dela. — encaro Cirilo com raiva.

— Você nunca esqueceu. — ri. — Mas onde está o Marcel?

Olhamos ao redor do bar, não o encontrando.

— O filho da mãe disse que era para vir, que era a melhor festa e essas merdas.

— Não queria a festa? — pergunto.

— Cara, eu sou o Cirilo! Gosto de festa, mas gosto mais de ficar em casa e odeio comemorar aniversário. Olha para essa gente, olha para mim. Onde estou? Sentado, não gosto dessas merdas.

— Onde o Marcel está? — sussurro a minha pergunta.

— Olá, Guerrero. — olho para morena a minha frente. — Você está tão diferente, quase não o reconheci.

— É, já cansei de escutar isso. — falo, com grosseria mesmo. Sei como essa morena é insistente ao extremo.

— Mas que tal...

Uma rajada de tiro começa a ser disparado. Escuto os sons de vidros se estilhaçando e de cadeiras e mesas caindo. A mulher que estava a minha frente, cai em cima de mim. Jogo-me para o lado, ficando em baixo da mesa.

Olho para o lado, vendo Cirilo apertando a barriga, que vejo que está sangrando.

Tento pegar a minha arma, como se isso fosse adiantar algo.

Uma arma para vários fuzis e metralhadoras, e sei lá mais o que esta sendo utilizado.

— Cirilo, está comigo? — grito. — Cirilo!

— Estou. — ele responde. — Só não sei se será por muito tempo.

Os tiros continuam, de dentro e fora do bar. Lembro que ao lado da nossa mesa, tem uma porta. O risco de sairmos e ter gente é alto, mas o risco deles entrarem é maior ainda.

— A porta ao lado. — falo.

— Pode ir. — Cirilo fala, mas para, apertando mais a barriga. — Vá!

— Não, você vem comigo. — aperto a mulher, mas ela não diz nada.

— Acho que a morena... Ah, merda! — ele aperta o ferimento. — Acho que ela te salvou sem querer. Porque ela foi a primeira a cair e depois eu fui atingido.

Empurro a mulher para o lado, agora vejo seus seu peito perfurado por um único tiro. Bem no peito, um pouco acima do local onde estava a minha cabeça, já que eu estava sentado e ela em pé.

— Venha comigo! — Wesley, um dos sicários que trabalha diretamente comigo, me ajuda a carregar Cirilo.

Os tiros continuam, mas eu, Wesley e Cirilo conseguimos sair do bar, nos agachando e indo até a porta, depois, correndo pelas ruas, até parar em um terreno baldio. Wesley manda mensagem para os primos e, em poucos minutos, um carro para — com Saulo e com Pacho — e nos leva para longe do tiroteio.

— Eles chegaram atirando. — Saulo informa. — Seis caminhonetes, muitos homens. Já estávamos indo embora quando tudo começou, fomos para o outro lado, conseguimos fugir.

— Fica acordado! — falo com Cirilo.

— Não morra! — Pacho, irmão de Cirilo, começa a se desesperar, enquanto ajuda o irmão a apertar o ferimento e conter o sangramento. — Não morre, cara!

— Ei, *hermanitos* — Cirilo sorri, um tanto fraco. — Cuida bem da nossa família, Pacho. Cuida bem do Guerrero e ajude quando ele precisar, ele é a melhor pessoa de todas. Isso vale para os primos, também. — ele pega a minha mão. — Acho que não poderei ser seu braço direito, *hermanito*. — ele começa a chorar. — Desculpa, cara.

— Não! — Saulo grita. — Já chegaremos ao hospital e você vai sobreviver!

— Não, você não vai morrer. — me desespero, apertando sua mão com força e colocando a minha cabeça nela. — Você não pode morrer, cara. Não pode nos deixar aqui!

— Não, Cirilo! *Por Dios, no!* — Pacho chora ainda mais alto. — Não vá, Cirilo!

— Seja forte, Cirilo! — peço, me desesperando ainda mais. Com as lágrimas molhando todo o meu rosto e suas mãos. — Como sempre foi! Não vá, Cirilo.

— Eu estou morrendo, *hermanos*. — Cirilo começa a sussurrar. — Continue forte, Pacho. Continuem ao lado de West, primos, e lutem pela família. Guerrero, não esqueça a sua ruiva se ela te faz tão bem, eu nunca te vi tão mal, mas também nunca te vi sorrir só de pensar em outro alguém. Sejas felizes, *hermanos*.

(...)

23:53.

Hora da morte de Cirilo. Hora que ele deu seu último suspiro. Hora que ele sorriu e morreu. Hora que ele nos deixou e foi embora, para nunca mais voltar.

Ajoelho-me no chão, chorando por sua morte. Chorando em cima do seu corpo, assim como Pacho, que faz o mesmo.

— Era o aniversário dele. — falo em meio ao choro. — Ele queria ficar em casa, ele fazia piadas.

Choro ainda mais.

— *Hermano*. — olho para Pacho, seu rosto totalmente inchado pelo choro. — Eu quero saber quem o matou.

— Não sabemos. — respondo. — Mas já tenho uma suspeita.

Wesley, se aproxima, com um celular na mão.

— Leia. — ele me entrega o celular. — Um dos sobreviventes viu o cartaz e tirou a foto. Pregaram essa merda no bar, mas ele conseguiu tirar antes que vissem.

Solto Cirilo e vejo a foto e o cartaz:

"Guerrero, sei o que sua mãe fez. Me tratou bem e depois me dispensou, está jogando do outro lado. Sei também que fez a droga, Ian deixou mensagens em um celular, na casa que era de Giovani, pegamos e sabemos que você é o grande produtor. O primeiro aviso é esse, não queira o segundo. O segundo será pior que o primeiro, assim como o terceiro. Vamos nos reunir e nos aliar, nem os seus morrem nem os meus, teremos uma aliança.

Esse é o preço por sua droga, e mais 5 MILHÕES DE DÓLARES. A escolha é sua.

Quanto mais tempo demora, mais gente morre.

B.V.'.

Benjamin Vesentini...

— Quem é esse? Eu vou mata-lo! — Pacho grita.

— Não, é isso o que ele quer. — nego. — Ele quer nos pegar.

— Ele matou meu irmão!

— Ele matou meu amigo. Sei o que sente, Pacho, mas é isso o que ele quer. Não é apenas a droga, é tudo! São nossas vidas, vidas das mulheres das nossas famílias.

— O que faremos? — Wesley pergunta. — Estamos do meio do nada.

— Não é bom voltar agora. — Saulo, o outro sicário, fala. — Pode ter mais gente na estrada a nossa espera.

— Vamos esperar amanhecer. — informo. — Vamos enterrar o Cirilo. — aperto o ombro de Pacho. — E vamos atrás de Marcel, foi ele que insistiu para que Cirilo comemorasse o aniversário e para que eu fosse, mas Marcel não apareceu e nem mandou mensagem. Ele nos fez ir até lá para uma armadilha.

— Eu vou mata-lo! — Pacho grita. — Eu vou mata-lo!

— Quando tudo se tranquilizar, mataremos. Mais alguém sabe disso? — pergunto a Wesley, que nega. — Isso fica aqui, entre nós quatro. Se mais alguém souber, eles vão querer que eu entregue a droga. E se eu entregar, todos morrem.

— Ok. — Pacho concorda. — Estamos ao seu lado, então.

— Eles vão pagar pela morte do meu primo! — Wesley vocifera.

— Eles mexeram com a família errada! — Saulo grita.

— Precisarei mesmo de reforço. — falo. — Cirilo ficaria orgulhoso de você.

— Obrigado, *hermano*. — não aguentamos manter a seriedade do momento e voltamos a chorar, dessa vez, nos abraçando. — Vamos nos vingar, eu vou matar Marcel, eu juro pela alma do meu irmão que vou matar e ajudar a acabar com todos eles.

Em breve...

Livros da série Os mafiosos:

Atraída por um mafioso – Série Os mafiosos (Livro 1)

Os filhos da máfia – Série Os mafiosos (Livro 2)

Só mais uma chance – Série Os mafiosos (Livro 3)

Por nosso passado – Série Os mafiosos (Livro 4)

Resgata-me – Série Os mafiosos (Livro 5)

Por toda a nossa história – Série Os mafiosos (Livro 6)

Entre o amor e a liberdade – Série Os mafiosos (livro 7)

O encontro final – Série Os mafiosos (Livro 8)

***Anteriormente existiria o livro 8 da série intitulado: "Tira-me da escuridão", mas essa história foi cancelada, dando lugar ao livro "O encontro final", que será o último livro da série.**

Contatos da autora:

Perfil no Wattpad:

<https://www.wattpad.com/user/ManueleCruz>

Perfil pessoal no Facebook:

<https://www.facebook.com/manuelecruz1>

Grupo no Facebook:

<https://www.facebook.com/groups/1456346748011832/?fref=ts>

Página no Facebook:

<https://www.facebook.com/livrosdamanu>